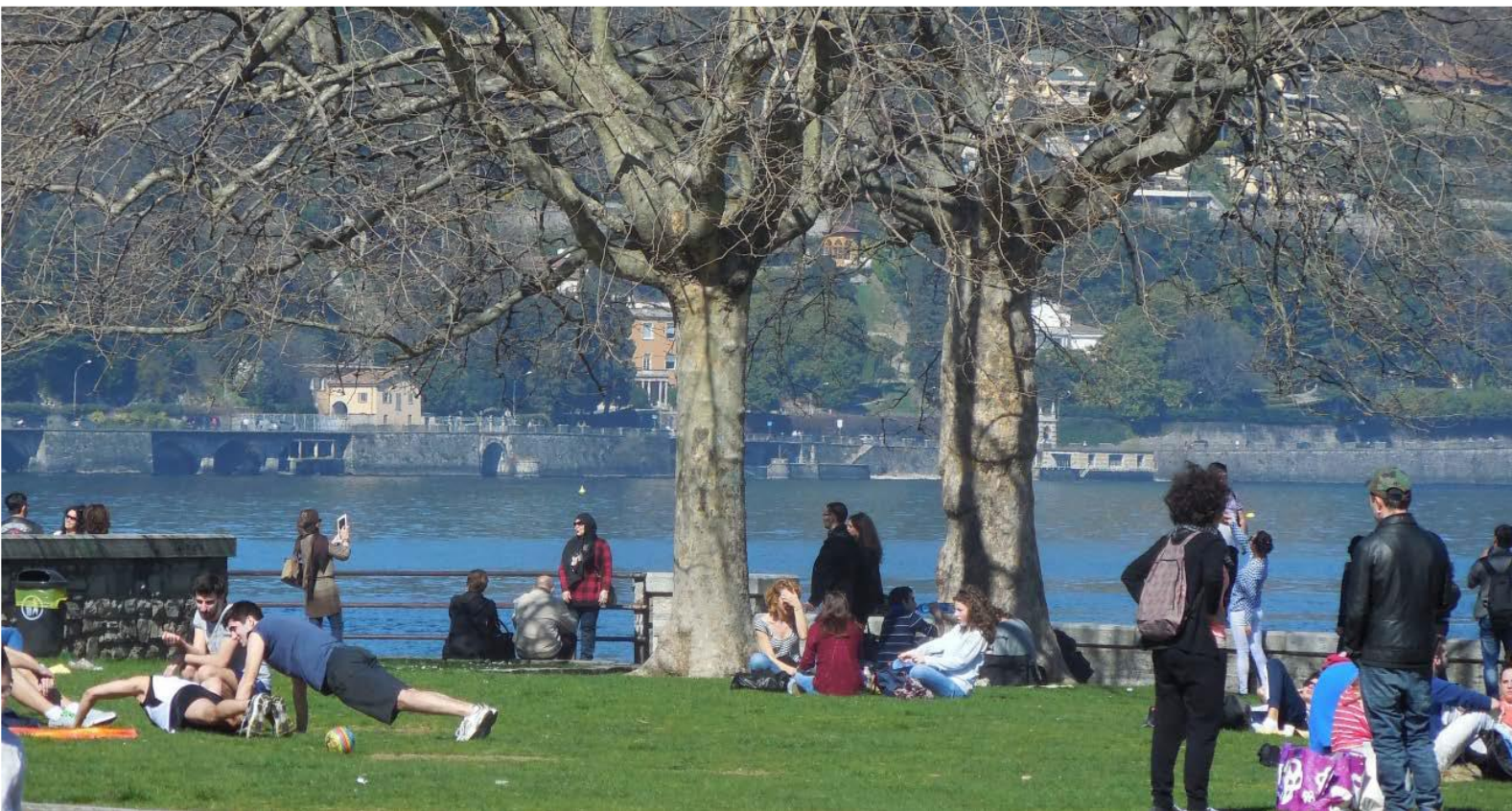


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

Vera Chamie Alves de Souza

ESPAÇO RELACIONAL: LUGAR DE RECIPROCIDADE.

Uma Compreensão do espaço da arquitetura enquanto lugar de reciprocidade



Recife

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

Vera Chamié Alves de Souza

ESPAÇO RELACIONAL: LUGAR DE RECIPROCIDADE.

Uma Compreensão do espaço da arquitetura enquanto lugar de reciprocidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Desenvolvimento Urbano, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria de Jesus de Britto Leite.

Área de concentração: Desenvolvimento urbano

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

- S729e Souza, Vera Chamie Alves de
Espaço relacional: lugar de reciprocidade. Uma Compreensão do espaço da arquitetura enquanto lugar de reciprocidade / Vera Chamie Alves de Souza. – Recife, 2018.
188 f.: il., fig.
- Orientadora: Maria de Jesus de Britto Leite.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2018.
- Inclui referências.
1. Espaço da arquitetura. 2. Espaço relacional. 3. Relações interpessoais de reciprocidade positiva. 4. Princípios norteadores da concepção e análise do espaço. 5. Arquitetura no espaço urbano. 6. Experiência humana do espaço da arquitetura. I. Leite, Maria de Jesus de Britto (Orientadora). II. Título.
- 711.4 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2018-130)



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Vera Chamié Alves de Souza

"ESPAÇO RELACIONAL: LUGAR DE RECIPROCIDADE.
Uma Compreensão do espaço da arquitetura enquanto lugar
de reciprocidade"

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Urbano da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de doutor em
Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em 14/03/2018

Banca Examinadora

Profa. Maria de Jesus Britto Leite (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Norma Lacerda Gonçalves (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Alfredo de Oliveira Moraes (Examinador Esterno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Maria Licia Paglione (Examinadora Externa)
Istituto Universitario Sophia (IUS/Itália)

Profa. Maria Consuelo Passos (Examinadora Externa)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Caixa Postal 7809 Cidade Universitária – CEP: 50732-970 Recife/PE/Brasil
Tel: + (81) 2126 6311 Fax: + (81) 2126 8772
e-mail: mdu@ufpe.br www.ufpe.br/mdu

AGRADECIMENTOS

A presente tese resultou em uma experiência muito gratificante para a pesquisadora. Isto teria sido impossível sem a generosidade e colaboração, de forma alguma pequena, da família, amigos, professores que durante os quatro anos de pesquisa compartilharam informações, comentários, conhecimentos e tempo. Agradeço à Professora orientadora Dra. Maria de Jesus Britto Leite, que com o respeito e apoio às minhas inquietações de pesquisadora, tornou possível a realização deste trabalho, e a equipe de coordenação do MDU.

Reserva-se também agradecimentos especiais ao Professor Dr. Alfredo de Oliveira Moraes por suas contribuições, especialmente durante as fases iniciais, que foram fundamentais na estruturação desta tese, e nos momentos mais difíceis da pesquisa.

Aos professores Gilson Miranda Gonçalves, Dr. Luigino Bruni, Dr. Antonio Maria Baggio, Dr. Luis de La Mora, Dra. Lúcia Maria de Siqueira Veras e Dr. Marconi Aurélio e Silva. Com prontidão e generosidade contribuíram com sugestões e orientações através de conversas e entrevistas importantes para o desdobramento desta pesquisa.

Às arquitetas e colegas no programa MDU Maria Emília Lopes Freire e Livia Melo de Lima e, em memória, ao colega Flávio Cavalcanti, por compartilharem suas ideias e incitar questionamentos com generosidade, o que inestimavelmente ajudou na realização e conclusão da pesquisa.

Finalmente, agradeço ao CNPQ e CAPES pelo apoio financeiro durante a execução deste trabalho.

RESUMO

Esta investigação teórica exploratória visou identificar o espaço da Arquitetura enquanto facilitador do engajamento de seus usuários em relações interpessoais de reciprocidade positiva (RIRs) em espaços públicos urbanos. Com isto, propõe identificar parâmetros que possam ser incorporados ao conjunto de princípios norteadores de decisão na concepção, análise e intervenção em espaços da Arquitetura na escala urbana. O estudo foi motivado pela leitura de relatórios da ONU e OCDE e da literatura recente sobre o decrescente índice de bem-estar, de felicidade e de desenvolvimento nos centros urbanos, que se reportam à influência exercida por tendências contemporâneas de desenvolvimento inibidoras de práticas de sociabilidade positiva, necessárias ao desenvolvimento do capital social. Adotou-se como pressuposto e referencial investigativo da dinâmica social em foco, as conclusões de estudos teóricos e empíricos dos economistas Luigino Bruni, Luca Stanca e Vittorio Peligra. Estes identificaram variáveis da experiência relacional interpessoal, focalizando as relações interpessoais de reciprocidade positiva - aqui denominadas *RIRs*. Pressupõe-se que a ocorrência das *RIRs* em espaços públicos seja fundamental para construção do índice de felicidade, desenvolvimento e bem-estar nas cidades contemporâneas. Tendo as relações do tipo *RIRs* em mente, procurou-se identificar correlações entre dois fenômenos relacionais que ocorrem no espaço da cidade, a saber: interação de pessoas com o espaço e interação entre pessoas no e mediadas pelo espaço, no intento de identificar o fenômeno pessoa-espaço-pessoa à luz da experiência relacional em foco, caracterizando o que aqui se propõe denominar ***Espaço Relacional***. Para tanto, a investigação teórica ateu-se a características possíveis de ocorrer em espaços abertos de uso coletivo e irrestrito inseridos na escala urbana. Como ponto de partida investigativo e de abordagem central adotou-se a "experiência existencial no espaço", uma das dimensões da experiência humana concretizadas no espaço da Arquitetura, segundo a compreensão do arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz (1926-2000). Também contribuíram ao aprofundamento da presente investigação, autores de três áreas de compreensão da experiência humana, destacando-se James Gibson, Kurt Lewin e Wolfgang Schmidbauer na Psicologia; Edward Hall, Sarah Pink, e Tim Ingold na Antropologia; e Georg Simmel e Richard Sennett na Sociologia. Destas abordagens destacou-se a compreensão das necessidades e tendências perceptivas e comportamentais humanas favoráveis às *RIRs*. Iniciou-se assim um caminho dialógico com o qual se construiu o corpo conceitual que expressa o *espaço relacional* como lugar de reciprocidade. O fenômeno potencialmente comunicativo e sensorial de espaço da Arquitetura, que pode ocorrer em espaços públicos, foi caracterizado por três experiências sócio espaciais qualitativas - comunicação, conforto e territorialidade - vivenciadas por usuários ao se engajarem em relações interpessoais de reciprocidade positiva. As conclusões apontam para a possibilidade de estas correlações serem instrumentais para a análise e estudos de intervenção e concepção de espaços públicos.

Palavras-chave: Espaço da Arquitetura. Espaço relacional. Relações interpessoais de reciprocidade positiva. Princípios norteadores da concepção e análise do espaço. Arquitetura no espaço urbano. Experiência humana do espaço da arquitetura

ABSTRACT

This exploratory and theoretical research aimed to identify the architectural space as a facilitator of its users' engagement in Interpersonal Relations of positive Reciprocity (IRR) in urban public spaces. Its goal is to identify a few referential criteria which may be of aid to architects for open space site analysis and projects. This research was motivated by the UN and OECD recent reports and literature on the well-being and development index. These documents report to the inhibiting influence exerted by contemporary trends of development on practices of positive sociality necessary for the construction of social capital in urban centers. This paper adopted the findings of theoretical and empirical studies of economists Luigino Bruni, Luca Stanca and Vittorio Pelligra, as the theoretical referential for interpersonal relations of positive reciprocity, which are referred in this thesis as RIRs. Thus, under the premise that the practice of RIRs in urban public spaces among users of contemporary cities is of fundamental importance for the Well-Being and Happiness index, the paper tried to identify correlations between two relational phenomena which occur in the city: interactions of people with space and interaction among people in and through space, with the goal of identifying the phenomenon person-space-person from the perspective of relational experience of positive reciprocity, and with such, to characterize what is here denominated **Relational Space**. The research focused on spatial characteristics which may occur in urban open spaces of collective and unrestricted use by the public in general. As starting point, this study adopted the understanding of architectural space as a concretization form of "human existential space" through the phenomenological approach of Norwegian architect Christian Norberg-Schulz (1926-2000). Contributing to the understanding of the relational space, were authors from three areas of understanding of the human experience, among which are James Gibson, Kurt Lewin and Wolfgang Schmidbauer in Psychology; Edward Hall, Sarah Pink, and Tim Ingold in Anthropology; and Georg Simmel and Richard Sennett in Sociology. These approaches emphasized the understanding of human perceptual and behavioral needs and tendencies, which allowed the research to identify those favorable to RIRs and correlated to architectural space. The dialogical theoretical construction of this understanding revealed relational space to be place of reciprocity; a potentially communicative and sensorial phenomenon of architectural space. The object of this research was then characterized by three qualitative experiences of users who engage in interpersonal relations of positive reciprocity, which may occur in urban public spaces. The results suggest that these correlations between space and experience may be instrumental for urban public space analysis, conception and intervention studies.

Key-words: Architectural space. Relational space. Interpersonal relations of positive reciprocity. Guidelines for space analysis and design. Architecture in urban space. Human experience of architectural space.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PROFUNDIDADE E ABRANGÊNCIA DE PESQUISA.	25
QUADRO 2 - EXEMPLO DA RELAÇÃO ESPAÇO-EXPERIÊNCIA NA COMPREENSÃO DE NORBERG-SCHULZ.	27
QUADRO 3 - APORTE TEÓRICO DA TESE.	31
QUADRO 4 - PROGRAMA DE OBSERVAÇÃO.	40
QUADRO 5 - LOCAIS DE OBSERVAÇÃO ANALISADA.	41
QUADRO 6 - CARACTERÍSTICAS ADOTADAS COMO REFERENCIAL DAS <i>RIRS</i>	49
QUADRO 7 – OBJETOS DO ESPAÇO DA ARQUITETURA RELEVANTES PARA O ESPAÇO RELACIONAL.	86
QUADRO 8 - DIMENSÕES DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL.	93
QUADRO 9 - ESQUEMA DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO COM E NO MEIO AMBIENTE.	96
QUADRO 10 - A INFLUÊNCIA DA CAPACIDADE LIMINAR NA CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE CONFIANÇA.	99
QUADRO 11 - MATRIZ DE VARIÁVEIS ESTRUTURANTES DO ESPAÇO.	122
QUADRO 12 - MATRIZ DE VARIÁVEIS FUNCIONAIS DO ESPAÇO.	122
QUADRO 13 - MATRIZ DE VARIÁVEIS COMUNICANTES DO ESPAÇO.	123
QUADRO 14 - MATRIZ DE VARIÁVEIS COMUNICATIVAS.	123
QUADRO 15 - EXEMPLO DE PISTAS EXPERIENCIAIS REVELADORAS DE <i>AFFORDANCES</i>	134
QUADRO 16 - PROCESSO COMUNICATIVO NO AMBIENTE DA COMUNICAÇÃO NO FAVORECIMENTO DE <i>RIRS</i>	134
QUADRO 17 - VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO CONFORTO.	152
QUADRO 18 – ÍTENS DO ESPAÇO DA ARQUITETURA INSTRUMENTAIS PARA O ESPAÇO RELACIONAL.	158
QUADRO 19 – CORRELAÇÕES ENTRE A DIMENSÃO FÍSICA E SOCIAL DO ESPAÇO RELACIONAL.	166

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ESQUEMATIZAÇÃO DO PROBLEMA ONDE SE CONTEXTUALIZA O OBJETO INVESTIGADO.	20
FIGURA 2 – OBJETO DE ESTUDO.	22
FIGURA 3 - PLANEJAMENTO DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO DO PORTFÓLIO DE ARTIGOS.	28
FIGURA 4 - CONSTRUÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA DA TESE.	30
FIGURA 5 - CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DA COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS INVESTIGADOS	33
FIGURA 6 - PROCESSO PERCEPTIVO NA CONSTRUÇÃO DA CONFIANÇA ENTRE PESSOAS.	57
FIGURA 7- PLAN VOISIN, PARIS, FRANCE, 1925.....	60
FIGURA 8 - CENTRO ADMINISTRATIVO DE BRASÍLIA, NO OLHAR DE UM PEDESTRE.....	61
FIGURA 9 - VISTA DA MURALHA QUE SEPARA UMA GATED COMMUNITY. JOHANESBURGO.....	61
FIGURA 10 - GREENLINE, UTILIZADO POR CRISTÃOS E MUÇULMANOS. LÍBANO.....	61
FIGURA 11 - PARQUE BIBLIOTECA ESPANHOLA. MEDELLIN, COLÔMBIA.	62
FIGURA 12- STREET WALL EM MUMBAI, ÍNDIA.	62
FIGURA 13 – GUARDA-SÓL NA PRAIA DE BOA VIAGEM.	65
FIGURA 14 - PRAÇA PARIS, RIO DE JANEIRO.	65
FIGURA 15 - QUATRO CANTOS. OLINDA. BRASIL.....	69
FIGURA 16 - GRUPO DE ESTUDANTES OBSERVADOS POR TRANSEUNTES. AV. PAULISTA. S.P. – BRASIL.....	70
FIGURA 17 - EXEMPLO DE CENTRALIDADES	71
FIGURA 18 - ELEMENTOS DE CONTINUIDADE.	72
FIGURA 19 – LOCALIZAÇÃO DE DUAS ÁREAS PARA COMPARAÇÃO. RECIFE, BRASIL.	74
FIGURA 20 - AEROFOTOGRAFIA DE ALTO JOSÉ DO PINHO. RECIFE – PE, BRASIL.	74
FIGURA 21 – AEROFOTOGRAFIA DO SÍTIO DA TRINDADE. RECIFE, BRASIL.	75
FIGURA 22 - EXEMPLOS DE DOMÍNIO.....	76
FIGURA 23 - AEROFOTOGRAFIA. AVENIDA PAULISTA. SÃO PAULO. BRASIL.....	83
FIGURA 24 – VISTA PEDESTRE DA AV. PAULISTA.....	83
FIGURA 25 -AEROFOTOGRAFIA. EIXO MONUMENTAL. BRASÍLIA. BRASIL.	83
FIGURA 26 - VISTA PEDESTRE DO EIXO MONUMENTAL DE BRASÍLIA. BRASIL.....	83
FIGURA 27 - PARQUE DA JAQUEIRA. RECIFE, BRASIL.....	84
FIGURA 28 - PARQUE DA JAQUEIRA. RECIFE, BRASIL.....	84
FIGURA 29 - TEORIA DE CAMPO DE LEWIN.....	90
FIGURA 30 - ÀS MARGENS DO LAGO DE COMO. ITÁLIA.	100
FIGURA 31 - QUATRO CANTOS. OLINDA, BRASIL.....	100
FIGURA 32 - PRAÇA EM CIDADE SATÉLITE DE BRASÍLIA, BRASIL.	101
FIGURA 33 - 12 CRITÉRIOS DE QUALIDADE COM RESPEITO À PAISAGEM DO PEDESTRE, SEGUNDO JAN GEHL.	106
FIGURA 34 - VILA DEI MEDICI. FLORENÇA.....	108
FIGURA 35 - RIQUEZA DE DETALHES ARQUITETÔNICOS. VENEZA.....	108
FIGURA 36 - PIAZZA DEL DUOMO. FLORENÇA. 2014.....	109
FIGURA 37 - PIAZZA À ENTRADA DA PIAZZA SAN MARCO. VENEZA. 2014.....	109
FIGURA 38 - DETALHES ARQUITETÔNICOS DE EDIFICAÇÕES NA PIZZA SAN MARCO. VENEZA. 2014.....	110
FIGURA 39 - DETALHES ARQUITETÔNICOS DE EDIFICAÇÕES NA PIZZA SAN MARCO. VENEZA. 2014.....	110

FIGURA 40 – ELEMENTOS, EXPERIÊNCIAS E AFETOS ASSOCIADOS AO ESPAÇO RELACIONAL.....	114
FIGURA 41 - AV. PAULISTA, 2017.	118
FIGURA 42- IBIRAPUERA (ACIMA). AV. PAULISTA (ABAIXO).....	119
FIGURA 43 – FLUXO DINÂMICO DE ELEMENTOS INTANGÍVEIS QUE EXPRESSAM E CONSTROEM AS RIRS	120
FIGURA 44 - ESPAÇO RELACIONAL À LUZ DA TEORIA DE CAMPO.	124
FIGURA 45 - EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO AMPLIADO.....	125
FIGURA 46 - A AUTOPOIESE DO ESPAÇO RELACIONAL	127
FIGURA 47 - MOMENTO EM QUE UMA PESSOA COLETA DOAÇÕES RECEBIDAS.....	129
FIGURA 48 - TRANSEUNTES ESCUTAM E DEMONSTRAM RECONHECIMENTO A UM CANTOR. AV. PAULISTA.	129
FIGURA 49 – LEGIBILIDADE DA AV. PAULISTA POSSIBILITADA NUM DOMINGO DE VERÃO.	130
FIGURA 50 - ORDENAMENTO ESPACIAL DA PIAZZA DEL CAMPO, SIENA.....	131
FIGURA 51 - PIAZZA DEL CAMPO, SIENA.	131
FIGURA 52- LARGOS E PASSAGENS ESTREITAS OFERECEM CONVITES À DESCOBERTA. VENEZA.	132
FIGURA 53 - O CONVITE À DESCOBERTA FEITO PELO ORDENAMENTO DO ESPAÇO.....	132
FIGURA 54 - AGUARDANDO A BARCA. VENEZA. ITÁLIA.	133
FIGURA 55 - ESTUDANTES SAEM DA UNIVERSIDADE.	133
FIGURA 56 - RUA DA MOEDA. RECIFE, BRASIL.	133
FIGURA 57 - PARQUE DA JAQUEIRA. RECIFE, BRASIL.	135
FIGURA 58 - AV. PAULISTA. SÃO PAULO, BRASIL.	136
FIGURA 59 - ÀS MARGENS DO LAGO COMO.....	136
FIGURA 60 - RUA DE USO RESIDENCIAL. HOUSTON. USA.....	137
FIGURA 61 - RUA DE USO RESIDENCIAL. RECIFE. 2016.....	137
FIGURA 62- LOCALIZAÇÃO DA R. RENATO DE MEDEIROS. MADALENA. RECIFE	145
FIGURA 63 – VISTA DA R. RENATO DE MEDEIROS. MADALENA. RECIFE.....	145
FIGURA 64 – PÇA. SAN MARCO. VENEZA.	149
FIGURA 65 - VILLA DEI MEDICI. FIRENZE.....	153
FIGURA 66 - HERMMAN PARK. HOUSTON	153
FIGURA 67 - HERMMAN PARK. HOUSTON.	153
FIGURA 68 - HERMMAN PARK. HOUSTON	154
FIGURA 69 - MATRIZ DE VARIÁVEIS CONSTRUTORAS DA CONFIANÇA	161
FIGURA 70- PROCESSOS RELACIONADOS NO ESPAÇO RELACIONAL	165
FIGURA 71 - O SISTEMA DE VARIÁVEIS QUE CARACTERIZA O ESPAÇO RELACIONAL	169
FIGURA 72-SISTEMA DE EXPERIÊNCIAS SOCIOESPACIAIS FAVORÁVEIS À RECIPROCIDADE	171
FIGURA 73 - ESPAÇO RELACIONAL – ATRAVÉS DOS OBJETOS FÍSICO, SOCIAL, CULTURAL.....	171

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Problemática, justificativa, pressupostos e relevância do estudo proposto	15
1.2	Problema, pergunta e delimitações de pesquisa	19
1.3	Hipótese, objetivos e objeto de pesquisa	21
2	METODOLOGIA	24
2.1	Pesquisa bibliográfica	24
2.2	Pesquisa de campo	34
2.2.1	A caminhada, método e experiência de espaço e de pesquisa	35
2.2.2	A utilização de vídeos para coleta de dados e transmissão de informação	37
2.2.3	A escolha da amostragem	39
2.2.4	Outas técnicas e métodos	42
2.3	Análise	42
3	COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES SITUADAS NO ESPAÇO	44
3.1	A pessoa em relação e agir situado	44
3.2	Felicidade, encontros e relações interpessoais de reciprocidade	46
3.3	RIRs e Desenvolvimento urbano	50
3.4	Superando a experiência de medo	51
3.5	Autopoiese do processo perceptivo e da experiência no espaço	56
3.6	A expressão da experiência existencial na Arquitetura	66
3.6.1	Arranjos espaciais e a experiência relacional	81
3.7	Percepção	87
3.8	Intencionalidade, afetos e empatia	94
3.9	Contexto na construção da experiência de confiança	96
3.10	Estímulos, afetos e construção da memória	103
3.11	Memória construindo o lugar	111
4	Espaço relacional: Construindo experiências de lugar de relação	113
4.1	A Comunicação	123
4.1.1	A Comunicação de <i>affordances</i>	127
4.1.2	Legibilidade do ambiente da comunicação	128
4.1.3	Permeabilidade favorecendo comunicação	135
4.2	Territorialidade	138
4.2.1	Territorialidade em situações de conflito	140

4.2.2	Exemplo do Jardim do Baobá	141
4.2.3	Ausência de mediador público na Madalena	145
4.2.4	Territorialidade e as RIRs	146
4.3	Conforto	149
5	CONCLUSÃO	155
5.1	Espaço relacional: Lugar de reciprocidade	156
5.2	Benefícios de haver compreendido o espaço relacional	172
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
6.1	Lições de metodologia aprendidas para consideração em futuras pesquisas	176
6.2	Contribuições, lacunas e possibilidades	179
	REFERÊNCIAS	182

1 INTRODUÇÃO

Esta tese deseja disponibilizar o percurso e os produtos da investigação acerca do espaço da Arquitetura enquanto lugar de reciprocidade. A abordagem deixa propositalmente à parte o foco funcional e estético formal corriqueiramente discutidos na Arquitetura para aprofundar o aspecto relacional e comportamental. Este trabalho foi gestado pela necessidade construir uma compreensão desses aspectos, a fim de proporcionar uma contribuição teórica que responda às demandas referentes à urgente necessidade de melhorar a qualidade de vida, o índice de bem-estar, de desenvolvimento e de felicidade de usuários da cidade, fomentando práticas de gratuidade e sociabilidade positiva entre estranhos utilizando espaços abertos de uso coletivo. A partir disto, e tendo em vista a premente necessidade de mitigar o continuo empobrecimento da qualidade e quantidade de espaços públicos em centros urbanos, optou-se por manter o foco sobre a compreensão do fenômeno pessoa-espaço-pessoa na escala urbana, que se propôs denominar *espaço relacional*.

O universo de estudo é um recorte que se restringe a espaços abertos utilizados indistintamente por qualquer usuário da cidade, cotidianamente como passagens ou como destinos, localizados entre lotes e vias, daqui em diante referidos como espaços públicos. Considerou-se o espaço em função da ecologia urbana (pessoas e meio ambiente em relação). O recorte da experiência relacional pessoa-espaço-pessoa é definido por Relações Interpessoais de Reciprocidade positiva, aqui referidas como RIRs, e pela relação pessoa-espaço em função da experiência interpessoal, eximindo-se de investigar influências exercidas por atividades e usos específicos. Explorou-se, porém, estímulos provenientes do espaço, a capacidade e a necessidade perceptiva humana associada às RIRs.

Assim, para entender o espaço relacional a partir da relação entre experiência das RIRs e sua concretização no espaço da Arquitetura, definiu-se como metas identificar, compreender e caracterizar o objeto de estudo numa ótica relacional desenvolvida nesta pesquisa. Esta ótica foi estruturada aprofundando a compreensão da experiência de reciprocidade positiva entre usuários do espaço da arquitetura e deste como uma concretização do ‘espaço existencial’ (NORBERG-SCHULZ, 1971, p. 7). Esta construção teórica do arquiteto norueguês Norberg-Schulz (1926-2000) identifica o espaço da arquitetura como uma forma de concretização de imagens do mundo. A expressão ‘espaço existencial’ utilizada por este autor refere-se às experiências de vida relacionadas ao *ser* e *vir-a-ser* no mundo, e implica o *vir-a-ser-por-si*, *vir-a-ser-com-o-outro* e *vir-a-ser-pelo-outro* de toda pessoa na dimensão subjetiva e coletiva (NORBERG-SCHULZ, 1971, 1983; BRAIT, 2010; MORAES, 2012).

A construção de imagens, a que o autor se refere, resulta de ‘esquemas espaciais’ constituintes de toda pessoa. Até o momento, através da ciência (BAKHTIN, 1997; BERTHOZ e VIAUD-DELMON, 1999; GIFFORD, 2002), aprendeu-se que é através destes esquemas ontológicos que as pessoas se orientam, ou seja, as pessoas encontram a orientação de sua existência (não só de suas atividades) no mundo através dos esquemas espaciais e através destes concretizam os espaços construídos. Nesta ótica explica-se o vínculo do espaço da arquitetura à experiência existencial humana e não apenas às experiências associadas às suas atividades. Esta compreensão é explicada no item 3.6. Se imagens do mundo são necessárias à existência de toda pessoa, então, a imagem do mundo mediante o espaço da arquitetura também o é?

Se considera-se que as dimensões sociais, físicas e culturais são constituintes indispensáveis da existência humana, que uma imagem do mundo também é necessária para orientar esta existência, e que o espaço da arquitetura é uma forma de expressão desta imagem, então pode-se considerar pertinente que objetos físicos, sociais e culturais da experiência existencial humana são constituintes necessários do espaço da arquitetura -na compreensão teórica do espaço da arquitetura segundo Norberg-Schulz (1971) estes objetos são constituintes intrínsecas de todo espaço (explicada no item 3.6).

Pode-se inferir assim que parte da qualidade das experiências existenciais humanas está associada à esta influência qualitativa imagética e orientadora do lugar, ou *locus*, que o espaço construído exerce nas pessoas. Se o espaço pode orientar a existência humana através dos esquemas espaciais, é possível identificar as características do espaço favoráveis às experiências das RIRs através desta chave de leitura? Na medida em que foi possível averiguar, a correlação entre as qualidades socioespaciais do espaço e a experiência de reciprocidade positiva do tipo RIRs ainda está omissa na literatura e discussão sobre o espaço da arquitetura aos quais se teve acesso. Por isso, dedicou-se o esforço para investigar estas correlações.

A pesquisa permitiu compreender que através da experiência interpessoal de reciprocidade positiva as pessoas transmutam o espaço da arquitetura em lugar de reciprocidade, e permitiu identificar algumas das características do *lugar de reciprocidade* e que podem ser proporcionadas por meio de objetos físicos, sociais e culturais do espaço da arquitetura.

O recorte do objeto de estudo dentro do possível recorte de tempo dedicado à presente pesquisa de doutorado, fez-se necessário abster-se de aprofundar a compreensão de especificidades funcionais, da estética formal ou geométrica euclidiana, e as de segurança pública.

Assim, a presente abordagem explora a experiência socioespacial de reciprocidade no espaço da arquitetura através da lente sensorial e existencial da pessoa. Esta abordagem se apresenta bastante pertinente e atual, como ilustra os inúmeros investimentos bem-sucedidos na exploração desta abordagem aplicada aos jogos virtuais, o crescente número de pesquisas que atualmente investigam o papel da Psicologia e da corporeidade na experiência sócio espacial, e justificada pela problemática que originou esta pesquisa – apresentada em 1.1.

Gehl (2014) explora essa abordagem enfocando a influência das atividades, da escala do espaço e de seus elementos arquitetônicos na permanência e convergência de usuários pedestres para espaços públicos observados em algumas cidades nórdicas por ele estudadas; Rapoport (1977) focaliza a relação observada entre arranjos formais e contextos culturais diversos; Giesecking, Mangold et al. (2014) trazem uma coletânea de abordagens sobre correlações entre o ambiente e a experiência de lugar; o assunto é também contemplado por Gifford (2002) na Psicologia Ambiental (2002). Esta pesquisa se encaixa neste universo, mas distingue-se das demais abordagens por identificar as necessidades e potencialidades corpóreas, sensoriais e comportamentais ontológicas humanas que entram em jogo na experiência relacional espacial e interpessoal de reciprocidade positiva.

Estabelecida a meta de conhecer este conjunto de variáveis da experiência relacional que se concretiza em espaço relacional, estruturou-se a lógica deste estudo. Espera-se que as variáveis apontadas possam ser utilizadas como parâmetros norteadores do exercício profissional de arquitetos, gestores e educadores em espaços públicos, no contexto de riscos decorrentes de práticas nocivas de mercado, em prol do bem-estar e desenvolvimento humano pessoal e coletivo *pari-passu* ao desenvolvimento territorial urbano.

Inicia-se esta apresentação do caminho e compreensão construídos oferecendo-se neste primeiro capítulo a problemática do objeto de estudo; o problema da pesquisa, os objetivos definidos pela pergunta que se propõe responder, suas justificativas e hipóteses de trabalho. Os capítulos que seguem estão organizados do seguinte modo:

O capítulo 2 explica a metodologia de trabalho; neste, descreve-se as abordagens e métodos utilizados, os instrumentos, técnicas e fontes escolhidos para a coleta de dados; indica-se os procedimentos adotados; lista-se as bibliotecas, jornais, periódicos e fontes digitais consultados para elaboração do trabalho final.

No terceiro capítulo, expõe-se os conceitos relevantes que foram fundamentais para estruturação da compreensão do objeto de estudo: o espaço relacional; citando-se o nome dos autores cujo aporte teórico nas áreas de conhecimento da Economia, Arquitetura, Psicologia, Antropologia e Sociologia embasou esta tese em Arquitetura para o Desenvolvimento Urbano.

No capítulo 4, explica-se as três experiências identificadas como caracterizadoras do espaço relacional enquanto lugar de reciprocidade a partir das correlações encontradas no corpo conceitual desenvolvido e nas observações em campo, aqui reportadas por ilustrarem como estas podem evidenciar-se.

No capítulo 5, resume-se a compreensão construída acerca do objeto de estudo.

Finalmente, as considerações finais, lacunas e sugestões para futuras pesquisas e investigações encontram-se no capítulo 6. Por fim, elenca-se as referências bibliográficas.

1.1 Problemática, justificativa, pressupostos e relevância do estudo proposto

Os estudos e relatórios sobre a contínua redução de práticas de sociabilidade positiva entre pessoas pertencentes a grupos que extrapolam o círculo familiar em centros urbanos contemporâneos; sobre a diminuição da oferta - em quantidade e qualidade - de espaços públicos favoráveis à estas práticas; e sobre sua imprescindibilidade para o índice de felicidade e bem-estar dos cidadãos e o desenvolvimento sustentável de centros urbanos, revelam uma possível influência de risco imposto pela qualidade espacial do território sobre estas dinâmicas de sociabilidade¹.

De acordo com a Teoria da Felicidade, e mais especificamente com uma de suas correntes denominada “Authentic Happiness”, um dos pontos fundamentais para a abordagem de Felicidade é compreendê-la como o florescimento humano que tem nos relacionamentos interpessoais de reciprocidade positiva um componente indispensável (explicado em mais detalhe na sessão 3.2), embora não desconsidere outros componentes resultantes da satisfação das necessidades humanas e sociais tangíveis e intangíveis (SELIGMAN apud BRUNI, 2012).

Desta teoria abstraiu-se os conceitos “Bem Relacional”, “Relacionamentos Interpessoais de Reciprocidade” e “Confiança”, utilizados como pressupostos fundamentais para este trabalho porque expressam práticas positivas inerentes à motivação original das cidades. A ausência destes é corriqueiramente citada na literatura de diagnóstico do problema de pesquisa. No texto que segue, Bauman (2009) faz uma síntese comparativa entre o status atual das cidades e sua motivação original:

Paradoxalmente, as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo. Como diz Nan Ellin, ‘o fator medo [implícito na construção e reconstrução das cidades] aumentou, como demonstram o incremento dos mecanismos de tranca para automóveis; as portas blindadas e os sistemas de

1 UN-Habitat adotou em 15 de abril de 2015 (UNITED NATIONS, 2015) uma resolução conjunta com PPS incentivando o desenvolvimento e a aplicação de políticas internacionais que salvaguardem e orientem o crescimento urbano sustentável destacando, entre outros pontos, o desenho de espaços públicos. (OECD, 2013) e (WORLD ECONOMIC FORUM, 2015).

segurança; a popularidade das *gated and secure communities* para pessoas de todas as idades e faixas de renda; e a vigilância crescente dos locais públicos, para não falar dos contínuos alertas de perigo por parte dos meios de comunicação de massa. (BAUMAN, 2009, p. 40)

Na linha de pensamento desenhada na corrente “Authentic Happiness” encontram-se os estudos econômicos da New Economics of Happiness (NEH). Dentre as pesquisas empíricas neste campo, as desenvolvidas pelo economista Luca Stanca (2009) publicadas no Journal of Socio-Economics e por Blessi et al (2014), sobre atividades mais relacionadas ao bem-estar e índice de felicidade, foram consideradas referenciais na definição da problemática porque identificaram empiricamente o relevante papel das interações interpessoais de reciprocidade positiva.

Stanca (2009) construiu sua pesquisa com dados coletados em 94 países em todos os continentes por 30 anos pela World Values Survey e fornecidos por respondentes cobrindo 90 por cento da população mundial. Os resultados foram consistentes na pesquisa longitudinal e transversal, possibilitando ao autor contextualizar as atividades relacionais entre as variáveis estruturantes de um indicador de bem-estar subjetivo. Sua pesquisa identificou três grupos de variáveis significativas para expressar o índice de bem-estar subjetivo. Junto com as variáveis socioeconômicas e demográficas, as de “valor relacional” emergem das atividades desenvolvidas durante relações interpessoais. Destas, reporta-se aqui as classificadas em três grandes esferas de interações (STANCA, 2009, p. 5) que podem ocorrer em espaços abertos urbanos: a) pessoais, resultantes do estado civil e relacionadas à membros da família imediata (cônjuge e filhos); b) com familiares e amigos; c) ligadas a várias formas associativas da dinâmica social urbana. Encontrar características espaciais da Arquitetura favoráveis a encontros espontâneos entre estranhos e à estas esferas de relacionamentos em espaços abertos é o foco desta investigação.

A segunda pesquisa empírica (BLESSI *et al.*, 2014) foi conduzida mediante duas bases de evidência: um questionário foi dirigido diretamente à população com perguntas que enfocaram a relação entre cultura e bem-estar; e outro, aplicado via digital, dirigia-se a especialistas que avaliaram e hierarquizaram as 14 atividades culturais mais indicadas nas respostas da população ao primeiro questionário em termos de orientação para a sociabilidade. A pesquisa revelou a significância dos seguintes tipos de atividades: concertos, **atividades sociais**, prática de esportes, e observação da prática de esportes e de apresentações teatrais.

Blessi et al (2014) evidenciam que a participação de pessoas em eventos culturais geralmente está relacionada à vontade de conectar-se com outras pessoas, à escolha pessoal de satisfazer necessidades e vontades de reconhecimento, amizade e senso de pertencimento. Os

autores argumentam que as atividades de socialização propiciadas por atividades sociais e culturais favorecem a construção destes relacionamentos não-instrumentais; isto é, aqueles onde o ganho obtido é o da própria interação. Os autores concluem que estas formas não instrumentais de interação contribuem para o fortalecimento dos bens relacionais e do capital social (BOOTH, 2009 apud BLESSI et al., 2014).

Os resultados dessas duas pesquisas são significativos na definição do problema desta tese, porque evidenciam que o caráter não instrumental dos relacionamentos é uma das condições necessárias para a conceituação de “Bem Relacional” e dos “Relacionamentos Interpessoais de Reciprocidade Positiva” que foram adotados como referencial desta investigação e são explicados no **Capítulo 3**.

O cientista político Putnam (1995), na conceituação de capital social, argumenta que os relacionamentos de sociabilidade positiva fora da esfera familiar são necessários para a construção de valor, identidade e coesão social urbana os quais constituem esta forma de capital; além disso, o autor inclui o papel da confiança como indispensável para sua construção.

Alguns trabalhos de Castells (1999), Boisier (1999) e Putnam (1995, 2001), assim como relatórios da ONU-Habitat (2014), do World Economic Forum (2015) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2013), apontam que desregradas tendências e padrões de crescimento impostos pela economia de mercado contemporânea apresentam riscos ao desenvolvimento e crescimento urbano e revelam uma correlação entre a dimensão físico-espacial da cidade e o capital social².

De forma geral, no relatório de 2015, o Fórum Econômico Mundial indicou a falência do modelo hegemônico de planejamento urbano e a grave instabilidade social, caracterizada por tensões de conflito e desconfiança entre os 28 fatores de risco que o mundo enfrenta e enfrentará a longo prazo (WORLD ECONOMIC FORUM, 2015). O documento solicita e encoraja a definição e implantação de políticas públicas que guiem o processo de construção e desenvolvimento das cidades considerando seu papel instrumental para o fortalecimento do capital social.

Mas tal definição pressupõe a salvaguarda de dinâmicas urbanas éticas, democráticas e fraternas. Estas se encaixam no 11º objetivo - Cidades e comunidades sustentáveis - entre os

2 O conceito Capital social ainda está em construção no campo científico; alega-se que foi utilizado pela primeira vez pela socióloga norte-americana Lyda Hanifan em 1916. Alguns autores pesquisados citam o também sociólogo americano, James Coleman (1926-1995) como o primeiro a utilizá-lo. Embora sua definição não seja ainda definitiva e unânime entre os especialistas, é consenso, entre sociólogos e cientistas políticos estudiosos do assunto, que o capital social é ligado ao valor das redes de relacionamentos e às normas de confiança e reciprocidade. Segundo a OECD (2007) e Putnam (2001), compartilhar e conectar estão presentes em todas as formas de capital social.

17 propostos por países participantes da ONU na Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável (UNITED NATIONS, 2010, 2015).

De um modo geral, documentos revelam que a fragilização do papel social desempenhado pela dimensão físico-espacial da cidade está entre os fatores de risco para a qualidade de vida de centros urbanos contemporâneos. Este risco tem causado enfraquecimento da imagem da cidade, de sua dimensão coletiva, da coesão social e do engajamento civil na esfera política (BAUMAN, 2009; BOISIER, 1999; CASTELLS, 1999; HARVEY, 2014; OECD, 2013; UN-HABITAT, 2014).

Esses estudos indicam que a partir da segunda metade do século passado o nível de engajamento e coesão social tem-se enfraquecido no mundo, (BOISIER, 1999; KAUFMANN e KRAAY, 2008; OECD, 2013, 2014; PUTNAM, 1995; SENNETT, 2008, 2012). Cidades que experimentaram um crescente e constante avanço tecnológico e crescimento do PIB viram, por outro lado, um considerável e constante declínio de várias dimensões da coesão e do capital social. Alguns estudos ainda revelam justamente a correlação entre esse declínio e o estabelecimento de padrões desequilibrados de desenvolvimento territorial vinculados ao impacto negativo da práxis de mercado imobiliário atrelada a tendências negativas da globalização (CASTELLS, 1999; KAUFMANN e KRAAY, 2008; PUTNAM, 2003).

Os documentos acima referidos, juntamente com inúmeros relatórios anuais de organismos internacionais - CEPAL, ONU, OECD, WUF, também reclamam formas propositivas de reparo aos danos recorrentemente infligidos pela crise desenvolvimentista ao bem-estar da sociedade; consideram inclusive o contexto da crise econômica e financeira mundial a partir de 2007, alertam os governantes das nações para a relevância da inclusão de indicadores de bem-estar social nas políticas de desenvolvimento e pedem que orientem as várias esferas governamentais para a necessidade de identificar, medir e divulgar estes indicadores, além dos indicadores materiais já retratados pelo PIB (OECD, 2013).

O enfraquecimento da confiança entre cidadãos impacta os relacionamentos sociais em espaços públicos; estes são instrumentais na formação do capital social (BOISIER, 1999; CASTELLS, 1999; OCDE, 2007, 2013, 2014; PUTNAM, 1995, 2001) e desempenham um papel fundamental para o bem-estar (OCDE, 2013). **O capítulo 3** apresenta uma breve consideração sobre a abordagem do capital social para uma melhor compreensão dos conceitos que nortearam o aprofundamento das correlações entre o espaço da Arquitetura na escala urbana e as interações interpessoais de reciprocidade positiva.

1.2 Problema, pergunta e delimitações de pesquisa

Diante da fragilização da cidade, que atinge inúmeras comunidades urbanas em território brasileiro e em outras nações, justifica-se questionar como reverter ou diminuir este cenário e para isso faz-se necessário entender as causas deste fenômeno. Consequentemente, no que diz respeito ao espaço da Arquitetura, questionou-se quais características estejam correlacionadas às necessidades ontológicas humanas associadas às dinâmicas de reciprocidade positiva em foco, a ponto de afetarem a sociabilidade nos vários contextos territoriais, temporais e sócio culturais contemporâneos, e de precisarem ser consideradas por arquitetos e pela gestão pública no momento de decidir como intervir para conceber, manter e gerir espaços públicos urbanos respondendo e respeitando as necessidades de seus usuários.

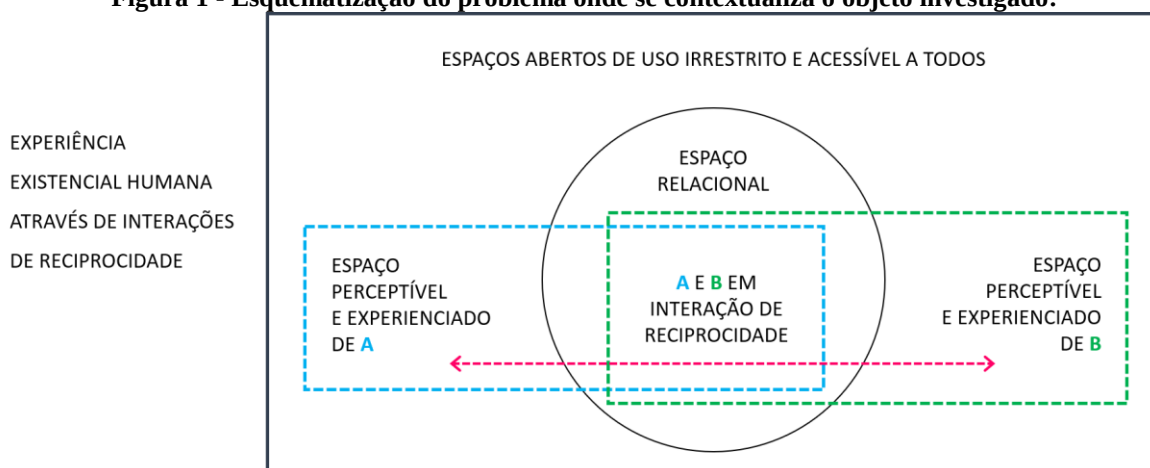
Os estudos de arquitetos como Jan Gehl, Kevin Lynch, Christopher Alexander e William White, ao lado de iniciativas como Project for Public Space, do Jan Gehl Institute e do World Urban Forum exploram a relação do usuário com o espaço construído. Esses estudos avaliam a relação entre a escala e tipologia dos elementos arquitetônicos, as atividades desenvolvidas em espaços e edificações a estes lindeiras e o uso do espaço por pedestres. Através da observação direta, investiga-se níveis de atratividade e de permanência dos usuários e identifica-se o que se considera exemplos bem-sucedidos de lugares e elementos arquitetônicos favoráveis à aglomeração e convivência. A partir da análise dos espaços, as conclusões desses estudos sugerem relações entre, de um lado, aspectos da funcionalidade, atividade, elementos arquitetônicos além da mobilidade no espaço, e do outro, a permanência e convivência compartilhada de maneira positiva entre estranhos num mesmo espaço público. Embora *RIRs* tenham ocorrido nos cenários observados, uma associação entre espaço e o favorecimento das *RIRs* através desses estudos só é possível enquanto vinculada às variáveis investigadas, resultando indireta e parcial para o foco desta tese.

O que constitui a qualidade da experiência socioespacial relacional em foco? Considerando a constante tendência de crescimento do índice de urbanização no mundo, o crescente ritmo de demandas por inovações tecnológicas construtivas, a crescente diversidade de seus usuários e de dinâmicas urbanas no presente cenário de globalização, e que a pessoa em vivência constrói e compõe o espaço, pergunta-se: que parâmetros qualitativos destas experiências no espaço podem guiar o papel, as escolhas e a contribuição de arquitetos e urbanistas ao conceber, construir, requalificar e manter espaços públicos responsivos às exigências e dinâmicas urbanas contemporâneas?

Enquanto as contribuições dos estudos acima referidos partem de conclusões construídas a partir da observação de fatos, ou seja, do comportamento humano em espaços

públicos, estas, até o momento, ainda não constroem uma argumentação explicativa das necessidades e capacidades humanas ontológicas associadas especificamente às interações interpessoais de reciprocidade positiva (RIRs) ou de como as características espaciais observadas respondem especificamente a essas necessidades em espaços públicos. Em outras palavras, permanece a necessidade de caracterizar os espaços como fenômenos do tipo pessoa-espaco-pessoa focado nestas dinâmicas relacionais. A **Figura 1** procura ilustrar sinteticamente o problema.

Figura 1 - Esquemática do problema onde se contextualiza o objeto investigado.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Para oferecer uma contribuição ao preenchimento desta lacuna, e respeitando as diversas e importantes perspectivas e instrumentos urbanísticos e legais que regulam e condicionam as intervenções no espaço urbano para resolver este problema, sem priorizar nenhuma delas, optou-se por uma abordagem de pesquisa que dê abertura para a consideração destas especificidades locais associadas às formas de expressão cultural e social. Para tanto, procurou-se aprofundar a abordagem interdisciplinar de modo a fornecer à Arquitetura referenciais da experiência sócio espacial específicos dos relacionamentos *RIRs* entre usuários da cidade, e gerais o bastante para possibilitar que arquitetos e demais envolvidos lidem com os conceitos envolvidos no problema³, que é complexo, incorporando as particularidades de cada caso ao explorar ideias e soluções para o espaço em si, e para sua localização no contexto urbano.

³ A revista *International Review of Economics* dedicou o número de abril de 2008 à uma conferência internacional sobre o tema “Reciprocidade, teorias e fatos”. Este número traz artigos com várias abordagens de reciprocidade do ponto de vista da Economia, ciência política, Antropologia, neurociência e Psicologia. Em sua introdução, a revista aborda a necessidade de se iniciar um diálogo que discuta essas abordagens, que chama de complementares, para a compreensão das motivações e efeitos do comportamento de reciprocidade interpessoal no contexto social. O diálogo multi e interdisciplinar tem se mostrado necessário para aprofundar a compreensão do fenômeno relacional.” (tradução nossa).

1.3 Hipótese, objetivos e objeto de pesquisa

As dinâmicas e interações entre usuários da cidade^{4,5} constroem memórias urbanas, cuja importância para o desenvolvimento de atividades e funções para formação da identidade, capital social e desenvolvimento das cidades, são também relevantes para a construção do espaço e do valor a este conferido na cidade. Olhar essas dinâmicas e interações e compreendê-las é determinante para poder favorecê-las; ainda mais quando suas manifestações se expressam no espaço sob influências que as tornam cada vez mais semelhantes e impessoais e em dimensões desproporcionais à intensidade da urbanização (um efeito negativo de como o planejamento urbano tem administrado as forças de mercado em globalização).

Inúmeras são as cidades em crescente processo de urbanização e adensamento. Igualmente numerosas são aquelas enfrentando dificuldades para remediar os riscos gerados por este processo para o desenvolvimento das *RIRs*, entre os quais a redução dos espaços livres de uso público (em quantidade e qualidade) e dos recursos financeiros alocados pela gestão pública e iniciativa privada para este fim.

O objetivo do presente trabalho é compreender e caracterizar o espaço relacional, enquanto *locus* da experiência sócio espacial de reciprocidade positiva (*RIRs*) entre usuários de espaços públicos. Usuários do espaço são componentes intrínsecos do mesmo. Espaços relacionais ocorrem onde quer que duas ou mais pessoas possam interagir reciprocamente. Se é consciente que este, como todo espaço, é algo não coercitivo ou determinante da reciprocidade; seus atributos físicos, sociais e culturais expressam, resultam, influenciam e mediam a construção da experiência humana (GIFFORD, 2002; NORBERG-SCHULZ, 1971, 1979, 1983) de reciprocidade. Mas a decisão final por engajar-se em interação é sempre pessoal e subjetiva.

Com sua caracterização, espera-se oferecer um referencial com informação relevante, significativa e instrumental na estruturação de princípios norteadores da concepção, análise do espaço, e na elaboração de propostas de intervenção em espaços públicos com o fim de salvaguardar e facilitar as *RIRs*, como ferramenta que oriente arquitetos e comunidade nos esforços participativos e democráticos para melhorar a qualidade da experiência relacional nos espaços públicos⁶.

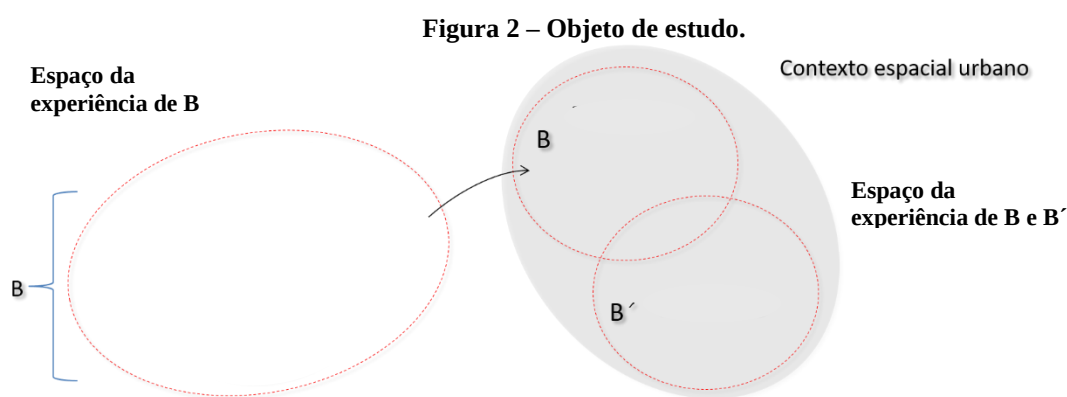
4 SÁ CARNEIRO, A. R.; DUARTE, M.; MARQUES, E. A. A conservação da paisagem na perspectiva de um sistema de espaços livres públicos do Recife. Paisagem Ambiente: ensaios, São Paulo, n. 26, 2009. 127-141.

5 NORBERG-SCHULZ, C. Meaning in western architecture. New York: Rizzoli International Publications, Inc., 1983. p. 221-227.

⁶ O Estatuto da Cidade, Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001 e a lei nº 13.089, de 12 de janeiro de 2015 - Estatuto da Metrópole - não possuem tais critérios ou estabelecem instrumentos institucionalmente reconhecidos para este fim na busca do desenvolvimento democrático e sustentável.

Espera-se também que, mediante a compreensão do espaço relacional, possa-se oferecer à comunidade científica critérios norteadores do processo de decisão associado à concepção de projetos, que estimulem futuras discussões a este respeito. Almeja-se ainda, que ao se focalizar nas *RIRs*, estes conceitos permitam estabelecer um diálogo entre as contribuições da Arquitetura e as de áreas do conhecimento em Ciências Humanas e Sociais, nos esforços para favorecer a felicidade⁷ e o desenvolvimento pessoal e coletivo em centros urbanos contemporâneos.

Portanto, o *locus* da experiência sócio espacial das *RIRs*, aqui denominado *espaço relacional*, é o objeto central desta tese, de natureza exploratória e qualitativa. Sua caracterização será uma construção teórica a partir da análise de estudos teórico-empíricos que revelem correlações entre a experiência de reciprocidade positiva dos usuários do espaço e a experiência espacial. A **Figura 2** ilustra o objeto de estudo.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Estabeleceu-se compreender, como objetivos específicos:

1. as necessidades e capacidades humanas ontológicas associadas ao engajamento das pessoas em *RIRs*;
2. a(s) razão(ões) da(s) influência(s) espacial(is);
3. as variáveis que expressem e sirvam de referencial em favor da experiência relacional, atendo-se à tipologia de espaço aberto de acesso e uso irrestrito aos usuários da cidade, e que de agora em diante se referenciará como espaços públicos.

Iniciou-se o diálogo interdisciplinar para construção da compreensão do objeto de estudo articulando-se quatro metas como se descreve a seguir.

⁷ Este conceito é abordado no capítulo 3.

1. Identificar sensações psicológicas e sensoriais, comuns a toda pessoa, vinculadas ao fenômeno relacional de reciprocidade interpessoal no, e com o espaço em foco;
2. Compreender e identificar características espaciais que significativamente se correlacionam e venham ao encontro das necessidades ou características sensoriais identificadas;
3. Encontrar e registrar como estas características podem se evidenciar no ambiente construído;
4. Sistematizar estas características espaciais em conjuntos conceituais do *espaço relacional* que possam nortear os processos de concepção, projeto e intervenção no espaço.

Em outras palavras, partiu-se da suposição que olhando o espaço da Arquitetura a partir do fenômeno sensorial e relacional em questão, aprofunde-se o conhecimento do espaço por suas características relacionais, e que olhá-lo a partir da qualidade deste tipo de experiência de seus usuários forneça dados relevantes e importantes para os envolvidos na compreensão do desenvolvimento urbano e no processo de concepção, adequação e manutenção de espaços públicos, sejam estes membros da comunidade, da gestão pública, do mercado imobiliário ou arquitetos.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo descreve-se os métodos utilizados para a compreensão do objeto de estudo; os instrumentos, técnicas e fontes escolhidos para a coleta de dados; indica-se os procedimentos adotados; lista-se as bibliotecas, jornais, periódicos, e páginas Internet consultadas até a elaboração do trabalho final.

Inicialmente ateu-se a aspectos formais do espaço e de seus elementos componentes, porém, compreendeu-se que a importância destes ao comporem espaços relacionais, não reside no valor que em si possuem, mas no valor da experiência que em conjunto e simultaneamente favorecem a seus usuários, pelo valor e sentido com os quais se manifesta aos seus usuários. Na medida em que se compreendeu que a percepção do espaço e da realidade vivenciada se dá também através da relação pessoa-espaço-pessoa, fez-se mister focar na identificação de correlações entre sensações provocadas pelo espaço e necessidades humanas na emergência de interações de reciprocidade positiva.

Neste sentido, os estudos consultados já na fase inicial orientaram para o papel relevante da experiência de confiança como facilitadora de interações, e para a necessidade de focar a investigação na possível influência espacial na experiência de confiança entre usuários que compartilham o uso do espaço na emergência do encontro.

Porém, porque a teoria da Arquitetura não é ainda bastante para responder à pergunta que se coloca, estendeu-se esta pergunta para outros campos do saber que revelem necessidades e capacidades humanas relacionadas às interações de reciprocidade -na dimensão pessoal e coletiva. A abordagem adotada precisou ultrapassar limites disciplinares pré-definidos para construir uma compreensão interdisciplinar da experiência humana relacional interpessoal e com o espaço.

2.1 Pesquisa bibliográfica

Construiu-se um corpo teórico a partir de conceitos já estabelecidos ou consideravelmente validados nos campos do saber consultados para explicar o espaço relacional. Tal concretizou-se mediante aprofundamento da compreensão de conceitos-chave da experiência espacial e entre pessoas na Antropologia, Psicologia, Sociologia e Economia, lançando mão de pesquisa bibliográfica e de observações de campo. O **Quadro 1**⁸ apresenta a profundidade de especialização e abrangência conceitual da pesquisa proposta em função de seus pressupostos e objetivos.

⁸ Construído a partir de estrutura proposta em notas de aula TPAD (MDU-UFPE) por Prof. Ruskin Freitas, 2014.

Construiu-se então o diálogo entre os autores das cinco áreas do conhecimento para compreender a relação humana no e com o espaço e as relações de reciprocidade positiva através das lentes da experiência humana relacional, enquanto experiência de alteridade comunicativa e dialógica. A própria produção do conhecimento é vista neste estudo como uma experiência dialógica de alteridade. Nas construções dialógicas parte-se de uma posição inicial para aprofundar a compreensão que o outro (autor) há do fenômeno estudado. No texto a seguir, Rodrigues descreve como Bakhtin compreende a plurivocalidade deste caminho de construção do conhecimento científico:

O pesquisador dessa área faz um trabalho de “idas e vindas” na tessitura do seu discurso, ou seja, faz um permanente movimento de sair de sua posição para procurar enxergar a realidade com os olhos dos autores que embasam o seu dizer ... a fim de compreender o ponto de vista deles para, depois, voltar à sua posição de autor-pesquisador e apresentar a sua forma de ver a mesma realidade, considerando, ao mesmo tempo, a alteridade (em que se encontram também os seus futuros leitores). (RODRIGUES, 2010, p. 55).

Nesta abordagem dialógica através da comunicação de compreensões da realidade dentro de um determinado contexto (SPINK, 2010), considera-se os vários pontos de vista da realidade investigada, como se complementam ao construir uma compreensão própria do objeto de estudo. Iniciou-se aprofundando a compreensão do espaço da Arquitetura como concretização da experiência humana proposta por Norberg-Schulz (1971, 1979, 1983). Sobre estes conceitos, com atenção para não ferir a sua originalidade, desenvolveu-se o diálogo com autores da Sociologia, Psicologia e Antropologia que esclarecesse como a compreensão do espaço da Arquitetura segundo Norberg-Schulz se aplique às relações de reciprocidade; o chamado “excedente de visão” (BAKHTIN, apud RODRIGUES, 2010, p.132), abriu um novo horizonte de compreensão do objeto de estudo, aqui denominado *espaço relacional*.

O planejamento da pesquisa bibliográfica (seu método, conteúdo e áreas do conhecimento) teve-se primariamente a estudos científicos de base empírica sobre o comportamento humano nas relações interpessoais e com o espaço, e sobre o espaço da Arquitetura enquanto objeto que imprescinde da pessoa, definindo o espaço relacional.

Entre os parâmetros adotados para iniciar a presente abordagem estão elementos, características e propriedades inerentes a todo espaço da Arquitetura (NORBERG-SCHULZ, 1971), e como tal, vinculadas a toda experiência humana; de especial relevo são **Centros, Caminhos e Domínios** que respectivamente concretizam experiências humanas referenciais de centralidade, cruzamentos e foco; continuidade, progressão e fluxo; e semelhanças e unidade exemplificado no **Quadro 2**.

Quadro 2 - Exemplo da relação Espaço-Experiência na compreensão de Norberg-Schulz.

Elementos estruturante do espaço	Experiência sócio-espacial sempre em relação entre elementos ou com o contexto
Centralidade	Da atenção, do movimento, da ação definido por focos de interesse, atividade (por exemplo)
Caminho	Orientação e direção do progresso da experiência em movimentos, aprofundamento, fluxos no tempo e espaço; possibilita e revela construção ou lembranças de memórias e práticas culturais
Domínio	Semelhanças e aspectos reconhecidos comuns para a experiência em curso

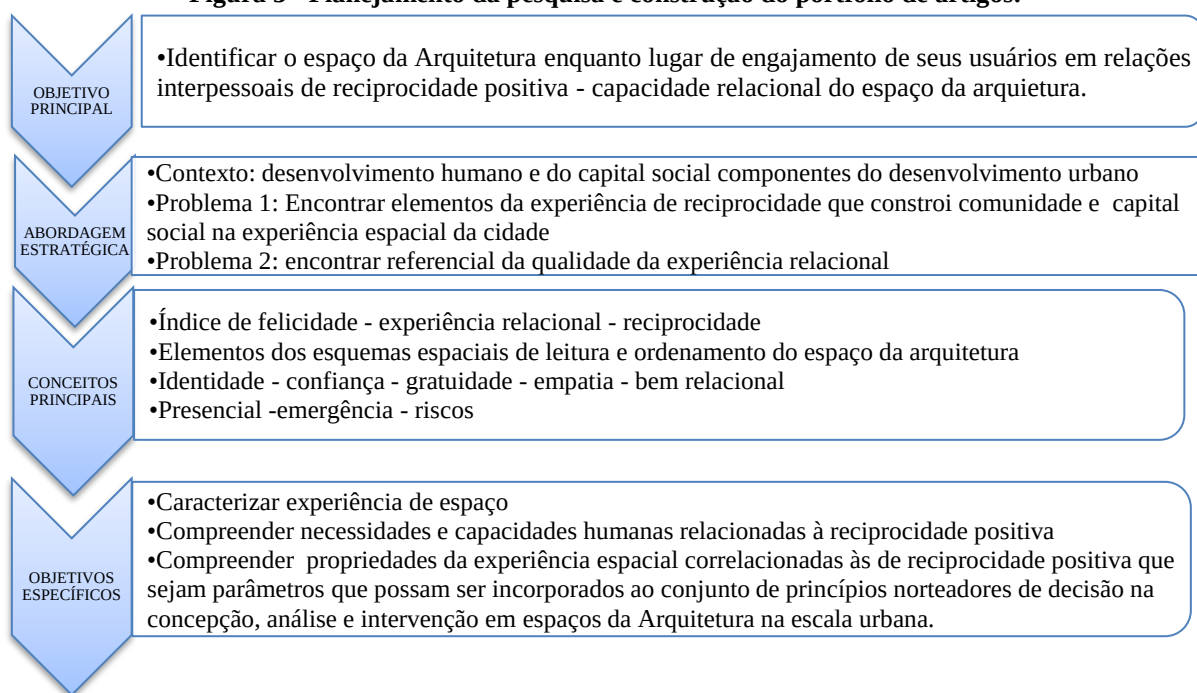
Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Os esquemas espaciais⁹ ou schemata constituem outra premissa de base para construção deste estudo; trata-se de uma capacidade humana de reconhecer referências para o próprio agir e do coletivo, nas relações espaciais entre objetos (físico, social e cultural); através destes as pessoas se orientam e se posicionam no contexto experiencial e no mundo tridimensional (NORBERG-SCHULZ, 1971). Também foram utilizadas como parâmetro as características das RIRs, como a experiência de confiança, posição simétrica e positiva dos envolvidos em interação, e o fato de ser uma experiência presencial e cuja construção demanda o envolvimento gratuito de duas ou mais pessoas e cujo benefício é também simultaneamente compartilhado (BRUNI, 2010).

Partir destes conceitos gerais (**Figura 3**) relevantes para estruturação da pesquisa procurou-se por algo universalmente humano e típico do relacionar-se com o outro que se aplique a contextos urbanos contemporâneos em qualquer lugar, e que ao mesmo tempo se expresse com as especificidades física, social, cultural, temporal e local da experiência de reciprocidade. Iniciou-se, assim, a construção da compreensão do espaço relacional.

⁹ Esquemas espaciais constituem uma premissa de base na Psicologia, Neurociência, Antropologia e Arquitetura adotada neste estudo (BERTHOZ, 2009; BRAIT, BETH (ORG.), 2010; NORBERG-SCHULZ, 1971) entre outros autores consultados.

Figura 3 - Planejamento da pesquisa e construção do portfólio de artigos.



Fonte: Vera Chamie de Souza, 2018.

Para formar o portfólio bibliográfico de livros, artigos científicos e relatórios, além de seminários e palestras considerou-se:

1. Referências dos autores que estruturaram o lastro teórico¹⁰,
2. Citações,
3. Conceitos-chave, e
4. Pertinência do conteúdo e abordagem.

Para a pesquisa bibliográfica, considerou-se periódicos científicos e documentos de instituições de pesquisa vinculados aos autores estudados, avaliou-se as tendências científicas desenvolvidas nos respectivos campos temáticos, e a relevância destas para este estudo. Desta forma introduziu-se as abordagens mais recentes desenvolvidas por Howes (2010, 2013), Ingold (2002, 2011) e Pink (2010, 2011, 2015) da Antropologia sensorial, antes desconhecidos pela autora desta pesquisa e que informaram as observações de campo. Um bom percentual dos artigos consultados classificam-se, no critério Qualis da CAPES para periódicos, entre A1 e B1, com relevância entre 1.85 e 5.72 pelo EBSCO; também serviram de base, seminários acadêmicos sobre espaços públicos da Harvard Graduate School of Design entre 2012 e 2017; do Design Research Institute ligado ao Digital Ethnography Research Centre da Loughborough

¹⁰ Autores de base Norberg-Schulz na Arquitetura, e Simmel e Sennett na Sociologia, referenciaram autores, e estes a outros, contextualizando uma rede de construção coerente do conhecimento ora complementando-se, ora aprofundando, ora atualizando, ora balizando ao apresentar argumentação científica a favor ou contra.

University (UK) e do repositório da RMIT (Austrália) sobre metodologia e teoria aplicada à percepção sensorial do ambiente urbano disponibilizados nos canais Youtube.com destas universidades.

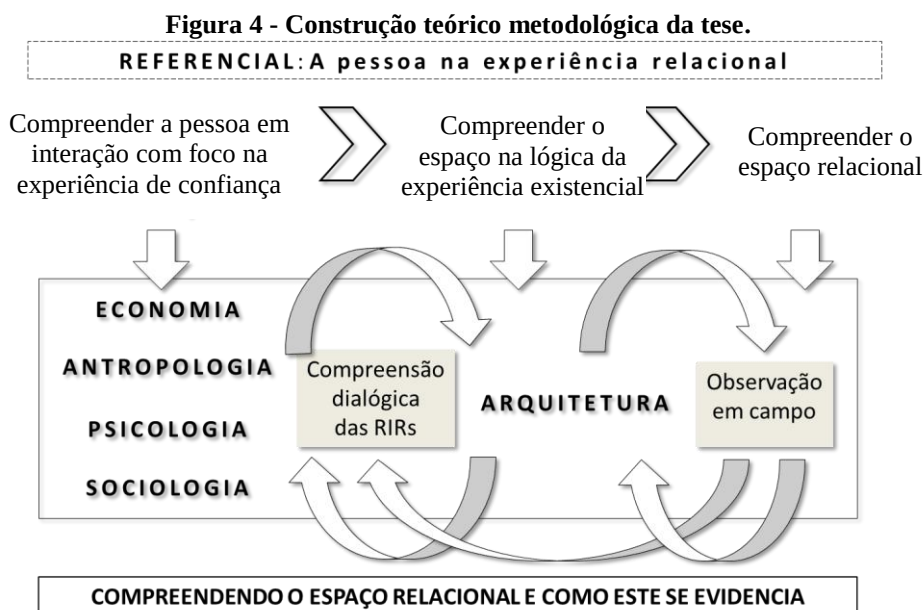
A seleção e coleta de artigos deu-se em função de:

- 1.Relevância dos dados, principais conceitos e abordagens para a pesquisa;
- 2.Leitura crítica pela pesquisadora e por pesquisadores reconhecidos no universo acadêmico;
- 3.Análise de conteúdo e
- 4.Reflexão sobre a contribuição do aporte na construção da argumentação do espaço relacional.

Esta estratégia ajudou a identificar e escolher o universo de estudo representativo do estado da arte, do comportamento e tendências da produção científica sobre o tema estudado. Quando relevante, procedeu-se a catalogação, priorização, e anotação de conceitos de destaque para maior aprofundamento teórico, identificação de correlações, e utilização como parâmetros e cujas evidências observar em campo. Através deste processo recorrente em todo o percurso do estudo e orientado pelas conclusões parciais, em cada etapa desenvolveu-se a compreensão do objeto e definiu-se como aprofundá-la nos viés e abordagens que se agregaram.

Nesta linha, aprofundou-se a compreensão do relevante papel de **contextos** e do ordenamento e relações entre os elementos estruturantes do espaço para a construção destes - muito bem articulados por Bakhtin (1997) e (BAKHTIN apud BRAIT, BETH (ORG.), 2010), por Norberg-Schulz, Pink e Ingold. A construção dialógica da compreensão do espaço relacional através do papel dos estímulos dos objetos (físico, social e cultural) do espaço na formação das respostas comportamentais no espaço da Arquitetura definiu a opção das técnicas de registro do objeto conduzidas pela observação na pessoa do pesquisador. Introduziu-se a opção preferencial por processos **experenciais (espaço físico+ social + cultural em ação)** que resultaram fundamentais na caracterização do espaço relacional, pois é em função destes que propõe-se avaliar as manifestações formais do espaço para o fenômeno relacional. Avaliar sua forma demanda um aprofundamento de chaves de leitura cultural e geográfica específicas e seria prematuro construir, nesta tese, um juízo analítico de valor dos espaços relacionais observados.

O corpo teórico envolvido é ilustrado no **Quadro 3**, e o procedimento de construção (**Figura 4**) deu-se nos passos brevemente descritos em seguida.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Os economistas Luigino Bruni (2008, 2010, 2012), Vittorio Pelligra (2011) e Luca Stanca (2009, 2010) destacaram-se como referencial do caminho empreendido com a pesquisa, pelo enfoque da vertente de seus trabalhos nas *RIRs* e no *bem relacional* resultante destes relacionamentos nas dinâmicas econômicas. A partir destes, considerou-se a relevância das *RIRs* para o índice de bem-estar e de felicidade eudemônica¹¹, e da *confiança* como condição e facilitadora das *RIRs*. Identificou-se nestes dois conceitos elementos-chave da problemática na qual se contextualiza o objeto de estudo e com os quais construiu-se o diálogo interdisciplinar.

¹¹ O economista Bruni faz uma ampla, e ainda assim sintética, narrativa da evolução histórica do conceito de felicidade e bem-estar percorrendo as correntes de pensamento teórico e empírico na Economia, sem omitir o posicionamento das abordagens sociológicas, filosóficas e psicológicas desses conceitos, ao longo do percurso epistemológico. Uma das correntes desenvolvidas em Economia reconsidera a tradição Aristotélica na abordagem eudemônica da felicidade, que é adotada por Bruni e utilizada nesta pesquisa como pressuposto teórico para a compreensão das relações interpessoais de reciprocidade (*RIRs*). Estas relações, enquanto práticas de sociabilidade, são uma componente da felicidade que, fim último da política e da cidade, se encontra enfraquecida por correntes desenvolvimentistas de mercado. (BRUNI, 2010, 2012; BRUNI e STANCA, 2008).

Quadro 3 - Aporte teórico da tese

	EXPERIÊNCIA SOCIOESPACIAL NA ESCALA DO PEDESTRE	EXPERIÊNCIA SOCIOESPACIAL	EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO DA ARQUITETURA	ALTERIDADE VIA INTERAÇÕES DE RECIPROCIDADE	DESENVOLVIMENTO HUMANO	DESENVOLVIMENTO URBANO
PROBLEMA	Características de experiências socioespaciais que colaboram para a experiência de pedestres em espaços públicos	Necessidades e capacidades humanas vinculadas a experiência socioespacial	características de espaços da Arquitetura enquanto expressão concreta e de influência na construção da experiência existencial, suas práticas e valores	características e necessidades humanas vinculadas às dinâmicas das relações interpessoais de reciprocidade	experiência de desenvolvimento humano e de percepção da realidade.	Compreensão da correlação interações de reciprocidade-do desenvolvimento em cidades contemporâneas.
AUTORES	Gehl, Lynch, Hall, Gieseking et al., Gordon et al., Simmel, Sonesson, Norberg-Schulz	Berthoz, Lewin, Gibson, Gifford, Hall, Ingold, Pink, Maturana e Varela, Knapp et al., Tiberghien	Norberg-Schulz, Sonesson, Simmel, Ingold, Pink, Gifford, Gibson, Lewin, Hall	Bruni, Pelligra, Stanca, Schmidbauer, Magari e Cavalieri, Sennett, Hall	compreensão fenomenológica em Norberg-Schulz, Merleau-Ponty, Magari e Cavalieri, Schmidbauer, Bruni, Stanca, Maturana e Varela	Bauman; Putnam; Gehl, Norberg-Schulz; Moraes, Sennett, Simmel
CONTRIBUIÇÃO	Importância da participação ativa das pessoas no processo de decisão/escolha sobre como utilizar espaços, juntamente a arquitetos e planejadores urbanos. Atividades e componentes de espaços da Arquitetura na escala urbana que vão ao encontro de necessidades e bem-estar de usuários fora dos automóveis.	A experiência humana sempre ocorre em espaços da Arquitetura, e possui uma dimensão sensorial perceptiva, da qual são componentes: - a experiência humana universal, - a experiência subjetiva, situacional, - e a experiência espacial. A experiência humana socioespacial influencia a percepção da realidade e é por esta influenciada num processo de continua autopoiese.	O espaço da Arquitetura é concretização da experiência existencial. O espaço é o lugar onde a experiência humana de centralidade, caminhos e domínios se expressa em relações de centros, eixos e domínios. A totalidade espacial resulta de um sistema de espaços em relação; Estes sistemas compõem e, ao mesmo tempo, resultam de várias escalas de espaço em relação. Linguagem não verbal Construção da identidade própria e de lugar, topofilia	Pessoas em interação de reciprocidade produzem bens relacionais de valor. O valor relacional é uma componente da qualidade de vida e do índice de felicidade, que estão em continua construção.	o ser humano está em contínuo <i>divenire</i> , num processo de continua supra-assunção. Desenvolvimento humano no exercício da alteridade. Alteridade como componente da realização humana.	Experiencia de alteridade é componente de dinâmicas urbanas de desenvolvimento que favorecem: - desenvolvimento humano em nível pessoal e coletivo; - construção do capital social; - fortalecimento ético da cultura de solidariedade, de cooperação; de reciprocidade.
TIPOS DE DADOS	Empíricos	Teórico e Empírico	Teórico e empírico	Teórico e empírico	Teórico e Empírico.	Teórico e empírico
AMOSTRAGEM	Hemisfério norte	Várias culturas/países	Hemisfério norte	Hemisfério norte	Universal	Hemisfério norte
TEMÁTICA	Arquitetura - Sociologia	Neurociência - Psicologia - Antropologia	Arquitetura - Antropologia - Psicologia	Economia - Sociologia - Psicologia	Arquit.- Filosofia – Psic. – Economia - Neurociência	Ciência política – Sociol.- Arquitetura – Filosofia

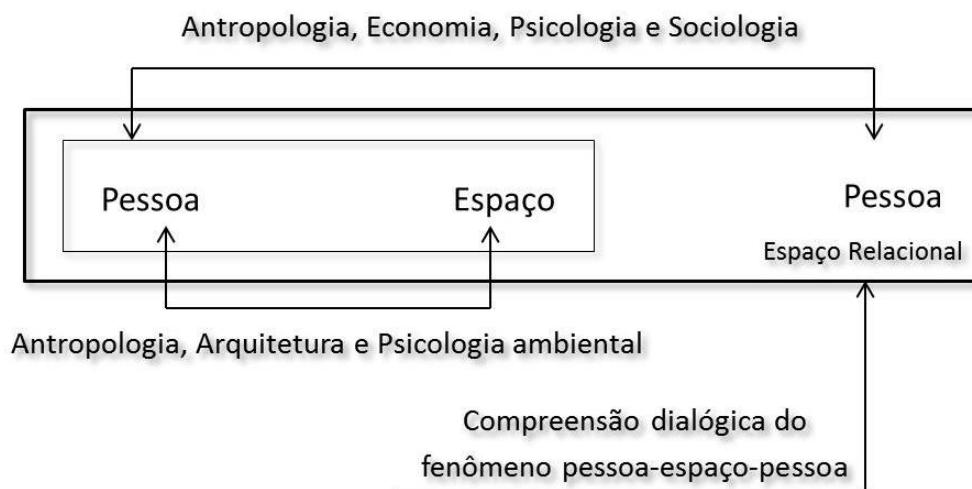
Fonte: Vera Chamie de Souza, 2018.

Os trabalhos de Schimdbauer (2008) e de Lewin, Gibson e Gifford (GIFFORD, 2002) forneceram a contribuição da Psicologia na identificação de necessidades e capacidades humanas psicológicas e sensoriais fundamentais para a compreensão do fenômeno comunicativo em foco. Lewin e Gibson (GIFFORD, 2002) ofereceram a compreensão do comportamento humano e da percepção do espaço no viés da hodologia, da teoria de campo e das *affordances*. Considerou-se ainda a explicação por Schmidbauer do processo psicológico de defesa e superação de medo envolvido no exercício da alteridade, presente nas *RIRs*. A compreensão de aspectos da percepção espacial apontados na Psicologia e com implicações no comportamento social foi também aprofundada através de trabalhos dos neurocientistas Berthoz, Maturana e Varela, e pelos antropólogos Hall, Hogan e Knapp. As necessidades humanas, na experiência sensorial com o outro e com o espaço, identificadas por estas disciplinas, possibilitaram estabelecer correlações com variáveis do espaço cujas evidências foram registradas em fotografia e vídeo na pesquisa de campo.

As abordagens dos sociólogos Simmel e Sennett, possibilitaram alargar a compreensão da problemática de sociabilidade do homem às dinâmicas de centros urbanos. Ambos os autores utilizam conceitos que, recorrentemente utilizados em leituras sociológicas, evidenciam no espaço temporal entre o final do século XIX e início do século XXI, componentes relevantes para a compreensão da dimensão social urbana e contemporânea do comportamento estudado. Estes autores contribuíram no diálogo teórico ao abordarem aspectos sensoriais, psicológicos e físicos da experiência relacional. Simmel e Sennett forneceram subsídios para aprofundar a compreensão do espaço relacional como intrinsecamente espaço-temporal, um fenômeno em contínuo processo de construção social, adequação e autopoiese (SIMMEL, 2000; NORBEG-SCHULZ, 1971, 1983; SENNETT, 2016).

A **Figura 5** ilustra os componentes da construção epistêmica do objeto de estudo através dos dois fenômenos investigados.

Figura 5 - Construção dialógica da compreensão dos fenômenos investigados



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

As etapas de pesquisa, que conduziram o diálogo interdisciplinar, ocorreram de forma concomitante e recursiva:

1. Os estudos em Psicologia e Psicologia ambiental forneceram argumentação sobre a relevância da confiança para as RIRs e dos objetos do espaço e seu contexto imediato para o comportamento humano vinculado às interações de reciprocidade;
2. Os estudos da vivência humana no espaço pela Antropologia que abordam o comportamento, o ambiente e suas mensagens simbólicas revelaram os conceitos de territorialidade e de controle do espaço, e as tipologias de respostas comportamentais típicas a alguns estímulos do ambiente; estas guiaram a identificação de categorias comunicadoras e geradoras de estímulos sensoriais da experiência relacional; os estudos revelaram a recorrência destas variáveis nas experiências humanas relacionais (HALL, 1990), embora estas se expressem em intensidade e formas específicas a cada contexto experiencial, existencial e cultural;
3. Através dos trabalhos de Sociologia identificou-se correlações entre territorialidade, capital social, confiança, identidade e a experiência sensorial e comunicativa em espaços públicos de centro urbanos contemporâneos;
4. E a teoria do espaço da Arquitetura, na compreensão desenvolvida pelo arquiteto norueguês Norberg-Schulz (1971, 1979, 1983) define o espaço como concretização, expressão e orientador da experiência humana e identifica elementos de base que o estruturam e ordenam, quaisquer que sejam suas especificidades funcional, de escala, local ou contexto histórico e social, etc. A chave de diálogo da Arquitetura com as

demais áreas do conhecimento exploradas neste estudo encontra-se nesta abordagem do autor sobre o espaço como resultante e intrinsecamente vinculado à experiência humana, e esta como contínuo aprendizado, *vir-a-ser* e *estar-em-relação-a-algo*. O autor (ibidem) fundamenta-se, assim, em noções presentes em toda experiência sócio-espacial, consideradas ontológicas, fundamentais e universais do ponto de vista filosófico, da Psicologia, Antropologia, Sociologia e Economia, embora seja ainda pouco utilizada como instrumental nas abordagens predominantemente adotadas pela maioria dos arquitetos ocidentais.

A pesquisa de campo, descrita na próxima sessão, serviu de apoio à construção teórica em todos os momentos da pesquisa bibliográfica e consistiu de sessões de observação participante em primeira pessoa pela observadora com dois propósitos:

1. o de observar como as conclusões teóricas sobre espaço e experiência (RIRs) se evidenciam em espaços públicos; e
2. individuar -durante a observação- a presença simultânea de aspectos destes dois fenômenos que pareceram relevantes para compreensão do objeto de estudo.
3. Selecionar os tipos de características evidenciadas que possam fornecer dados mais relevantes e importantes para os envolvidos no processo de concepção, adequação e manutenção de espaços públicos, sejam estes membros da comunidade, da gestão pública, do mercado imobiliário ou arquitetos.

Assim, manteve-se o foco para compreender o espaço relacional a partir dos conceitos norteadores que os textos consultados (teóricas e de campo) revelaram a respeito do espaço e do comportamento humano; e das observações em campo. Textos e observações possibilitaram identificar correlações (completas ou em fragmentos) entre a experiência de reciprocidade e de espaço da Arquitetura.

2.2 Pesquisa de campo

Frequentemente usuários pedestres não percebem as dimensões da experiência humana associada aos espaços urbanos que frequentam. Elas estão presentes em narrativas orais, e descritas em inúmeros contextos socioculturais positivos ou de conflito, em programas de rádio¹² e TV, filmes, cartas, romances e diários, e sua contribuição na Arquitetura para a compreensão do fenômeno pessoa-espaço-pessoa em espaços públicos urbanos, é de relevante importância e atualidade.

¹²Entre bons exemplos de artigos diariamente publicados: <https://www.bbc.co.uk/search?q=conflict> e https://www.bbc.co.uk/search?q=imigration&sa_f=search-product&scope=

Um primeiro contato com os espaços selecionados permitiu detectar fluxos de pedestres, ocorrência de RIRs em graus diversos, e as condições de uso e desempenho físico e comportamental entre seus usuários. Previamente à visita em cada espaço, utilizou-se mapas visuais, por meio dos quais se identificou caminhos de acesso, arranjo espacial e usos do local e do entorno urbano imediato a fim de conhecer o espaço e construir uma base sobre a qual fazer a sua análise crítica.

Buscou-se manter a flexibilidade do método de seleção, observação e análise dos espaços visando preservar o máximo possível a fidelidade ao objetivo. Da revisão e aprimoramento periódicos da metodologia de observação, e do recorrente diálogo com as conclusões teóricas emergiu a necessidade de rever as ferramentas e incluir registros em vídeo e áudio das visitas, orientado por métodos de investigação adotados por Pink (2010) e Howes (2008, 2013) na Antropologia.

Seguindo esta abordagem, a pesquisa de campo eximiu-se de aferir um valor ao potencial relacional dos espaços observados, focando a coleta de evidências de como este se manifesta materialmente e experiencialmente. Isso também requereu e justificou a procura por um modo de transmitir como evidências as propriedades apreendidas em campo— como, por exemplo, a atmosfera do ambiente social e outros elementos intangíveis. O espaço na escala contextual imediatamente maior que a do espaço observado também constrói a experiência observada e foi um componente necessário nas escolhas dos espaços. Porém, espera-se que os resultados desta tese forneçam algum embasamento para posteriores pesquisas que permitam construir indicadores de avaliação do espaço segundo seu potencial relacional.

Neste estágio de pesquisa, procurou-se identificar em campo como as variáveis que resultaram desta primeira tentativa de caracterização do espaço relacional se evidenciam em espaços públicos de centros urbanos, e registrá-las em fotografia e filme. Identificadas como potencial influência sensorial e comunicativa propiciada pelo espaço ao usuário no favorecimento da confiança necessária ao fenômeno relacional investigado, as variáveis do objeto de estudo podem enriquecer e justificar discussões e pesquisa posteriores.

O universo observado engloba componentes materiais e imateriais nas dimensões física, social e cultural do espaço (NORBERG-SCHULZ, 1979), compreendendo comportamento de usuários, fenômenos e relações no ambiente da interação.

2.2.1 A caminhada, método e experiência de espaço e de pesquisa

Numa primeira fase do estudo, a coleta de dados em campo foi feita em fotografia, porém notou-se que esta técnica não capturava evidências de um grande conjunto de variáveis

inerentes ao objeto de estudo, e que se correlacionam com a experiência de reciprocidade justamente através de sua relação com o contexto, mais do que pelo valor absoluto das qualidades de seus atributos.

É a experiência completa propiciada pelo conjunto que importa na abordagem relacional deste estudo do espaço. Explorou-se assim, a dimensão “aberta”, ilimitada e dinâmica de lugar ao invés da dimensão fixa enquanto localidade; assim o “emaranhamento” de experiências evidenciou o espaço que se buscou compreender. As caminhadas demonstraram a experiência relacional: sensorial e comunicativa do espaço das RIRs. Não expressar esta dimensão resultaria infidelidade ao objeto de estudo. Para registrá-la, a pesquisadora precisou experienciar o espaço e registrar em primeira pessoa estímulos, necessidades e sensibilidades sensoriais por este despertadas ao construir a própria experiência sócio espacial simultaneamente aos demais usuários.

A compreensão da experiência relacional do espaço construída nesta tese encontrou suporte nas abordagens, métodos e instrumentos de pesquisa da Antropologia sensorial que destacam o papel da experiência sensorial na construção e leitura do ambiente construído urbano. Destas, o antropólogo Low (2015) faz uma narrativa síntese mencionando Marx, Durkheim, Baldwin, Merleau-Ponty e Simmel; o autor as contextualiza na experiência perceptiva e corpórea sensório-espacial mediante as quais os usuários constroem, percebem e vivem a cidade. Low (ibidem) explora visão, olfato, audição, tato e inclusive sensações musculares – cinestésicas- dos estímulos urbanos. Embora extrapolem os critérios funcional, físico, geométrico euclidiano e estético formal da experiência espacial, estes critérios da experiência urbana são referenciais muito importantes para a construção e compreensão do fenômeno investigado.

Low destaca a contribuição da compreensão por Simmel (SIMMEL apud LOW, 2015, p.298-299) das impressões sensoriais na mediação temporal das interações sociais e posiciona-se a favor da metodologia adotada pelo antropólogo Howes e Pink de coletar registros em vídeos ao estudar a morfologia urbana (LOW, 2015, p. 298-299); entre teóricos de pesquisa da cidade, “urbanidade” e seus lugares, o autor cita os antropólogos Howes, Rawes, Patterson, Stoller e Pink como referenciais para compreensão de interconecções corpo-mente-espaço em experiências espaciais urbanas, e considera o papel do exercício de reflexividade do pesquisador-usuário do espaço como instrumento válido de experiência e construção do conhecimento. A experiência sócio-espacial de lugar plasmada na reciprocidade, é uma experiência dinâmica de encontros “polisensoriais”, de ser e estar num lugar - ‘emplacement’ -

e a corporeidade do pesquisador pode ser explorada como ferramenta válida de pesquisa (LOW, 2015).

Autores de várias correntes de estudos em ciências sociais, Antropologia, Psicologia (LAHLOU, 2010, 2011; PINK, 2015) e Etnografia indicam que entrevistas, questionários, e análise de texto são ineficientes quando o foco de estudo é a ação e processos de comunicação em ato, embora estes sejam relevantes no estudo do conteúdo e da estrutura de representações sociais. Na construção do conhecimento, a contextualização da experiência por vídeo e áudio, permite uma nova forma de acesso do leitor ao contexto situacional e às características sensoriais de coisas, eventos e pessoas constitutivos da experiência investigada, evitando sempre projetar concepções do pesquisador na informação veiculada através do vídeo.

2.2.2 A utilização de vídeos para coleta de dados e transmissão de informação

Utilizou-se de gravação em vídeo em primeira pessoa do pesquisador neste estudo para registrar o espaço físico, temporal, de percursos, velocidades e ritmos nos quais usuários plasmam a experiência do lugar enquanto dele se experienciam (PINK, 2015, p. 243)¹³.

[...] se compreendemos lugar como constituído de movimento, do movimento de pessoas, coisas, do fluir intangível de energia, do clima, da luz do sol, e emoções, então, como pesquisadores, precisamos encontrar modos para acompanhar estas pessoas, coisas, sensações e sentimentos. Tenho postulado que vídeos e fotografia nos oferecem modos de fazê-lo, quando os gravamos ao acompanhar os participantes da pesquisa à medida em que se movem no mundo. O registro da perspectiva em primeira pessoa nos oferece um modo de fazê-lo a partir de uma nova perspectiva física, isso torna particularmente interessante considerar como e o que podemos aprender ao entender essa tecnologia e o conteúdo visual que ela pode produzir, através de uma discussão sobre o movimento.¹⁴ (PINK, 2015, p.245, tradução nossa).

Se por um lado, as caminhadas feitas pelo pesquisador foram enriquecidas pelo aporte teórico construído na pesquisa, estas também enriqueceram a exploração teórica. A gravação

¹³ A conceituação de lugar em PINK (2010; 2015) torna pertinente suas observações sobre o uso da observação do espaço registrada em vídeos em primeira pessoa nesta pesquisa; sua argumentação encontra-se em harmonia com o lastro teórico da Arquitetura adotado na pesquisa, isto é, o de lugar da experiência humana de Norberg-Schulz (1971, 1983), e os referenciais nas demais áreas do conhecimento de Simmel (2000), Sennett (2008, 2012, 2013) e Sonesson (2013, 2014) com os quais se estabeleceu um diálogo nesta tese.

¹⁴ [...] if we understand place as constituted through movement, the movement of persons, things, the intangible flows of energy, the weather, sunlight, and of emotions, then as researchers we need to be able to find ways to follow these persons, things, sensations and feelings. I have argued that video and photography offer us ways to do this, as we accompany and record research participants as they move through the world. First person perspective recording offers us a way to do this from precisely a new physical perspective, making it particularly interesting to consider how and what we can learn by understanding this technology and the visual content it can produce, through a discussion of movement. (PINK, 2015, p.245).

de caminhadas em fotos e vídeos disponibiliza ao leitor/observador não só a dimensão física da realidade, mas também a dimensão que foi experienciada do lugar.

Pink também defende que o caminho traçado pelo usuário pesquisador ao gravar a experiência espacial em vídeo e fotografia é tão válido como a de qualquer outro usuário. Embora os caminhos de trajeto escolhidos pelo observador possam ser questionados, estas formas de registro da experiência espacial mostraram-se efetivas na ilustração de evidências das características espaciais que construíram a experiência socioespacial do pesquisador. Os trajetos do pesquisador podem diferir daqueles traçados pelo usuário comum, mas uma vez que são enriquecidos pelo conhecimento teórico construído em pesquisa, servem para identificar características relevantes para a construção do objeto de estudo. Gravações também foram utilizadas para que, a partir de sua aplicação no contexto desta pesquisa, se possa identificar quais sejam as necessidades de aprimoramento do uso de vídeo e fotografia, como técnicas e instrumentos de compreensão do espaço por arquitetos.

Além disso, tal técnica informa/revela a experiência espacial de caminho e direção do usuário, dois movimentos constituintes e fundamentais para o espaço enquanto concretização e possibilidade da experiência existencial e relacional (BERTHOZ, 1997; GIFFORD, 2002; GORDON et al., 2006; INGOLD, 2011; KNAPP et al., 2014; PINK, 2010, 2015; NORBERG-SCHULZ, 1971, 1983; SENNETT, 2012, 2015; SIMMEL, 2000), mesmo que não transmita o que as pessoas pensam ou sentem e nem mostre ser menos parcial do que outras técnicas (PINK, 2015, p. 246). Reitera-se, entretanto, a necessidade de explorar esta técnica com o aporte da etnografia sensorial em investigações futuras.

Nas considerações de PINK (2010), o registro de caminhadas pelo pesquisador em vídeo separado do juízo de valor das sensações possibilita manter a informação a mais fidedigna possível ao leitor. Esta forma de transmissão da realidade experienciada permite ao leitor construir o seu conhecimento fazendo a sua experiência na leitura do espaço com sua própria bagagem pessoal e científica. A gravação possibilita apreender e comunicar a experiência cotidiana de espaços da cidade na corporeidade do pesquisador em primeira pessoa, incorporando na coleta de dados elementos que estudiosos da sociabilidade consideram de grande importância em centros urbanos ¹⁵. Este é um método muito utilizado e privilegiado por autores consultados nesta tese, ao estudarem a experiência do pedestre na escala urbana (INGOLD 2000, 2011; LOW, 2015; PINK, 2010, 2015).

¹⁵ Entre outros autores consultados estão Bauman (2009); Bruni, Gilli e Pelligra (2008); Brait, Beth ((org.), 2010); Dawsey (2005); Gehl (2014); Gifford (2009); Koolhaas (2014); Norberg-schulz (1971); Maturana e Varela (2011); Sennett (2014); Simmel (2000).

As observações foram conduzidas neste estudo de forma participativa, isto é, o pesquisador percorreu “o caminho acompanhado” de usuários do espaço (PINK, 2010; INGOLD, 2006) colhendo, na medida do possível, a percepção e comportamento psicocorporal do outro.

Os vídeos gerados na observação de campo nesta pesquisa estão disponibilizados nos seguintes links: Av. Paulista: <https://youtu.be/TI62NipHGwg> e Parque do Ibirapuera: https://youtu.be/jbTU_oUPhr4 postados em canal de acesso restrito apenas aos que possuem estes links de acesso.

Das fotografias coletadas em Recife e Olinda, apenas três constam neste estudo porque dois episódios de assalto à pesquisadora resultaram na perda de equipamento e de dados coletados. Por limitações orçamentárias os equipamentos não puderam ser substituídos, revelando ainda uma forte limitação para este tipo de pesquisa. O silêncio na ausência destes registros expressa a tipologia e gravidade dos riscos impostos aos pedestres no uso de espaços públicos dessas cidades.

2.2.3 A escolha da amostragem

Espaços públicos de uso cotidiano, de transição ou permanência podem ser relacionais sempre que dois ou mais usuários engajem-se em reciprocidade. Porque o estudo procura encontrar uma abordagem possível de generalizar-se, a escolha dos espaços onde observar estas ocorrências prezou por: a) contextos culturais, físicos e demográficos diferentes; b) considerou-se espaços de fluxo, polarizadores ou não, com um conjunto diversificado de usuários (locais e turistas), porque as dinâmicas urbanas e econômicas contemporâneas têm justificado o crescente fluxo de usuários provenientes de locais fora do contexto imediato (BAUMAN, 2009; CASTELLS, 1999; SENNETT, 2012.); e c) em dias úteis e fins de semana.

É importante lembrar que a observação de campo foi conduzida sempre respeitando o propósito de ilustrar ao pesquisador e leitor evidências das correlações significativas encontradas no estudo teórico, e não uma avaliação espacial¹⁶. Foram observados espaços com considerável reconhecimento público da forma e estética na Arquitetura, grande poder de atração de usuários ao longo da história ou onde o baixo nível de sociabilidade entre usuários perdura ao longo do tempo. As amostras (**Quadro 5**) foram coletadas em dois continentes

¹⁶ A avaliação requer nova etapa de pesquisa onde se possa encontrar substrato que permita a construção de critérios e indicadores para as variáveis, considerando as especificidades locais. Isso requer um novo trabalho de aprofundamento destes elementos em função das especificidades geográficas e socioculturais locais, que extrapolam o recorte e o objetivo deste trabalho.

segundo ,5 grupos de variáveis de caracterização do espaço (ver **Quadro 4**): Américas e Europa; foram selecionadas considerando a diversidade de contexto geográfico, climático, sócio-político-cultural em coerência com a abordagem ontológica, generalizante, adotada nesta tese.

Quadro 4 - Programa de observação.

Grupo	Contexto físico-sócio-cultural	Variáveis observadas	Locais observados
A	O Espaço Relacional	Espaços de fluxo	Europa Central Praga: Ponte Carlos Europa Sul Itália: Como Veneza Siena Florença América Norte USA: Houston Brasil: Recife
		Espaços focais	
C e D		Usuários/caráter	
B		Atividades em andamento	
C		Experiência afetiva (resultante de estímulos)	
C e D		Produtores de estímulos - contexto I: o espaço	
C e D e E	Espaço Relacional/escala imediatamente maior: Contexto	Produtores de estímulos - contexto II: o entorno	
todas	Experiências	-Territorialidade -Comunicabilidade e legibilidade das affordances -Conforto	

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Quadro 5 - Locais de observação analisada

variável	Contexto físico-sócio-cultural		República Tcheca:	Itália: Noroeste Lombardia - Nordeste Veneto			Centro Toscana -		América do Sul: Nordeste		Sudeste		Centro-oeste		Norte América: Centro-Sul
			Praga	Como	Veneza		Siena	Florença	Recife	Olinda	São Paulo		Brasília		Houston
A	CARACTERÍSTICAS ESTRUTURANTES	Espaços de fluxo	Ponte Carlos	Passeggiata Villa Olmo + V. Giancarlo Puecher+	sim		sim	sim	sim	sim	Av. Paulista	Ibirapuera	Cidade Satélite	Eixo Central	Parque urbano Hermman Park
		Espaços focais?	Ponte Carlos	Monumento ai Caduti - Sant'Elia	Ruas locais	pç San Marco	Piazza del Campo	Casa dei Medici, catedral, Piazza della Signoria	Marco Zero	Quatro cantos	Av Paulista	Ibirapuera	Praça de cidade satélite	Eixo central	Park
C e D	O ESPAÇO	Usuários/caráter	cotidiano e Turístico pedestre	cotidiano, usuários locais e turístico, pedestre, bicicleta, veicular	cotidiano. Usuários locais e turístico, pedestre	cotidiano. Usuários locais e turístico, pedestre	Cotidiano. Usuários locais e Turistas		Cotidiano, usuários locais e Turístico	Foclórico, usuários locais e Turístico	Cotidiano, usuários locais e Turístico	Cotidiano, usuários locais e Turístico	Cotidiano, usuários locais	Cotidiano, usuários locais e Turístico	Cotidiano, usuários locais e Turístico
B		Atividades em andamento	Observação, fluxo, consumo	Observação, recreativo passivo e ativo	Observação, fluxo, consumo	Observação, fluxo, consumo	Observação, consumo	Observação, consumo, recreação	Observação, consumo, recreação ativa, medo	Observação, consumo, recreação ativa. Medo	Observação, consumo, recreação ativa.	Relax, observação, interação, recreação, consumo		Observação, fluxo	Relax, Observação, interação
C		Experiência afetiva (resultante de estímulos)	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade, surpresa	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade, surpresa	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade, medo	Interesse, curiosidade, alegria, curiosidade, medo e desgosto	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Interesse, curiosidade, deleite, curiosidade	Medo, desconforto	Curiosidade, desconforto, entristecedor,	Interesse, curiosidade, deleite, conforto
C e D		contexto I: Produtores de estímulos - o espaço	vista da cidade, das esculturas, das outras pessoas, a cidade pequena onde se chega ao atravessar a ponte da cidade velha é uma forte atração	vista da paisagem de cidades pequenas ao lado; apreciar corpo d'água; e demais usuários; relaxante ativo e passivo	Arquitetura, corpo d'água, pessoas, as ruas são caminhos necessários e única possibilidade de locomoção para os pedestres, com exceção do ferry	Arquitetura, pessoa	Arquitetura, atividades, outras pessoas	Arquitetura, escultura, outras pessoas	Arquitetura, corpo d'água, pessoas	Música, pessoas, elementos da Arquitetura. Residencial, Comercial, Prestação de serviços	Comercial, residencial, Prestação de serviços	Natureza, relax ativo e passivo, pessoas	nenhum	Arquitetura	Natureza, corpo d'água, caminhos
C D E	Espaço/escala imediatamente maior: Contexto	Contexto II - o entorno	Administração pública, escritórios particulares, hotelaria	Hotelaria, Residencial, Prestação de serviços, escritórios, Atividades de ensino, Serviços financeiros	Residencial, Comercial, Prestação de serviços, Atividades de ensino, hotelaria	Residencial, Comercial, Prestação de serviços, Atividades de ensino, hotelaria	Residencial, Comercial, Prestação de serviços, Atividades de ensino, administração pública		Escritórios e turismo	Residencial, hotelaria, Prestação de serviços comerciais	Comércio, Prestação de serviços, residencial, hotelaria, recreação	Recreativo, residencial	Residencial	Administração pública, Serviços financeiros, Hotelaria	Prestação de serviços, residencial, comércio

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

2.2.4 Outras técnicas e métodos

Complementarmente, foram utilizados dois outros métodos, a fim de ajudar a compreensão e explicação do espaço relacional: coleta de impressões da experiência sensório-espacial em campo pelo pesquisador, que resultou no **Quadro 5**; entrevista semiestruturada com um representante da gestão de espaço público, e não estruturada com um grupo de turistas. A semiestruturada foi realizada em outubro de 2017 a uma representante técnica da parceria para planejamento, administração municipal-universidade pública (INCITI), construção e gestão de um espaço público construído em Recife - O Jardim do Baobá – que é parte integrante de um projeto maior intitulado Parques do Capibaribe. Esse tipo de informação foi importante porque ilustrou a imprescindibilidade da participação da gestão pública para a dinâmica do espaço relacional, enquanto bem comum. A entrevista focalizou o papel dos atores institucionais para o exercício ético e democrático da territorialidade.

A entrevista não estruturada a um grupo de jovens turistas em passeio pelo Marco Zero, na cidade de Recife, forneceu impressões das visitantes e usuárias deste espaço público, e ilustrou suas respostas às condições de violência urbana e insegurança, bem como a riqueza da experiência sensorial construída por componentes imateriais culturais desse espaço.

Foi considerado desnecessário conduzir posteriores entrevistas aos usuários porque muitas experiências relacionais não são construídas de forma 100% consciente, as influências sensoriais do espaço nem sempre, quando percebidas, são bem expressas na linguagem verbal ou gráfica de seus usuários; mas sobretudo porque o objetivo deste estudo é colher o resultado comportamental nas condições espaciais em que estas ocorrem.

2.3 Análise

A primeira sessão de visitas aos lugares de observação resultou da necessidade de atuação antecipatória, estratégica para o gerenciamento das observações participantes; destas observações resultaram registros em anotações e fotografia da experiência do lugar e da imagem do lugar construída na experiência do pesquisador enquanto usuário do espaço. A análise deu-se em três estágios:

1. Para análise posterior à seleção, selecionou-se aqueles espaços onde se observou a ocorrência de RIRs, a) frequência e recorrência de uso por grande público heterogêneo ao longo do tempo de existência do espaço; b) e onde o pesquisador experienciou algum nível de confiança.

2. Num segundo momento, a análise dos espaços embasou-se na observação dos elementos e características identificadas nas matrizes *de variáveis estruturantes, funcionais, comunicantes e comunicativas do espaço*.

Foi necessário dedicar um período para a análise e reflexão das informações teóricas, das registradas em fotografia e vídeo e das impressões construídas pela pesquisadora nos espaços observados, a fim de compreender o que permitia identificar correlações presentes no fenômeno pessoa-espaço-pessoa que, em sintonia com o aporte teórico e, conseqüentemente, caracterizar o espaço relacional.

3. Deu-se então início ao terceiro e último estágio de análise das evidências do espaço relacional nos espaços observados, adicionando-se novos critérios para identificação de correlações, mediante análise dos registros da memória da imagem, em fotografia, vídeos e anotações.

3 COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES SITUADAS NO ESPAÇO

As variáveis conceituadas e apresentadas neste capítulo resultam da análise de conteúdo, dos dados coletados em artigos, livros, palestras e trabalhos científicos e da observação em campo a respeito de interações interpessoais de caráter positivo. O conteúdo de cada variável foi colhido em mais de uma área do saber em diálogo com as demais, o que se tornou possível porque o lastro de conceitos-chave de base partiu de uma abordagem comum nas respectivas áreas do conhecimento utilizadas - a experiência humana: o foco da resposta buscada nas perguntas feitas a cada uma destas áreas é a pessoa no seu vir-a-ser e vir-a-ser-com-o-outro.

Neste capítulo, apresenta-se e explica-se a compreensão dos conceitos utilizados para identificar e compreender o objeto de estudo, mencionando os autores do aporte teórico utilizado, as áreas de conhecimento consultadas e o que estas revelam acerca das necessidades e capacidades humanas relevantes para a experiência de reciprocidade em foco. Nas sessões seguintes, explica-se as necessidades e capacidades que se sobressaíram de forma associada às *RIRs*.

3.1 A Pessoa em relação e agir situado

O sentido do ato relacional positivo e recíproco está associado ao contexto no qual ocorre. O agir investigado é um fenômeno dinâmico, “possibilidade de vir-a-ser” (ARISTÓTELES apud BRAIT, 2010, p.14), é uma modalidade de alteridade a partir da materialidade e imaterialidade da experiência vivida, que resulta de escolhas humanas intrinsecamente associadas a valores, como toda ação, e que extrapolam o aspecto econômico (BAKHTIN apud BRAIT, 2010). Assim, continua Brait, Bakhtin explica claramente que “a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido a partir do mundo dado, o mundo, como materialidade concreta” (BAKHTIN apud BRAIT, 2010, p.22) é sempre intrínseco de “valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação” (Ibidem); e n’ele o sujeito também postula o mundo através de seu agir. Assim, com Bakhtin, o sentido do espaço da Arquitetura explorado na abordagem de Norberg-Schulz (1971, 1979, 1983) como expressão e concretização da experiência existencial, revela-se ainda mais forte. A experiência contextualizada orienta o agente ao mesmo tempo em que este a renova (NORBERG-SCHULZ, 1971). Já no início do século XX, Bakhtin explica a dinâmica de continuidade e de valor do vir-a-ser como componente intrínseco da experiência sócio espacial.

Explicada desta forma, a experiência de alteridade na relação dialógica e recíproca de cooperação é um processo, dinâmico e de valor, de vir-a-ser das pessoas e do mundo concreto. Este processo é de fundamental importância para a estruturação coerente da lógica deste estudo, que objetiva o desenvolvimento humano pessoal e coletivo *pari-passu* ao desenvolvimento territorial urbano contextualizador e contextualizado por riscos.

Daí a utilização da abordagem Aristotélica de *eudaimonia*, e Bakhtiniana da capacidade relacional humana na criação e desenvolvimento da realidade, na liberdade consciente do próprio agir. As reflexões de Aristóteles e Bakhtin fornecem uma explicação de base para o caráter relacional da construção de sentidos da cidade. Os usuários citadinos constroem os próprios espaços transmutando-os em lugares. É enquanto agentes na “condição de *eu para-si* necessária para formação de sua identidade subjetiva” e de “*eu para-o-outro*, necessária para inserção dessa identidade no plano relacional/responsivo, que lhe dão sentido” (BRAIT, 2010, p. 22-23), que juntos, os usuários do espaço constroem a cidade, cada um como “ser sensível”, que *vem-a-ser-com* os outros.

Em filosofia do ato, Brait (2010) fornece outras contribuições de Bakhtin, igualmente importantes, para a compreensão da relação pessoa-espaco-pessoa. O autor designa ato como algo ativo, duradouro, participativo e responsivo a alguma coisa ou alguém (ao mundo e ao outro com quem entra em relação); explica a dimensão ética implícita no agir das pessoas, que são agentes responsáveis pelos próprios atos (BRAIT, 2010, p.20-33). Brait evidencia que Bakhtin explica a existência de elementos invariáveis pré-existentes a cada ato, sem os quais não se cria o ato: “não nega elementos repetíveis, constantes, da estrutura processual dos atos humanos, base da possibilidade de generalização a partir do específico, que é um dos pontos altos de toda arquitetônica dialógica Bakhtiniana” (BRAIT, 2010, p.25). Por fim, nos termos propostos por Bakhtin, o valor e significado do ato é contextualizado a partir do mundo físico, social e cultural, em tempo e espaço específicos.

A partir dessa afirmação, pode-se inferir, por exemplo, que na construção do lugar relacional, experiências socioespaciais - favoráveis ou não, como o medo e a desconfiança - que contextualizam a reciprocidade positiva, , por exemplo,, conferem valor e sentido , ao espaço da arquitetura

Os psicólogos Gibson e Lewin (LEWIN apud GIFFORD, 2002) e Knapp, Hall e Hogan (2014), os sociólogos Sennett (2008) e Simmel (2000), e os antropólogos Howes (2010) e Ingold (2002, 2011) também contribuem para esta compreensão da experiência relacional - fornecendo critérios sensoriais discutidos a seguir - ao explicar a experiência corpórea sensível

como componente construtor de relações e da experiência de continuidade do interagir no espaço.

3.2 Felicidade, Encontros e Relações interpessoais de reciprocidade

Ações de reciprocidade positiva são consideradas exercícios de alteridade constitutivos e indispensáveis à pessoa, uma das suas necessidades básicas, essenciais para o bem-estar e desenvolvimento pessoal e social (BRUNI, 2012, p. 69-70). Este tipo de experiência social tem sido identificado com nuances diversas na literatura contemporânea por Bauman (2009), Simmel (2000), Bruni (2008), Gui (1987), Seligman (2004), Stanca (2008), Nussbaum e Uhlhaer (apud BRUNI, 2012), Putnam (2003) e pelo prêmio Nobel 1998 de Economia Amartya Sen (BRUNI, 2012), dentre outros, como componente necessária ao desenvolvimento humano. Em *Sistemi di dono- reciprocità e modelli di felicità*, a socióloga Licia Paglione analisa uma amostra das abordagens mais relevantes destas interações de tipo cooperativo no âmbito econômico e social, enumerando-as e comparando-as segundo suas caracterizações, componentes e consequências nas dinâmicas econômicas e sociais contemporâneas (PAGLIONE, 2009, p.16-131); a autora as correlaciona também às discussões atuais sobre felicidade pública.

Não desconsiderando os componentes resultantes da satisfação das necessidades humanas e sociais tangíveis e intangíveis (SELIGMAN apud BRUNI, 2012), um dos pontos fundamentais da corrente tradicional “Authentic Happiness”, incluindo a Teoria da Felicidade, entende os relacionamentos interpessoais de reciprocidade como um componente indispensável para a felicidade, esta última entendida como florescimento humano. Desta teoria abstraiu-se os conceitos “Bem Relacional”, “Relacionamentos Interpessoais de Reciprocidade” e “Confiança” que fundamentaram este trabalho.

A maioria das abordagens mencionadas acima refere-se à significação de felicidade como florescimento humano resultante *das escolhas humanas*, e relacionada às interações interpessoais de vínculo, intrínsecas ao ser-humano:

Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles afirma: 'É certamente absurdo fazer um homem solitário feliz: ninguém, de fato, escolheria possuir todos os bens à custa de desfrutá-los sozinho: o homem, na verdade, é um ser social e portado por natureza a viver junto com os outros. Essa característica, portanto, também pertence ao homem feliz. [...] O homem feliz precisa de amigos. (ARISTOTELES 1979, p. 398 apud PAGLIONE, 2009, p. 44, tradução nossa)¹⁷

¹⁷ Nell'Ética Nicomachea Aristotele afferma: 'E' certo assurdo fare dell'uomo felice un solitario: nessuno, infatti, sceglierebbe di possedere tutti i beni a costo di goderne da solo: l'uomo, infatti, è un essere sociale e portato per

Esta abordagem relacional do desenvolvimento e da felicidade que até hoje subsiste às abordagens utilitaristas econômicas predominantemente presentes nas dinâmicas contemporâneas, ganha maior espaço, segundo Bruni (2012), na filosofia e no campo científico nos últimos anos após um longo percurso, de Aristóteles a Amartya Sen -um dos criadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Em seu significado social, felicidade refere-se ao florescimento humano decorrente dos relacionamentos interpessoais mantidos com fim em si mesmos, dentre outros fatores. Segundo pesquisas sobre novos indicadores do IDH, os relacionamentos interferem significativamente no índice de felicidade das pessoas, nos mais variados cenários demográficos, socioeconômicos e culturais (BLESSI et al, 2014; BRUNI, 2012; STANCA 2008).

Este estudo se insere nesse contexto e o expande, ao revisitar a compreensão de espaço da Arquitetura construindo um olhar teórico que conecta estas relações aos espaços públicos no seu uso cotidiano e em prol do desenvolvimento social urbano, ao pressupor que este seja um papel da cidade através,, inclusive, de sua Arquitetura e espacialidade.

O comportamento cooperativo humano de reciprocidade¹⁸ descreve-se na Economia através da palavra latina *retro-procus* que designa movimento em dois sentidos - dar e receber - que se faz necessário para que haja qualquer troca; a reciprocidade designa uma relação mútua onde dois ou mais sujeitos dão e recebem algo simultânea ou sequencialmente (BRUNI e STANCA, 2008). O termo implica a existência de uma *intenção primeira de dar* e uma de corresponder entre os envolvidos na interação.

Na compreensão de Bruni (2008, 2010, 2011, 2012) adotada neste estudo, as *RIRs* caracterizam-se pelo oferta recíproca, gratuita e não instrumental de algo de si próprio, e contribuem para a *eudaimonia* aristotélica (BRUNI, 2012; PAGLIONE, 2009, p. 42); esta “[...] consiste em uma atividade, mas é claro que esta atividade é um poder vir a ser e não algo objeto de uma posse estável [...]” (ARISTOTELES 1979, p. 399 apud PAGLIONE, 2009, p. 44, tradução nossa); é uma experiência dinâmica em continua construção. Nesta abordagem, Felicidade consiste então em *atividade e experiência* humana - e não *uma coisa* - que promove o desenvolvimento humano.

natura a vivere insieme con gli altri. Questa caratteristica, quindi, appartiene anche all'uomo felice. [...] L'uomo felice ha bisogno di amici'.

¹⁸ A teoria aborda reciprocidade positiva e negativa. Esta investigação explora apenas os aspectos da reciprocidade positiva, cujo comportamento se caracteriza, de forma geral, pela atitude de uma pessoa que responde com gentileza a uma gentileza recebida.

A este ponto, pode-se caracterizar as relações interpessoais de reciprocidade positiva do seguinte modo:

- a. dependem da iniciativa de uma pessoa e de uma correspondente resposta do outro, ou seja, que haja *reciprocidade de intensões relacionais*;
- b. requer um grau mínimo de cooperação, na intenção de desenvolver a interação ou ao menos a atividade que a envolve;
- c. “é um comportamento social padrão que deveria caracterizar a interação social de adultos normais”¹⁹ (BRUNI, 2008, p.20).
- d. Na superação do “próprio eu”, na experiência da alteridade ao relacionar-se e encontrar-se no outro, constrói-se a supressão de cada pessoa (MORAES, 2012, p. 59-66), seu desenvolvimento e identidade; seu reconhecimento de si mesmo e do outro.
- e. Desta relação também emerge algo de valor simultaneamente acessível e compartilhado pelos envolvidos na interação, um bem imaterial, que Bruni conceitua como *bem relacional*.
- f. Os benefícios ou prazer constituintes do bem relacional resultante das RIRs estão associados conforme e decorrente da motivação e interação com o outro (BRUNI, 2012). Hirschman (HIRSCHMAN, 1996 apud BLESSI et al., 2014) evidencia outra característica do bem relacional: este propicia simultaneamente conforto e estímulo; constrói memórias pessoais e coletivas, caracterizando-se uma dinâmica positiva de construção do capital social.

A partir destas características do *bem relacional* e das relações de reciprocidade positiva na abordagem de Bruni, delineou-se sete características básicas das RIRs (ilustradas no **Quadro 6**); estas se mostram ser uma experiência autopoética, relacional, sistêmica e multidimensional. Este foi o perfil referencial utilizado na tese para identificar correlações com o espaço da Arquitetura.

19 O texto original compara reciprocidade com o comportamento oposto, “The opposite concept is that of unconditional behavior, the search for satisfaction without being under any obligation to give anything in return. Psychology sees this unconditional behavior... as the primitive object relation that characterizes children in their early attachments and that if left ungoverned may later lead to pathologic narcissism. Adults meanwhile substitute reciprocity to this desire for unconditional attachment. Therefore, from a psychological point of view, reciprocity is the standard of behavior that should characterize the social interaction of normal adults.” (BRUNI, GILLI e PELLIGRA, 2008, p. 20).

Quadro 6 - Características adotadas como referencial das *RIRs*.

Características	Explicação
Identidade	A identidade de cada um dos envolvidos na interação é um componente fundamental para que ocorra a interação entre duas ou mais pessoas. Na interação constrói-se a identidade individual e coletiva dos envolvidos, nas dimensões pessoal, social e cultural. Identidade resulta da experiência de vir-a-ser do eu-para-si, com-o-outro, e para-o-outro (BAKHTIN apud BRAIT 2010; MORAES, 2012). Nas <i>RIRs</i> conhecer, reconhecer e desenvolver a si próprio está estreitamente dependente do conhecer e reconhecer a individualidade do outro, diversa da própria (BRUNI, 2012; MAGARI; CAVALIERI, 2008; SENNETT, 2012).
Reciprocidade	A intenção e escolha de relacionar-se é uma experiência compartilhada e recíproca. Nas <i>RIRs</i> , se é sempre a incerto de como a interação se desenvolverá, e do usufruto do bem relacional; reciprocamente aposta-se no risco da relacionar-se com o outro, (estranho a si próprio) e de abrir o próprio espaço pessoal para comunicar-se e depositar confiança no outro.
Simultaneidade	As trocas dos dons de si ocorrem simultaneamente à geração dos riscos e do bem relacional, ao seu compartilhamento e usufruto.
Intencionalidade Motivação	O valor da interação é tanto maior quanto maior for a intencionalidade, a confiança e motivação (não instrumental) alocada por cada um dos envolvidos na interação. Estes fatores repercutem na resposta do outro com quem se interage, no desenvolvimento e resultado da interação. A motivação não é contratual ou econômica, mas resulta do desejo de encontrar-se (MORAES, 2012, p. 60-61).
Emergência	A interação emerge do encontro, da escolha de reconhecer e interagir com outro; emerge da opção por arriscar engajar-se em interação com o outro, num dado espaço compartilhado e é influenciada por seus contextos; imprevisibilidade, e, portanto, riscos ²⁰ , esta é uma das suas características.
Bem:	A relação equivale a um “bem”. Porque não é um produto, nem resulta em produto comercializado, não é um objeto. O Bem é fortemente vinculado à valores e práticas sócio culturais. (BRUNI, 2012).
Bem-comum:	Não se caracterizam como bem privado nem público exatamente porque não resultam do trabalho fornecido, comercializado ou administrado por entidades diversas das pessoas que dele usufruem. Não são produzidas ou distribuídas num espaço de tempo fora do encontro e da interação; a relação gera e disponibiliza o bem de valor aos envolvidos na interação de forma équa e simétrica.

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

²⁰ O risco é um fator posto aos participantes de interações interpessoais (um tipo de *affordance* expresso pelo outro, adaptando o conceito de Lewin) sobre o intercâmbio de dons predominantemente imateriais e intrínsecos de valor. (BRUNI, 2012; PELLIGRA, 2011; SCHIMDBAUER, 2008; STANCA, 2009).

3.3 RIRs e Desenvolvimento urbano

Stanca (2009) construiu uma pesquisa com dados coletados em 94 países em todos os continentes por 30 anos pela World Values Survey e fornecidos por respondentes cobrindo 90 por cento da população mundial. O autor considera os resultados de seus estudos consistentes na pesquisa longitudinal e transversal, revelando atividades relacionais como uma variável estruturante de um dos indicadores do índice de bem-estar subjetivo, paralelamente a indicadores socioeconômicos e demográficos. A pesquisa identificou três grupos de variáveis significativas para o bem-estar subjetivo, uma das quais resulta do “valor relacional” que emerge das atividades desenvolvidas durante relações interpessoais; destas, reporta-se aqui as classificadas pelo autor em três grandes esferas de interações e que podem ocorrer em espaços abertos urbanos: a) pessoais, resultantes do estado civil e vinculados à membros da família imediata (cônjuge e filhos); b) com familiares e amigos; c) vinculados a várias formas associativas da dinâmica social urbana. Encontrar características espaciais da Arquitetura favoráveis à essas esferas de relacionamentos em espaços abertos é o foco desta investigação.

Se a missão da Arquitetura na esfera pública decorre de uma necessidade ética e democrática de salvaguarda do bem comum e da sociabilidade voltada para o bem social e subjetivo da pessoa, então, pode-se dizer que para o bem-comum da *polis* são imprescindíveis lugares públicos onde presencialmente seja possível construir e celebrar elos de valor relacional (BRUNI, 2010, 2011, 2012), compartilhadamente gerado e usufruído pelos usuários (NORBERG-SCHULZ, 1983).

Diversa, porém, é a dinâmica propiciada em espaços públicos em decorrência de parcelamento do solo executado por agentes exógenos conforme lógicas e significados mercantis vigentes. A prática ilustra que estes têm frequentemente substituído valores previamente e socialmente construídos e conferidos ao território da cidade pela comunidade local. Nestas porções territoriais da cidade, são corriqueiras as experiências de usuários que se protegem mutuamente dos riscos que reciprocamente representam, e observa-se pessoas ao mesmo tempo fisicamente tão próximas e tão distantes em espaços onde a insegurança alimenta o medo, e o senso de pertencimento é frágil.

Interações de reciprocidade em espaços públicos precisam ser salvaguardadas por intervenções simultaneamente políticas, educacionais, de segurança e de gestão pública, que garantam um nível mínimo de segurança e visibilidade ao espaço. Estes aspectos extrapolam o escopo do presente estudo, porém, indo além, faz-se necessário abordar a experiência de confiança própria e interpessoal na dimensão mencionada no capítulo 1, para poder compreender como o espaço pode influir na superação da condição de vulnerabilidade na qual

se coloca quem escolhe expor-se a interagir com o outro a quem se desconhece (MAGARI e CAVALIERI, 2008; SCHMIDBAUER, 2008). Este passo faz-se necessário para compreender quais sejam os elos fortes entre o espaço da Arquitetura e as condições para ocorrência das *RIRs*.

Estas reflexões deram origem à seguinte pergunta: Estes fenômenos experienciais podem ser considerados característicos do espaço de reciprocidade?

3.4 Superando a experiência de medo

De que modo o espaço relacional na Arquitetura pode favorecer o superamento da experiência de medo? A investigação pôs esta pergunta à Psicologia e à Psicologia ambiental, cujas conclusões se reportam nesta seção.

Na abordagem do psicólogo e psicanalista alemão Wolfgang Schmidbauer (2008), a confiança é o oposto ou a solução para a desconfiança que pode se fazer presente no medo que impede as pessoas de se relacionarem umas com outras. A tendência humana a evitar o medo ao invés de enfrentá-lo, tem sido favorecida na sociedade moderna e contemporânea (Ibidem), através da oferta de instrumentos de fuga que perpetuam a fuga de problemas causadores do medo. A fuga perpetua a experiência de medo das pessoas e, conseqüentemente, perpetua também a necessidade de desenvolvimento humano.

Em sua obra, *Sensação de medo*, Schmidbauer evidencia que práticas sociais vinculadas a tendências consumistas de fácil acesso a mimos opcionais proporcionados na sociedade encorajam manifestações narcisistas da experiência de medo e contribuem significativamente para exigências narcisistas em resposta ao medo. Afirmarções narcisistas inibem a interação interpessoal com o outro “diverso” de si próprio e estimulam a reclusão (SCHMIDBAUER, 2008). Estes comportamentos se refletem na esfera pública da experiência social.

Uma das formas psicologicamente não saudáveis de lidar com o medo - caracterizada no mimo ao qual a sociedade contemporânea tem dado espaço – dá-se através da atenção aumentada à causa do medo. Com esta atitude, justifica-se a situação de medo e propicia-se a falsa impressão de isenção da responsabilidade de superá-lo e resolvê-lo. Isso traz grandes prejuízos à resolução de conflitos na esfera social. O estímulo mimoso em resposta ao lamento retrata uma postura psicologicamente associada ao desejo de que uma autoridade resolva o problema. Isto reforça o baixo nível de autoconfiança diante da incapacidade de dominar a realidade exterior e bloqueia a iniciativa pessoal para encontrar uma saída através do próprio esforço (SCHMIDBAUER, 2008). Esta atitude diante do medo também traz prejuízos para o relacionamento social entre estranhos na esfera pública da cidade.

O autor continua afirmando que um dos efeitos produzidos pela utilização inapropriada de alguns tipos de produtos de uso cotidiano que oferecem experiências virtuais, de ilusões e lazer é a inibição da atitude proativa da maioria dos consumidores para entender as causas dos problemas, desde os mais fúteis aos mais complexos. Isto reduz a capacidade intelectual das pessoas para entender o problema, impedindo-as de superar o medo ou de encontrar uma solução para erradicar as suas causas. Esta atitude cultural pode ser ilustrada nas relações com os objetos, mas é também criada na esfera dos ambientes e das relações sociais contemporâneas. Esta incapacidade, também mencionada por Sennett (2012) como tendência de incapacitação é imposta às pessoas pelos modelos contemporâneos de desenvolvimento da tecnologia da informação e de produção e pela cultura excessivamente materialista predominante no ocidente contemporâneo. Essa cultura tem favorecido a economia do armazenamento e da maximização de lucros na construção de cidades, trazendo desvantagens e lados sombrios da crescente ocorrência de traumas psíquicos e predisposição ao medo (SCHMIDBAUER, 2008).

O autor propõe a prática continuada dos rituais construtivos contra o medo que podem surtir o efeito de saná-lo, e a criar espaço para alternativas. A prática continuada da sociabilidade entre estranhos pode colaborar e sanar atitudes defensivas devido ao medo da incerteza e da imprevisibilidade causada na proximidade de estranhos. Além disso, pode também se beneficiar da criação de espaços de tolerância e de bom humor onde seja possível aceitar e enfrentar a situação de medo. Porém, uma vez que a retirada é um comportamento importante na natureza em suas várias esferas de vida – animal e humana – faz-se necessário criar espaços que possibilitem a retirada e a retomada, pois sabe-se que a perda da possibilidade de retirada provoca ataques agressivos, e o impulso de medo não devidamente respondido pode tornar-se disposição de luta (HALL, 1990; SCHMIDBAUER, 2008), frequentemente testemunhadas em centros urbanos contemporâneos.

Isto justifica a necessidade de investigação por métodos e princípios de ordenamento e configuração de espaços de uso público que propiciem o exercício da tolerância, da “retirada” e da “retomada” na superação do medo social que permita a construção de experiências de confiança. O comportamento social ilustrado Schmidbauer (Ibidem) é também retratado por Simmel, já no início do século XX (SIMMEL, 2000) e por Sennett nos dias atuais (SENNETT, 2012). Este problema é frequentemente encontrado nas cidades brasileiras contemporâneas, onde ruas e bairros planejados ou reurbanizados são isolados do contexto construído ao redor para lidar com o medo e sensação de incapacidade de superar suas causas. Nota-se uma crescente expressão de agressividade das formas sociais de insatisfação diante da exclusão

experienciada por grupos da população que, por vezes, compartilham espaços adjacentes, mas possuem padrões socioeconômicos distintos.

Embora possa parecer contraditório, relacionamentos de alteridade com aqueles “diversos de nós” possibilitam modos de bater em retirada das pressões culturais externas que causam o medo e a ansiedade presentes na insegurança narcisista. Na retirada de algumas situações - as pessoas têm a oportunidade de entrar em contato com sua realidade interior e avaliar sua postura ou sua estratégia na tentativa de enfrentar e superar os medos.

O autor aponta quatro formas fundamentais de medo decorrentes de tendências narcisistas (SCHMIDBAUER, 2008) que todo ser humano é constantemente chamado a superar no processo de desenvolvimento. As tentativas de superar a tendência a tentar banir os sentimentos de fraqueza de forma exagerada, tem gerado formas megalomaniacas de defesa da sociedade contemporânea (SCHMIDBAUER, 2008).

Uma das formas mencionadas anteriormente, consiste no medo de que, para tornar-se um indivíduo único, a pessoa se arrisque a diferenciar-se demais dos outros, ameaçando a si mesma de solidão; se arrisque a perder o ego e a personalidade ao “entregar-se” ao outro que se aproxima, ou se arrisque a depender dos outros para adquirir sua própria identidade. O ser humano necessita abrir-se para o mundo, orbitar em torno aos outros, realizando trocas com o não eu, com estranhos a uma distância segura; este tipo de interação pode causar na pessoa o medo de afastar-se dos outros, no receio de que isto cause seu isolamento e o coloque em situação de vulnerabilidade: esta é a segunda distorção. A terceira forma consiste no receio da incapacidade de superar a dor da mudança que decorre do afastar-se da convivência daqueles com os quais se interage, da quebra da continuidade, estabilidade e persistência; isto é, tem-se medo da dor de sair da força de gravidade exercida pelo outro. O quarto medo é o oposto ao anterior, isto é, medo de que a estabilidade dos relacionamentos cerceie a liberdade. Este medo se expressa na necessidade de uma continua modificação e adaptação, decorrentes de deixar constantemente o familiar, o tradicional, o estabelecido. Sua forma exacerbada resulta num histerismo.

Isto embasa o objetivo deste estudo, que considera relevante a necessidade de encontrar correlações entre o espaço da Arquitetura e o comportamento humano, a fim de possibilitar melhorias no ambiente construído ou por construir, que favoreçam – juntamente à práxis em muitos outros campos de conhecimento - oportunidades de reconhecer o medo real de encontrar o outro, não o reprimir e não se render a ele, mas tentar superá-lo, consciente de que, ao mesmo tempo em que este compõe a dinâmica necessária da vida cotidiana, a sua correta avaliação e superação aumenta a qualidade da própria vida.

Não se trata de tarefa simples, ou rápida, pois na sociedade são várias as pessoas com as quais cada um normalmente precisa negociar, ou barganhar concomitantemente os próprios medos – por vezes opostos - para manter relacionamentos harmoniosos (SCHMIDBAUER, 2008). Porém, é necessário encarar e reconhecer os medos reais e ignorar os demais, o que depende de uma atitude ativa de descobrir sua causa e pertinência para poder tomar uma ação corretiva, para o que se faz necessária uma presença de espírito que permita confiança em si e no outro, e a atmosfera do espaço vivenciado muito pode contribuir nesse sentido.

A Psicologia Ambiental enfoca a influência do meio ambiente no comportamento e nas experiências humanas com o objetivo de melhorar a qualidade do espaço e, conseqüentemente, do bem-estar humano. Portanto, o diálogo com esta disciplina foi incorporado a este estudo, na tentativa de entender critérios e referenciais de desenho que possam ser utilizados na construção do espaço onde os mecanismos de percepção, resposta e adaptação das pessoas aos estímulos recebidos possam promover o bem-estar, proporcionando condições espaciais favoráveis para a interação entre as pessoas, atitude considerada indispensável, segundo a compreensão de Norberg-Schulz tanto sobre o espaço existencial como sobre o espaço das demais disciplinas investigadas.

A percepção e experiência de cada pessoa no meio ambiente são únicas. No entanto, existem semelhanças ontológicas entre as experiências vividas por cada pessoa. A Psicologia Ambiental estuda as conexões e influências do ambiente natural e construído no ser humano, através de estímulos com o fim de compreender a interação do homem com seu ambiente real e contribuir para a solução de uma variedade de problemas a ele relacionado.

Na seleção de trabalhos de Gifford (2002) consultados nesta investigação, alguns destes publicados em *Environmental Psychology*, o autor resume as abordagens teóricas, pesquisas e estudos empíricos da Psicologia Ambiental que foram relevantes para a compreensão da relação homem-ambiente. A Psicologia Ambiental revelou pistas de como algumas variáveis das RIRs parecem estar significativamente correlacionadas com as do espaço da Arquitetura.

Parece oportuno salientar que – levando em conta que muitos fatores influenciam a percepção humana do espaço, de forma que um dado espaço físico pode ser percebido diferentemente, inclusive pela mesma pessoa. Diante de circunstâncias diversas, as influências situacionais e pessoais sobre a capacidade perceptiva humana justificam aprofundar a compreensão das características espaciais favoráveis ao desenvolvimento de interações interpessoais. Isto se faz levando em conta situações que cotidianamente ocorrem na dinâmica de espaços abertos, livres, nas cidades contemporâneas.

Gifford destaca três dimensões de influências da experiência humana na percepção do ambiente: influência pessoal – as características e capacidades de cada pessoa; influência cultural – o modo como as pessoas crescem envolvendo processos psicológicos e experiências sociais; e influência físico-espacial – como os materiais e objetos empregados na composição ou construção do espaço, a organização e a complexidade visual do espaço construído. As evidências permitiram concluir a necessidade desta investigação considerar o leque de habilidades sensoriais em jogo na experiência liminar no espaço, além da visão, visto que muitas características físicas resultam em condições espaciais - como temperatura, som, cheiro, receio de crimes - relevantes ao fenômeno relacional embora estas sejam imperceptíveis através da visão.

Constatou-se que uma maioria das correntes da Psicologia Ambiental considera que todo espaço possui um potencial de possibilidades de ação automaticamente perceptível pelas pessoas – note-se o conceito de Schemata de Norberg-Schulz - e que definem o senso de normalidade e de anormalidade; este potencial é denominado com o termo *affordances* (GIFFORD, 2002). Quando um espaço não é legível (LYNCH, 1960) suas *affordances* não são facilmente ou universalmente perceptíveis, trata-se de um espaço confuso (NORBERG-SCHULZ, 1971) que dificulta a experiência existencial.

Dois processos que constroem a experiência no espaço e que são relevantes para a percepção das *affordances* - segundo teorias da Psicologia Ambiental - constituem também dimensões do espaço existencial concretizadas no espaço da Arquitetura segundo Norberg-Schulz (1971), como, por exemplo a percepção e a cognição ambiental. Considerou-se a abordagem da Psicologia e da Neurociência que entendem a percepção ambiental, ao contrário da mera percepção das coisas, como a captação de informações ou estímulos do ambiente. Esta percepção compreende os objetos em sua disposição e organização no espaço como um todo, e inclui o observador – através dos seus sentidos e da sua localização em cada momento, isto é, a percepção possibilitada e/ou condicionada por sua experiência espacial-temporal (contextual) e circunstancial (vinculada à uma finalidade que pode ser utilitária ou estética (BERTHOZ, 1997; BERTHOZ e VIAUD-DELMON, 1999; GIFFORD, 2002; MATURANA; VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1971). O nível de percepção que uma pessoa tem do espaço é influenciado por sua experiência de vida imediata. Esta, por sua vez, varia segundo o foco da atenção do indivíduo ao engajar-se na experiência do espaço, segundo os filtros sensoriais que, consciente ou inconscientemente, mantem-se em estado de alerta ou “dormentes” e conforme o foco experiencial, (GIFFORD, 2002; NORBERG-SCHULZ, 1971).

A cognição ambiental, por seu turno, é leitura, memória e lembrança das informações e das experiências, não somente físicas e não somente espaciais de um ambiente e é enriquecida pela experiência, como o fato de se lembrar de um assalto, ou do carnaval, ou das vicissitudes causadas pela “seca”. Assim como a percepção, a cognição mental se manifesta de forma diferente entre uma pessoa e outra, mas possui sua porção invariável à espécie humana (GIFFORD, 2002). Um dos processos mentais que compõem a cognição ambiental envolvendo o espaço físico é a cognição espacial, da qual a memória é um componente fundamental, cujas funções ajudam a pessoa a se situar no ambiente, estimar distâncias e a localizar elementos do espaço, lendo imagens fotográficas e semânticas das relações espaciais. O mapa mental é uma expressão de cognição espacial.

A percepção e disposição dos elementos de cada espaço (como distância, tamanho, comprimento) são articulados de maneira única pois este expressa particularidades locais, contextuais e circunstanciais de cada lugar. Única é também a maneira como esses elementos são percebidos, através das especificidades individuais (gênero, idade, expectativas, padrões estéticos), psicológicas, experienciais e culturais de cada pessoa, bem como de cada contexto e ambiente físico. As qualidades espaciais indiretamente percebidas em um determinado espaço influenciam a percepção de outras características do mesmo espaço e, conseqüentemente, o comportamento no ambiente. Por exemplo, o campo perceptivo visual dos pedestres diminui com o aumento de rumores de tráfego (GIFFORD, 2002).

A legibilidade é outra forma de cognição espacial que possibilita a capacidade de arrumar e reconhecer um espaço por meio de seu arranjo espacial específico. Para o arquiteto americano Kevin Lynch, cinco elementos básicos e fundamentais componentes na definição do espaço são importantes para sua legibilidade: Nós, caminhos, distrito, bordas e pontos de referência

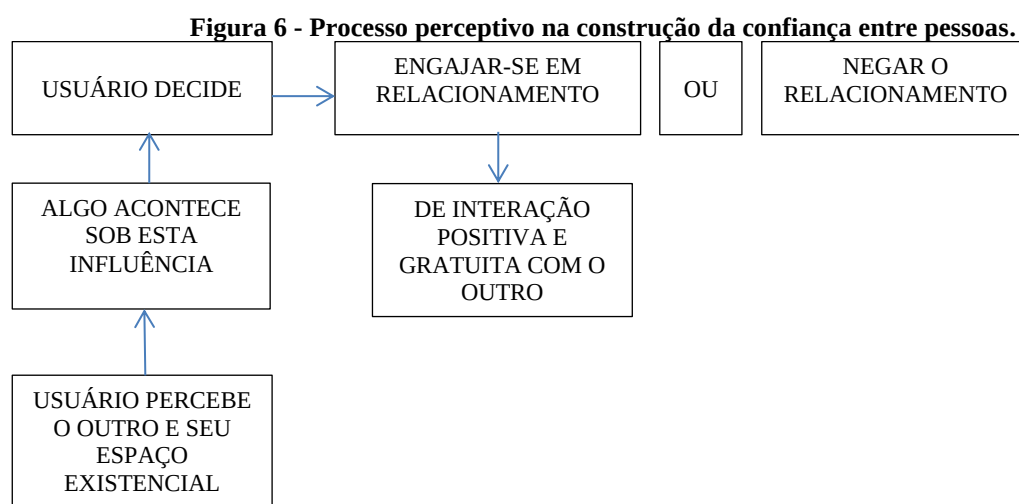
3.5 Autopoiese do processo perceptivo e da experiência no espaço

As RIRs são um fenômeno emergente motivado reciprocamente e simultaneamente pelos usuários e por este motivo elas têm importância fundamental nas experiências de sociabilidade positiva em espaços públicos. Estes são *locus* de reconhecimento e vivência de diversidades e conflitos na construção da reciprocidade entre estranhos. E porque estas experiências constroem e se constroem a partir de expressões identitárias e das memórias

pessoais e coletivas, pode-se considerá-las construtoras, preservadoras e renovadoras sócio culturais²¹ em aglomerados urbanos.

Por um lado, os autores consultados, permitem concluir que a construção autopoiética experiencial e multidimensional (temporal e sócio espacial) das RIRs possibilita aos diretamente envolvidos em interação e aos que as observam, alargar a experiência perceptual, intuitiva e referencial egocêntrica para a dimensão coletiva (BERTHOZ, 2009; INGOLD, 2011; MATURANA e VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1971, p. 11; SENNETT, 2008, 2012; SIMMEL, 2000). Por outro lado, as *experiências* plasam o caráter de lugar do espaço onde ocorrem (NORBERG-SCHULZ, 1983, p. 223-227; INGOLD, 2011). Pode-se inferir então que o lugar de reciprocidade está ligado às memórias relacionais, inclusive das RIRs, nele construídas. Estas podem conferir significados relacionais positivos a espaços públicos e à cidade, podem substituir imagens de violência, medo e exclusão com imagens relacionais que podem perdurar na cultura de uma comunidade enquanto estas experiências recorrerem.

Autores consultados (BERTHOZ, 2009; GEHL, 2014; INGOLD, 2011; MATURANA e VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1971; SENNETT, 2008, 2012; SIMMEL, 2000) permitiram também concluir que mediante o agir situado no espaço, a Arquitetura possui um papel relevante de facilitador do encontro, através de convites à percepção de seus usuários no exercício da própria sensorialidade e corporeidade. Uma atmosfera adequada pode propiciar ou convidar usuários a dar-se conta da mútua presença, e exercitarem a escolha de engajar-se em interação de reciprocidade positiva (**Figura 6**).



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

²¹ A dimensão cultural é imprescindível para a construção da experiência pessoal desde a infância (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 9-11) e é construída na medida em que esta deixa de ser um episódio pessoal único e passa a ser fato recorrente de significado, valor e memória compartilhados (NORBERG-SCHULZ, 1983; SIMMEL, 2000).

Assim, a experiência perceptiva humana pareceu ser constitutiva da resposta à pergunta de pesquisa feita a cada área do conhecimento consultada, com foco na pessoa em construção de sua experiência de vir-a-ser e vir-a-a-ser-com-o-outro. Antes de tudo, porque as pessoas são os agentes que em relação e interação constroem a cidade ao construir cotidianamente suas experiências interpessoais políticas, de sociedade civil, e de lugar em espaços não só privados como também públicos. O texto a seguir evidencia como se compreendeu a influência espacial na percepção humana no processo de construção da experiência de reciprocidade.

Através da coletânea de artigos relacionados à percepção, espacialidade e sociabilidade humana experienciados nas dinâmicas urbanas, Simmel (2000) e Maturana e Varela (2011) argumentam que é em sociedade que a cultura se desenvolve através da criatividade e originalidade de expressão e comunicação de cada membro e do grupo. Definindo sociabilidade como a sociedade em ato, num processo contínuo de construção da própria cultura, os autores explicam porque respeitando-se e reconhecendo-se, os indivíduos integrantes de um sistema social se desenvolvem em graus diversos. Argumentam ainda que a dimensão social do espaço emerge das interações sociais que nele se manifestam mediante sua recorrência e o modo como a sociedade as experiencia, potencializando e aperfeiçoando o que já lhe é naturalmente presente, e o que resulta de intervenções conscientes.

Em sintonia com a compreensão de espaço e de urbanidade segundo Norberg-Schulz (1971, 1979, 1983), Coutinho (1977), Howes (2013), Ingold (2002, 2011), Koolhaas (2014), Sonesson (2003, 2013) e Harvey (2014), as argumentações de Maturana e Simmel explicam porque as interações que “preenchem”, compõem e conferem vida aos espaços da cidade, também conferem mais força e unidade aos grupos sociais de uma localidade do que as características de seu território. Das interações e das forças psicológicas que partem de um ponto central (SIMMEL, 2000, P. 137-138) de um grupo, derivam os significados de sua experiência sensorial, de sua cultura e da força política que os une (Ibidem, 2000, p. 137- 170). Adotando esta abordagem da cidade como uma “entidade sociológica que se forma espacialmente” (Ibidem), construiu-se nesta tese a argumentação de que é premente a necessidade de garantir aos cidadãos a possibilidade do exercício e aperfeiçoamento contínuo destas interações - como pessoas e grupos – onde podem reconhecer-se, respeitar-se e desenvolver-se.

Na prática, esta dimensão de cidade constrói-se com as diferenças sociais, econômicas e demográficas e mediante a superação da tendência natural de fuga e tribalismo, expressa na segregação e preferência por convivência entre semelhantes (SCHMIDBAUER, 2008;

SENNETT, 2012; SIMMEL, 2000). Esta argumentação é fundamental para manter o foco no problema enquanto se busca a compreensão de como a natureza das dinâmicas de interação positiva e de sua espacialização na experiência urbana, se correlaciona com os ambientes construídos que as acolhem.

Visto que impulsionar as pessoas à cooperação e facilitar sua capacidade comunicativa é vocação da sociedade – em nível pessoal e coletivo, torna-se fundamental à comunidade o exercício de atitudes e práticas interativas que permitam às pessoas envolver-se em cooperação recíproca a fim de conhecer, explorar e apreciar a alteridade do outro, diverso de si próprio vencendo preconceitos, tendências negativas arraigadas e a sensação de medo - desfrutando “prazeres que a comunidade promete” (MATURANA e VARELA, 2011, p. 268-269; SENNETT, 2012). Considerando que as pessoas não se desenvolvem como indivíduos no isolamento, e o desenvolvimento do comportamento cooperativo desenvolve-se na pessoa desde a idade infantil, antes ainda da capacidade de autocritica ou individuação (MAGARI E CAVALIERI, 2008), enfatiza-se a importância da prática da cooperação humana social - vivida de forma compartilhada, conjunta e recíproca - para o desenvolvimento pessoal e societário.

Em sintonia com as argumentações de Simmel, e de Magari e Cavalieri (2008), em *A Dialética da alteridade*, Moraes (2012) explica como a experiência de se reconhecer diverso do outro contribui para o crescimento dos indivíduos em sua totalidade humana e para o crescimento dos cidadãos na cidade (MORAES, 2012). A sua abordagem é filosófica, porém a compreensão dessa experiência complexa necessária à vida e força cultural das cidades, se alarga nas argumentações de Schmidbauer (2008) fundamentada na Psicologia, de Maturana e Varela (2011) na Neurociência, e nas de Bruni (2008), Stanca (2009) e Pelligra (2011) na Economia. Fundamentando-se em construções teóricas e constatações empíricas, estes últimos argumentam que experienciar a alteridade concitadina no contato relacional cotidiano, através de encontros e convivências sociais em ambientes diversos daqueles familiares e de trabalho contribui também para a ampliação do bem-estar individual e coletivo (BRUNI, 2008; STANCA, 2009).

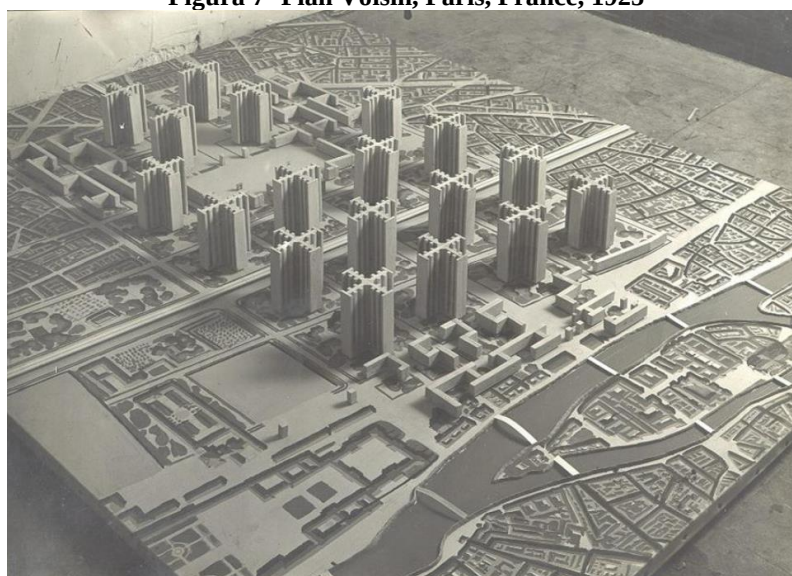
A compreensão continua a alargar-se no diálogo com Sennett (2008, 2008a, 2012, 2014, 2015). Na construção de seu novo livro “Building and Dwelling: Ethics for the City”²², Sennett ilustra, com exemplos resgatados em diversas cidades e conceitos básicos, alguns pontos chave de sua argumentação sobre como intervenções no meio ambiente construído urbano podem

22 Em palestra na Universidade da California San Diego, Sennett menciona que está trabalhando para a publicação de seu novo livro em 2016. Palestra disponibilizada em: <http://www.richardsennett.com/site/senn/templates/general.aspx?pageid=11&cc=gb>. Acesso em: 11 mar 2015.

fragilizar a cooperação, moldá-la ou fortalecê-la. Sua argumentação é contextualizada em diversos períodos históricos e cidades de seu país de origem – USA - e além. Sennett (SENNET, 2015) argumenta que, ao contrário do efeito “Barreira” de separação causado por distâncias ou por superfícies verticais em espaços públicos desenhados segundo os princípios funcionalistas modernistas, como o espaço urbano de Plan Voisin, na França (**Figura 7**) Brasília (**Figura 8**) ou segundo os modelos de extrema proteção e separação das *Gated Communities* como ocorre em Johannesburg (**Figura 9**); espaços públicos resultantes da proximidade física de atividades privadas diversas podem favorecer bordas permeáveis e favorecer o bem-estar e o desenvolvimento de dinâmicas urbanas saudáveis sobretudo quando localizados nas bordas de comunidades distintas.

Um exemplo citado pelo autor, é o espaço público Greenline, no Líbano (**Figura 10**); nas bordas de convivência ente duas comunidades reconhecidamente conflitantes, como entre Cristãos e Muçulmanos, o tratamento espacial e edílico pode propiciar espaços favoráveis à interação onde as possibilidades de intercâmbio e troca por contato físico e espacial substituem espaços de conflito. Sennett ilustra ainda a inserção das bibliotecas no Parque Biblioteca Espanhola de forma propositalmente aberta na comunidade carente de Medellín, Colômbia (**Figura 11**), e os complexos comerciais permeáveis informais como o Street Wall na Índia (**Figura 12**), semelhantes ao espaço público em torno dos mercados públicos brasileiros, cujas fotos não constam nesta tese devido a um incidente de assalto à pesquisadora.

Figura 7- Plan Voisin, Paris, France, 1925



Fonte: <http://www.fondationlecorbusier.fr/>

Figura 8 - Centro administrativo de Brasília, no olhar de um pedestre.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

Figura 9 - Vista da muralha que separa uma Gated Community. Johannesburg.



Fonte: Richard Sennett, Palestra "The Open City". Disponível em www.richardsennett.com.

Figura 10 - Greenline, utilizado por Cristãos e Muçulmanos. Líbano.



Fonte: Richard Sennett, Palestra "The Open City". Disponível em www.richardsennett.com.

Figura 11 - Parque Biblioteca Espanhola. Medellin, Colômbia.



Fonte: Richard Sennett, Palestra "The Open City". Disponível em www.richardsennett.com.

Figura 12- Street Wall em Mumbai, Índia.



Fonte: Richard Sennett, Palestra "The Open City" disponível em www.richardsennett.com.

Essas indicações exemplificam um dos papéis do ambiente construído na escala urbana para as interações interpessoais. As características funcionais e formais do espaço em si e de sua relação com o contexto urbano imediato, informam e delineiam os tipos e os termos da troca e o modo de cooperação entre seus usuários; definem um cenário que pode propiciar ou desfavorecer as interações interpessoais cooperativas, muito embora estas resultem, em última instância, da livre decisão de cada pessoa.

Sendo mais do que uma partilha impensada, a cooperação é uma prática dialógica, onde a atenção e a receptividade aos outros são imprescindíveis. Na prática dialógica, busca-se sobretudo conhecer o próprio ponto de vista e ampliar a compreensão recíproca, na atenção e reconhecimento à outra pessoa em seus próprios termos (SENNETT, 2012). O público da cidade, ator das interações sociais urbanas, é diverso em termos de proveniência, classe social, hábito, símbolos e posturas sociais, éticas, étnicas, sexuais e etárias, e a prática dialógica

beneficiar-se-á na proporção inversa à ênfase com a qual cada pessoa ou grupo se posiciona.²³. Espaços públicos são um laboratório onde se aprende sobre os outros, a cooperar e interagir - sem se obrigar a ser como eles. Com estas considerações em mente, procurou-se compreender como espaço arquitetônico possa contribuir a esse respeito e vir ao encontro das necessidades emocionais e cognitivas envolvidas nesta prática dialógica entre as pessoas.

Pode-se concluir, portanto, que a flexibilidade na oferta de opções é uma característica espacial importantíssima para favorecer espaços de diálogo e cooperação entre estranhos que possuem expressões e chaves de leitura identitárias e do mundo distintas. Através das suas características o ambiente construído propaga mensagens que podem influenciar a sociabilidade de forma positiva ou negativa, através de uma gama privilegiada de estímulos. Os objetos do espaço são como fatores decisivos e constantemente presentes no engajamento social; e como chaves de leitura e de apoio à experiência, podem permitir a vários usuários explorarem simultaneamente o exercício da própria liberdade articulada a dos demais usuários em suas escolhas e atitudes - de engajamento, indiferença ou distanciamento da realidade. No espaço construído, cercas, muros, septos e aberturas em superfícies verticais, elementos de proteção acima, abaixo e de todos os lados fornecem aos usuários o acesso às possibilidades de exercício da socialidade.

Neste contexto, os usuários constroem a vida em rituais participativos onde o engajamento de cada um está correlacionado ao seu grau de comprometimento com a experiência real, a qual pode resultar tanto mais ilusória quanto mais indiferente as pessoas forem diante do fenômeno observado, e tanto mais real quanto mais profunda for sua participação ativa. Uma amostra desta dinâmica gerada pelo espaço é bem argumentada por Sennett (2012) em quatro atitudes observadas no comportamento social em espaços abertos de uso comum nas cidades contemporâneas, a saber: hibernação, autorreflexão, complacência e apatia.

Contextualizando esta abordagem do papel da cidade na problemática urbana em foco, com o termo *hibernação*, Sennett (2012), Schimdbauer (2008) e Hall (1990) descrevem uma atitude de “retirada” pessoal e não cooperativa, em resposta a uma provável ansiedade causada por expectativas do papel que as pessoas acreditam dever desempenhar no contexto social; pode ser causada por situações que despertam sensações de vulnerabilidade e desigualdade em algum aspecto de valor para a pessoa diante de indivíduos diversos. Esta vulnerabilidade pode ser agravada por motivos étnicos, raciais, culturais, demográficos, de orientação sexual, ou ainda

²³ Jane Jacobs, em **Morte e vida das cidades**, expõe que a excessiva abertura ou a não negociabilidade das medidas de cooperação pode se tornar uma prática invasiva e prejudicial à cooperação e sociabilidade.

outros além daqueles pessoais relacionados à experiência de medo e à necessidade ontológica de espaço (físico e temporal) para os mecanismos de fuga: lugar para onde bater em retirada, ponderar e retornar com ânimo e balizamento renovado à situação de stress (HALL, 1990, p.10-75). A necessidade humana de “espaços e tempos de fuga” + “espaço e tempos para retorno” no processo de vencer o medo provocado por sensações de risco e conflito resultantes do expor-se ao outro precisa ser concretizada espacialmente, está intimamente correlacionada ao espaço da Arquitetura.

Na compreensão de Sennett (2012) e Schimdbauer (2008), a autorreflexão é outro comportamento antissocial e anti-cooperativo de quem só consegue perceber a realidade externa igual a si próprio (de forma narcicista), refletindo a si mesmo como um espelho, ou “selfie” duradouro ao invés de abrir-se à dimensão do outro, como uma janela que se abre a maiores dimensões existenciais. Um efeito negativo dessa linguagem e atitude narcisista é diminuir a imagem e o valor percebidos em outras pessoas.

Complacência é uma demonstração da intenção de manter o *status quo* ao sentir ausência de “segurança ontológica” interior (ibidem). Trata-se de uma forma muito corriqueira de negação da realidade ligada ao individualismo, sendo indiferente àqueles semelhantes a si próprios e ignorando-se os demais diversos de si próprios. Segundo Sennett, esse comportamento está associado à ansiedade que uma pessoa sente ao não identificar as próprias preferências consumistas nos outros, que diferentes de si, incomodam e podem gerar ressentimento. Neste contexto, o individualismo é uma resposta alternativa diante da diversidade. O autor menciona que esses comportamentos são mais comuns em sociedades menos igualitárias.

E finalmente, apatia é uma tentativa de relaxamento e controle diante do estímulo da ansiedade e preocupação causado pela diversidade dos outros, preferindo engajar-se em algo familiar para evitar surpresas. Em Carne e Pedra, Sennett (2008) contextualiza a experiência corpórea liminar humana no espaço dos grandes centros urbanos, referindo-se ao psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi, segundo o qual, a exposição passiva aumentada a um sentimento simulado como dor e violência, torna as pessoas menos sensíveis e mais passivas a esses fenômenos. Isso enfraquece a experiência consciente dos sentidos.

A alta velocidade, ritmo e intensidade do frenesi de estímulos do ambiente construído na maioria dos centros urbanos contemporâneos enfraquece a capacidade perceptiva do usuário pedestre. Trafegando veloz, o usuário não terá olhos para apreciar os detalhes, não será receptivo ao espaço pois o aumento da velocidade de movimento diminui a conexão do usuário com o espaço e diminui o universo percebido na escala humana (Sennett, 2008), e

consequentemente, seu espaço vital (discutido em 3.6) Segundo ele, sociedades mais igualitárias possibilitam às pessoas maior confiança recíproca e tendência à cooperação, especialmente entre as crianças, comparado a sociedades menos igualitárias, onde as pessoas mais frequentemente se comportam como adversárias. Sociedades de ordem social frágil e superficial, não inspiram confiança e as pessoas se retiram da esfera social.

Considerando que o agir humano, é situado no espaço, então existem correlações entre atitudes sociais e o exercício da territorialidade no espaço da arquitetura; e pergunta-se como estes espaços possam favorecer às pessoas abaixar suas barreiras de defesa e exercitar maior empatia de estímulos da experiência sócio espacial.

Figura 13 – Guarda-sól na Praia de Boa Viagem.



Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/blog/?p=512>

Isso sugere a necessidade de explorar chaves de leitura para compreender os modos nos quais a composição, tipologia e ordenamento dos objetos físicos, sociais e culturais do espaço melhor se adequem às diversidades de usuários e atividades.

Os guarda-sol ao longo das orlas marítimas de centros urbanos brasileiros (**Figura 13**) são um exemplo de adequação não assertiva e flexível favorável ao exercício equânime da territorialidade. Demarcam os territórios de seus usuários de forma afetiva e efetiva e menos agressiva/assertiva do que o fechamento de praças com as grades cuja ocorrência é comum em centros urbanos brasileiros, como o exemplo da Praça Paris no Rio de Janeiro, na **Figura 14**.

Figura 14 - Praça Paris, Rio de Janeiro.



Fonte: Domingos Peixoto Agência O Globo

Visto que a identidade de cada usuário é de fundamental importância para o exercício da cooperação e da reciprocidade positiva (ver **Quadro 6**, do item 3.2), infere-se que seja importante que o espaço lhes permita apreciar a contribuição de suas próprias habilidades e dons na construção da experiência relacional, como atores ativos, em contraste com a posição de simples expectador. A espacialização da experiência de cooperação em benefício do “bem comum” necessita da participação ativa da comunidade usuária do espaço da cidade, e tal engajamento só funcionará na prática, se for considerado por gestores de espaços públicos desde os estágios de seu planejamento.

3.6 A expressão da experiência existencial na Arquitetura

Os conceitos do espaço arquitetônico desenvolvidos na teoria da Arquitetura variam com a abordagem e a profundidade através da qual se observa este objeto. A abordagem espacial de Norberg-Schulz estrutura-se a partir e em função da experiência existencial humana; isto é, as pessoas utilizam-se das características e elementos do espaço ao gerar suas experiências, e estas subsidiam a concretização do espaço da Arquitetura. O autor parte do pressuposto advogado na Psicologia e Sociologia que o homem necessita perceber, interpretar e entender algum significado do espaço para poder interpretar o significado das experiências próprias e das de outras pessoas vivenciadas no espaço, e para saber como nele posicionar-se (NORBERG-SCHULZ, 1971).

Desenvolvendo seu conceito de espaço da Arquitetura, em diálogo com o pensamento de Sigfried Giedion, Lynch, Lewin, Rudolph Schwarz, Bollnow, Merlau-Ponty, do historiador Dagobert Frey e do arquiteto Rudolf Schwarz, e Piaget (NORBERG-SCHULZ, 1971), o autor estrutura sua compreensão do espaço da Arquitetura a partir de chaves de leitura ontológicas, denominadas *esquemas espaciais*. Estes são uma codificação mental das experiências associada a uma forma de perceber cognitivamente e de responder a situações ou estímulos complexos no espaço. Esquemas, segundo Piaget (PIAGET, 1950 apud NORBERG-SCHULZ, 1971), são entendidos como reações típicas a uma dada situação, e se formam ao longo do desenvolvimento mental através das interações entre indivíduos e seu ambiente definindo o que seria uma ação ou comportamento coerente completo, em sintonia com a compreensão da cultura à qual pertence. Para Piaget, os esquemas são processos que implicam uma assimilação e acomodação do ambiente pelo sujeito e vice-versa. Justamente devido aos esquemas, as pessoas não estão sujeitas à submissão passiva ao meio, mas podem modificá-lo de acordo com

seus próprios padrões. A assimilação mental é a incorporação de objetos em padrões de comportamento, e a adaptação é o equilíbrio entre assimilação e acomodação.

Todo ser humano sadio incorpora elementos do espaço (e suas relações) na leitura e significação de situações ao construir padrões de comportamento (PIAGET, 1950 apud NORBERG-SCHULZ, 1971) em seus esquemas mentais. Esta experiência relacional entre situações e o espaço, Norberg-Schulz denominou *Espaço Existencial* (NORBERG-SCHULZ, 1971). A compreensão da experiência espacial incorporando o papel dos *esquemas espaciais* é explicada também por Maturana e Varela (2011), Simmel (2000) e os psicólogos Lewin e Gibson (GIFFORD, 2002). Os esquemas conferem significado à imagem do espaço sem o qual Norberg-Schulz crê ser impossível discutir o espaço arquitetônico (NORBERG-SCHULZ, 1971). A leitura do espaço adotada nesta tese, fundamenta-se nestes processos como constituintes do espaço da Arquitetura.

O espaço Existencial forma a imagem estável que toda pessoa tem do seu meio ambiente, orientando-o como pertencente a uma totalidade não só física mas também social e cultural, que a ajuda a estabelecer as relações entre sua experiência e os objetos (físicos, sociais e culturais) do espaço significativos para a vida (NORBERG-SCHULZ, 1983).

A imagem construída sobre o referencial dos esquemas, inclui reações mentais e comportamentais típicas desenvolvidas em resposta a situações e resultam de pôr ambiente e experiências em relação. Essas respostas são construídas e codificadas ao longo da vida como pessoa e sociedade; resultam da necessidade de orientação afetiva no meio ambiente dentro de um contexto sociocultural e “plasmam” um construto individual e coletivo, cujas propriedades invariáveis estão ligadas às estruturas socioculturais e subjetivas²⁴.

Esta base referencial de leitura e comunicação da existência humana concretiza-se no espaço habitado, vivenciado (Ibidem, 1971, 1979, 1983) nas várias escalas do espaço físico, em qualquer lugar do mundo tridimensional onde elas se encontram. Norberg-Schulz identificou três relações tridimensionais entre objetos significativos fundamentalmente relacionadas com a experiência existencial, considerando-as universalmente percebidas pelo ser humano. Já na década de 1960, elas foram estudadas por Kevin Lynch (1960) através da observação de usuários em espaços públicos. O foco de seus estudos era compreender como o ordenamento de elementos formais do espaço podem ser relevantes referenciais, norteadores ou facilitadores da permanência e experiência de pedestres em espaços públicos. Norberg-Schulz aprofundou a compreensão de três relações

²⁴ Amos Rapoport os define como elementos primários (1977).

identificadas por Lynch como relevantes, ao desenvolver sua argumentação teórica do espaço existencial.

De fato, pode-se afirmar que o aprofundamento da compreensão teórica destes elementos e da relação destes com a experiência existencial no espaço foi a grande novidade trazida por Norberg-Schulz para a teoria do espaço da Arquitetura. Para este autor, Centro, *Caminho e Domínio*, estruturam o espaço construído e se expressam respectivamente como nós e intercessões; eixos, caminhos, ruas, vielas e bulevares; e domínios ou áreas que compartilham atividades, especificidades ou propriedades em comum/semelhantes. Ou seja, Norberg-Schulz encontrou uma relação conceitual entre o espaço da experiência humana e referenciais no mundo construído que a expressam, de modo a possibilitar a imagem que se tem do mundo, explicando assim sua teoria do *Espaço da Arquitetura*.

Assim, pressupõe-se que as três relações consideradas por Norberg-Schulz como significativas para a experiência existencial estruturam a composição de todo espaço da Arquitetura: relação de centralidade, de direção e progressão, e de área definidas por características ou propriedades comuns ou semelhantes.

Esta estrutura do espaço arquitetônico existe desde a escala pequena de espaço e se repete em escalas maiores, formando um sistema de espaços em escalas. Os processos de comunicação e trocas possíveis entre espaços e escalas de espaços, através de aberturas, vias e delimitações ou membranas são objetos de interesse, não só da Arquitetura, mas também da Hodologia²⁵, e revelam características do espaço vivido, ou seja, relevantes para a experiência humana (TIBERGHEIN, 2012). Sem aberturas não existe comunicação do espaço com o seu entorno e sem este, o espaço perde sua razão de ser (NORBERG-SCHULZ, 1971). Para esta conclusão também converge a abordagem defendida por Sennett (2012, 2015) ao explicar a importância essencial do grau de permeabilidade nas bordas entre espaços na escala urbana para a vitalidade da dinâmica das cidades.

Mediante a permeabilidade, a realidade em cada escala se comunica com a da escala imediatamente maior ou menor, e nestas comunicações estrutura-se a totalidade do espaço. O sistema de espaços estruturado nesse tipo de comunicação experiencial, fundamenta o ordenamento da base espacial que orienta a experiência humana de ‘ser no mundo’, e ao mesmo tempo expressa a imagem que o homem tem do mundo, da sua *imago mundi*. Nas relações de *centralidade, direção e semelhanças* que dão sentido e referencial à experiência humana individual e coletiva no mundo tridimensional, o espaço da Arquitetura possui uma legibilidade

²⁵ O conceito Hodologia foi criado por Lewin entre 1920-30, dentro da Psicologia Topológica, e emprega conceitos como meta, obstáculo e rota ou caminho.

universal. Sua leitura e identificação são possíveis concomitantemente pelo indivíduo e pelo grupo social ao longo da história. Quando bem-sucedida, a concretização e constante adaptação do espaço pelo homem coopera para sua orientação no mundo e para a beleza de sua experiência existencial; na pior das hipóteses o confunde, desnorteia, e o esvazia de significado; sem o espaço sua existência sadia no mundo é impossível (NORBERG-SCHULZ, 1971).

Explica-se a seguir como Norberg-Schulz compreende que centros, caminhos e domínios se relacionem à experiência humana.

A **Centralidade** pode exprimir foco ou razão de ser e agir, ponto de partida ou de chegada na experiência existencial, e se concretiza nos centros de espaços e em espaços-centros da Arquitetura. Seus usuários experienciam seu caráter de centralidade na relação do espaço com o seu arredor, e

Figura 15 - Quatro Cantos. Olinda. Brasil



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

adquire dimensão de lugar quando seu significado e valor se distinguem do entorno por exercer uma ação ou função específica diversa da de seu entorno imediato. Seu caráter de centralidade está em atrair ou “enviar” usuários.

Centros exercem uma força centralizadora, ou de foco, se comparado com o espaço em torno (Ibidem). Caminhos também podem ter este caráter de centralidade quando contextualizado dentro de espaços maiores, como as ruas foco de festividades de carnaval em bairros da cidade; e podem formar centralidades quando convergem, como em Quatro Cantos, na cidade de Olinda, Brasil ilustrado na **Figura 15**.

Os centros exprimem a propriedade topológica de proximidade e similaridade entre os elementos

que o constituem, e que assim definem o espaço-dentro, diverso do espaço-fora, do entorno ou contexto; desta forma, o centro necessita do contexto ao redor para sua identidade. No contexto, quem não é “centro” experiencia-se fora ou excluído; quem é centro, experiencia-se foco, convidador, destaque (positivo ou negativo). A impressão de observadores pedestres ao passar por um grupo de jovens em atividade ilustra, na **Figura 16**, este papel de centralidade que, na Av. Paulista, é definido por atividades e elementos intangíveis fundamentais para a experiência de atores e observadores não motorizados. Aos domingos, a experiência deste espetáculo se distribui nos 135 mil m² ao longo de 2,7 km da avenida.

Figura 16 - Grupo de estudantes observados por transeuntes. Av. Paulista, S.P. – Brasil.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Concentrando massa ou funções em um espaço, o centro exerce uma força centrífuga ao seu redor; como ponto de partida, a partir de si este é propulsor de movimento em torno ou para fora de si, exercendo força centrípeta. A centralidade do nó onde caminhos convergem pode resultar de uma concentração ou agrupamento de atividades ou por intersecção de caminhos, por exemplo, e, continua Norberg-Schulz, significa um lugar de atração comum, compartilhada. A centralidade expressa o caráter das forças experienciais centrífuga e centrípeta em interação que podem ser acentuadas pelas características formais e de ordenamento do espaço.

Um espaço também pode expressar centralidade e distinguir-se de seu entorno limitante através de uma superfície/membrana real ou simbólica, ou através da relação entre elementos dispostos em continuidade e ritmo bem específicos – arcos, aberturas, colunas, diferença de níveis, funções, atividades, estímulos sonoros, condições de conforto e mobiliário são alguns exemplos. Este limite experiencial das membranas pode passar a mensagem de proteção e distinção e isso ocorre não só física, mas também psicologicamente (NORBERG-SCHULZ, 1971).

O aporte dos autores consultados permite inferir que a finitude percebida no contraste entre o centro e seu arredor pode propiciar aos usuários a ideia de domínio e de destaque, onde poder estar, e informa ao usuário do espaço o seu posicionamento dentro ou fora da escala espacial imediatamente maior ou menor que a sua. Na prática, o lugar promove uma mensagem de posicionamento em relação ao espaço e experiência contextualizante.

Sentir-se fisicamente e psicologicamente dentro de uma área que contém um caráter com algum grau de continuidade sensorialmente e mentalmente identificável satisfaz a necessidade humana física e psíquica de identificação e posicionamento, independente do juízo de valor que se dê à experiência do lugar. No centro, o caráter pode dar-se pelo agrupamento de características psicologicamente identificadas pelo princípio da similaridade, características

propiciadas por elementos como textura, forma, luz ou sua ausência, escala, detalhes, uso, atividade, vegetação, topografia e inclusive seus usuários ou habitantes. A **Figura 17** exemplifica estas centralidades características em espaços abertos como a Piazza del Campo, em Siena (alto à esquerda) e Praça São Marcos em Veneza (centro) que exercem uma potente força centrífuga. À direita, parque em Verona. com uso potencialmente contemplativo.

Figura 17 - Exemplo de centralidades



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

A **continuidade** definida na direção de um caminho, segundo Norberg-Schulz (1971), é uma propriedade básica do espaço e da existência humana, que no seu aspecto abstrato indica hierarquia ou ordem no tempo, definida nas relações entre coisas e acontecimentos; na direção vertical esta ordem está relacionada com a distinção entre níveis, com uma conquista, com a possibilidade alcançar algo mais; enquanto horizontalmente, a continuidade revela sequência num platô de simetria hierárquica; e nestas duas dimensões vincula coisas, fatos e eventos num movimento no tempo e no espaço, revelando relações para frente e para trás. No caminho espacial e temporal de toda atividade e compreensão humana, pode-se observar o que foi, e o que pode vir a ser.

Topologicamente, caminho é uma sucessão linear de eventos, em direção a uma meta; escolher percorrer um caminho pressupõe uma decisão da parte da pessoa em relação a algo e em direção a algo, o caminho convida a um posicionamento não estático da pessoa diante da realidade. As possibilidades de movimento e direção combinadas também constroem o caráter de um espaço, e ajudam o seu usuário a distinguir o que é interior e exterior na experiência de caminho.

Para Norberg-Schulz, o caminhar pode ter sua forma liberada do condicionamento formal geométrico do espaço, quando resulta muito mais de uma preferência psicológica da pessoa, decorrente de características do espaço (dimensão hodológica, citando Kurt Lewis),

motivada por aspectos como segurança, conforto, comodidade, prazer, ou simplesmente pelo estado de espírito no momento em que se vivencia o espaço. No caminho, quanto mais definidos os pontos de partida e de chegada (que são intercambiáveis, dependendo do ponto de vista e da vivência no espaço), mais definida é a força da imagem e da identidade do caminho; donde se pode inferir que o caráter de um caminho está muito relacionado à conexão entre usuários e a experiência dinâmica de lugar propiciada no jogo de forças das extremidades e ao longo do espaço-percurso.

A **Figura 18** ilustra detalhes de continuidade definidos por caminhos e direção, nas duas fotos à esquerda: um parque em Verona; o suceder-se de arcos: ilustrada numa rua de Florença - ao centro); e separação entre materialidades diversas: na foto à direita, Veneza.

Figura 18 - Elementos de Continuidade.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Caminho é uma experiência de relação que permite inferir que quanto mais ricas as relações entre forças e significados gerados por seus objetos físicos, sociais e culturais em sua origem, destino e na sucessão linear de elementos e eventos ao longo de suas bordas, maior a capacidade espacial de propiciar ao usuário orientar-se e realizar-se (NORBERG-SCHULZ, 1971). Apoiando-se na teoria Gestalt de continuidade (ibidem), no caminho estas relações expressam a necessidade e capacidade humana de flamar, ou de definição de metas a serem alcançadas, e de posicionamento em relação a coisas, eventos, objetos e pessoas que no caminho se tornam referenciais.

No contexto espacial em que se inserem, os caminhos podem constituir lugares de transição, de comunicação ou de separação (quando se torna eixo que divide) definindo

barreiras entre elementos, massas e espaços. Pontes, rios, escadarias, ruas, corredores, corredores de transporte são exemplos de caminhos.

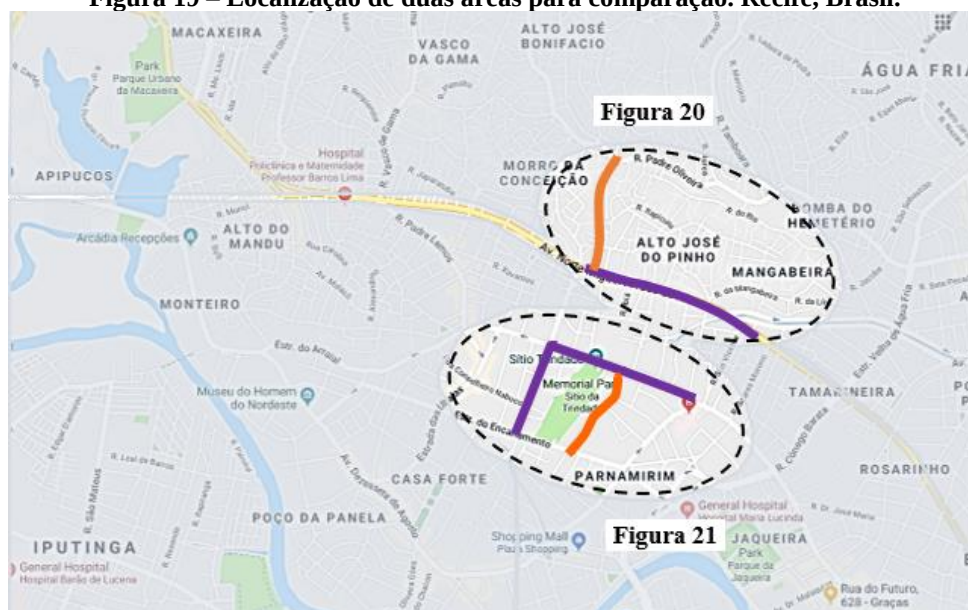
Segundo Norberg-Schulz, o caminho definido por elementos naturais, seja rio ou terra, é um espaço constante em “perene movimento” que psicologicamente pode expressar e despertar como relacionar-se e posicionar-se no mundo: “rio acima, ou rio abaixo?”. Nas igrejas cristãs, o caminho leva ao altar, numa residência, o caminho inicia-se ao entrar na residência e progride ao longo dos cômodos, colocando-os numa disposição específica que define valores e a especificidade cultural do habitar. Na escala urbana, sua significação constrói-se nas relações internas e com seu contexto; ao colocá-los em relacionamento define hierarquia e valores caracterizantes da interação entre espaços, na construção da totalidade do espaço. Isto fica bem claro no espaço público urbano.

A rede de forças que se expressa nas funções e atividades que ocupam o solo urbano privado se utiliza da rede de caminhos e desta dependem todos para suas necessidades cotidianas. Em grande parte, ao definir a forma e tipologia da vida que ocupa suas margens e as fatias de espaço dedicada a cada perfil de usuário público que circula (pedestres, ciclistas, veículos), a rede de caminhos expressa o ranque hierárquico das prioridades da gestão pública na paisagem edílica e experienciada que desenha. No *modus operandi* contemporâneo, esta rede ainda é mediadora e autorizadora das tensões, dinâmicas e oportunidades da cidade mediante o espaço (caminho) que perpassa espaço (domínio).

Uma comparação de escala de ruas em bairros recifenses com perfis sociodemográficos diferentes evidencia a influência de domínios na experiência hodológica da paisagem e dos caminhos ilustrada na **Figura 19**. A **Figura 20** mostra a paisagem de Alto José do Pinho e a **Figura 21** ilustra a do Sítio da Trindade. Dois bairros contíguos com perfis socioeconômicos diversos

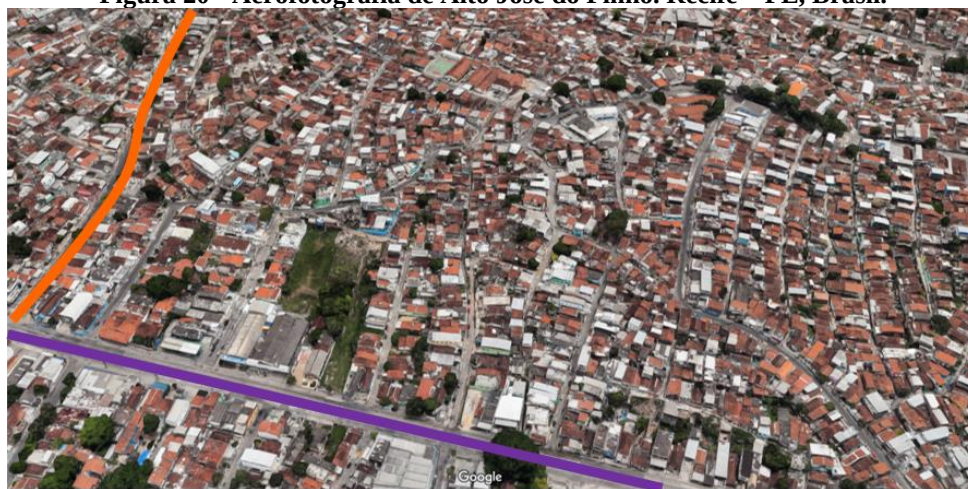
Uma comparação entre áreas de dois bairros recifenses, ilustradas na **Figura 19**, com perfis sociodemográficos diferentes revela as tipologias arquitetônicas diversas que influenciam a experiência hodológica da paisagem e dos caminhos, ilustrada na. As imagens seguintes (**Figura 20 e Figura 21**) revelam a paisagem do bairro Alto José do Pinho e a do Sítio da Trindade, que são dois bairros contíguos com perfis socioeconômicos diversos.

Figura 19 – Localização de duas áreas para comparação. Recife, Brasil.



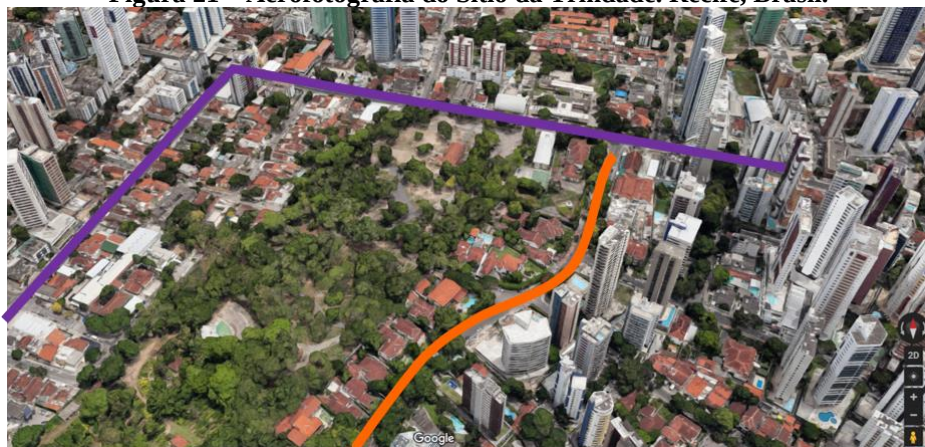
Fonte: Figura elaborada pela autora, utilizando mapa disponível em <http://www.google.com/maps>.

Figura 20 - Aerofotografia de Alto José do Pinho. Recife – PE, Brasil.



Fonte: <https://www.google.com/maps>

Figura 21 – Aerofotografia do Sítio da Trindade. Recife, Brasil.



Fonte: <https://www.google.com/maps>

O domínio, por sua vez, é definido por características espaciais semelhantes. Segundo Norberg-Schulz, pelo fato de serem menos estruturados que os lugares, os domínios propiciam o senso de pertencimento e memória menos específico do que o experimentado no lugar, e não possuem a centralidade de uma meta a ser alcançada, muito embora possam sê-lo em potencial. Distritos, bairros, regiões, mares, lagos são exemplos de espaços na escala de domínios; definem contextos e estes fortalecem o caráter dos lugares e dos caminhos conhecidos (NORBERG-SCHULZ, 1971, 1983). Topologicamente, sua forma, dimensão ou limites são relevantes sobretudo como referencial, definindo o que está dentro ou fora de um universo comum no sistema de espaços (Ibidem).

A **Figura 22** ilustra domínios (áreas) concretizadas em várias formas, escalas e composições: No canto alto esquerdo, rua em Olinda-PE durante celebrações carnavalescas; detalhe de morro em Casa Amarela, em Recife-PE (alto centro); uma praça em Igarassu-PE (canto esquerdo abaixo); praça em Casa Forte, Recife-PE (baixo centro); área residencial em Siena, Itália.

Figura 22 - Exemplos de domínio.



Fonte: Google (Olinda e morro em casa amarela). Demais fotos: Vera Chamié de Souza, 2014.

O conceito de objetos do espaço desenvolvido por Norberg-Schulz (1971), e adotado nesta pesquisa, refere-se a objetos do espaço como algo cuja identidade e propriedades qualitativas podem ser identificadas nas dimensões física, social e cultural. **A dimensão física** é constituída de elementos naturais e construídos: clima, luminosidade, sonoridade, odor, radiação solar, fenômenos da natureza, etc. A **social** caracteriza as pessoas e suas especificidades demográficas, subjetivas e sociais, suas ações e interações; e a **dimensão cultural ou espiritual**, de caráter mais abstrato, referencia-se a crenças e valores associados às qualidades e fenômenos, como os simbólicos, e os do imaginário (NORBEG-SCHULZ, 1979, 1983, p. 224-225).

Objetos do espaço expressam, ordenam, estruturam, articulam e manifestam, de forma tangível e intangível, a experiência existencial no espaço da arquitetura, em arranjos de centros, caminhos e domínios. Estes arranjos na arquitetura expressam respectivamente a) centralidade, ou seja, são referenciais de partida ou meta de uma experiência; b) conexão entre as partes através de direção, sentido, continuidade e fluxo de sua progressão; e c) suas semelhanças e unidade. Estas formas de arranjo têm sido consideradas universalmente por muitos estudiosos do desenho e planejamento urbano, como Lynch (1960) e Gehl (2014), dentre muitos outros. Elas ***manifestam movimentos individuais e coletivos de convergência, divergência, intersecção do agir e do estar ou ser no mundo em relação a coisas e pessoas***. Esses elementos de ordenamento básico definem-se não só pelo espaço em si, mas também porque estão intrinsecamente contextualizados em relação a outros centros, espaços ou elementos.

Nós, centros e domínios arranjam objetos e elementos espacialmente; sua significância e valor reside no fato de que os espaços da arquitetura expressam padrões e relações existenciais de comportamento associados à orientação humana no espaço²⁶. Mediante esses arranjos se ordena e se concretiza toda experiência humana em qualquer espaço, em inúmeros contextos e escalas.

Estes padrões denominados esquemas espaciais são compreendidos e construídos devido a uma capacidade humana universal, de compreensão e expressão da experiência de vida na forma de relações espaciais entre objetos materiais, sociais e culturais que estruturam a experiência humana. O significado, sentido e valor dessas relações são comunicados também por suas propriedades qualitativas, de forma que cada associação entre as relações de coisas e fenômenos, e as interações humanas, por exemplo, expressa um significado geral numa

²⁶ São considerações já estabelecidas na psicologia (Piaget, Lewin, Gibson) e arquitetura (Norberg-Schulz, Lynch, Gehl) entre os autores de referência no assunto.

contextualização espacial. Parte deste significado é universal -isto é, subjacente a todas as culturas (RAPOPORT, 1977) – e parte é associada à cada cultura. As pessoas as exprimem nas relações tridimensionais de objetos significativos que constituem os espaços; e a imagem por estes formada se reporta ao comportamento humano.

Compreender os espaços desta forma equivale a reconhecer um caráter de registro da experiência vivida, que a revela e orienta a pessoa. Equivale a admitir que a dinamicidade desses esquemas confere aos espaços flexibilidade espacial, embora este continue ordenado. Equivale ainda a reconhecer o papel do espaço como construtor de cidades e de registro da mesma, de seu *modus vivendi*, de sua cultura ou sociedade ao longo do tempo; Assim, o espaço revela-se uma base sobre a qual constrói-se identidade, caráter e memória (NORBERG-SCHULZ, 1971, p. 10-11) social e espacial, e transmuta-se em lugar ao mesmo tempo que favorece a sua construção (NORBERG-SCHULZ, 1983, p. 225-226). Por isso, os esquemas espaciais são de fundamental importância para desenvolver a compreensão do espaço relacional.

Fundamentando-se nesta compreensão do espaço da arquitetura, pode-se dizer que a experiência existencial humana constantemente cria e explora relações funcionais, locais, métricas, geométricas e interativas que se concretizam em características espaciais estruturadas em centros, caminhos e domínios, na relação destes elementos entre si, na proporção entre cheios e vazios, e entre as massas e superfícies que expressam essas características elementares. Associada a outros fatores, a leitura e experiência do espaço e de suas potencialidades, ou *affordances*, através desses 3 elementos em relação constrói a identidade do espaço da arquitetura.

Seguindo este raciocínio, os arquétipos formais e espaciais referem-se a características reconhecidas pela coletividade. Eles comunicam pistas das possibilidades fenomênicas que permitem ao usuário do espaço presumir que tipos de conteúdo encontrar em determinadas formas ou características espaciais (GIFFORD, 2002). Inconscientemente associa-se a experiência ao espaço. Um dos desafios implícitos na concretização do espaço arquitetônico é articular no espaço fixo as forças intrínsecas à experiência sócio espacial de seus usuários, de maneira que lhe possibilite abrigar a gama de possíveis experiências existenciais de forma ao mesmo tempo diversificada e legível. A articulação dos elementos do espaço influencia sua flexibilidade, densidade e a escala da experiência humana. Na abordagem experiencial do espaço, pode-se dizer que quanto mais flexível for o espaço, mais aumenta sua capacidade de acolher vários conteúdos, e mais este cumpre seu papel de concretizador de imagens e sonhos, ajudando o homem a encontrar pontos de apoio existenciais através de sua experiência espacial.

Centro, caminho e domínio, nas suas várias escalas, possibilitam aos usuários identificar coisas, pessoas e acontecimentos significativos; sua imagem contribui para compreender e conferir sentidos à experiência individual (na dimensão do espaço perceptivo e experienciado) e coletiva (no espaço existencial). Na experiência coletiva compartilham-se valores, imagens e significados.

Por resultar e expressar o constante fluxo de forças inerentes à vida na esfera privada e pública, pode-se dizer que quanto mais a materialização dos espaços refletir os valores sociais, artísticos, políticos e econômicos que os concretizam mais ricos eles serão. Segundo Bollnow (NORBERG-SCHULZ, 1971) e Maturana e Varela (2011), o espaço da arquitetura é espaço da vida comum amorosa que se concretiza da forma como a sociedade vive.

O espaço contido na edificação concretiza o âmbito privado da existência e está sempre em contato com o ambiente exterior, do qual precisa para estabelecer sua imagem de centro, necessária à identidade de cada pessoa (NORBERG-SCHULZ, 1971). Com base nesta compreensão experiencial do espaço, o mesmo caráter referencial pode ser dito a respeito dos subespaços contidos em espaços públicos. E então, pode-se inferir que o equilíbrio do espaço contido na escala imediatamente maior está correlacionado à interação entre suas forças internas e externas, articuladas nos elementos que o estruturam. A articulação dos elementos estruturantes das dimensões horizontais e verticais utiliza-se de massa e superfície, em padrões de continuidade, repetição, interdependência e interpenetração, porosidade, aberturas, proporções, texturas, cores e iluminação. Seus usos são contidos em recintos, segundo centralidades ou continuidades, e integrados através das superfícies dos elementos horizontais e verticais de separação da experiência humana perceptiva. Segundo Norberg-Schulz (*ibidem*), a disposição dos ambientes, ou subespaços de uma residência, e das coisas nele contidas, expressa a hierarquia de valores e a identidade do espaço na unidade mais básica da cultura à qual pertence.

Esta investigação infere que o mesmo possa ser experienciado em espaços abertos, onde a experiência existencial geralmente é coletiva. Nestes espaços, as atividades também são regidas por centralidades, como as que regem os cômodos de uma edificação, e por suas superfícies delimitantes -concretas ou não²⁷. No caso de praças e parques, ao invés das paredes, septos visíveis como vegetação, ou mudanças de níveis e texturas nos elementos horizontais do chão definem membranas porosas (invisíveis) delimitantes da experiência espacial coletiva.

²⁷ Considerando que elementos da natureza e elementos simbólicos também definem limites.

A identidade de espaços urbanos, ainda segundo o autor, revela-se nas relações de interação entre distritos, caminhos, centros e nós, definidas pelo arranjo espacial urbano e expressa formalmente os relacionamentos compartilhados e as dinâmicas urbanas mais importantes para a identidade da cidade. Os conceitos de desenho urbano utilizados quase que universalmente e unanimemente, referem-se justamente ao arranjo desses elementos (LEVY, 2009, p. 173-203; MOUGHTIN et al, 1999). Pode-se compreender a importância desses elementos evidenciados teoricamente por Norberg-Schulz, e concluir que essa identidade da cidade é revelada nas relações dos espaços com o todo.

A densidade espacial é um forte determinante do caráter de espaços e da cidade. A relação social da cidade se revela na escala da paisagem e a do ambiente privado na relação da edificação com a dimensão pública e coletiva da existência (NORBERG-SCHULZ, 1971). A malha urbana revela a estrutura da existência coletiva na relação dos espaços em nível urbano; seu caráter permanente revela sua existência, em sua história cronológica e cultural e orienta o observador em relação à identidade de um passado coletivo compartilhado, donde conclui-se a importância de considerar o espaço na sua dimensão diacrônica e sincrônica.

A paisagem revela principalmente a interação do homem como sociedade materializadas no espaço. Lugares, caminhos e domínios expressam e constroem a identidade e imagem do lugar nas propriedades da paisagem, que é uma escala específica do espaço da arquitetura (Ibidem).

Portanto, compreende-se que a totalidade de um nível de espaço existe na relação e no diálogo entre suas partes e no diálogo com seu entorno na escala imediatamente maior e menor que a própria. Nesta lógica, e considerando os espaços abertos de uso público, a totalidade do espaço dos objetos está em diálogo com a escala do espaço público no lote, quadra ou trecho de rua (por exemplo); e a totalidade do espaço público se completa na escala urbana, e a do espaço urbano na escala da paisagem. Assim, seguindo a linha de pensamento de Norberg-Schulz, pode-se dizer que a paisagem compõe a totalidade do espaço arquitetônico na sua dimensão perceptivelmente vivenciada e, conseqüentemente, a totalidade do espaço existencial.

Uma vez compreendido que este diálogo entre espaços se concretiza nas experiências contextualizadas no jogo de forças entre vazios e massa, superfícies e volumes, e atividades que definem o caráter do espaço arquitetônico - e abstendo-se de investigar especificidades socioeconômica e cultural do espaço- pode-se dizer que a continuidade de massa sensorialmente e experiencialmente permeável (cheios e vazios das portas, janelas, arcos e aberturas diversas) ao redor de um espaço, pode torná-lo foco de atenção e caracterizar a sua centralidade espacial, como pode ocorrer com praças e ruas.

A escala da cidade permite uma enorme variedade de escolha de espaços, consequentemente, de experiências existenciais. De fato, a experiência humana de cidade dá-se de forma dinâmica e sensível, já dentro de casa, e se concretiza no caráter simultaneamente permanentemente dinâmico da cidade ao pôr os pés fora de casa.

3.6.1 Arranjos espaciais e a experiência relacional

Através dos arranjos espaciais compreende-se o conteúdo significativo de experiências comuns a uma sociedade ou cultura. Das abordagens de Lewin e Gibson (GIBSON apud GIFFORD, 2000) e Piaget (PIAGET apud NORBERG_SCHULZ, 1971, 1983), infere-se que a significação da experiência relacional humana é expressa e compreendida por relações topológicas.

Relações topológicas estão presentes na intuição e no pensamento lógico de movimento e localização espacial humana. Elas orientam experiências perceptivas intuitivas, baseando-se na experiência geral das pessoas em situações passadas semelhantes ou relacionadas ao presente (BERTHOZ & VIAUD-DELMON, 1999). Exemplos de características topológicas são relações de 1. Vizinhança; 2. Dentro-fora; 3. Interior-exterior; 4. Aberto-fechado; 5. Longe-perto; 6. Separado-unido; 7. Contínuo-descontínuo; 8. Alto-baixo; 9. Adjacência (proximidade); 10. Sucessão.

Estas características - que se expressam através de elementos e do arranjo de elementos no espaço habitado - se evidenciam nas relações entre elementos físicos e sociais²⁸ do espaço experienciado influenciando a amplitude do espaço vital. Alto versus baixo e largo versus estreito, por exemplo, expressam características²⁹ topológicas e propiciam experiências topológicas que, como substrato, definem muitos contextos experiências dos espaços relacionais³⁰. Assim, são importantes para o espaço relacional.

²⁸ Seria muito interessante poder aprofundar o conhecimento da dimensão cultural dos objetos do espaço, para melhor compreender o efeito destas na construção topológica do espaço.

²⁹ (NORBERG-SCHULZ, 1979, p.30 e p. 90)

³⁰ Segundo Norberg-Schulz toda organização espacial decorre de três princípios básicos: proximidade, continuidade e encerramento, que estruturam os elementos do espaço, o qual pode se manifestar concretamente na forma de agrupamentos/aglomerações, fileiras, ou elementos distribuídos em círculo/ao redor de uma centralidade. Visto que a totalidade espacial é composta por escalas de espaços, essas estruturas ocorrem em várias escalas, resultantes da combinação de elementos segundo os princípios de proximidade, continuidade e encerramento. As escalas de espaço segundo Norberg-Schulz, englobam o objeto, o interior de edificações, urbana / cidade, paisagem e geografia (NORBERG-SCHULZ, 1971). Em centros urbanos se expressam - da escala maior à menor - em distritos ou bairros, ruas/caminhos e nós/largos/praças, ou em combinações dessas estruturas (NORBERG-SCHULZ, 1971, p.81).

As fotos do eixo Av. Paulista em São Paulo (**Figuras 23 e 24**) e do eixo monumental em Brasília (**Figuras 25 e 26**), apresentadas na mesma escala, ilustram uma mesma distância e área que percorrida por um mesmo usuário - a pesquisadora, por exemplo – propiciou caminhadas e experiências relacionais completamente diferentes. Embora os usuários dos dois percursos experienciem o *estar dentro de* uma área e o *percorrer* eixos viários, as características hodológicas³¹ propiciadas por esses dois arranjos espaciais bem distintos evidenciam as relações sistêmicas e multimodais que entram em jogo na construção de espaços relacionais.

Numa tentativa de reflexão superficial sobre a experiência nestes dois espaços - e eximindo-se de definir valores desejáveis para o desempenho funcional e socioespacial - pode-se afirmar que o arranjo destes dois caminhos criou espaços diferentes. A escala vertical e horizontal, as distâncias de proximidade, as aberturas dos objetos físicos do espaço para o usuário, e a frequência de ocorrência das edificações que delimitam as bordas dos dois caminhos definem aspectos e dimensões tangíveis e intangíveis da experiência socioespacial bem diversos. Por exemplo, definem o quão grande ou pequeno pode ser o ângulo de visão do usuário. Os limites definidos pelo arranjo e tipo da massa edílica na Av. Paulista (**Figuras 23 e 24**) restringem o horizonte de alcance visual de seus usuários e favorecem uma experiência de estímulos mais dinâmicos e com mais elementos de estímulo se comparado ao de Brasília (**Figuras 25 e 26**). Ao caminhar estes percursos durante a pesquisa, experienciou-se que o arranjo da Av. Paulista induz o universo percebido e o enfoque de seus usuários na vida que acontece e flui próxima a ele e “fora dele”, comparado ao espaço vital propiciado do Eixo monumental de Brasília.

A experiência espacial e relacional na Paulista aos domingos é bem mais rica que a de Brasília durante a semana; porém, outros fatores além dos edílicos enriqueceram estes dois arranjos espaciais com contextos de características espaciais bem distintas. Características espaciais consideradas relevantes para a experiência espacial serão apresentadas neste capítulo, e as correlações destas com o espaço da arquitetura na caracterização do espaço relacional são apresentadas no capítulo 4.

³¹ Relacionadas com a experiência psicológica (TIBERGHEIN, 2012).

Figura 23 - Aerofotografia. Avenida Paulista. São Paulo. Brasil



Fonte: maps.google.com

Escala: 0 200 m

Figura 24 – Vista pedestre da Av. Paulista



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

Figura 25 -Aerofotografia. Eixo Monumental. Brasília. Brasil.



Fonte: maps.google.com

Escala: 0 200 m

Figura 26 - Vista pedestre do Eixo Monumental de Brasília. Brasil



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

Porque o referencial das características topológicas de um conjunto de objetos em relação permanece invariável ao variar as características formais, estéticas e geométricas euclidianas dos objetos e do espaço, ter-se aquelas como referencial alarga a flexibilidade de escolha das características edílicas, e evidencia a importância da experiência hodológica dos contextos topológicos definidos por arranjos espaciais. As experiências que podem resultar de uma mesma característica topológica, podem ser alcançadas com uma larga gama de possibilidades espaciais, formais e geométricas, e resultar em inúmeras experiências de leitura, compreensão e expressão pelos usuários. Através da topologia é possível também avaliar os efeitos diversos que relações contextuais diferentes podem trazer à experiência de usuários do espaço. Esta flexibilidade é importantíssima em espaços públicos, considerando a rapidez com a qual mudam as dinâmicas sociais e o público urbano (fluxo cada vez mais global de usuários), e a constante diminuição dos recursos financeiros e territoriais em centros urbanos contemporâneos (refletidas nas tendências contemporâneas de crescente índice de urbanização)³².

Figura 27 - Parque da Jaqueira. Recife, Brasil.



Fonte: [http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?tag=parque-da-jaqueiraverificar site](http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?tag=parque-da-jaqueiraverificar%20site)

Figura 28 - Parque da Jaqueira. Recife, Brasil.



Fonte: [http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?tag=parque-da-jaqueiraverificar site](http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?tag=parque-da-jaqueiraverificar%20site)

Através da análise da observação caminhante no Parque da Jaqueira (**Figuras 27 e 28**), por exemplo, teve-se a impressão de que a localização topológica de usos, como o playground, visualmente próximo da pista de caminhada no Parque da Jaqueira, produziria mais estímulos e tornaria a experiência mais segura e amena para usuários de ambos subespaços, comparado ao playground e pista de caminhada separados com arredores de grama. Parece que se

³² Discutidos no capítulo 1.

compreende muito mais sobre as experiências qualitativas espaciais quando as características topológicas são consideradas de forma relacional e em conjunto, pois isto permite um maior número de possibilidades fenomênicas do arranjo de centralidades, caminhos, direções e domínios; e como estas influenciam o espaço hodológico.

Este aporte teórico e da observação caminhança desenvolvida nesta pesquisa na Av. Paulista e no eixo monumental, resultou na necessidade de investigar seguinte: Quais dimensões topológicas e hodológicas precisam ser lidas em conjunto para uma melhor compreensão e expressão das experiências das RIRs, e uma melhor identificação dos contextos da experiência para o espaço relacional? Quais estímulos são significativos em ambos espaços para a experiência comunicativa?

O **Quadro 7** expressa uma primeira tentativa de agrupar elementos básicos para a compreensão do espaço relacional enquanto espaço da comunicação. Nele citam-se os grupos de variáveis (coluna 2) que se expressam em componentes e estímulos do espaço importantes para a comunicação não verbal. Estas variáveis definem características espaciais (coluna 1) associadas à composição, funcionalidade, comunicação e contexto do espaço. Esses grupos ora constituem-se de objetos do espaço da arquitetura; de pessoas com quem se interage ou não ao experienciar o espaço, e do próprio contexto. Ressalta-se porém, que se trata de uma primeira tentativa de compreensão do objeto de estudo, a partir da compreensão do espaço segundo Norberg-Schulz e resultante da observação participante nos espaços visitados.

Quadro 7 – Objetos do espaço da arquitetura relevantes para o espaço relacional

Características (col. 1)	Grupos de variáveis espaciais (col. 2)	Exemplo de variáveis (col. 3)
Compositivas	Estrutura ou desenho do arranjo	• Estrutura do espaço total; • Centros, nós e caminhos: o que hospedam e como se relacionam/conectam, suas dimensões euclidianas; • Segundo a dimensão, configuração, quantidade, frequência, forma, densidade de ocorrência e escala dos elementos do espaço; • Organização, tipo e grau de conectividade dos subespaços do ambiente;
Funcionais	Atividades e funções	• Tipo – Necessária ou Opcional; ativa ou passiva; • Quantidade, localização no contexto ambiental total e se permanente ou temporária; • Fluxo dos usuários; • Acessibilidade, limpeza, manutenção, segurança incluindo riscos aos quais expõe os usuários, adequação do tamanho do ambiente às atividades nele desenvolvidas; conforto térmico, acústico, luminoso, e ventilação do ambiente entre outros; e estética.
Comunicantes e comunicativas	Estimulantes e veiculadoras de estímulos	• Propriedades funcionais dos canais e elementos de estímulo e de percepção de estímulos do espaço (incluindo os usuários); • Membranas e barreiras: Tipologia (s), características semióticas e materiais (constituição material) e localização; • Aspecto formal; • Estímulo: Tipologia e fontes de estímulos; • Eventos relacionais: tipo, quantidade e frequência; • Legibilidade do espaço- revelado através das respostas comportamentais às <i>affordances</i> que o usuário lê no espaço através de suas: a) Membranas e barreiras – Tipologia (s), características e localização; b) Comportamento de territorialidade dos demais usuários.
Inserção no urbano	Relação com o contexto urbano	• Acessibilidade; • Harmonia com usos (principais e secundários); • Segurança; • Usuários dominantes e secundários;

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018

3.7 Percepção

A experiência humana relacional no espaço da arquitetura é sobretudo construída na multidimensionalidade e multimodalidade do agir situado. Plasmado por atores, objetos e experiências, o espaço relacional é lugar de interconexão entre necessidades e capacidades humanas multimodais presentes na iminência e durante as *RIRs*.

Na abordagem da Psicologia e Neurociência investigadas neste estudo, entende-se que a percepção ambiental, ao contrário da percepção das coisas, está associada à captação de informações ou estímulos do ambiente – compreendendo os objetos em sua disposição e organização no espaço como um todo, e incluindo o observador - pelos sentidos e localização do observador em cada momento. A percepção é possibilitada e/ou condicionada por sua experiência espacial-temporal (contextual) e circunstancial (BERTHOZ, 1997; BERTHOZ e VIAUD-DELMON, 1999; GIFFORD, 2002; MATURANA e VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1971).

Esses autores estruturam sua compreensão do espaço da Arquitetura nas chaves de leitura ontológica denominadas *esquemas espaciais*³³, que cada pessoa incorpora na leitura e significação de situações, associando elementos do espaço à medida em que constrói seus padrões de comportamento no espaço. Para a compreensão da experiência perceptiva correlacionada às *RIRs*, o aporte utilizado desses autores permite considerar dois níveis de percepção do espaço, três dimensões e dois processos.

Dos níveis de percepção, um é definido pela experiência de vida, e outro é o da percepção imediata que varia segundo o foco da atenção ao engajar-se na experiência do espaço, segundo os filtros sensoriais que conscientemente ou inconscientemente mantem-se alerta ou “dormentes”³⁴ e conforme o foco experiencial, (GIFFORD, 2002; NORBERG-SCHULZ, 1971).

Três dimensões de influências da experiência humana na percepção do ambiente são destacadas por Gifford (2002): influência pessoal – as características e capacidades de cada pessoa; influência cultural – o modo como as pessoas crescem envolvendo processos

³³ Os esquemas se desenvolvem principalmente no período de formação do cérebro, contam com a contribuição da experiência humana geneticamente herdada como espécie, e são construídos durante a vida, resultantes da necessidade humana de orientação afetiva no ambiente; os esquemas – que são muitos e as pessoas normalmente possuem mais de um - captam aspectos distintos do ambiente e mediam a experiência humana no sistema de espaços tridimensionais (NORBERG-SCHULZ, 1971). O esquema de percepção do espaço de cada pessoa é composto por estruturas invariáveis, sendo por isso consideravelmente estável; a percepção é formada por estruturas de percepção da forma, da cultura, da sociedade e adquire a singularidade de cada pessoa; juntas, estas chaves de leitura possibilitam a toda pessoa construir a imagem estável do seu ambiente como um sistema vinculado à sua experiência de relações tridimensionais entre objetos significativos no contexto cultural e social.

³⁴ Gifford denomina habituação ou dormência, o fato de não se dar conta das coisas ao redor, quando se está habituados a elas.

psicológicos e experiências sociais; e influência físico-espacial – como os materiais e objetos empregados na composição ou construção do espaço, a organização e a complexidade visual do espaço construído.

Dois processos relevantes para as RIRs são importantes construtores da percepção das *affordances*: o de percepção já explicada acima, e o de cognição ambiental. A cognição ambiental constrói-se na identificação e compreensão das relações dos objetos no espaço (Ibidem), possibilitando uma leitura do conjunto, Lynch se refere a este processo como *legibilidade*.

A disposição dos elementos de cada espaço é articulada de maneira única vinculada às particularidades culturais³⁵, contextuais e circunstanciais de cada lugar, e são percebidos de maneira também única através das especificidades individuais (gênero, idade, expectativas, padrões estéticos), psicológicas, experienciais e culturais de cada pessoa e de cada contexto e ambiente físico. Considere-se que qualidades espaciais indiretamente percebidas em um determinado espaço influenciam a percepção de outras características do meu espaço e consequentemente o meu comportamento no ambiente. Por exemplo, o campo perceptivo visual dos pedestres diminui com o aumento de rumores de tráfego (Ibidem).

Junto aos estímulos provenientes dos componentes do espaço, as pessoas usuárias do espaço constituem estímulo recíproco; expressam significados estáveis e dinâmicos, pessoais e sócio culturais; despertam afetos, memórias, práxis, e respostas comportamentais delineando contextos significativos para cada usuário. Além disso, constroem novas experiências, novas memórias e identidades.

Essas experiências estão presentes em todo espaço da Arquitetura. Essas dinâmicas experienciais favorecem atitudes de abertura ao risco e imprevisibilidade, inerentes ao relacionar-se com o outro de forma positiva, quando -em sinergia no espaço- conseguem abaixar os mecanismos de fuga, de autopreservação e de defesa, por vezes agressivos (KNAPP, HALL e HOGN, 2014) Nas RIRs, dar-se conta da presença do outro, reconhecer sua identidade, deixar-se afetar por ele, encontrá-lo e dar e receber de forma positiva e gratuita são processos de riscos necessários. Quando ocorrem, o espaço da Arquitetura transmuta-se em lugar de reciprocidade.

O antropólogo Edward Hall enriquece a compreensão das RIRs ao explicar a associação das distâncias ao papel e capacidade de percepção e sua influência no comportamento dos

³⁵ Um exemplo bem caracterizador das peculiaridades locais culturais ilustrado por Gifford (2002, p.33), é o *Carpentered-world Hypothesis* que exemplifica as diferenças perceptivas às discrepâncias ambientais entre culturas diversas.

envolvidos em interações interpessoais guiado por estudos empíricos. Uma de suas contribuições na antropologia, a proxêmica explica como a distância entre pessoas num dado espaço afeta como uma pessoa percebe o espaço e as outras pessoas, como se comporta nele e diante dos demais. A influência da distância na experiência perceptiva também varia com as normas culturais locais, tipos de relacionamentos, de *atividades desenvolvidas por pessoas* em interação em um dado momento e lugar; varia ainda com aspectos infraculturais, *elementos fixos e móveis do espaço*, e ainda com *condicionantes específicos de cada lugar* (HALL, 1990;).

Embora se considere o espaço e seus elementos uma extensão da pessoa (HALL, 1990; MATURANA e VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1990), cada cultura adota um padrão específico de comportamentos sociais e lhes confere valores específicos, em consonância com seus padrões de normalidade apreendidos pelas capacidades perceptivas. Hall classificou as escalas de espaço perceptível em quatro categorias, que tem sido desde então universalmente adotadas por várias disciplinas: *espaço íntimo, pessoal, social e público*, possibilitando concluir que distâncias são muito relevantes na experiência relacional em foco. Os esquemas espaciais orientam também a percepção e apreensão do significado dessas distâncias nas experiências interpessoais (MATURANA; VARELA, 1999; NORBERG-SCHULZ, 1991; RAPOPORT, 1977).

Hall, Rapoport e Norberg-Schulz utilizam-se desse lastro de mecanismos, tendências e predisposições que influenciam a comunicação espacial e interpessoal não verbal em todo tempo e cultura. Por este motivo, aprofundou-se aqui a compreensão do caráter multissensorial da percepção humana: olfativa, visual, tátil, auditiva e cinestésica³⁶ sobre a qual o filtro cultural exerce influência (HALL, 1990; GIFFORD, 2002). A forma como as distâncias são percebidas, a percepção e produção de estímulos, e a influência recíproca entre esses processos são fundamentais para a experiência comunicativa das *RIRs* no espaço, e revelou a necessidade de aprofundar a compreensão da experiência perceptiva.

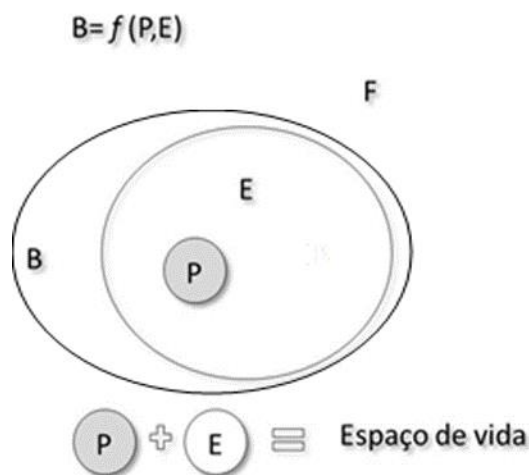
Os autores consultados oferecem uma compreensão das necessidades e potencialidades humanas associadas à percepção, através da abordagem do psicólogo Kurt Lewin (GIFFORD, 2002) que formulou a *Teoria do campo*. Esta teoria está na base da Psicologia Ambiental e nas construções teóricas de Norberg-Schulz (1971). A Teoria de Campo distingue o papel daquilo que se percebe como foco de observação do usuário e daquilo que está no espaço entorno (elementos de fundo)³⁷.

³⁶ A Cinestesia humana engloba todos os tipos de sensações, inclusive os táteis, viscerais e emocionais (Houaiss, 2010)

³⁷ Os objetos do espaço que são foco da atenção exercem influências distintas em diferentes contextos, percebidos de forma secundária; porém ambos constroem a experiência espacial.

Segundo Lewin (LEWIN apud GIFFORD, 2002, p. 5), o ambiente psicológico de toda pessoa possui uma dimensão física pessoal (P) e experiencial (E) que constituem seu espaço de vida (B), ou espaço vital. O espaço vital (B) existe em função da pessoa (P) e daquilo que ela percebe e experiencia (E). No espaço (F) estão as coisas “não incorporadas na vida” de cada pessoa, isto é, as que não se percebe conscientemente. (*Foreign hull*), ilustrado na **Figura 29**.

Figura 29 - Teoria de Campo de Lewin.



Fonte: Vera Chamié de Souza, a partir da Teoria de Campo de Lewin (GIFFORD, 2002).

Estudos empíricos³⁸ já desenvolvidos sobre os modos como as situações podem influenciar negativamente a percepção, leitura e interpretação de um comportamento não verbal, explicam que para poder ser compreendida, a comunicação não verbal necessita ser contextualizada no espaço-ambiente³⁹ onde acontece, pois está diretamente influenciada pelo espaço. Infere-se que, embora os objetos de um dado espaço sejam percebidos por todos que compartilham seu uso simultaneamente, as informações são percebidas e estimulam cada usuário distintamente. Num mesmo espaço, estímulos diferentes influenciam respostas comportamentais distintas.

Os usuários do espaço utilizam-se de um lastro de mecanismos, tendências, predisposições e processos gerais ontológicos e invariáveis da comunicação não verbal (esquemas de comunicação) - que conectam o ser humano ao ambiente e vice-versa - que também são subjacentes às especificidades de grupos, tempo e contexto e que possibilitam identificar características do meio ambiente. Através destes, como um aperto de mão, por

³⁸ Como os descritos no capítulo Non-verbal behavior as communication: approaches, issues and research do livro de Owen The handbook of communication skills, Gordon, Duckman, Rozelle e Baxter (2006).

³⁹ O espaço-ambiente inclui o espaço, seus usuários e seu contexto material e imaterial.

exemplo, as pessoas expressam *emoções, comunicam atitudes, apoiam a comunicação verbal, apresentam-se ao outro e expressam rituais* (GIFFORD, 2002; KNAPP, HALL e HOGAN, 2014) que ajudam na construção de relacionamentos interpessoais.

Mediante a percepção do “espaço⁴⁰”, apreende-se sua identidade; identifica-se e faz-se juízo de valor sobre o contexto da experiência, sobre o outro com quem se compartilha o espaço, sobre os riscos e as possibilidades fenomênicas que o outro e o espaço apresentam; e este processo ajuda o usuário a decidir sobre se, e como engajar-se com o outro.

As dimensões, ou raios, do espaço perceptível e interações interpessoais segundo Hall (1990), são: a) espaço íntimo = entre 15 e 45 cm. – Predominantemente caracterizado por interações de contato físico, a invasão deste espaço pode suscitar reações adversas de ansiedade, fuga e inquietação; b) espaço pessoal= de 45 cm. à 1,2 m. – é aquele em que as pessoas se sentem confortáveis para os relacionamentos próximos; permite um tom de voz baixo na comunicação verbal, e não requer necessariamente o contato físico, apenas o visual; c) espaço social= 1,2 m. a 2 m. – geralmente caracteriza interações profissionais, a distância não permite captar os sinais não verbais das relações de reciprocidade que podem ocorrer entre estranhos em locais públicos; d) espaço público= 3,6 m. a 6 m. – ocorre em interações relacionadas a discursos e palestras, onde não se faz necessário perceber ou formular uma opinião formada em resposta a estímulos recebidos; é inadequado para conversações pois não permite captar os sinais não verbais. Esta investigação considerou apenas os espaços pessoal e social adequados para as RIRs.

Atitudes, palavras e ações das pessoas ao interagirem também compõem o ambiente da comunicação junto com objetos, dimensões, estrutura e organização do espaço, seus materiais, cor, forma, textura e superfície, estilo arquitetônico, temperatura, ruídos, odores, som e iluminação (HALL, 1999; KNAPP, HALL e HOGAN, 2014)

Também compõem o ambiente da comunicação, os denominados “rastros de ação”. Os rastros de ação são vestígios ou sinais que as pessoas deixam enquanto usam e interagem no espaço, ou são sinais que revelam o que pode ter ocorrido imediatamente antes, por exemplo, o lixo encontrado ao entrar em um ambiente revela a experiência alheia anterior. A percepção do decorrer e do ritmo do tempo (cronêmica) é outra pista comunicativa. Níveis de stress, formalidade, competitividade e cooperação que caracterizam a atmosfera social também

⁴⁰ Implicando dizer, espaço físico, fenomênico e temporal.

influenciam o comportamento no espaço (Ibidem)⁴¹ e compõem o ambiente da comunicação. Todos esses aspectos são considerados componentes do espaço existencial, segundo Norberg-Schulz (1971).

O modo como as pessoas utilizam, percebem e respondem às relações do espaço com o espaço social e pessoal também influencia as interações interpessoais de reciprocidade formais e informais, e vem sendo investigado por um campo da Proxêmica denominado Ecologia de Pequenos Grupos. Este campo lida com territorialidade e com a relação entre as disposições espaciais e multidões; disposição de cadeiras, por exemplo, e a hierarquia entre os envolvidos nem interação; distância espacial e conversação, e a variação destas segundo características pessoais, sociais e culturais específicas (KNAPP, HALL e HOGAN, 2014). Embora reforcem a abordagem desta investigação, os estudos neste campo não serão aqui aprofundados.

Aspectos como expressão facial, toque físico, postura e gestos, ou o modo como pessoas comunicam-se através da voz e do olhar (para onde olham, por quanto tempo, como e quando) - apontados também por Simmel (2000) como formas de comunicação não verbal significativas nas interações interpessoais na esfera social – também são influenciados por condições espaciais. Em apresentação de tema na Harvard Graduate School of Design em 2013, Sennett denomina de cultura de tribo a um dos aspectos do fenômeno de distanciamento entre as pessoas que ocorre largamente nas grandes cidades. Quando a supervalorização do narcisismo, dos méritos pessoais e a fragilização da capacidade de superar os riscos da alteridade torna-se frequente na cultura contemporânea, as pessoas ficam mais propensas a ignorar os outros, destruindo o senso de conexão e enfraquecendo a cooperação; tende-se a evitar o engajamento com outras diversas de si própria, gera-se um tipo “moderno de política de tribo”, ao invés da cidade, favorecendo um declínio da dimensão social-relacional do espaço como lugar de interação pública. Porém, normalmente, as pessoas não são reféns completamente indefesos.

Estes estudos enumeram as seguintes dimensões da comunicação não verbal que contribuem para a construção da experiência espacial, leitura e compreensão do espaço vital: aparência física, território e espaço pessoal, linguagem corporal e vocal, expressão facial,

⁴¹ A elaboração destas conclusões deu-se com o auxílio do relatório, sem menção de data ou autor, intitulado *Non-verbal communication*, elaborado pelo agora extinto *Communication for Governance & Accountability Program* da ONU; e embasa-se numa bibliografia abundante nos campos da percepção e da comunicação não verbal. Documento Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/EXTGOVACC/Resources/NonverbalCommweb.pdf> . Acesso em: 15 nov 2015.

gestual e postura, vários contatos sensoriais, pistas vocais, cronêmicas e cinestésica, cuja importância na comunicação não verbal estão sintetizadas no **Quadro 8**.

Quadro 8 - Dimensões da comunicação não verbal

Dimensões da comunicação	Importância para a comunicação
Características sensorialmente reveladoras do usuário e do território: Odor, níveis de temperatura, ruído, iluminação e de poluição, microclima, visibilidade e topografia, movimento, densidade, qualidade social, segurança, crime, atividades, contexto urbano.	Revelar e Expressar a aparência física do usuário e do espaço e seus objetos; Revelar agentes comunicantes de significado. Emitir estímulos, provocar sensações, e dar pistas de possibilidades do espaço.
Comportamento, linguagem corporal e vocal, expressão facial, gestos e postura	Comunicar sensorialmente emoções, através da experiência visual, Oferecer pistas vocais, cronêmicas ⁴² e cinestésicas. Apoiar a comunicação verbal. Revelar os usuários uns aos outros Revelam rastros de ação
Território e Exercício do espaço Pessoal	Controlar o exercício da própria identidade e territorialidade Influenciar a sensação de confiança pessoal e no outro -por exemplo, controle, segurança e identidade favorecem a confiança enquanto anonimato
Capacidade sensorial do usuário	Colher emoções e atitudes, o outro, e rituais expressos na experiência visual Responder aos estímulos e formular escolhas de respostas comportamentais
Objetos e atmosfera sociais e culturais	Revelar natureza da situação contextual e da situação pessoal vivenciada pelo usuário no momento em que usa o espaço Revelar parâmetros de leitura que indicam critérios culturalmente estabelecidos de normalidade ⁴³ .

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Usuários que se familiarizam com o espaço sabem como melhor tirar proveito de suas características (GIBSON apud GIFFORD, 2002; LYNCH, 1970; NORBERG-SCHULZ, 1971; SIMMEL, 2000). Com isso aumentam-se as chances de alargamento do espaço vital e mudança do foco de visão da realidade egocêntrica para aloccêntrica⁴⁴. Porém, será que só a percepção do

⁴² modo como alguém concebe e usa o tempo, perceptível através do ritmo e velocidade dos fatos que ocorrem num dado espaço, ou pelo comportamento das pessoas durante interações.

⁴³ (HALL, 1990; MATURANA e VARELA, 2011; NORBERG-SCHULZ, 1990)

⁴⁴ Sob cada uma dessas duas perspectivas o observador obtém duas leituras diferentes de um mesmo espaço. Essas leituras feitas por regiões específicas do cérebro informam a percepção e consequentemente a experiência e o comportamento do observador usuário de um dado espaço. Consequentemente, e devido à capacidade cerebral

ordenamento do espaço físico e seus elementos bastam, como estímulos para favorecer o alargamento do espaço vital e a experiência das RIRs?

3.8 Intencionalidade, afetos e empatia

O contexto de vulnerabilidade sobre a qual se constrói a confiança, pode -entre outras coisas- decorrer primariamente da percepção ou inferência de possíveis interesses próprios e negativos do outro, a quem se desconhece⁴⁵, e para construí-la é necessário que as pessoas antes de tudo aceitem e superem a condição de vulnerabilidade que experienciam (BRUNI, 2008). Segundo Bruni, o papel e valor da confiança interpessoal afetiva é fundamental e tanto maior quanto maior for o risco pessoal envolvido, quando se tratam de relacionamentos não instrumentais, com fim em si mesmo, como é o caso das RIRs.

Pode o espaço predispor seus usuários a um estado de espírito favorável a superação dessa experiência de vulnerabilidade? Para que haja a reciprocidade as pessoas observam o fato, fazem dele um juízo de valor para si, isto é, avaliam “Que benefício me traz?” e tomam a decisão de agir em retorno, em atitude de cooperação. Neste cenário, a intencionalidade própria ou percebida no outro é condicionante da atividade interativa, e vinculado à motivação (BAGGIO, 2008; BRUNI, 2008; PELLIGRA, 2008). Estudos empíricos na psicologia revelam que no processo de tomada de decisão intrínseco à construção do juízo de valor é significativa a influência exercida por condições ambientais (GIFFORD, 2002); e que o fato de se estar plenamente concentrados no momento presente facilita as melhores tomadas de decisão (MAGARI e CAVALIERI, 2008). Pergunta-se então se é possível que o espaço influencie o processo de engajamento em RIRs, ao influenciar a capacidade de tomadas de decisão e a construção de intenções cooperativas que motivem a interação interpessoal.

Como foi visto na sessão 3.6, o ambiente pode influenciar a leitura das emoções, palavras, movimentos e ações do outro com quem se interage. Através da percepção, as pessoas inferem pensamentos e intenções que engatilham repostas comportamentais. Boas condições de leitura, pensamentos e intenções positivos aliados a condições satisfatórias de segurança

de prever a provável sucessão de eventos à medida que uma situação “takes place” ou acontece, (BERTHOZ, 2009), o ser humano projeta a sua percepção do mundo. Assim, o comportamento e intenção de uma pessoa em resposta a cada previsão é influenciado pela sua percepção do mundo, isto é sua percepção de lugar, do espaço experiencial. Segundo Berthoz (2009) a visão não egocêntrica do mundo que mantém o foco no que o espaço tem de significativo para quem o percebe, possibilita ao usuário observador perceber as possibilidades ou “affordances” do espaço, como definidas por Gibson (GIFFORD, 2002).

⁴⁵ (BAUMAN, 2009; PELLIGRA, 2011)

favorecem atitudes cooperativas, cujas chances são menores onde falta informação ou onde a “leitura” do outro é limitada (McCABE, 2000 apud PELLIGRA, 2011; GIFFORD, 2002).

Emoções e sentimentos como orgulho ou vergonha, gratidão e ressentimento também influenciam a construção das tomadas de decisão dos envolvidos em interação (PELLIGRA, 2011). Tomadas de decisão de forma clara, a construção de afetos favoráveis à empatia ⁴⁶ e às intenções cooperativas e à uma leitura fidedigna da experiência são componentes necessários das experiências interpessoais de alteridade positiva (MAGARI e CAVALLERI, 2008; PELLIGRA, 2011) como as RIRs⁴⁷. A experiência de estar plenamente no momento presente favorece estas experiências, o juízo de valor sobre o outro, sobre o contexto da experiência, os riscos e possibilidades fenomênicas que o outro e o espaço apresentam. Estar plenamente no momento presente favorece a decisão ponderada sobre como engajar-se em RIRs.

Pelligra (2011) e Simmel (2000) partem do pressuposto de que o comportamento de sociabilidade é influenciado pela percepção que as pessoas têm do comportamento dos outros, e que é altamente relevante para a construção da confiança⁴⁸ e da interação entre as pessoas. Simmel já alertava sobre a importância da influência do ambiente nas práticas de sociabilidade no final do século XIX. O contato pessoal possibilita a percepção do tom de voz e expressões faciais que expressam não só a personalidade, mas também o estado mental e de espírito atual do outro com quem a pessoa se relaciona, na reciprocidade percebe-se, lê-se e julga-se mutuamente e instantaneamente o outro – em suas emoções e intenções - mediante a observação de suas reações imediatamente anteriores e posteriores à intenção ou gesto construído em cada momento presente (SIMMEL, 2000; PELLIGRA, 2011). Por exemplo: uma colisão física entre duas pessoas pode ser lida como um insulto e levar a um conflito, ou ser lida como não intencional e levar a uma nova amizade.

A influência do contexto espacial e circunstancial na interação interpessoal é simulada em estudos de laboratório com a PGT, que denominam “*frame*” ou contexto (PELLIGRA,

⁴⁶ Colocar-se no lugar do outro e inferir seu comportamento é considerável possível na Teoria das Simulações (ST) - utilizada pela PGT (Psychology Game Theory) nos estudos de Vittorio Gallese e Alvin Goldman; estes são reconhecidos pela contribuição à compreensão dos neurônios espelhos e a teoria simulativa da leitura da mente. GALLESE, V., & GOLDMAN, A. Mirror neurons and the simulation theory of mindreading. **Trends in Cognitive Sciences**, 12, p. 493–501. 1998).

⁴⁷ Esses mesmos mecanismos são mencionados nos estudos da Psicologia Ambiental realizados em espaços urbanos por Colin Ellard, psicólogo e professor canadense da Universidade de Waterloo, e publicados em *Places of the Heart*, 2015.

⁴⁸ A evidência experimental sobre tomada de decisões de cooperação entre duas pessoas através do “jogo de confiança” mostra que a maioria das pessoas decide confiar nas outras, até mesmo quando numa primeira oportunidade este sentimento não tenha sido correspondido. Experimentos mostram ainda que a pessoa que recebeu um voto de confiança, na maioria das vezes, retribui o gesto de confiança de forma positiva, influenciada pela percepção da boa intenção de quem o beneficiou (BRUNI, 2010).

2011) o modo como uma situação se apresenta. Do contexto fazem parte as normas, hábitos e expectativas vinculadas à interação. Por exemplo: duas pessoas dificilmente tomarão a iniciativa de fazer contato visual num contexto que demande focar os esforços na autopreservação, como quando cada uma estiver atravessando a mesma rua em sentidos contrários, fora da faixa de pedestre, sob chuva torrencial e sem guarda-chuvas, cruzando um fluxo de veículos intenso e rápido.

3.9 Contexto na construção da experiência de confiança

Esta compreensão da experiência perceptiva, possibilita considerar que um melhor referencial para compreender o espaço relacional e como favorecê-lo talvez seja um conjunto de características experienciais do espaço vivido, ao invés de suas características formais apenas. Pondera-se também que contextos e processos evocariam mais favoravelmente um movimento gratuito de identidade, memória, afetos e emoções - entre outros – facilitando uma atmosfera de estímulos suficientes para favorecer o engajamento de seus usuários em interações de reciprocidade positiva. Como será que este processo (**Quadro 9**) se correlaciona com o espaço?

Quadro 9 - Esquema do processo de comunicação com e no meio ambiente

Espaço (1)	Usuário traz sua bagagem quando (2)	Usuário possui nova bagagem (3)	Usuário já diferente (4)	Usuários interagem (5)
Estrutura, organização e elementos	Percebe o espaço e o outro	É afetado pelo que percebe	Processa	Responde

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Contextos revelam que pistas das possibilidades fenomênicas do espaço -affordances- (GIFFORD, 2002), compondo o ambiente e atmosfera social do espaço de interação, são legíveis nas trocas de informações e estímulos; estes constituem conjunto de sentidos e são instrumentais na construção do caráter dos espaços, tornando-os lugares. Esse desencadeamento de ação e resposta equivale ao que Bakhtin denomina interanimação dialógica (BAKHTIN apud SPINK, 2010, p. 38) e o ambiente da comunicação não verbal do espaço é o substrato compartilhado que possibilita esta comunicação.

Mediante processos de percepção e de comunicação com o espaço e com o outro o usuário, estes podem experimentar a atmosfera ou contexto propiciador e/ou convidativo ao exercício sensorial, corpóreo e social da própria identidade. A construção de contextos mediante estímulos do espaço da arquitetura também pode favorecer a disposição da pessoa para se dar conta da presença do outro, decidir “conceder” espaço ao outro na própria experiência espacial, ou aceitar o convite a participar e engajar-se em RIRs rompendo a indiferença.

O contexto de produção dos sentidos é instrumental na construção da identidade dos espaços percebida pessoal e coletivamente. Os contextos definem o locus da experiência, e a dimensão topológica de lugar. Eles têm características próprias (que estão dentro do lugar) em contraste com seu entorno imediato. Através de trocas de conjuntos de informações e estímulos, as affordances (GIFFORD, 2002), do espaço contribuem na composição do ambiente socioespacial da experiência, inclusiva das RIRs. Esse desencadeamento de ação e resposta do ambiente da comunicação não verbal do espaço relacional é o substrato compartilhado que possibilita a comunicação. Esse tipo de desencadeamento Bakhtin denomina interanimação dialógica (BAKHTIN apud SPINK, 2010, p. 38).

A compreensão de espaços como algo não-estático em constante *devenire* evidencia conexões entre teoria e metodologia do olhar sobre o espaço da Arquitetura. O objeto de foco das lentes no espaço público, não é mais o edifício, o mobiliário, ou objetos físicos; mas o espaço enquanto meio de produção de objetos intangíveis (sons, movimentos, reações, emoções, atividades em ação) em relação dinâmica.

Na escala dos espaços públicos, o que acontece nos espaços físico e temporal compõe a emergência e contingência das RIRs. Isto equivale a dizer que o contexto influencia a predisposição das pessoas para perceber, acolher e experimentar empatia pelos demais usuários em intensidades variáveis. Assim, infere-se que a experiência de espaço relacional, como toda experiência do usuário no espaço, constrói a identidade e memória que cada usuário e grupos de usuários atribuem ao espaço. E como toda memória, a memória do espaço relacional se atualiza toda vez que os esquemas espaciais a reconhecem no contexto espacial. Este é, portanto, um dos passos mais relevantes favorecidos por esta pesquisa para compreender o objeto de estudo. Assim, um dos passos mais relevantes para compreender o objeto deste estudo foi compreender que o processo comunicativo pessoa-espaço vinculado aos contextos e estímulos são adjacentes à compreensão dos efeitos das formas e características materiais, estéticas. funcionais do espaço.

A experiência de reciprocidade entre pessoas no seu *devenire* é dinâmica. Na percepção do fluir da experiência, identifica-se valores, significados que a sociedade confere aos objetos

(físico, social e cultural), e expectativas de repostas comportamentais, num jogo de “imitação” ou educação. Esquemas espaciais diversos agem de forma entrelaçada e simultaneamente (NORBERG-Schulz, 1979, p. 36-43). O significado dos objetos e fenômenos estão vinculados ao contexto definido no sistema de espaços. Além de significar eles próprios, objetos do espaço significam coisas, experiências, fenômenos e valores a estes vinculados. Nesse sentido, adquirem o papel de símbolos, que ao expressar e descrever algo, que não seja a si mesmos (SONESSON, 2013), geram expectativas associadas a seus significados.

A percepção de possíveis comportamentos vinculados à estrutura de um ambiente pode construir em seus usuários a experiência de confiança (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 42). A comunicação não verbal, através da qual se faz essas leituras depende de símbolos e ações. No espaço relacional, esta realidade dinâmica é construída também na conectividade estabelecida entre duas ou mais pessoas em interação, através de ações, olhares, afetos, expressões de intencionalidade e respostas comportamentais.

Nos estudos sobre reciprocidade o economista Pelligra (2011) conceitua reciprocidade positiva como o ato de conferir a alguém o benefício por este recebido. Muito embora haja quem confie, independentemente do tipo de resposta do outro; geralmente dar e receber confiança é beneficiar quem possui a expectativa de ser beneficiado. Um ato explícito de confiança pode induzir uma pessoa a confiar em quem confiou em si por primeiro, ou seja, confiança invoca confiabilidade. Utilizando-se da PGT, o autor explica que a motivação da confiança é psicológica e moral, intrínseca da interação interpessoal; enquanto que a reciprocidade dessa ação pode ser material e psicológica. O benefício - ou bem - que se procura obter ao depositar confiança é algo intrínseco, endógeno do próprio ato de engajar-se num relacionamento (PELLIGRA, 2011). A avaliação que uma pessoa faz do risco ao qual se expõe é um fator determinante no momento que antecede imediatamente a decisão de estabelecer interações interpessoais, risco que se torna ainda maior diante de estranhos. Em espaços públicos, este se agrava ainda mais pela ausência de controle ou filtro que selecione as pessoas candidatas a engajar-se em interação. A desconfiança é um fator que se torna maior quanto mais assimétrica for a relação, ou seja, quanto maior for a percepção de algum tipo de disparidade entre os envolvidos que seja relevante para a situação que se apresenta (TERRES e DOS SANTOS, 2011). Assim, em lugares onde grupos díspares se encontram, a territorialidade precisa ser bem efetiva, equânime e democrática para propiciar atmosfera de confiança e reciprocidade positiva. Nas caminhadas em Veneza observou-se muito frequentemente esta atmosfera positiva entre usuários de grupos étnicos e etários bem diversos.

Segundo Terres e dos Santos (2011)⁴⁹, a percepção imediata primeira do outro contribui na construção da experiência perceptiva no momento e no espaço do encontro, desempenhando um papel significativamente relevante na decisão de confiar e relacionar-se ou não. Pelligra (2011), Sennett (2012), Gifford (2002), Putnam (2001), Magari e Cavalieri (2008) destacam que a atitude de benevolência (definida como intenção de agir favoravelmente ao bem-estar do outro) também é necessária para as RIRs. Entendida desta forma, e conforme a Teoria Cognitiva Experimental de Epstein, e estudos de Lazarus e Tsal (TERRES e DOS SANTOS, 2011) confiança é um constructo baseado em aspectos cognitivos e afetivos que tendem a operar em paralelo ou mediar-se reciprocamente afetando o comportamento (**Quadro 10**).

Quadro 10 - A influência da capacidade liminar na construção da experiência de confiança

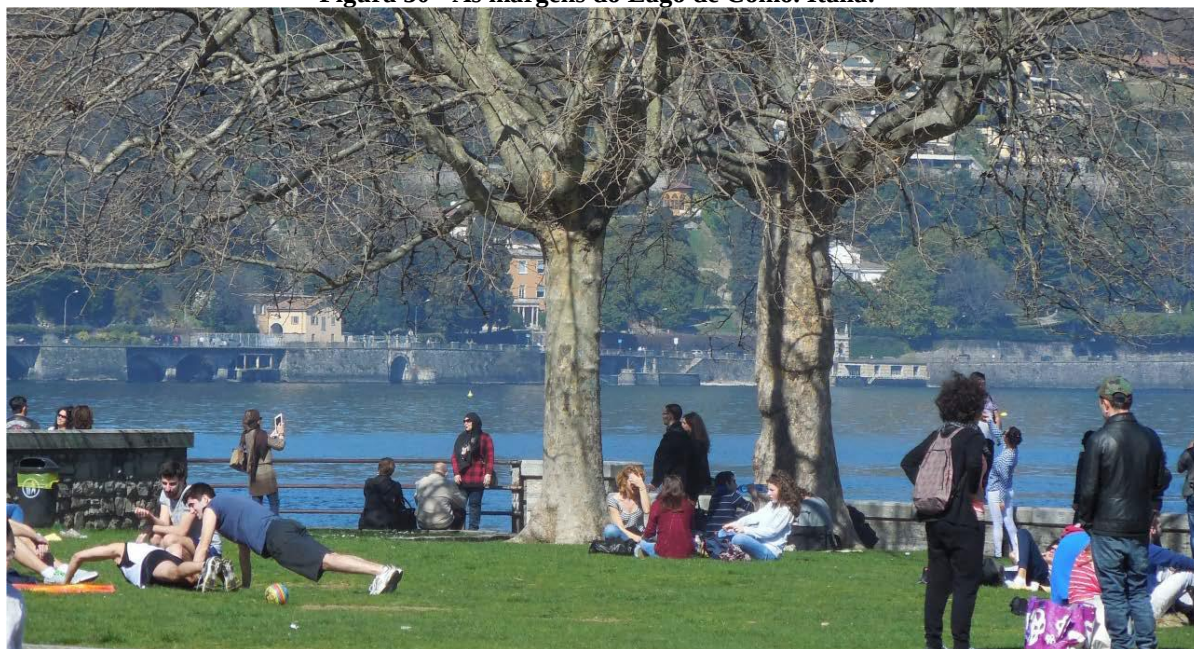
Componentes comportamentais da confiança	Veiculado por:	Reflete-se na experiência como:
Cognição	Capacidade perceptiva humana de estímulos veiculados por propriedades comunicantes e comunicativas do espaço	Conhecimento do objeto, seja este o ambiente ou outra pessoa.
Afeto e emoção		Sentimentos e preferências
Comportamento próprio e do outro		Intenções e comportamentos percebidos e expressos

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Os contextos propiciados ao longo do caminho do Lago de Como (**Figura 30**), favorecem o compartilhamento do espaço por grupos diversos e até culturalmente conflitantes, de forma descontraída, relaxada e por horas a fio. As propriedades e elementos naturais do espaço (gramado, corpo d'água, cisnes, pessoas, monumento), as distâncias que usuários podem manter entre si (como indivíduos ou grupos), e a permeabilidade sensorial do que ocorre ao redor de cada pessoa (possibilitada pelo ordenamento deste espaço e pelos objetos que definem os limites de cada domínio) pareceu ser uma característica que este espaço relacional oferece.

⁴⁹ Destaca-se aqui a importância dada pelas autoras (2010) à contribuição teórica de Johnson-George e Swap ao explorar aspectos e dimensões da confiança interpessoal. Ver: **Measurement of Specific Interpersonal Trust: Construction and validation of a scale to assess trust in a specific other**. Journal of Personality and Social Psychology, v. 43, n. 6, p. 1306-1317, 1982. Disponibilizado em <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.43.6.1306>. Acesso em: 20 jun. 2015.

Figura 30 - Às margens do Lago de Como. Itália.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Já o contexto carnavalesco coletivamente reconhecido como identitário do espaço compartilhado ao ritmo, sonoridade, e nível de aglomeração de pessoas nos “Quatro Cantos” em Olinda (**Figura 31**), favorece o compartilhamento da experiência cultural, entre estranhos com alegria, deleite, descontração muito improváveis fora desta época, porque a aglomeração de multidão normalmente constitui contextos de insegurança.

Figura 31 - Quatro Cantos. Olinda, Brasil.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2015.

Outro contexto causador de insegurança, foi observado em praças de cidades satélites de Brasília (**Figura 32**). Num contexto generalizado, nacional e localmente, de violência social urbana, áreas livres ou vias com faces dos lotes definidas por paredes cegas sem legibilidade para ou a partir destas, informam descaso, abandono afetivo e efetivo sobre o que nestas ocorrem, e favorecem usuários indesejosos de serem monitorados, embora-eventualmente-possam até ser efetivamente monitorados por equipamentos. Estes estímulos engatam afetos negativos e fragilizantes: medo, raiva e tristeza; convidam usuários desejosos de práticas condizentes com esta atmosfera ou adequadas em lugares sem monitoramento.

Figura 32 - Praça em cidade satélite de Brasília, Brasil.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2017.

Em passeio acompanhado por cidades satélites de Brasília, observou-se uma predominância de praças em contexto semelhantes ao da **Figura 32**: vazias; e bem próximo a estas, nas ruas adjacentes onde os lotes lindeiros abriam portas e janelas de residências, vendinhas e bares de bairro, para a rua; observou-se crianças que brincavam e adultos sentados em banquinhos e cadeiras conversando; em entrevista não estruturada em 2016, a um líder comunitário, este revelou que estas praças são alvo de esforços de grupos locais diante da municipalidade para mantê-las livres de entulho de lixo doméstico e de construção civil. Em 2017 os esforços realizados por membros da comunidade também incluíram construção de uma programação para gerar atividades de socialização que mantenham a vida nessas praças e construam coesão comunitária.

Ainda segundo a conclusão dos autores investigados, pode-se concluir que a confiança é fundamental para que haja fidelidade - que por sua vez alimenta a confiança - inclusive nas interações interpessoais furtivas como as estabelecidas num parque, boulevard, ou calçadão de praia, o que pode significar a recorrência do fato e até mesmo estabelecimento de um hábito.

Tal recorrência, sendo um componente da cultura (MATURANA e VARELA, 2011; SIMMEL, 2000), gera o que se pode denominar a “cultura do encontro” fundamental para o fortalecimento do capital social (BLESSI et al., 2014; PUTNAM, 2014), para a saúde e bem-estar público, o que por si só seria uma forma bastante positiva de retorno do capital investido em áreas urbanas comuns e de uso coletivo.

Os estudos médicos utilizados na investigação de Terres e Dos Santos (2011) confirmam e aprofundam a abordagem de Hall (1990). Os autores identificaram uma clara correlação entre carga afetiva, confiança e distância física nos relacionamentos interpessoais, revelando que mesmo se tratando-se de interações não duradouras, quanto mais fortes forem a carga afetiva e a confiança, menor é a distância observada entre as pessoas envolvidas; e quanto maior for a proximidade física, maior será a importância da confiança interpessoal baseada no afeto. Disto, pode-se inferir a importância crucial de se manter uma distância mínima entre estranhos a fim de garantir as chances de interações se se assume que afeto é uma variável frágil e normalmente possui baixo valor entre estranhos.

A observação das distâncias normalmente aceitas nos relacionamentos mais íntimos, e em situações específicas, como nas festas de carnaval de rua, exemplificam a influência do significado da mensagem não verbal comunicada pela situação e pelo contexto do espaço experiencial dos envolvidos nas interações. Ao adicionar-se à massa de foliões, se aceita o convite subentendido a não se desesperar por sentir seu espaço íntimo invadido no contato físico com os demais envolvidos.

Sugere-se que a confiança:

- Favorece as demais experiências ao fazer relaxar os mecanismos de defesa e fuga; influi na categoria de objetos (coisas, pessoas e fenômenos) do mundo exterior que uma pessoa permite penetrar em seus limites/bordas (segundo a teoria proxêmica de Edward Hall (1990);
- Influencia as escolhas humanas em relação ao outro; com a confiança estas podem ser de abertura, doação de informação, empatia e aproximação ao outro; aumenta a permeabilidade e fluxo de informações que a pessoa dá, recebe, e permite ao outro dar através as escalas/camadas de espaços pessoais e de sociabilidade. Quanto menor a confiança, mais impermeável é a barreira de comunicação, maior é o mecanismo de resistência ao outro;
- Influi na abrangência e foco experiencial e percebido da realidade pelo usuário na posição de observador; onde a confiança diminui, o foco da experiência é mais egocêntrico, muitos são os objetos considerados de fundo, menor o diálogo com

contexto da experiência; quando a confiança aumenta, o foco mais provavelmente passa a ser o outro, ou algo contido no espaço-contexto (alocêntrico), “dialoga-se” com mais abertura com mais elementos;

- Permite alargar o grau de liberdade de cruzar, entrar e estar além das barreiras ou membranas que extrapola a experiências física; liberdade que favorece construir espaços relacionais através dessas ações que extrapolam nas dimensões imateriais, mas sem dúvida, reais e existentes em espaço-tempo específicos da materialidade.

3.10 Estímulos, afetos e construção da memória

Já na transição entre os séculos XIX e XX, Simmel (2000) conseguia apontar efeitos percebidos em alguns tipos de interações de sociabilidade provocados por práticas contemporâneas de desenvolvimento que começavam a se fazer presentes na dimensão espacial de centros urbanos. Muito relevantes para a compreensão do espaço relacional, nos artigos “*sociologia dos sentidos*”, “*Cultura urbana e espacial*”, “*Sociologia dos limites*” e “*Sociologia e sociabilidade*”, publicados em Sociologia dos Sentidos, Simmel (2000) expressa reflexões sobre evidências da conexão entre a experiência sensorial e práticas de sociabilidade no contexto espaço-temporal, e convida a compreendê-las mais profundamente para melhor compreender as dinâmicas nas quais a cultura se forma na sociedade.

Muito embora seus trabalhos aprofundem sobretudo a experiência visual e auditiva, o autor não exclui referência à experiência corporal tátil, de odor, distância e movimento (SIMMEL, 2000). Esta lacuna foi explorada nesta tese buscando o aporte dos trabalhos de Edward Hall (1990), Howes (2008), Arbib (2015), e Sarah Pink (2010) na Antropologia; e na Sociologia com o sociólogo Richard Sennett (2008, 2012, 2015), que orientaram, inclusive, a escolha de práticas de observação do fenômeno relacional utilizadas nesta tese.

Apoiando-se nas argumentações científicas sobre a teoria dos afetos de Tompkins e Nathansan (TOMPKINS apud AWONIYI, 2014, p. 202-203), de Brunswik (BRUNSWIK apud NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 20-24) e Gifford (2002, 2009), sobre símbolos, expectativas e comportamento de Norberg-Schulz (1979, p. 40-41), e dos antropólogos Ingold (2003) e Howes (2010, 2013) pode-se afirmar que, os estímulos, por si só pouco representam para a experiência das RIRs, mas são importantes devido aos afetos que engatilham, às mensagens e aos contextos que constroem. Todos os objetos físicos, sociais e culturais do espaço podem enviar estímulos. A significância destes para o espaço relacional decorre da memória das experiências e dos afetos que estes engatam, e depende das respostas comportamentais associadas a estes afetos.

Estímulos, memórias, afetos e respostas comportamentais compõem um processo comunicativo não verbal fortemente associado à experiência de Confiança.

A riqueza de estímulos capturados no vídeo da av. Paulista⁵⁰ num dia de domingo e do Parque Ibirapuera num dia de sábado, em junho de 2017⁵¹ ilustra o papel dos estímulos produzidos pelos componentes físicos, sociais e culturais do espaço, que combinados constituem-se parte da experiência espacial. Os trechos capturados nos vídeos evidenciam-se muito favoráveis ao engajamento dos usuários em interações de reciprocidade positiva.

Esta secção não propõe tornar os sentidos ou os estímulos o objeto deste estudo, nem se pretende sugerir que as características dos elementos arquitetônicos produtores de estímulos favoráveis às RIRs se restringem às colhidas no universo observado. Entretanto, deixa claro que uma compreensão da experiência sensorial de lugar propiciada pela dinâmica teia de estímulos em relações é importante e necessária para estudos de espaços públicos favoráveis às RIRs e demanda uma chave de leitura cultural sincrônica e diacrônica, cuja construção, porém, extrapola o recorte desta tese.

Considerando que os espaços e experiências relacionais são extremamente diversos e únicos, não se procurou construir referências comparativas, muito menos prescritivas ou valorativas, mas identificar se existe associação entre estímulos, afetos e a experiência das RIRs relevantes para a compreensão do espaço relacional. Pode-se afirmar que as evidências colhidas nos vídeos fornecem ao observador elementos para a argumentação sobre a necessidade de incorporar a experiência sensorial, numa abordagem do espaço centrada na pessoa (PINK, 2010a), em sua experiência de vir-a-ser-por-si e vir-a-ser-com o outro. mediante interações de reciprocidade positiva.

Com esta abordagem, as compreensões sobre as características formais e estéticas do espaço e seus elementos arquitetônicos construídas por Camilo Sitte em *A Arte de construir cidades*, Kevin Lynch em seu trabalho *Imagem da cidade*, por Gordon Cullen, Appleyard e por Jan Gehl sobre a cidade ao nível dos olhos, entre outros autores, podem ser revisitadas com um caráter ampliado, mais referenciado. Quando consideradas à luz dos processos estimulantes, afetivos e comportamentais associados à forma e às relações estéticas e topológicas entre cheios e vazios dos volumes, pode-se identificar o que torna as características que estes autores destacam como favoráveis às experiências positivas na escala do pedestre, e adequá-las aos condicionantes, limitações, potencialidades e demandas associadas à construção da experiência

⁵⁰ <https://youtu.be/TI62NipHGwg>

⁵¹ <https://youtu.be/0V7zroYJ-I0>

do espaço relacional e às dinâmicas urbanas contemporâneas específicas em cada contexto socioeconômico, cultural e temporal.

Destacando o espaço associado às atividades que nele possam ocorrer, Gehl (2014) resumiu algumas estratégias projetuais para garantir que os espaços públicos possam atrair pedestres e oferecer proteção, conforto e prazer. Referenciando o aporte teórico de Hall em vários trechos, o autor evidencia a importância de manter as dimensões projetuais em diálogo com a dimensão humana (p. 1-19), numa escala que favoreça a mobilidade e distâncias favoráveis à comunicação não-verbal entre espaço e pessoas, e entre pessoas através da experiência visual, auditiva e olfativa humana (p. 31-182). Numa lista de 12 critérios de qualidade, com respeito à paisagem (Ibidem, p. 239) – ver **Figura 33**, o autor sublinha ainda a importância de algumas estratégias projetuais de espaços favoráveis contatos visuais e auditivos de pedestres com o espaço mediante distâncias curtas, baixa velocidade, ausência de barreiras na altura visual e sua “permanência no mesmo nível e orientação em direção ao que deve ser visto e experienciado” (ibidem, p.236), e que satisfaçam a necessidade de sinalização e largura adequada e ausência de obstáculos nas trajetórias para pedestres (ibidem, p. 243-245).

Figura 33 - 12 Critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre, segundo Jan Gehl.

Proteção	PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO E ACIDENTES – SENSÇÃO DE SEGURANÇA - Proteção aos pedestres - Eliminar o medo do tráfego 	PROTEÇÃO CONTRA O CRIME E A VIOLÊNCIA – SENSÇÃO DE SEGURANÇA - Ambiente público cheio de vida - Olhos da rua - Sobreposição de funções de dia e à noite - Boa iluminação 	PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS - Vento - Chuva/ neve - Frio/ calor - Poluição - Poeira, barulho, ofuscamento 
	OPORTUNIDADES PARA CAMINHAR - Espaço para caminhar - Ausência de obstáculos - Boas superfícies - Acessibilidade para todos - Fachadas interessantes 	OPORTUNIDADES PARA PERMANECER EM PÉ - Efeito de transição/zonas atraentes para permanecer em pé/ ficar - Apoios para pessoas em pé 	OPORTUNIDADES PARA SENTAR-SE - Zonas para sentar-se - Tirar proveito das vantagens: vista, sol, pessoas - Bons lugares para sentar-se - Bancos para descanso 
	OPORTUNIDADES PARA VER - Distâncias razoáveis para observação - Linhas de visão desobstruídas - Vistas interessantes - Iluminação (quando escuro) 	OPORTUNIDADES PARA OUVIR E CONVERSAR - Baixos níveis de ruído - Mobiliário urbano com disposição para paisagens/ para conversas 	OPORTUNIDADES PARA BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA - Convites para criatividade, atividade física, ginástica e jogos - Durante o dia e à noite - No verão e no inverno 
Prazer	ESCALA Edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana 	OPORTUNIDADES DE APROVEITAR OS ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA - Sol/sombra - Calor/frescor - Brisa 	EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS - Bom projeto e detalhamento - Bons materiais - Ótimas vistas - Árvores, plantas, água 

Fonte: Gehl, Gemzoe, Kirknaes, Sondergaard, "New City Life" Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006. Further developed: Gehl Architects - Urban Quality Consultants, 2009.

Estas recomendações projetuais certamente favorecem muitas das qualidades experienciais do espaço abordadas nos conceitos explorados neste capítulo, possibilitando inferir que contribuam para favorecer as RIRs em espaços públicos se devidamente articuladas no ordenamento, arranjo e elementos dos espaços, das superfícies e volumes, das relações entre cheios e vazios, entre objetos do espaço nas relações entre espaços e seus subespaços. Através destas, beneficiam a experiência topológica e hodológica do espaço favoráveis às RIRs discutidas em 3.5, 3.8 e nesta seção.

Assim como os objetos da materialidade e imaterialidade espacial, densidade e lotação dos espaços são consideradas na Psicologia Ambiental importantes estimulantes que, de forma direta e indireta, despertam afetos, significados e memórias (GIFFORD, 2002), seus significados dependem de onde se posicionam no ranque de normalidade associadas ao contexto ou às atividades desenvolvidas no espaço.

Enquanto misturar-se a multidão de estranhos na rua, junto com amigos pode ser uma forma de aliviar tensão durante o Carnaval, atravessar a mesma multidão pode resultar em stress imediato num dia de semana para levar o filho à creche. A mensagem comunicada pelo espaço varia com o fluir dos estímulos da experiência, com o aglomerar-se de usuários que se aproximam de quem os observa e pondera em qual experiência relacional engajar-se, varia com o construir-se da situação contextual e do comportamento dos que compartilham o espaço. Talvez, quanto mais impactante for o processo de construção da experiência, mais marcante e duradoura será a memória do lugar.

Talvez então, a contextualização e estímulos apropriados possam melhorar ou aliviar situações de conflitos e desfavoráveis às interações de reciprocidade?

A dimensão estimulante das formas e objetos físicos e sociais e culturais do espaço – especialmente na escala sensorialmente perceptível - engatilha afetos e constrói contextos, gerando experiências de valor e significado. De modo geral, em espaços públicos o próprio usuário e este em interações é uma fonte de estímulos; isto se aplica sobretudo em espaços relacionais. Talvez, em parques, como o Ibirapuera, a dinamicidade é dada sobretudo por estas interações e estímulos associados aos dos elementos naturais, originando comportamentos e atividades vinculados através da estrutura e ordenamento do espaço: em áreas de piquenique, de caminhadas, pistas de skate, etc. Em espaços públicos, ao relacionar-se com a natureza de seus elementos, os usuários constroem estímulos e contextos experienciais uns para os outros. No Ibirapuera e na Av. Paulista, esses contextos positivos, incentivando a sociabilidade, foram experienciados em dois períodos - cada um de 2 horas- de observações caminhantes no parque Ibirapuera: a pesquisadora, respondeu à iniciativa de um grupo de jovens que se sentou no mesmo banco, compartilhando a alegria do momento, com troca de olhares e sorrisos; e de um casal paulistano, com quem se iniciou uma conversa ao se sentarem para descansar do passeio e apreciar o movimento no parque. Porém, essa construção coletiva é possível também mediante manifestações sonoras, desde as mais despercebidas, de risos, diálogos e músicas passageiras, dentre outras. Ver também vídeos disponibilizados em: Ibirapuera https://youtu.be/jbTU_oUPhr4 e Av. Paulista <https://youtu.be/ti62niphgwg>).

Em sítios turísticos e históricos italianos, como Veneza e Firenze, talvez possa ser dito que estímulos e afetos positivos desencadeados por características da arquitetura: perspectivas; riqueza de detalhes, significados e valor estético dos elementos arquitetônicos; além da aglomeração e densidade de ocupação propiciada no ordenamento do espaço em si, sejam causa significativa da atração de usuários. Talvez, nestes espaços potencializa-se a capacidade relacional (**Figuras 34-39**).

Figura 34 - Vila dei Medici. Florença.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 35 - Riqueza de detalhes arquitetônicos. Veneza.



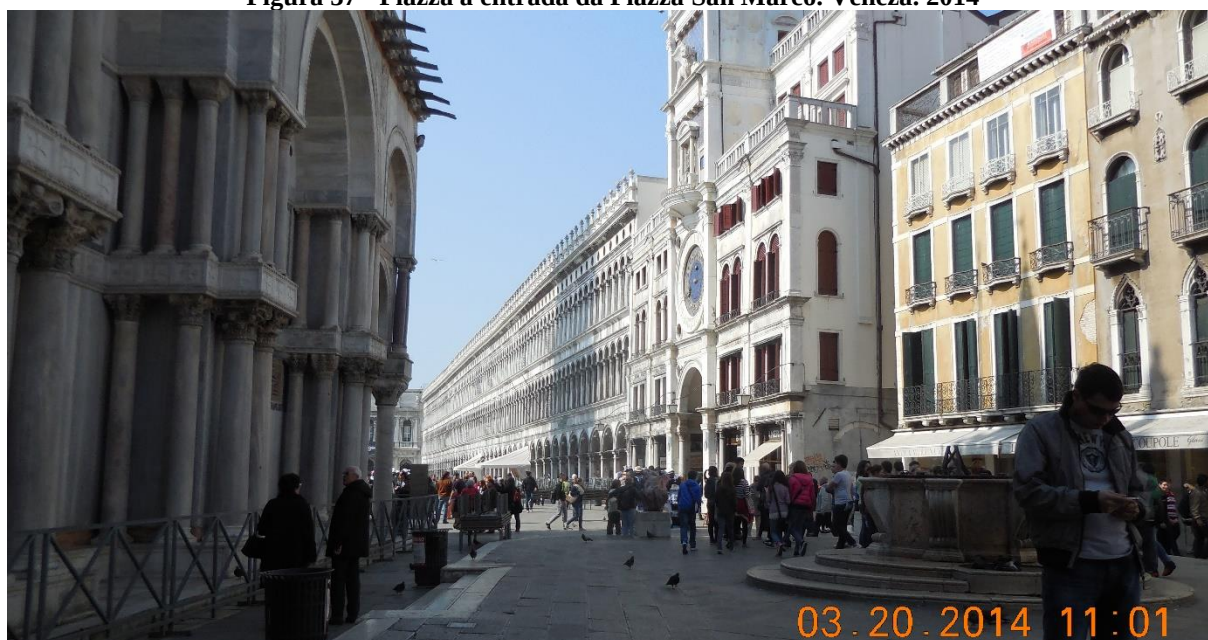
Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 36 - Piazza del Duomo. Florença. 2014



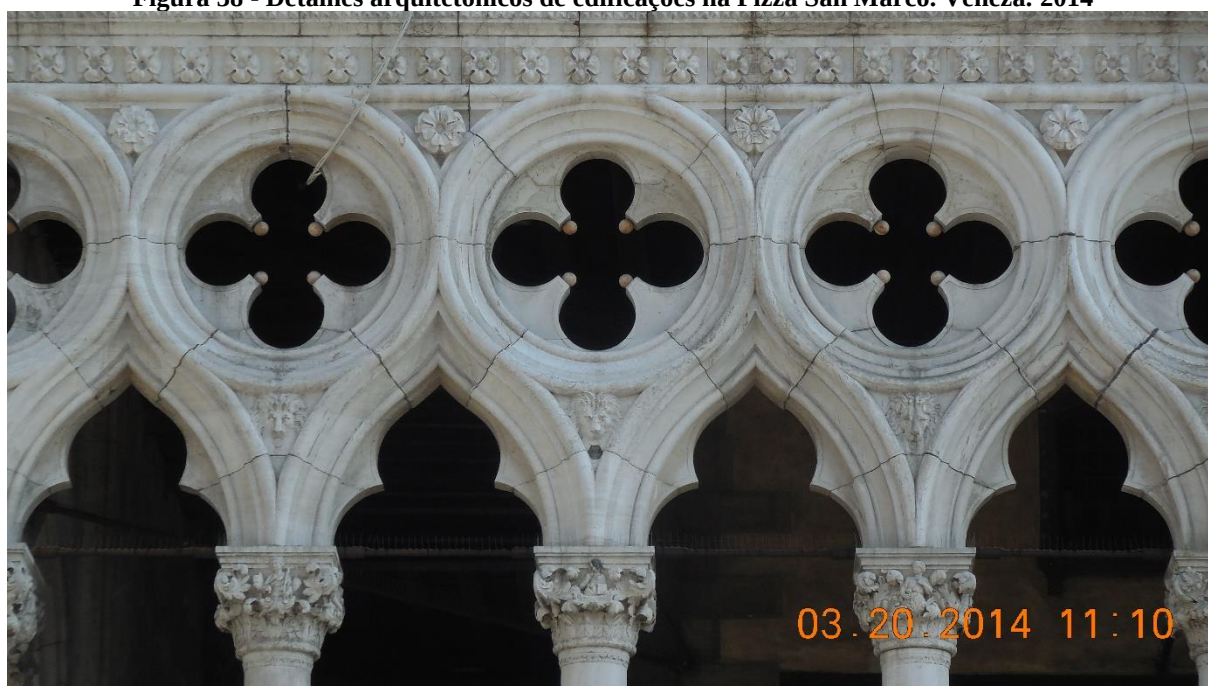
Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 37 - Piazza à entrada da Piazza San Marco. Veneza. 2014



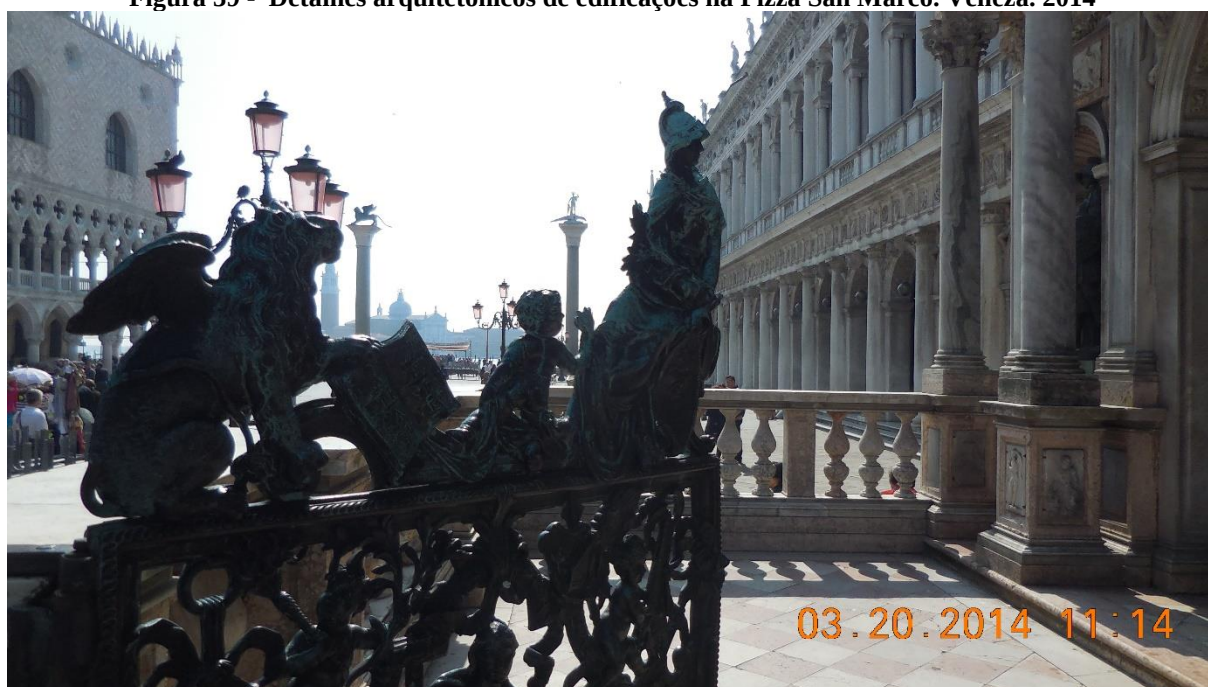
Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 38 - Detalhes arquitetônicos de edificações na Pizza San Marco. Veneza. 2014



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 39 - Detalhes arquitetônicos de edificações na Pizza San Marco. Veneza. 2014



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

3.11 Memória construindo o lugar

Outra contribuição que o trinômio estímulo-afeto-memória traz para a compreensão das RIRs resulta de poder levar os usuários a se importarem uns com os outros no uso compartilhado do espaço. Este cuidado afetivo, desde o reconhecimento da presença do outro até a empatia, possibilita estender o espaço da própria experiência, alarga o espaço vital de cada um e é necessário para que o espaço se torne lugar da experiência de reciprocidade.

Tompkins (apud AWONIYI, 2014, p. 202-203) define um conjunto de 9 afetos-chave que atuam na mediação entre estímulos e ação: 2 positivos (interesse-curiosidade e alegria ou deleite), 6 negativos (medo, angústia ou aflição, raiva, vergonha ou humilhação, desgosto e tristeza) e um de redefinição (surpresa). Estes afetos jogam com identidade, memória, imagem e cultura, vivenciados subjetiva e coletivamente, e podem favorecer a confiança necessária para a superação de riscos e dificuldades associadas ao acolhimento e interação positiva com o outro.

Estas experiências qualitativas podem promover o desenvolvimento de fortes conexões emocionais positivas com o espaço. O apego ao lugar torna-o afetivamente significativo para o usuário (GIFFORD e SCANNELL, 2017, p. 259-265) e constrói experiências de memória. Conectando experiências passadas à experiência do presente, a memória ajuda as pessoas a se situarem no presente, mediante sua construção diacrônica. O sentido de pertencimento, de sentir-se amado, radicado no lugar certo, e conectado a outras pessoas através do lugar é outro benefício do apego. O relaxamento, enquanto capacidade de restaurar-se do esgotamento provocado por stress emocional, psicológico e de atenção, é outro benefício, assim como as emoções positivas e de apoio às atividades do lugar, que vêm ao encontro das expectativas dos usuários. Conforto psicológico é outro benefício, junto com liberdade (de aproveitar o espaço a seu *bel prazer*) e crescimento pessoal.

Além de resultar da experiência de lugar, o apego a um lugar pode ser de estímulo (lugar estimulante, convidativo, interessante) que “favorece e reforça os vínculos sociais e os elos que formam comunidade, fortalecendo, consequentemente o capital social” (GIFFORD E SCANNELL, 2017, p. 256-257)⁵². Isto também favorece a atenção cuidadosa com o lugar e a recorrência das experiências construtoras do apego, e favorece inclusive a recorrência de reciprocidade, e o valor relacional do espaço.

Essas conclusões respondem à pergunta quase inevitável: A ação de estímulos e afetos no espaço e nas práticas interpessoais é apenas superficial e passageira ou contribui para a identidade e imagem do espaço? Os afetos oportunizados por estímulos socioespaciais

⁵² Tradução nossa.

despertam memórias e influenciam as respostas comportamentais das pessoas que os experienciam. Memórias e afetos modificam o estado de espírito do usuário e incorporam-se aos fatores com os quais as pessoas -já modificadas-constroem suas experiências sociais e espaço-temporais. Por isso, pode-se concluir que as memórias despertadas se tornam referenciais éticos e qualitativos - pessoais e coletivos - de valor e significado para as práticas relacionais no espaço, associando-se ao espaço de forma mais duradoura à medida que novas memórias dos usuários se associam às experiências e ao lugar em que elas ocorrem. Em consequência disto, os estímulos, associados a *placemaking*, demonstram-se importantes fatores para o desempenho de espaços relacionais.

Ao construir coletivamente laços e vínculos afetivos interpessoais, as pessoas podem transformar os espaços compartilhados em lugar de identidade e memórias compartilhadas. Às imagens de lugar construídas na interação vinculam-se as memórias da experiência sensorial dos espaços que as acolhe, como bem descreve Leite (2010), referindo-se à experiência de lugar onde o território “torna-se uma estrutura relacional na vida social da nossa época” (ibidem, p. 155):

As qualidades espaciais de um território, seja ele um bar, um estádio de futebol, um bairro ou uma cidade, associam-se a aspectos sensoriais como o cheiro, a comida, a moda, mas também aos costumes, aos gestos, aos acontecimentos: à linguagem e a tantos outros elementos simbólicos ou materiais que estruturam a nossa relação com os outros, com a coletividade. A proximidade ganha importância como consequência do valor atribuído à experiência vivida, às formas de correspondência, de construção de laços entre o ambiente e o mundo social (LEITE, 2010, p. 154).

Os próprios espaços públicos, na escala da cidade, ao mesmo tempo que retratam, também podem orientar o ser humano no mundo (NORBERG SCHULZ, 1971, 1983; MATURANA E VARELLA, 2011) em sua experiência societal, favorecendo o fortalecimento de formas de sociabilidade, de pertencimento e de identidade, também através das *RIRs*. Através dessas práticas os lugares se concretizam, se ressignificam, se revalorizam em novas formas experienciais, relacionais (LEITE, 2010) espaço-temporais (PINTO LEIVAS e SOUZA DA SILVA, 2015) e culturais.

4 ESPAÇO RELACIONAL: CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS DE LUGAR DE RELAÇÃO

Até o momento apresentou-se os conceitos que se destacaram na construção dialógica de uma argumentação que identifique associações entre experiência relacional do tipo *RIRs* e a experiência espacial abordada a partir da teoria da arquitetura, em particular, a de Norberg-Schulz.

Através deste **Capítulo 4** e do **Capítulo 5**, apresenta-se a argumentação teórica que esta tese oferece para explicar a compreensão construída do espaço da Arquitetura enquanto lugar de reciprocidade, isto é, do Espaço Relacional. Esta argumentação não seria possível sem o diálogo teórico conceitual tecido com os autores consultados e explicados no Capítulo 3, percorrendo o caminho exploratório, teórico, fenomenológico e etnográfico explicado no Capítulo 2.

Ao tecer o diálogo entre os autores inseridos nos campos disciplinares consultados, muitos conceitos se evidenciaram comum a todas as disciplinas, e alguns destes ocorreram mais recorrentemente e de forma mais significativa para a compreensão do espaço relacional. No texto que antecede este capítulo, desenvolveu-se uma compreensão do significado dos conceitos mais relevantes e cuja recorrência evidenciou-se mais significativa para explicar o fenômeno de reciprocidade positiva abordando fenômenos do tipo pessoa-espaço, pessoa-pessoa e pessoa-espaço-pessoa. Através da contribuição dos vários autores construiu-se a argumentação, por esta pesquisadora, sobre o espaço relacional.

Vinculados às dinâmicas relacionais do tipo das *RIRs* - experienciadas subjetivamente e coletivamente - destacaram-se os conceitos referentes às experiências de ***confiança, medo, estímulo, afeto, intenções, significado, memória, pertencimento, lugar e identidade***. Todos apresentaram-se associados a infinitas atividades, processos e experiências existenciais que podem ocorrer em qualquer espaço da arquitetura, dentro do recorte escolhido: espaços abertos de usos compartilhado e irrestrito a toda pessoa, na escala urbana. Porém, estes conceitos sempre se apresentaram de alguma forma correlacionados às ***experiências de foco, centralidade, movimento, progressão, escolhas, e de reconhecimento de similaridades e pertencimento relacionado a contextos*** de grupos de coisas e experiências – conceituados como objetos do espaço. Estas, são experiências intrínsecas de todo espaço da arquitetura (NORBERG-SCHULZ, 1971, 1979, 1983) e se manifestam em ***centros, caminhos e domínios***. Estes três grupos de conceitos explicam experiências muitas vezes associadas a ***vizinhança; dentro-fora; interior-exterior; aberto-fechado; longe-perto; separado-unido; contínuo-descontínuo; alto-baixo; adjacência (proximidade); e sucessão***, que são conceitos

topológicos referentes à toda experiência humana, de modo geral. A **Figura 40**, apresenta um apanhado destes e de outros conceitos aprofundados no capítulo anterior.

Figura 40 – Elementos, experiências e afetos associados ao espaço relacional.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Na fundamentação teórica desenvolvida por Norberg-Schulz, o espaço da Arquitetura impescinde da pessoa, resulta e possibilita a experiência humana; assim, na compreensão da arquitetura também pode-se afirmar que o espaço pode ser concretização e *locus* do agir humano de reciprocidade positiva.

A análise da compreensão conceitual desenvolvida no capítulo anterior sobre os processos ontológicos experiencial, comunicativo e perceptivo associados aos fenômenos pessoa-pessoa e pessoa-espaço-pessoa, possibilita associar o espaço relacional à experiência qualitativa de espaço e seu contexto. Na experiência inclui-se o processo experiencial, perceptivo, comunicativo, afetivo, estado de espírito e memórias favoráveis ao exercício da própria identidade e da territorialidade.

A caracterização de espaço relacional aponta para um conjunto de variáveis qualitativas experienciais de reciprocidade positiva mediadas no, por e com o espaço da Arquitetura. Esta caracterização evidenciou o espaço da Arquitetura através da experiência relacional que orienta

e favorece a reciprocidade. Chegou-se à conclusão que os contextos experienciais definidos por espaços relacionais invariavelmente desempenham um papel comunicativo e estimulante que engata afetos, memórias, sensações e respostas comportamentais. Quando bem-sucedido, o espaço favorece nos usuários um estado de espírito que simultaneamente influencia a percepção da realidade beneficiando sua empatia pelo outro usuário diverso de si, e a experiência de confiança para interagir no cenário de riscos que é típico da imprevisibilidade de toda interação com estranhos. De forma entrelaçada e interdependente, estas experiências estão associadas às *RIRs* na construção do lugar de reciprocidade, caracterizando-o como lugar da **territorialidade** - ética e democrática- compartilhada; de **conforto** -fisiológico e psicossocial; e de **comunicação** – generosa e fluida- de estímulos e *affordances*.

Por conseguinte, nota-se que dinamicidade é uma característica do espaço relacional, enquanto lugar da experiência, que resulta de fluxos multimodais de processos e experiências, com as quais sua comunidade usuária plasma, constrói e reconstrói a cultura, identidade, afetos e memórias.

A reciprocidade é uma experiência dinâmica de vir-a-ser por si e vir-a-ser-com o outro e o espaço relacional é o lugar onde ela acontece. Para registrar o grau de relevância que possa ter a correlação entre caminhos - como exemplo de elementos concretos do espaço da Arquitetura- e a experiência de movimento na construção da reciprocidade era preciso captar o movimento.

O método sensorial e fenomenológico considerou a importância dos sentidos para a apreensão da realidade e como estas experiências constroem significado. As imagens da realidade são definidas pela paisagem visual, sonora, cinestésica e de aromas, de ritmos de ir vir e acontecer que se adicionam às imagens resultantes da morfologia volumétrica de cheios e vazios. estrutura viária do espaço urbano, dos contextos e fenômenos. E encontros de olhares, de pessoas e de fluxos nas várias formas urbanas são imbuídos de valores que se sucedem e se transformam ao longo de percursos do espaço - por exemplo, na indiferença de transeuntes que não se olham nem param ao passar por mendigos sentados ao longo das calçadas.

A caminhada permitiu apreender o espaço relacional como lugar sensorialmente e fenomenologicamente manifesto nas práticas, nos vínculos e na ausência destes.

É a experiência completa propiciada pelo conjunto que importa na abordagem relacional deste estudo do espaço. **Sons, fluxos, movimentos e expressões faciais são exemplos de um conjunto de estímulos cinestésicos** que influenciam a experiência das pessoas em frações de tempo que a câmera fotográfica não capta, e se somam em sinergias de ritmo, volume, direção, velocidade, densidade e aglomeração, exercício de controle e domínio sobre o território, graus

de gentileza e simultaneidade com que os movimentos expressam as respostas dos usuários aos objetos físicos, sociais e culturais do espaço. E a esses se adicionam, inclusive, as características arquitetônicas mais duradouras e mais ou menos fixas como a forma estética, euclidiana, topológica e funcional.

Estas expressões da forma – expressões concretas e da vida- que ocorrem simultaneamente, revelam correlações, e plasman não apenas a experiência e espaço imediatos, mas também suas memórias e destas, a identidade⁵³ do espaço. Estas características do espaço relacional evidenciam sua dimensão mais “aberta”, ilimitada e dinâmica de lugar, se comparada à dimensão fixa enquanto localidade, e precisam ser consideradas por atores envolvidos nos processos de concepção, análise e intervenção em espaços públicos.

Vídeos revelaram o fluir do caminhar do pesquisador e da dinâmica de pessoas, coisas, e processos de vida tal como experienciado - ‘*as is*’ - pelo observador, no intervalo de tempo da gravação e dentro do contexto maior não gravado. Assim, por exemplo, o zoom da câmera capta e revela o interesse despertado por algo que foi relevante para a experiência espacial do observador e revela em movimentos -da câmera e os registrados por esta- a experiência enriquecida por impactos de fatores visíveis e invisíveis (ex.: cheiro, som, sensações térmicas e cinestésicas), mesmo quando não tenham sido diretamente capturados na gravação (PINK, 2015, p. 243-245).

A coleta de características sensoriais experienciadas por usuários foi relevante para a pesquisa porque estão estreitamente correlacionadas à ocorrência das RIRs e ao espaço construído. O valor relacional⁵⁴, uma vez construído e compartilhado entre os envolvidos, torna-se parte da imagem e significado do espaço.

Meio através do qual pessoa relaciona objetos físicos, sociais e culturais, o espaço possibilita ao ser humano situar-se, posicionar-se, desenvolver-se e relacionar-se no mundo para ser o autor do que ele quer ser, em cada experiência de vida. Por sua vez, as recorrentes experiências humanas de grupo, comunidades e sociedade tornam-se cultura se refletem nas escolhas que definem seus espaços habitados, concretizados em espaços da arquitetura, que a expressa em suas inúmeras formas compositivas, funcionais e contextuais. Em diversas escalas e experiências de relações constrói-se o espaço relacional, lugar de reciprocidade, cuja beleza extrapola a constituição formal do arranjo físico e implica na estética relacional e social da experiência.

⁵³ Consultou-se e utilizou-se o suporte metodológico da Antropologia de Howes (210, 2013), Ingold (2002, 2010, 2011), Low (2015) e Pink (2010, 2011, 2015).

⁵⁴ Resulta da reciprocidade e sinergia da experiência sócio espacial entre usuários.

O exercício de todo agir humano é situado no contexto físico, expressando identidade na experiência do território. Uma tentativa bem-sucedida de promoção do diálogo entre dois grupos étnicos que normalmente experienciam algum grau de animosidade em territórios adjacentes na cidade de New York, é relatada por Sennett (2015), durante sua participação na equipe de planejamento urbano da cidade. Através do ordenamento estratégico espacial e da localização de um novo *hub* de atividades na periferia de dois territórios adjacentes utilizados predominantemente por latinos e caucasianos, fez com que estímulos, afetos, identidade e memórias desempenhassem um papel definidor do exercício compartilhado da territorialidade (SENNETT, 2015). O projeto, que no relato do autor foi bem-sucedido, criou um contexto de simetria e conforto para a experiência de movimento, fluxo e expressão identitária de membros dos dois grupos, o bastante para que os usuários de cada área se sentissem bem em extrapolar o próprio lado cruzando os limites invisíveis de território para experienciar afetos, memórias e expressões identitárias do outro, no território do outro.

O projeto permitiu a implantação de atividades culturais ao longo das bordas da periferia das duas áreas urbanas contíguas. O novo contexto e os estímulos muniram os usuários dos respectivos grupos de confiança, o bastante para dar voz e espaço ao livre exercício da própria identidade cultural e, ao mesmo tempo, estimular a curiosidade e o deleite na descoberta e interação das expressões dos usuários do outro grupo étnico. O espaço relacional assim plasmado tornou-se incentivo para sua continuação no tempo. As alternativas anteriores que faliram propunham a localização do espaço cultural dentro de uma das áreas. Afetos positivos contornando afetos negativos, também podem favorecer o exercício equânime e democrático da territorialidade. Consequentemente, talvez seja relevante identificar afetos negativos para desencorajá-los, a fim de propiciar as RIRs.

Figura 41 - Av. Paulista, 2017.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2017.

Evidências da correlação entre experiências -resultantes de atividades- e estímulos na construção de espaços relacionais também foram colhidas nesta pesquisa, durante a observação da Av. Paulista. Em espaços relacionais, experiências plasman contextos identitários e imagéticos favoráveis à reciprocidade. No contexto cotidiano do horário comercial, entre segundas e sextas-feiras, os pedestres invariavelmente se ignoram na Av. Paulista, mas aos domingos, o contexto cotidiano deste espaço físico fixo começou a mudar por iniciativa da municipalidade, que dedicou toda a extensão da avenida exclusivamente ao uso pedonal, e sobre rodas não motorizado⁵⁵. A liberdade oferecida pelo uso exclusivo de pedestre no usufruto do espaço parece ter vindo ao encontro de necessidades e desejos de paulistanos, pois na Paulista, aos domingos, os usuários se tornam literalmente agentes ativos da espacialização (**Figura 41**).

Estímulos e oportunidades da Av. Paulista, possíveis no contexto dominical - muitas das quais impossíveis de captar mediante formas estáticas de registro - engatam afetos, se expressam e constroem identidade, memória, imagem e cultura em diálogos e sinergias diversos daqueles desencadeados por atividades financeiras, de serviço e circulação típicas de um corredor em distrito de negócios nos dias úteis. Desencadeando novas necessidades, valores e significados, que podem até desagradar alguns de seus usuários⁵⁶, num movimento experiencial autopoiético característico desse espaço relacional, a paisagem dominical da Av. Paulista torna-

⁵⁵ Vídeo de observação da Av. Paulista disponibilizado no link <https://youtu.be/TI62NipHGwg?t=1m46s>.

⁵⁶ Um taxista encontrado em rua paralela à Paulista, no dia da observação caminhante daquela avenida.

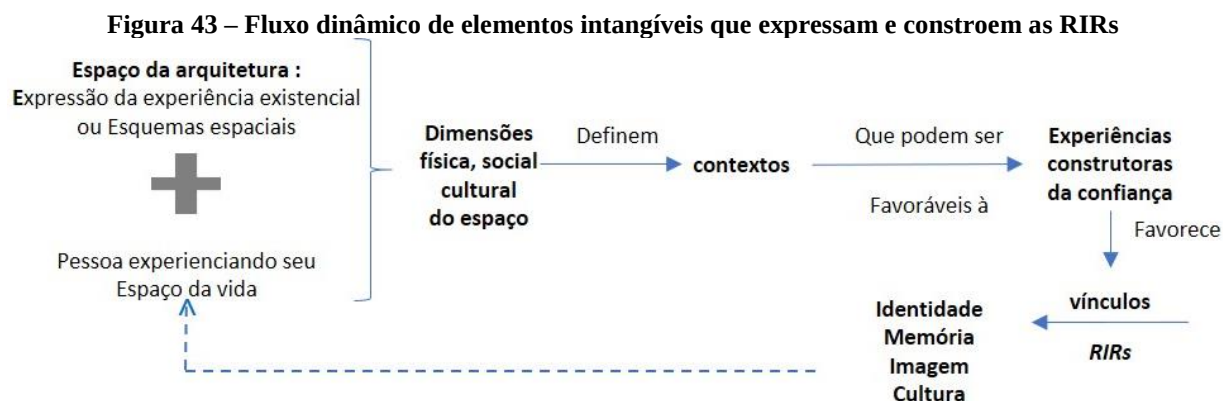
se mais semelhante a de um parque, como o Ibirapuera (**Figura 42**). Ver também vídeos disponibilizados em: Ibirapuera https://youtu.be/jbTU_oUPhr4 e Av. Paulista <https://youtu.be/ti62niphgwg>.

Figura 42- Ibirapuera (acima). Av. Paulista (abaixo).



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2017.

Através dessas lentes da Arquitetura, o componente físico do espaço relacional, tem uma capacidade comunicativa - além da de apoiar o ato de “habitar” - intimamente associada a dimensão ontológica da experiência pessoal e coletiva, que ao mesmo tempo, antecede e transcende a esfera subjetiva e aquela física, que visa possibilitar abrigo concreto através das relações materiais, geométricas e euclidianas do espaço construído. O esquema ilustrativo da **Figura 43**, abaixo, diagrama sumariamente esse processo de fluxos dinâmicos de elementos tangíveis e intangíveis constituintes de espaços relacionais.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

À luz dessa compreensão, agrupou-se as variáveis do espaço em quatro categorias para que possam auxiliar a leitura do espaço relacional: a) Composição - a natureza e forma do arranjo dos elementos estruturantes da experiência no espaço; b) Função - segundo suas atividades e funções; c) Comunicação - através das possibilidades de emissão e percepção de estímulos dos usuários e do espaço e suas bordas; e d) Contexto - sua relação com o contexto urbano no qual está inserido.

Denominou-se *compositivas* as características - das partes e do todo - definidas pelos elementos tangíveis (naturais e/ou construídos) que compõem o espaço e o estruturam fisicamente, construindo-o em um arranjo específico das partes (centro, nó, caminho e área e suas membranas). Observou-se que essas características influenciam o espaço relacional segundo a dimensão, a configuração, a quantidade, forma e escala dos objetos e, por meio dos estímulos que produzem e impactos que geram na experiência das pessoas usuárias do espaço.

Considerou-se *funcionais* as características resultantes de objetos e atividades desenvolvidas pelo e no espaço, que configuram o desempenho, tipo, quantidade, localização das atividades e funções; que influenciam o fluxo de pessoas e atividades, bem como os mecanismos e condições de controle do ambiente (térmico, acústico e lumínico, por exemplo).

As *características comunicantes e comunicativas*, propriamente ditas, estão associadas à legibilidade e à permeabilidade expressa em diversos graus e fluxos de informação. Estes fluxos são possíveis através da capacidade comunicativa de objetos e suas bordas. A *capacidade comunicativa* dos objetos dentro do espaço revela pistas de possibilidades fenomênicas - *affordances*- e dos objetos que envolvem o espaço e subespaços. Considerou-se a permeabilidade experienciada pelos usuários com os limites que topologicamente definem o que está dentro e fora do espaço. Também associada às *características comunicativas* do espaço está a capacidade sensorial das pessoas e do processo de comunicação ao se experienciar o espaço, cujos estímulos, uma vez percebidos, suscitam respostas comportamentais específicas.

No processo comunicativo considera-se relevante o tipo e o sentido (de dentro para fora e vice-versa) do fluxo de estímulos, de informações e de usuários que podem ocorrer entre o espaço e o que se encontra no contexto no qual este está inserido; e ainda entre o que se encontra dentro dos subespaços. Denominou-se *comunicante* a capacidade do espaço associada a esses fluxos de informação.

Os fluxos podem ser percebidos sensorialmente de inúmeras maneiras com implicações emocionais decorrentes da percepção cenestésica do fenômeno: rápido, lento, denso, rarefeito, alegre, triste, agressivo, defensivo, convidativo, etc. (SIMMEL, 2000). Interferem diretamente no fluxo de informações, o grau de permeabilidade e o material da membrana que define as bordas ou limites do espaço e seus elementos – e comunicam uma miríade de significados. O papel simbólico dos objetos delimitantes revelam os tipos e intensidades de fluxo considerados normais.

O fluxo de informação possibilita a comunicação entre pessoa e o espaço e entre pessoas no espaço. Por exemplo, imagine-se o espaço entre duas margens de um corpo d'água: as formas de comunicação entre pessoas e fenômenos possíveis através deste corpo d'água dependem do elemento comunicante (ponte, barco) e do significado que estes comunicam: sejam águas correntes ou paradas. As “informações” podem estar emolduradas por cercas (barrando qualquer fluxo), janelas (onde fluxo de informação é normalmente aceito com o olhar ou ouvidos), ou portas onde dois sentidos de fluxo de usuários e objetos podem ocorrer. Cruzar o obstáculo-água, molhando-se pode revelar um comportamento normal numa praia, ou anormal numa praça. Este via-e-vai comunica uma normalidade associada à uma ponte, e os dois sentidos na ponte são percebidos simbolicamente como uma normalidade.

As características de *Inserção no contexto* influenciam e condicionam a mobilidade e acessibilidade ao espaço e ao seu entorno, estão associadas às dinâmicas relacionais da malha urbana, de segurança dos usuários e harmonia entre usos (principais, secundários, emergentes, formais e informais), atividades, fluxos de informação e pessoas e, finalmente, ritmo da vida do espaço e seu entorno. A influência do espaço no entorno pode ocorrer em escalas e modos diversos e, por si só, esta característica já poderia justificar um estudo na escala imediatamente maior que a do espaço estudado. Isto, porém, ultrapassa o escopo desta tese, porque tal análise exigiria um referencial conceitual de características do espaço relacional influenciadas pela contextualização, e a identificação destas características é ainda o produto desta tese.

Agrupadas em categorias, as variáveis do espaço da arquitetura relevantes para o fenômeno relacional resultaram em quatro matrizes: **Estruturantes (Quadro 11)**, **Funcionais (Quadro 12)**, **Comunicantes (Quadro 13)** e **Comunicativas (Quadro 14)**, que aqui se

explicam em **termos de função, natureza e forma** (as linhas horizontais de cada matriz), e segundo possíveis escalas nas quais cada categoria ocorre (colunas). As escalas refletem condições espaciais e de ação, ou ainda o nível ou veículo de conforto (como o caso das variáveis funcionais, comunicantes e comunicativas) que uma variável-chave pode propiciar.

Propõe-se estas matrizes como guia na concepção e análise do desenho do espaço relacional, isto é, do ordenamento do conjunto de elementos em arranjos definidos em projeto de Arquitetura. Em futuras pesquisas sugere-se a utilização dessas matrizes como uma chave de leitura dos vídeos registrados.

Quadro 11 - Matriz de variáveis estruturantes do espaço

VARIÁVEIS ESTRUTURANTES				
Função:	Arranjo dos elementos que estruturam a experiência física/concreta e existencial do espaço (físico-espacial- circunstancial)			
Natureza:	<i>Formal</i> Nó, Eixo, Distrito e Bordas	<i>Sensível</i> à visão, olfato, audição, movimento, densidade e tato	<i>Escala e Densidade</i>	<i>Contextual</i>
Forma:	Largo x Estreito Longo x Curto Alto x Baixo Côncavo x Convexo	Ilimitada	Ilimitada	Espacial e circunstancial (atividades)

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Quadro 12 - Matriz de variáveis funcionais do espaço.

VARIÁVEIS FUNCIONAIS			
Função:	Atividades		
Natureza	Iminentes	Necessárias	Opcionais
Forma da atividade	Podem permitir ou impedir relações interpessoais de reciprocidade envolvidas numa mesma atividade, ou em diferentes atividades, inclusive a de observação de atividades esportivas e de degustação de alimentos estão entre as que favorecem as RIRs.		

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Quadro 13 - Matriz de variáveis comunicantes do espaço.

VARIÁVEIS COMUNICANTES- ESTIMULANTES do processo de comunicação		
Função	Membranas Podem influenciar, positiva ou negativamente, a legibilidade do espaço através de seu grau de permeabilidade possibilitado por sua natureza e aspectos formais	
Natureza	Semiótica e Comunicativa dos elementos e eventos do espaço	Material/substancial constituinte do espaço A matéria dos componentes do espaço
Aspecto formal	O aspecto formal do agente e do processo de interação (exclusão - inclusão) com e no espaço pode estimular ou desencorajar os relacionamentos interpessoais	Elementos e material dos elementos de vedação, transição, separação, de entradas e saídas.

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Quadro 14 - Matriz de variáveis comunicativas.

COMUNICATIVAS - PERCEPTIVAS				
Função	Produzir estímulos mediante a natureza sensível dos elementos do espaço (material e imaterial)		Permitir a percepção dos estímulos através dos instrumentos de captação ou chaves de leitura	
Natureza	Construída fixa ou móvel	Natural fixa ou móvel	Sensorial	Simbólico
Aspecto formal	Matéria - Som Textura – Imagem Cheiro - Temperatura		Olfato Paladar Tato Audição Cinestesia	Depende do contexto

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

4.1 A Comunicação

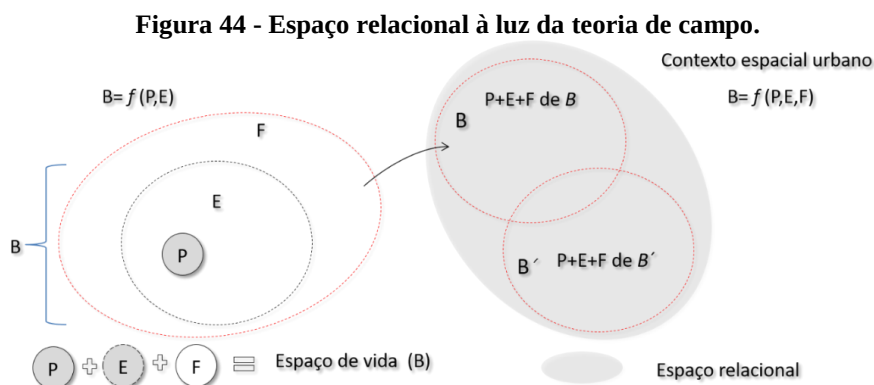
As RIRS são experiências dialógicas⁵⁷ das quais a comunicação é uma componente. Na comunicação de estímulos e informações, espaço e usuário são componentes imprescindíveis. Esta dialogia utiliza-se da estrutura espacial que ordena e revela objetos materiais e imateriais, e significados intrínsecos, experienciados e simbólicos do espaço. Estes estímulos comunicam o caráter único de cada espaço.

No viés da experiência comunicativa, os conceitos de lugar e sua contextualização são relevantes para a compreensão do espaço relacional porque é a partir da percepção espacial que o conjunto sistêmico do espaço “entrega” informações e estímulos necessários à construção das

⁵⁷ Como o é toda produção da comunicação e conhecimento (BAKHTIN apud PINK, 2010; BAKHTIN apud RODRIGUES, 2010).

relações pessoa-espaco-pessoa. Este processo incorpora, por parte das pessoas, a experiência de vida, as escolhas e o estado de espírito de cada usuário do espaço.

Na comunicação, o ambiente experienciado pelos envolvidos na interação - ou “espaço vital”⁵⁸ (**B**) - constituído por experiência subjetiva da pessoa (**P**), espaço da experiência (**E**) e o Foreign Hull (**F**) - se alarga para incorporar parte do espaço vital do(s) outro(s) (**B'**) com quem se interage, e as pessoas incorporam parte do *foreign hull* (**F**) no próprio espaço vital (LEWIN apud GIFFORD, 2002, p. 5), isto é, parte daquilo que o outro percebe e experiencia. Consequentemente, quando se estabelece o ato de comunicação com o outro, os usuários saem de sua posição inicial para aprofundar a compreensão que o outro (com quem se compartilha o espaço) tem da situação simultaneamente compartilhada e experienciada⁵⁹. Nesta experiência - conscientemente ou não - as pessoas alargam o próprio ponto de vista experiencial e espacial. (**Figura 44**). Seguindo esta compreensão, pode-se dizer que o espaço relacional engloba a intersecção do espaço de vida de ao menos dois usuários em interação. Isto implica a dimensão concreta e a experienciada, constituintes da territorialidade pessoal dos envolvidos em interação. Esta compreensão é instrumental, pois permite identificar que entre comunicação e territorialidade existe uma correlação necessária para o espaço relacional.



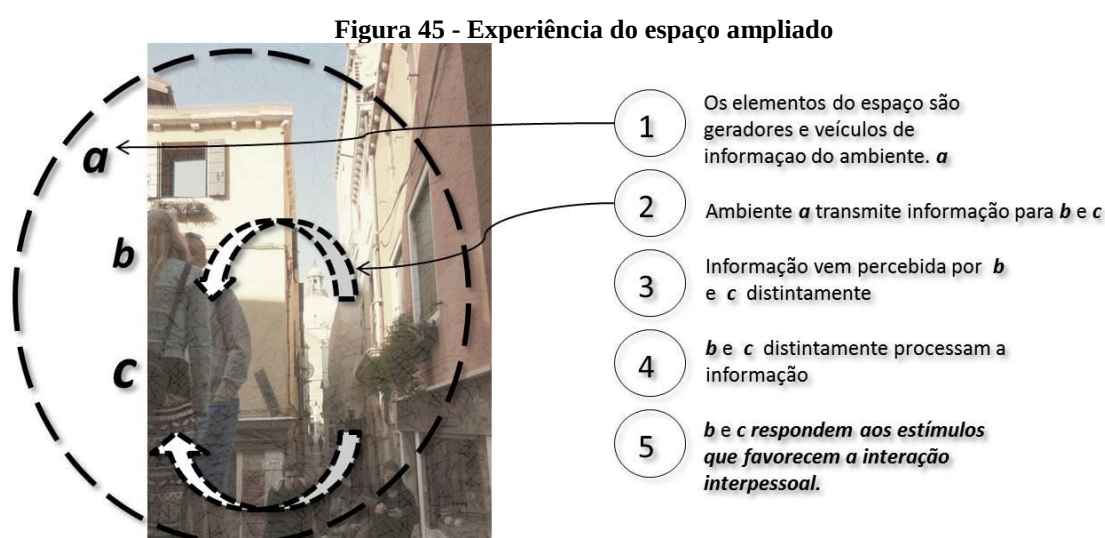
Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Nesta nova totalidade perceptível e experienciada, atributos de natureza multidimensional se correlacionam (WARD, 1981, p.121-122): **natureza cognitiva, afetiva e comportamental de resposta à experiência de lugar**, constituinte do espaço. Amplia-se o

⁵⁸ Espaço vital a partir da teoria de Campo de Lewin.

⁵⁹ Cada observador desenha uma perspectiva mental do espaço à medida que se move ao longo do tempo; esta perspectiva dinâmica é delineada conforme a localização e a “lente focal” que o observador escolhe (consciente ou inconscientemente) tornando-se seu referencial ao experienciar o espaço; o ponto de “fuga” que define a leitura e avaliação das várias perspectivas do espaço corresponde ao objeto foco de sua atenção. Na visão egocêntrica, o foco e referencial de atenção e percepção da experiência é si próprio. Na visão allocêntrica o foco está em algo fora de si próprio (objeto(s) ou conjunto de objetos) (BERTHOZ, 2009; Gifford, 2000).

referencial de percepção e leitura, de egocêntrico para alocêntrico (BERTHOZ, 2009). As pessoas também se utilizam dessas percepções ao construir suas escolhas, intenções e comportamento. A percepção do “ [...] leque de possibilidades que permite a cada um de nós, a cada momento, escolher o seu rumo” (MOUTINHO, MATEUS e PRIMO, 2007, p. 11) é influenciada pelo estado de espírito e bagagem pessoal e coletiva, subjetiva e cultural, formada previamente ao momento e lugar do encontro⁶⁰. Sobre a pessoa, assim compreendida, podem influenciar as propriedades e o conjunto de pistas das possibilidades fenomênicas percebidas⁶¹ do espaço.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Enunciando algo além de si próprios, os objetos do espaço produzem ou veiculam estímulos. De forma direta e indireta⁶² evocam possibilidades fenomênicas (*affordances*), memórias, eventos, e formas de comportamento de seus usuários⁶³. Estes dois processos

⁶⁰ Esta última é uma variável independente importante, compreendê-la extrapola o recorte investigado (GIBSON e LEWIN apud GIFFORD, 2002),

⁶¹ Não apenas de forma tátil, auditiva e visual, mas também proxêmica e cinestésica. Cinestesia é uma experiência sensorial derivada de sensações mediadas por receptores localizados em músculos, tendões e articulações, estimulados por movimento e tensões corporais (HALL, 1990).

⁶² Quando expressam signos (SONESSON, 2014; SIMMEL, 2000)

⁶³ O seguinte trecho da análise do antropólogo Turner apresenta algumas conexões desses processos comunicativos. O trecho consta na introdução de *From ritual to theatre*, de Turner citado por John Dawsey (TURNER apud DAWSEY, 2005, p. 382) sobre uma narrativa histórica de um episódio marcante (revelado nas expressões de aguda dor ou prazer) da vida do indígena mexicano Hidalgo: [...] Tendo em mente a noção de *Erlebnis* (frequentemente traduzida como “vivência” ou “experiência vivida”), Turner fala de um processo constituído por cinco momentos: 1) algo acontece a nível da percepção, provocando uma aguda sensação de dor ou prazer; 2) imagens de experiências passadas são evocadas; 3) emoções associadas a essas experiências do passado são revividas; 4) um sentido (meaning) é gerado na medida em que conexões se estabelecem, fazendo

ocorrem a nível pessoal e coletivo e são fundamentais para a caracterização do espaço relacional (**Figura 45**). Além de desempenhar um papel de gerador de estímulos, a transmissão destes demanda do espaço e de seus objetos um certo grau de “condutibilidade” e permeabilidade para que estes possam efetivamente transmitir informação e possibilitar aos usuários construir e reconstruir significados que o ajudem a plasmar e ordenar suas experiências e seu modo de perceber e relacionar-se com o outro com quem compartilha o uso do espaço.

Maiores são as chances de as experiências **de semelhança, proximidade, continuidade, movimento**⁶⁴ e **conteúdo**⁶⁵ propiciarem o envolvimento das pessoas em RIRs, quando estas são percebidas e instigam nos usuários sua presença de espírito, e são favorecidas através da permeabilidade do espaço, da legibilidade das affordances, no exercício equânime, ético e democrático da territorialidade, e com um grau adequado de conforto. Ao propiciar experiências multimodais perceptivas⁶⁶, comunicativas e no exercício da própria identidade na interação com o outro, articula-se afetos, identidade, memórias, imagens e valores.

As pessoas e grupos as colhem sensorial e experiencialmente conforme quem são, seu estado de espírito e o contexto situacional. Com suas necessidades e valores, em interação-comunicação com o espaço e entre si, usuários conferem significados subjetiva e coletivamente, leem, interpretam e formam juízo de valor da realidade e estímulos a eles comunicados e modelam as próprias experiências de suprassunção – ou seja: de vir-a-ser-por-si e vir-a-ser-com o outro. Se, como diz Norberg-Schulz, o espaço é bom, e experiencia-se confiança, em algum grau superam-se os riscos e incertezas plasmando a experiência pessoal e coletiva de reciprocidade. Pessoas e espaço, uma vez renovados pelo encontro, encontram-se em novo momento comportamental: possibilitam, constroem e fortalecem suas identidades, experiências, novas memórias e imagens do espaço associado à experiência relacional (**Figura 46**).

Assim, considerando que esta tese se restringe a interações de reciprocidade positiva, espaços relacionais são tão mais ricos quanto mais variadas forem suas possibilidades

com que o passado e o presente entrem, conforme uma expressão de Dilthey, em uma “relação musical”; e 5) a experiência se completa através de uma forma de expressão. (TURNER apud DAWSEY, 2005, p. 382). As experiências sócio espaciais extrapolam os 5 pontos capturados e descritos na narrativa teatral analisada por Turner; pois também compreende a resposta comportamental individual e coletiva ao significado apreendido pelo usuário do espaço.

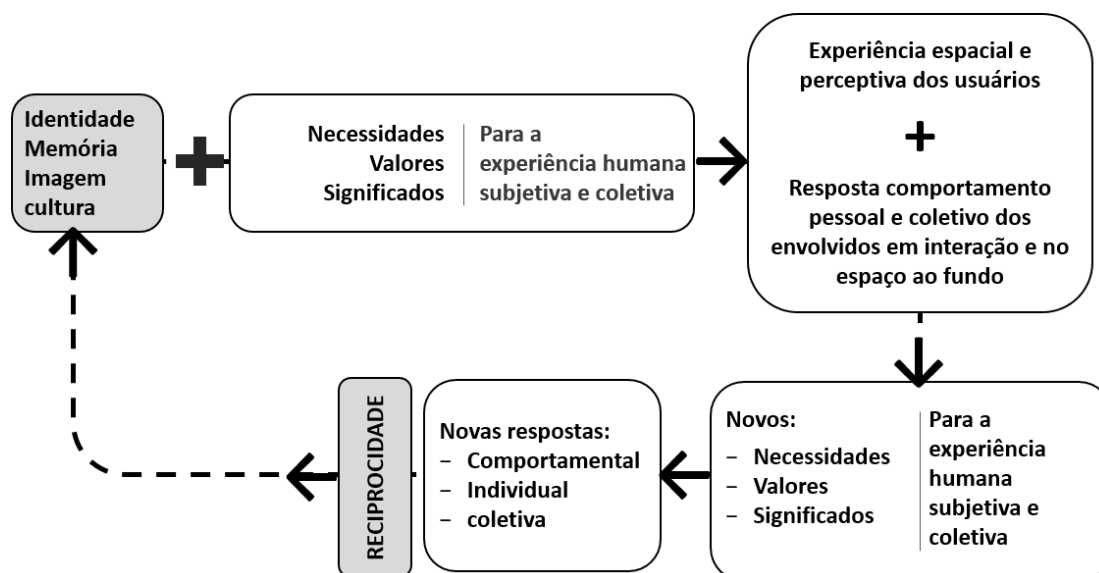
⁶⁴ Como foi visto no início deste capítulo, ao concretizar-se no espaço da Arquitetura centros, caminhos e domínios expressam necessidades, valores e significados presentes nas experiências humanas, além da dimensão subjetiva.

⁶⁵ Considera-se que o conteúdo da comunicação, na experiência espacial, equivale aos significados, funções e atividades do espaço e seus contextos.

⁶⁶ Olfativa, visual, tátil, auditiva e cinestésica – esta última engloba todos os tipos de sensações, inclusive os táteis, viscerais e emocionais (Houaiss, 2010).

concretas, as de interpretá-los e identificá-los, e quanto mais variados ou ricos forem os relacionamentos positivos e a integração social que neles se constrói.

Figura 46 - A autopoiese do espaço relacional



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

4.1.1 A comunicação de *Affordances*

O *locus* da experiência do momento presente onde o indivíduo percebe os potenciais de cada momento, é constituído à medida que as pessoas se engajam em interação com o outro. Estas possibilidades de encontro em potencial também correspondem às ***affordances***, utilizadas por Gibson (GIFFORD, 2000), para explicar que as características físico-psicológicas das propriedades euclidianas, definem o significado das distâncias e dimensões a serem percorridas no espaço, caracterizando o ***espaço hodológico***. Pode-se dizer que se trata de uma compreensão ecológica da experiência espacial, porque considera a troca pessoa-ambiente inerente ao fenômeno relacional com o espaço.

Pressupõe-se e se reconhece o papel das intenções e capacidades perceptivas sensoriais⁶⁷ do usuário na definição de seu cenário de dificuldades ou facilidades ao percorrer um dado espaço. A Hodologia explica o espaço mediante seu valor significativo, abrangente, inclusivo de elementos não construídos, como estados emocionais circunstanciais (que podem “alongar” ou “encurtar” as distâncias como eventos presentes como elementos de fundo – tais como acidentes imprevisíveis do espaço, vento forte, a exposição desprotegida a um sol escaldante, ou um rumor insuportável ou cheiro desagradável que influenciam o observador de forma positiva ou negativa. Na experiência hodológica do espaço, um usuário pode definir como curto um dado

⁶⁷ Psicólogos desta vertente incluem a dimensão temporal à tridimensional do espaço, à semelhança de Norberg-Schulz, que o denomina espaço quadrimensional (NORBERG-SCHULZ, 1971).

caminho “X”, embora este seja geometricamente mais longo, se ele percebe que a experiência de o percorrer é mais gratificante do que a vivida no caminho curto, “Y”.

A percepção das possibilidades de ação no espaço apreendida através da experiência, adiciona-se à das significações objetivas comunicadas através de elementos constitutivos do espaço— como, por exemplo, a faixa de pedestres, o semáforo, um banco, um bebedouro.

A explicação do processo de leitura, cognição e comportamento no espaço através da teoria de *affordances* de Gibson (2002), e das argumentações sobre a influência da percepção da intencionalidade do outro na escolha entre confiar ou não, e entre responder em reciprocidade ao voto de confiança recebido, demonstrada em estudos econômicos por Pelligra (2011), oferece uma base para compreender que a previsão de probabilidades de ação do usuário influenciadas por sensações como segurança, confiança e orientação incluem as capacidades perceptivas ontológicas e a bagagem experiencial pessoal e cultural do usuário do espaço.

Pode-se intuir, assim, que a linguagem necessária à comunicação não verbal do espaço requer a flexibilidade formal que pode enriquecer espaços enquanto facilitadores das RIRs. Espaços flexíveis, podem mais facilmente ser adequados às demandas postas por experiências e dinâmicas urbanas, e por usuários que mudam muito rapidamente nas cidades contemporâneas. Assim, quanto mais adaptável às necessidades experienciais do usuário for um espaço, mais forte, ou rico é seu potencial relacional.

Nesta ótica, as *affordances* do espaço relacional, isto é, o leque perceptível de possibilidades situacionais favoráveis às interações de reciprocidade entre seus usuários, comunicadas através da **estrutura, composição, e organização** espacial, de seu contexto e de suas atividades são fundamentais no processo de comunicação. Fica evidente que *affordances* e legibilidade estão correlacionadas na constituição do espaço relacional e de seu contexto.

4.1.2 Legibilidade do ambiente da comunicação

Os contextos podem favorecer a liberdade e o conforto psicológico, social e físico. Juntamente com legibilidade e boa gama de *affordances*, os contextos podem abaixar os processos de fuga e de defesa, favorecendo a confiança necessária às RIRs. Lugares de baixa discriminação entre usuários, com distâncias suficientes para o exercício do próprio espaço pessoal podem significar uma possibilidade maior de exercer-se e compartilhar a territorialidade de forma mais ética, equânime e democrática.

As observações da Avenida Paulista, no coração de um dos mais importantes centros de negócios da cidade de São Paulo, oferecem um exemplo de fatores e processos envolvidos na legibilidade do espaço relacional que podem ocorrer em qualquer contexto contemporâneo. O

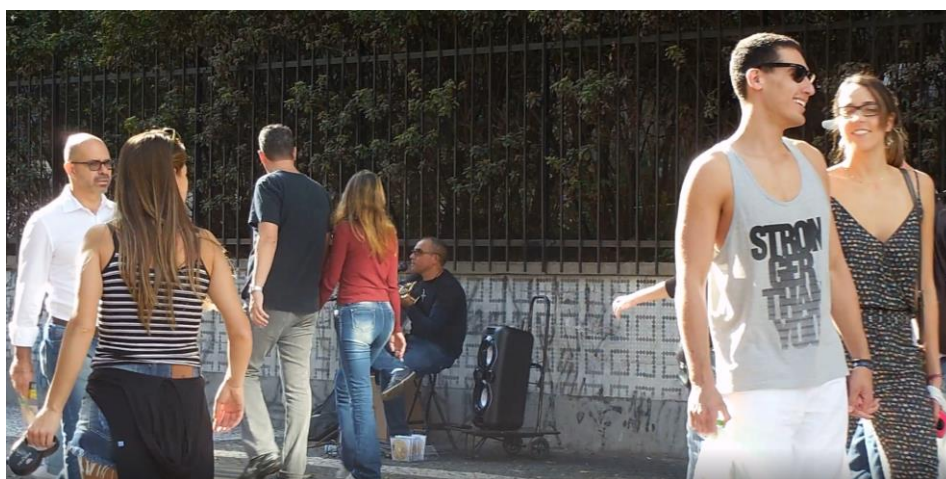
contexto criado pela municipalidade ao fechar a Av. Paulista aos domingos é exemplificado nesta tese porque favoreceu aos usuários a criação de estímulos que mudam a identidade experienciada e a possível legibilidade de elementos do espaço – mesmo daqueles também presentes e que invariavelmente passam despercebidos nos demais dias de semana: Talvez, quem solicita ajuda encontre respostas mais frequentes e generosas aos domingos (**Figura 47**); quem entrega uma apresentação artística seja mais notado e ouvido (**Figura 48**).

Figura 47 - Momento em que uma pessoa coleta doações recebidas.



Fonte: A autora. 2014

Figura 48 - Transeuntes escutam e demonstram reconhecimento a um cantor. Av. Paulista.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 49 – Legibilidade da Av. Paulista possibilitada num domingo de verão.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

A permeabilidade na Avenida Paulista dedicada aos pedestres favoreceu a criação de novas experiências e clara percepção das *affordances* e escolhas de como engajar-se. O engajamento ativo é uma experiência de identidade: no momento da visita de campo realizada para esta pesquisa, as relações contextuais da Paulista propiciaram contextos e atmosfera para expressão de si, o encontro e interação com o outro, diverso de si próprio.

Atmosfera semelhante é possibilitada por arranjos internacionalmente conhecidos como o encontrado na Piazza del Campo, em Siena que atraem público usuário no inverno ou verão (**Figuras 50 e 51**) e nas ruas de Veneza (**Figuras 52 e 53**). No entanto, nesses sítios, a atmosfera proporcionada no ritmo da vida e na visibilidade por todos que compartilham o uso destes espaços parece ser muito mais marcadamente favorecida pela Arquitetura - elementos e ordenamento e distâncias dos espaços e entre usuários - que fornecem inúmeras pistas e estímulos fenomênicos. Tais contextos permitem experiências de reciprocidade positiva que foram observadas entre amigos na presença de estranhos e, esporadicamente, entre estranhos. Estes espaços oferecem conforto e atração suficientes para a recorrente visita de muitos usuários ao longo do tempo.

Figura 50 - Ordenamento espacial da Piazza del Campo, Siena.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 51 - Piazza del Campo, Siena.



Fonte: Foto gentilmente cedida pelo Ghel Institute.

Figura 52- Largos e passagens estreitas oferecem convites à descoberta. Veneza.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 53 - O convite à descoberta feito pelo ordenamento do espaço.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Estas pistas (*affordances*) são, direta ou indiretamente, comunicadas pela própria Arquitetura, presença, movimentos, gestos e expressões corporais e faciais, verbais ou não, sonoras ou não, em velocidade, direção, amplitude e ritmo vários no tempo e espaço; e são percebidas na interação das pessoas com o espaço da Arquitetura. Através da observação caminhante em vários espaços realizada para esta pesquisa, a pesquisadora experienciou a contribuição dos demais usuários do espaço na sua leitura das *affordances* dos espaços, cuja

amostra é ilustrada na **Figura 54**: reconhecendo onde esperar barcas para o continente; ou **Figura 55**: onde se dirigir para encontrar a universidade de Veneza; ou um lugar de lazer noturno **Figura 56**.

Figura 54 - Aguardando a barca. Veneza. Itália.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 55 - Estudantes saem da Universidade.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Em áreas e sítios urbanos relacionais observados, as propriedades emergentes do espaço da experiência eram evidentes e capazes de envolver seus usuários através dos sentidos, inclusive cinestésicos- através de dinâmicas decorrentes de muito mais do que suas propriedades físicas, ou seja, através de suas propriedades e características experienciais, que

Figura 56 - Rua da Moeda. Recife, Brasil.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014. Recife, Brasil.

Ward (1981) denomina “molaes”. Movimentos, processos e contextos do espaço, possibilitam ao usuário compreender o tipo de conexões e identificar, conscientemente ou não, conjuntos de experiências relacionais que os compõem no momento presente, e identificar as possíveis de compor. O **Quadro 15** exemplifica um modo de ler as variáveis da experiência como chaves de leitura das *affordances*.

Quadro 15 - Exemplo de pistas experienciais reveladoras de *affordances*

Variável da experiência humana	Tipo de influência que revela <i>affordances</i>
Presença de usuários	Tipologia, presença ou ausência das experiências do espaço
Movimentos	Ritmo e intensidade da experiência e comportamento cronêmico
Gestos e expressões	Contextos situacionais e culturais
Ordenamento e estrutura espacial	Tipologia de espaço, experiências e fluxos
Atividade e Mobiliário urbano	Atividades às quais um espaço está normalmente associado

Fonte1: Vera Chamié de Souza, 2018.

A percepção de *affordances* constrói elos entre a forma espacial, corporeidade, e as normas comportamentais. Os lugares de dinâmicas de censura de grupos, de gentrificação e discriminação podem eliminar os benefícios proporcionados por elementos naturais ou construídos do espaço e influenciar negativamente a construção de lugares de reciprocidade. Evidenciou-se isso no caso da experiência do Parque do Baobá, apresentada em 4.2.2.

Com base nas considerações de Gifford (2002, 2009) e de Knapp, Hall e Hogan (2014), a boa legibilidade é favorecida por seis dimensões do ambiente que teoricamente estão correlacionadas com as RIRs pelo estado de espírito que proporcionam; são estas: calor psicológico, privacidade, familiaridade, condicionantes e distâncias (incluindo acesso, mobilidade no espaço e entre espaços) e atmosfera social (**Quadro 16**).

Quadro 16 - Processo comunicativo no ambiente da comunicação no favorecimento de RIRs

Quadro 10 - Processo comunicativo no ambiente da comunicação no favorecimento de RIRs				
Componentes do ambiente da comunicação	Influência na comunicação	Prováveis respostas do usuário		Experiências associadas às RIRs
Pessoas, calor psicológico, privacidade, familiaridade, condicionantes e distâncias Componentes da atmosfera social, entre os quais: stress, formalidade, competitividade, cooperação	Influenciam o filtro de percepção de <i>affordances</i> de um espaço e de leitura de eventos, consequentemente influenciam:	Percepção de estímulos gerados por:	<i>Espaço social:</i> stress, formalidade, competitividade, cooperação <i>Dimensões da comunicação</i> não verbal <i>(Impressões) atitudes, palavras e ações das pessoas ao interagirem</i> <i>Arquitetura, efeito de sons, efeito da iluminação, da estrutura e organização do espaço;</i> <i>“Rastros de ação” do outro</i> <i>Ritmo do tempo (cronêmica)</i>	Empatia Confiança Motivação Troca de dons Reconhecimento Respeito Valor relacional Emergência Riscos Imprevisibilidade

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

4.1.3 Permeabilidade favorecendo comunicação

No processo comunicativo, forma, estrutura e elementos do espaço expressam valores vinculados ao conjunto de objetos e práticas que compõem o espaço físico. O sucesso da veiculação, envio e percepção de estímulos e mensagens sócio espaciais, também depende da permeabilidade e “condutibilidade” das membranas que o delimitam: quanto melhor esta comunicação, maior possibilidade de controle e poder de decisão terá o usuário.

Permeabilidade é a capacidade de fluxo de estímulos e informações em um ou mais sentidos (de dentro para fora ou de fora para dentro) além de limites ou bordas do espaço físico e social. A capacidade de comunicar-se através da permeabilidade das bordas é uma experiência social-sensorial-experiencial. Os limites ou bordas dos espaços relacionais e o grau de permeabilidade também experiencialmente estabelecidos são pistas a ser consideradas na construção do ambiente da interação. No exemplo ilustrado na **Figura 57**, no Parque da Jaqueira, em Recife, as árvores de copa alta e trechos de gramado sem bancos, definem limites sensorialmente permeáveis, porém impermeáveis ao movimento dos usuários.

Figura 57 - Parque da Jaqueira. Recife, Brasil.



Fonte: Facebook Parque da Jaqueira, acessado em 2017.

As bordas delimitam os espaços, segundo inúmeros critérios: estes podem ser materiais ou imateriais, próprios ou simbólicos, naturais ou construídos. Elas são relativas, pois dependem do contexto, do tipo de objetos que as constituem, das práticas sociais, valores e padrões de normalidade definidos culturalmente. Permitir o fluxo de informação entre usuários e entre estes e o espaço possibilita sua percepção e localização física e qualitativa no espaço, e percepção do próprio espaço onde se está. Além disso, permite contextualizar a experiência do momento e seu valor comparado ao contexto no qual este se insere; em relação aos contextos (SIMMEL, 2000; SONESSON, 2014). No espaço relacional, os níveis de permeabilidade influenciam a percepção das possibilidades experienciais.

Em todas as possíveis escalas, as oportunidades de trocas entre às margens de espaços, são naturalmente inúmeras. Delimitando espaços - visível e invisivelmente (**Figura 58**).

Figura 58 - Av. Paulista. São Paulo, Brasil.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2017.

As bordas definem limites e a depender do grau de permeabilidade podem se comportar como barreiras. Estas também podem concretizar-se como dinâmica de trocas, de reconhecimento ético e respeitoso dos direitos à diversidade. Podem se constituir de elementos construídos ou naturais, a exemplo do corpo d'água da **Figura 59**. Espaços de transição, como extensos gramados, também desempenham a função de bordas permeáveis. Bordas também podem possuir caráter estático (por exemplo, meio fio e mobiliário fixo de playgrounds); ou caráter dinâmico, que pode ser definido por atividades e nível de alcance de estímulos (**Figura 58**).

Figura 59 - Às margens do Lago Como



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018

A permeabilidade de membranas favorece a troca ao inverso das barreiras. Essas trocas são importantes para a experiência relacional entre pessoas e entre estas e vários objetos, propriedades e contextos espaciais porque informam limites funcionais e territoriais do espaço e ao que está ao seu redor. O grau de permeabilidade pode contribuir para definir o nível de trocas entre espaço público e privado; interno e externo; entre espaço para adultos e para crianças.

Nas relações entre conjuntos, quando adequadamente caracterizadas, membranas podem satisfazer a necessidade de, através da leitura do espaço, compreender as possibilidades

e permissões. Geralmente o nível de permissão é proporcional ao de permeabilidade dos materiais e espaços. O espaço da Arquitetura pode oportunizar e facilitar este exercício de troca nas "bordas" através de sinais muito claros. Uma leitura clara dos limites fortalece a confiança de cada um no exercício da territorialidade, confiante de sua própria identidade e sem necessidade de erigir defesas comportamentais.

As tipologias de bordas e o como as pessoas compreendem o que normalmente deva acontecer diante delas em espaços públicos, está estreitamente associado às práticas socioculturais (SONESSON, 2003, p. 16).

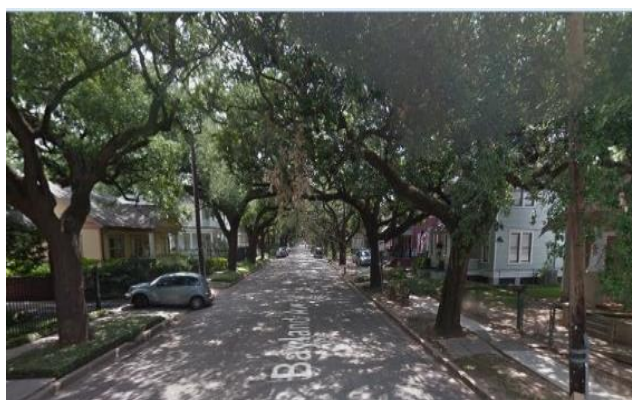
Espaços relacionais sem bordas para contato, com referenciais fora de si, não subsistem. Assim, por exemplo, caminhos impermeáveis tornam-se corredores. Muros cegos definem paisagens mais hostis e comunicam a negligência por fluxos cotidianos de ida e vinda. Ruas cujas bordas permeáveis informam que se preza por oportunidades diárias para comunicação, ou interação (**Figura 60**).

Ruas “impermeáveis” tornam o fluxo entre trabalho, escolas e residências, inseguro, pois na ausência de usuários observadores, cada pessoa está por conta própria. (**Figura 61**).

Intensidade e velocidade de fluxo também podem caracterizar espaços de fluxos como barreiras. Modalidades de trânsito competem entre si quando possuem velocidade, ritmo e escala diversa da experienciada em espaços adjacentes quando as membranas de transição de fluxo são inexistentes, quando o fluxo não é ordenado. Quando carecem de clareza e amenidades necessárias para a leveza da escala humana, o alto nível de ruído provocado por fluxo pesado de veículos diminui a percepção que os usuários têm do ambiente.

Associados à permeabilidade, fluxos, porém, podem contribuir para níveis de conforto, se permitem velocidades e comportamento em harmonia com a escala de pedestres e das atividades nos espaços lindeiros às vias, possibilitando contextos de confiança, segurança e

Figura 60 - Rua de uso residencial. Houston. USA



Fonte: maps.google.com. 2017

Figura 61 - Rua de uso residencial. Recife. 2016



Fonte: maps.google.com. 2017

conforto para pedestres no exercício da própria territorialidade. A necessidade de Bordas é universal, porém as características necessárias para expressar os comportamentos aceitos ou esperados como normais variam para contextos físico, social ou cultural distintos (SONESSON, 2003).

Normalmente, espera-se que crianças, idosos e pessoas com alguma dificuldade de locomoção, recebam prioridade de ação ao cruzar bordas (por exemplo) ou na disputa por território num espaço compartilhado simultaneamente por diversos grupos sociodemográficos de usuários. As condições espaciais podem influenciar essas práticas de sociabilidade em espaços de fluxos entre territórios. Por exemplo, calçadas estreitas, ocupadas por veículos, esburacadas ou em locais com altos índices de poluição, inclusive sonora, podem dificultar ou impedir que as pessoas percebam umas às outras bem como as suas necessidades, porque estão concentradas em sobreviver às pobres condições de uso do espaço, negligenciando o exercício da solidariedade, e comportamentos equânimes da territorialidade.

A falta de informação sonora, por sua vez, também desfavorece a territorialidade, como a de surdos ao atravessar ruas; espaços muito aglomerados ocupados por grupos de forte identidade coletiva, provavelmente desfavorecem a territorialidade às pessoas não pertencentes ao grupo predominante; pois em condições de vulnerabilidade, as pessoas perdem o conforto e confiança ao tentar compartilhar o mesmo espaço (pedestres em áreas públicas sem limites definidos para práticas de skate podem configurar um problema).

4.2 Territorialidade

As experiências características do espaço relacional e explicadas nas sessões anteriores evidenciaram a associação destas com o exercício da territorialidade, que como uma condicionante podem potencialmente favorecer ou desfavorecer as RIRs. Consequentemente, territorialidade é uma experiência constituinte do espaço relacional associada ao espaço da arquitetura. Esta experiência característica do espaço relacional vem explicada nesta sessão por que a compreensão de seu papel decorreu da análise dos dados teóricos e de campo.

Segundo Hall (1990), o espaço perceptível entorno a si próprio, é denominado território; trata-se de uma área de privacidade entorno a si mantida sob controle, podendo incorporar o espaço ocupado por uma outra pessoa ou objeto, como uma cadeira, ou um lugar, como por exemplo, um escritório. A territorialidade é uma forma de controle sobre espaço, objeto, ou ideia é expressa no comportamento de sua ocupação, marcação ou defesa por pessoas ou grupos em relação ao espaço íntimo. Se indevidamente ocupado o território pode ser percebido como

infringido. *Territorialidade* e espaço pessoal (uma das quatro escalas do espaço perceptível) são subjetivos e influenciados pela cultura. Hall (1990), junto ao psicólogo Robert Sommer, definiu em 1966 quatro níveis de distâncias do espaço perceptível, relevantes para a interação mediante relacionamentos face-a-face. As dimensões dessas distâncias variam segundo cada cultura (as enumeradas abaixo se adequam à cultura norte-americana e do Norte da Europa) e são até hoje internacionalmente consideradas como referenciais no campo da proxêmica, da Psicologia ambiental e disciplinas vinculadas ao estudo do comportamento humano.

Gifford (2002) destaca dois sistemas de controle reconhecidos e utilizados em Psicologia que variam segundo o grau de importância que um território tem para a pessoa, ou segundo quem exerce a territorialidade. O primeiro é o sistema de Altman, baseado no grau de privacidade que as pessoas podem experienciar; e o de Lyman e Scott centrado em quem exerce a territorialidade sobre um dado espaço ou coisa, seja grupo ou indivíduo. O sistema de Altman identifica três níveis de territorialidade: o primário, o secundário e público, sendo o último aquele no qual as pessoas não têm controle expresso sobre quem possa utilizar o espaço, ou nele exercer níveis específicos de territorialidade. A defesa e a infração são dois fenômenos que acompanham a territorialidade, que interessam esta pesquisa porque revelam comportamento de pessoas envolvidas em interações interpessoais e tornou possível identificar como a territorialidade pode ser influenciada pelas características dos espaços na escala urbana.

Citando Knapp, Gifford (2002) classifica três tipos de *comportamento de defesa* da territorialidade exercido por pessoas ou grupos: a *preventiva*, a *reativa*, e um terceiro tipo de comportamento que envolve a *defesa das fronteiras de um território de socialização*. Em contraste, *Infração* caracteriza um comportamento de violação, invasão e contaminação de uma pessoa no território da outra sem prévia permissão. A violação é uma infração mais temporária que a invasão; a contaminação implica em deixar algo que marca a adulteração do território invadido.

Segundo o autor, pessoas engajadas em atividades exercem a territorialidade em espaços, mais fortemente do que aquelas que não estão engajadas em nenhuma atividade em particular, e cita a contribuição da psicóloga ambiental Barbara Brown através da teoria do ‘*Espaço defensível*’ ou “*Defensible Space*” na identificação e compreensão de como o espaço físico pode influenciar o sentimento de territorialidade e o comportamento de defesa e invasão das pessoas envolvidas em interações de sociabilidade num dado território, a partir de escalas urbanas pequenas como o quarteirão (GIFFORD, 2002). As evidências da territorialidade entre fatores relevantes para a ocorrência das RIRs sugerem a necessidade de considerá-lo entre os fatores vinculados à cultura e especificidades locais.

Os estudos indicam que, em situações idênticas, a intensidade com a qual grupos de pessoas exercem defesa ou invasão do espaço ocupado por outros grupos é tanto maior quanto maior for o sentimento de territorialidade destes no espaço e reflete-se no comportamento dos usuários durante interações de sociabilidade. Assim, muito embora o engajamento em *RIR* também dependa de outros aspectos envolvidos no fenômeno, tais como dimensão física, social e cultural, as pessoas que sentem a territorialidade do espaço de forma semelhante a outros usuários, que se denomina territorialidade simétrica, estão em condições simétricas de desenvolver interações interpessoais de reciprocidade no espaço (as *RIR* são simétricas por definição), (GIFFORD, 2002; NORBERG-SCHULZ, 1971; SENNETT, 2012; SIMMEL, 2000; SONESSON, 2014).

A avaliação de estudos feitos no âmbito da Psicologia Ambiental revelou alguns dos efeitos de territorialidade (GIFFORD, 2002) no significado semiótico percebido pelos usuários de espaços públicos, demonstrando o papel fundamental da compreensão desse fenômeno na avaliação e desenho do ambiente construído na esfera urbana e pública:

- a) Facilitar o senso de confiança e o de “sentir-se em casa”;
- b) Ajudar os usuários a exercer controle sobre um espaço na normalidade, pois, na medida em que estes naturalmente ordenam o espaço, o sentem legitimamente seu (Legitimizar) e definem atividades e comportamentos aceitáveis como “normais” para o contexto situacional no momento da experiência do espaço (por exemplo, a experiência de normalidade num espaço difere entre dias úteis e dias de feriado de carnaval);
- c) Reduzir comportamentos agressivos;
- d) Influenciar o senso de identidade e o controle sobre o uso do espaço para promover segurança e conforto psicossocial aos usuários.

4.2.1 Territorialidade em situações de conflitos

Em se tratando de espaços públicos, não se tem domínio sobre quem usa o espaço. Por isso, pode se fazer necessária a gestão do exercício da territorialidade pelo bem-comum bem como do tipo de usuários e dos graus de controle. Em situações de conflito entre grupos que se expressam em domínios territoriais, observou-se que a possibilidade de proporcionar espaços relacionais a partir de uma contextualização e de estímulos apropriados. Estes podem ocorrer em práticas reativas ou preventivas de defesa das fronteiras, diante cenários de possíveis

infrações⁶⁸. Embora não tenha sido mencionada como intencional, a partir deste ângulo de vista, compreende-se que o sucesso de uma tentativa de promoção do diálogo explicada por Sennett (SENNETT, 2015) entre estes dois grupos possa resultar também da ação conjunta de estímulos, afetos, identidade e memória, no exercício da territorialidade. O projeto bem-sucedido criou um contexto através da permissão de atividades e de utilização nas bordas de territórios de dois grupos urbanos adjacentes. A localização dessas atividades nas bordas respeitou de forma simétrica o exercício da capacidade, afetos, memórias e identidades de cada grupo étnico próximos um do outro do ponto de vista físico e social. Expor os usuários destes antigos territórios aos novos contextos e estímulos ofereceu-lhes a confiança necessária para dar voz e espaço ao outro, introduzindo curiosidade e deleite ao exercício da própria identidade, no próprio espaço cujos limites agora expandidos, é espaço relacional de ambos os grupos; assim configurado, tornou-se incentivo para sua continuação no tempo.

As tentativas anteriores que faliram propunham que aquele espaço de integração se localizasse no centro da área de um grupo, “forçando” a territorialidade de um através do outro. Afetos e contextos em conexão quando propiciam **interesse-curiosidade** e **alegria ou deleite, surpreendendo expectativas**, ou **contornando afetos negativos**, também podem favorecer o exercício equo e democrático da territorialidade. Onde se infere que identificar afetos negativos também é relevante.

As *affordances* indicam as expectativas dentro dos contextos físico, social e cultural de normalidade para o exercício da territorialidade: como os limites se relacionam, quanto controle se pode ter do próprio usufruto do espaço simultaneamente compartilhado, quanto estes podem expandir e se comunicar, e até que ponto podem normalmente ser flexíveis sem contaminar ou invadir o espaço pessoal e social dos outros.

4.2.2 Exemplo do Jardim do Baobá

O Jardim do Baobá integra um projeto maior intitulado Parques do Capibaribe, na cidade de Recife. A percepção da gestão neste relatório, foi informada por representante em entrevista semiestruturada; pediu-se uma descrição da implantação e do episódio de conflito entre usuários.

O projeto foi feito com intenção de contribuir para aumentar o nível de convivência calma entre pedestres e de relacionamento da população com a paisagem natural, às margens

⁶⁸ Segundo Altman (apud GIFFORD, 2000) violação, invasão e contaminação são formas de infração do território; territorialidade simétrica consiste na ocupação, marcação, defesa, e compartilhamento do espaço pessoal e social da forma mais democrática e ética possível (ibidem).

do Rio Capibaribe, fornecendo um espaço público com alguns itens de mobiliário, decididos mediante discussão com a comunidade. Entre os critérios de seleção do local estão a facilidade de acesso e a existência de público usuário. Propunha-se projetá-lo junto à população, e iniciou-se o projeto com participação da população, através de reunião e piquenique no local aberto, do qual muita gente participou, não obstante o dia chuvoso. Este fato evidenciou interesse e expectativa de envolvimento dos futuros usuários. Entretanto não foi possível concretizar as expectativas devido a questões administrativas e à dificuldade de encontrar usuários com a regularidade necessária dentro do cronograma estabelecido pela municipalidade.

O perfil dos usuários compõe-se de frequentadores de outro parque dentro do raio de 2 km, membros de comunidades territorialmente próximas, e sobretudo moradores provenientes de bairros residenciais distantes, com padrões socioeconômicos diversos da população local, a qual, desde o início oficial do projeto, demonstrou forte senso de pertencimento ao local.

Na percepção da gestão, três grupos de atores com interesses divergentes se sobressaíram no processo: eram os usuários de bairros distantes; os proprietários de estabelecimento comerciais de lotes lindeiros ao do jardim - que ressentiam a perda iminente de vagas de estacionamento para clientes, pois, junto à falta de controle do ingresso de usuários, traria perda de lucro do negócio; e residentes do bairro. Todos sentiam-se no direito do exercício da territorialidade no terreno público. A mediação das solicitações dos usuários e comerciantes deu-se pela parceria municipalidade - UFPE, acompanhada por visitas ao local pela equipe da universidade responsável pelo projeto.

Contexto de situação do espaço: O acesso ao espaço é pouco visível, e o interior do espaço- circundado de um lado pelo rio, e dos outros, por edificações de muro cego - não é visualmente acessível ou controlável, o que provocou a sensação de insegurança, caracterizada na maior parte das queixas apresentadas pela população usuária. Com o uso, houve aumento na frequência de ocorrência de assaltos e isto se tornou causa do contexto de divisão, discórdia e desconfiança entre membros da comunidade usuária e em detrimento da menos abastada.

No intuito de mediar a solução deste problema, pesquisadores mapearam em campo o perfil dos grupos de usuários, identificando pequenos grupos de estudantes à tarde, e grupos noturnos diversos. Estendendo as observações até as 23h, a gestão não observou os riscos inibidores do uso do espaço alegado por membros da comunidade usuária, como a presença de gangues. Verificou-se, porém, que o uso de drogas era prática cotidiana de grupos de usuários provenientes de bairros distantes que encontraram no Jardim um lugar comum onde compartilhar experiências e novas amizades. O uso de drogas é contrário às normas habituais em espaços públicos. Este mesmo grupo expressou forte senso de pertencimento ao Jardim e

seus membros mantinham assiduamente a limpeza do local -mais do que os usuários de espaços semelhantes - através da coleta de lixo diária e comunicação de eventuais problemas à gestão. Havia liderança ao interno do grupo.

A gestão foi surpreendida por um episódio de pichação de muros, entendido como gesto de apropriação do local, configurando disputa por territorialidade. Verificaram-se outros fatos de risco para a segurança pública, que foi acompanhado através novas reuniões entre comunidade e gestão. A questão culminou em momento de forte conflito entre os grupos presentes, com demonstrações de discriminação e agressão verbal em detrimento dos moradores com características sócio econômicas diferentes da dos residentes. A reunião concluiu-se com acordos e empenhos comuns para evitar conflitos futuros. No decorrer do tempo, porém, a gestão notou que crescia o nível de descontentamento e discriminação, que se agravou ainda mais após o início de intervenções por agentes da polícia municipal com medidas disciplinares e de retaliação assistida, inclusive com spray de pimenta, que implodiram o exercício de diálogo coletivamente construído, e incitaram mecanismos de defesa e de luta por território. Este era o cenário até o momento da entrevista.

Lições aprendidas:

O espaço foi bem-sucedido na infraestrutura, como área verde, arranjo físico de atividades e mobiliário que favoreceu o uso generoso e desenvolvimento do senso de pertencimento. Contudo, é visivelmente impermeável em detrimento do nível de segurança e conforto psicológico; é pequeno para o público usuário com práticas sociais bastante diversas e o índice de aglomeração e poucas distâncias para convivência desfavorece o livre exercício da identidade e territorialidade, diminuindo o conforto psicológico e social. As normas de uso não foram cordialmente nutridas ou explicitamente expressas em comum acordo com os grupos envolvidos, de forma a permitir expressão da própria identidade cultural e respeito mútuo necessário para sociabilidade em espaços públicos.

Em contextos de intolerância em espaços públicos, faz-se necessária uma ação educativa para a sociabilidade, e se fazem necessários mecanismos de gestão com agentes da comunidade a fim de salvaguardar o bem comum de forma ética, democrática e inclusiva no espaço, além de proteger usuários em situação de vulnerabilidade e favorecer o desenvolvimento humano.

O apego dos usuários ao lugar é um recurso fundamental para fortalecer conectividade com o espaço e entre usuários; forma identidade e memórias do lugar que estimulam o uso recorrente do espaço. Quanto maior for a intensidade desse sentimento, maior será a reação de defesa ou percepção de invasão exercida por outros no “seu” território (BROWN apud GIFFORD, 2000). No jardim do Baobá, observou-se que as pessoas em atividade exercem a

territorialidade mais fortemente (GIFFORD, 2000). Usuários mais distantes criaram um vínculo e identidade ao encontrar-se no Jardim; parece que foi deste pertencimento e identidade que obtiveram a força para conquistar seus direitos; ao contrário do grupo de moradores que encontrou forças no apoio no corpo de polícia. Pessoas que sentem a territorialidade do espaço de forma semelhante aos demais usuários, estão em condições simétricas de desenvolver interações interpessoais de reciprocidade no espaço; de viver a territorialidade (ibidem).

No Jardim do Baobá, a permanência e os hábitos de uso de droga por um grupo de usuários do território compartilhado, sem prévia permissão, por grupos que restringem esses hábitos, significou violação. Observou-se que neste caso, a violação, embora sendo uma infração mais temporária que a invasão, não é menos significativa. A contaminação implica em deixar algo que marca a adulteração do território invadido. No Baobá isto ocorreu com a pichação. Embora os mesmos usuários também tenham deixado marcas positivas, na manutenção da limpeza do jardim, note-se que as marcas negativas afetaram usuários de forma muito mais forte do que as atitudes positivas. O Jardim do Baobá não é episódio raro, como já ilustra Bauman no trecho a seguir:

as pessoas esqueceram ou negligenciaram o aprendizado das capacidades necessárias para conviver com a diferença, não é surpreendente que elas experimentem uma crescente sensação de horror diante da idéia de se encontrar frente a frente com estrangeiros. Estes tendem a parecer cada vez mais assustadores, porque cada vez mais alheios, estranhos e incompreensíveis. E há uma tendência para que desapareçam – se é que já existiram – o diálogo e a interação que poderiam assimilar a alteridade deles em nossa vida. É possível que o impulso para um ambiente homogêneo, territorialmente isolado, tenha origem na mixofobia: no entanto, colocar em prática a separação territorial só fará alimentar e proteger a mixofobia (embora seja importante dizer que ela não é o único elemento em jogo no campo de batalha urbano) (BAUMAN, 2009, p. 46)

4.2.3 Ausência de mediador público na Madalena

O exemplo do que ocorreu em uma rua predominantemente residencial, de uso misto no bairro Madalena, na cidade do Recife, (**Figura 62 e Figura 63**) ilustra o significado de territorialidade e a importância de mecanismos de controle e mediação.

Esta evidência foi colhida em entrevista não estruturada a um morador da rua, após um período de observação. Tornou-se prática entre os residentes bloquear o trânsito de automóveis na rua aos domingos para aumentar a experiência de controle (de quem entra e sai, da velocidade e frequência com a qual este fluxo acontece), de segurança (diminui os riscos de acidentes envolvendo crianças e idosos, e as chances de assaltos) e a experiência de família (identidade possibilitada pela aumento da atmosfera social do local comum) por seus usuários, que por vez faziam também churrascos, e acompanhavam jogos de futebol da copa na rua. As fachadas dos lotes residenciais lindeiros à rua são impermeáveis, exceto no lote do prédio de alto gabarito; uma padaria, um bar e uma quitanda representam 50% dos usos comerciais na rua e abrem nos fins de semana.

Os interesses a serem ponderados no exercício da territorialidade podem ser muitos e diversos. Por este motivo, o papel que o planejador ou a municipalidade desempenha como balizador para encontrar uma solução de desenho que ajude a examinar, pesar e/ou conciliar os interesses envolvidos e fundamentar o custo-benefício das decisões é muito significativo, e para isso precisa usar critérios objetivos. A prática foi interrompida pela ausência de mediação de conflitos de interesses em torno da circulação e estacionamento de veículos.

Figura 62- Localização da R. Renato de Medeiros. Madalena. Recife



Fonte: Maps.google.com.Acesso em jan.2018

Figura 63 – Vista da R. Renato de Medeiros. Madalena. Recife.



Fonte: Maps.google.com.Acesso em jan.2018

4.2.4 Territorialidade e as RIRs

Evidências da correlação entre usos, atividades e estímulos na construção de contextos favoráveis à reciprocidade também foram colhidas na observação da Av. Paulista. No contexto cotidiano do horário comercial entre segunda e sexta-feira, transeuntes pedestres invariavelmente se ignoram, mas aos domingos, por iniciativa da municipalidade, toda a extensão da avenida é exclusivamente dedicada aos usuários pedestres, ou para uso de skates, bicicletas e equipamentos não motorizados⁶⁹. A liberdade de modos de usufruir o espaço permitida aos usuários os torna agentes ativos de espacialização e estímulos da Paulista; engatam afetos que expressam e constroem identidade, memória, imagem e cultura paulistana (componentes das RIRs) em diálogo e sinergia com necessidades e valores dos não paulistanos; e desencadeia novas necessidades, valores e significados, num movimento experiencial autopoietico característico do espaço relacional.

O vídeo da Av. Paulista evidencia o entrelaçamento de corporeidade, sensorialidade, memórias e identidades que nas interações dos usuários compõem os significados da experiência (KAREL apud PINK, 2015) na Paulista.

O desejo de passear na cidade e observá-la nas múltiplas manifestações de seus usuários ficou bem visível e parece ter-se aguçado na experiência dos usuários observados na Av. Paulista aos domingos. Em sua maioria, as pessoas sozinhas ou em companhia, não se sentavam para observar o mundo que passa e se manifesta, mas escolheram o roteiro, a velocidade, sentido e direção do passear, sentir e redescobrir a cidade. A observação pareceu captar no comportamento dos usuários do espaço público uma expressão das dinâmicas contemporâneas revelando-a e expressando-a. É possível dizer isto, se também o é afirmar que muito embora a sociedade contemporânea siga padrões globalmente estabelecidos, um comportamento típico da contemporaneidade ocidental é a relutância em ficar parado e submeter-se a um modo ditado por outros. A aparente sede de independência e a individualidade coletiva evidenciada nas dinâmicas contemporâneas revelaram-se também na Av. Paulista. A maioria de seus usuários no domingo escolhe experienciar sensivelmente a socialidade ao observar objetos e pessoas percorrendo a cidade. No ato de caminhar, cada um escolhe até que ponto deseja ser expectador, interlocutor e construtor, ativo ou passivo, e o quanto deseja estar associado ou dissociado da cidade que se constrói e a ele se manifesta.

A caminhada exemplificou experiências sensíveis visuais, táteis, auditivas e cinestésicas, em velocidade e intensidade conforme o ritmo das experiências dos usuários em

⁶⁹ Vídeo de observação da Av. Paulista disponibilizado no link <https://youtu.be/TI62NipHGwg?t=1m46s>.

interações ou não. Nesta experiência coletiva observou-se uma pausa feita de momentos efêmeros; pausa do construir-se diário de uma cultura indiferente ou ausente aos outros, mediante o convívio e a tentativa iludida de construir a realidade individualmente, e apenas no momento em que se pensa que esta lhe toca. Foi como se aquele grupo de usuários “pausassem” para ser mais coesivo e qualitativamente mais rico, para dar-se conta do outro, inciar engajamentos ou responder com reciprocidade ao estímulo-convite comunicado por quem lhe passa ao lado, aparentemente motivado pela pura relação em si.

Ambas as “Paulistas” resultam de um mesmo espaço físico, organização, ordenamento, composição e mobiliário, porém muito diferentes na experiência, no ritmo, na memória e nas interações. Na Paulista, aos domingos, observa-se a autoria de seus usuários ao formatar o espaço relacional a partir do potencial contido em seus objetos físicos, sociais e culturais, na produção, evidenciação, propagação e percepção de estímulos “impossíveis” de ocorrer na Paulista cotidiana, porque decorrem da sinergia construída e experienciada na interação entre usuários e com a Arquitetura daquela avenida. Da correlação de múltiplos olhares, encontraram-se elementos e pessoas que se propõem mutuamente como princípios norteadores,. Assim, no livre exercício de sua experiência relacional, a pessoa –ser individual e coletivo - constrói o espaço da Arquitetura, ao mesmo tempo em que é por este construída. Não fosse pelo cansaço nas pernas, as descobertas no percurso de 4 horas na Paulista, pareceu ter durado tanto quanto um breve passeio na Paulista do cotidiano. Dentre os aspectos que contribuíram para tornar a Paulista um espaço mais relacional no domingo:

- Os objetos sociais e culturais (pessoas, atividades, fenômenos, estímulos, interações, etc) explicitamente permitidos,
- o significado dos elementos estruturantes do espaço (centros, caminhos, áreas) e das pistas das possibilidades fenomênicas não construídas (marcas separando faixas de onibus e carros de passeio, orientam as áreas de ciclistas e skaters),
- o conteúdo experiencial do espaço decorrente da maior flexibilidade dada aos usuários na autoria da experiência sócio espacial, possível graças:
- a escala do usuário pedestre, possível com a exclusão de veículos, redefinindo ritmos, movimentos, fluxos e velocidades, que permitem
- resignificação das relações físico-temporal e espacial, propiciando
- nova atmosfera e conforto psicológico e social, que se reflete em nova percepção hodológica do espaço, favorecendo o estado de espírito, empatia e cooperação favorável às RIRs; permitindo

- nível e tipo de informação produzida, comunicada e percebida bem diverso do que a Paulista cotidiana propicia emergência de novos contextos positivos;
- produção de mais oportunidades de encontros facilitadas por atividades, possibilidades e interesses definidos pelos próprios usuários;
- As experiências de caminho ficaram mais ricas e variadas, os focos também se multiplicaram, consequentemente
- Os estímulos multimodais proporcionados por estes, despertaram experiências de interesse, surpresa, descoberta, novidade, alegria, deleite, resultantes da expressão de
- Identidades, territorialidade democrática, e processos de comunicação (expressão + veiculação da informação+ percepção).

O exercício equânime e democrático da territorialidade permite que todas as pessoas e grupos experienciem o espaço de forma livre, segura e confortável, desfrutando dos direitos e deveres vinculados ao ato de compartilhar o seu uso. Esta forma de vivenciar a territorialidade vincula-se a níveis de aglomeração e densidade de ocupação do espaço e subespaços, vistos à luz de valores normalmente aceitos na experiência e contextos situacionais cotidianos de cada comunidade. e está ainda correlacionada ao uso de distâncias proxêmicas, “espaços” ou oportunidades de ponderação sobre como se posicionar diante do outro, de objetos e eventos no espaço.

Sugere-se que a territorialidade simétrica:

- Favorece do vir-a ser do eu-para-si, com-o-outro, e para-o-outro;
- Possui significado simbólico;
- Facilita o senso de confiança e de ‘sentir-se em casa’;
- Ajuda os usuários a exercer controle sobre um espaço na normalidade, na medida em que estes naturalmente ordenam o espaço e o sentem legitimamente seu (Legitimizar) definindo atividades e comportamentos aceitáveis como “normais” para o contexto situacional, no momento da experiência do espaço. (Por exemplo, a experiência de normalidade num espaço difere entre dias úteis e dias de feriado de carnaval);
- Reduz comportamentos agressivos;
- Influencia o senso de identidade e o controle sobre o uso do espaço para promover segurança e conforto psicossocial aos usuários.

4.3 Conforto

Seguindo as considerações apresentadas até o momento, embasadas em Knapp, Hall e Hogan (2014), Magari (2008) e Sonesson (2013), o nível de conforto do ambiente público pode influenciar a percepção de suas *affordances* e do significado dado a eventos e coisas a partir do primeiro momento que são percebidas e experienciadas. O conforto - fisiológico, psicológico e social- favorece estados de espírito para apreender e experienciar a realidade, contextos e elementos do espaço físico, social e cultural, e a leitura das *affordances* mais plenamente. No que diz respeito ao processo comunicativo das RIRs, níveis de conforto influenciam a clareza com que as mensagens são transmitidas através do espaço, influenciam como ponderar “se eu tenho a ver alguma coisa com o(s) outro(s)”, e ajudam os usuários a lidar com as condições do espaço experienciado na *iminência do momento*, isto é, ao perceber a situações,

Figura 64 – Pça. San Marco. Veneza.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

ritmos e dinamicidade. A *capacidade de resposta a estímulos* dos envolvidos em interação e o *Status* (como forte ou fraco, dominante ou subordinado) que uma pessoa transmite e um observador pode sentir também influenciam níveis de conforto.

Em caminhada observante pelas ruas de Veneza, teve-se a impressão de que a descontração, segurança e experiência de identidade equânime, desinteressadamente compartilhada no uso do território esteja associada ao *relax*, e baixos mecanismos de fuga e defesa experienciada pela pesquisadora e observada entre estranhos fisicamente bastante próximos (**Figura 64**). Dentre as influências do espaço, características espaciais podem transmitir *calor psicológico*, *privacidade*, *familiaridade*, *restringir e conferir significado às distâncias* que diretamente influenciam o comportamento. O ambiente pode impactar a influência de uma pessoa sobre a outra, e a influência exercida pelos objetos constituintes do ambiente da comunicação (elementos arquitetônicos, sons, iluminação, estrutura e organização do espaço).

Calor Psicológico: A combinação dos elementos do espaço como cor, textura e tipo arquitetônico contribuem para o calor psicológico do ambiente; podem encorajar o perambular no espaço, relaxar e sentir-se confortável; estas experiências convidam usuários e favorecem a

abertura ao outro e o prolongamento de sua permanência em espaços públicos. Por outro lado, ambientes frios oferecem uma maior taxa de reciclagem dos usuários.

Privacidade: layout mais fechado ou amplo o bastante para dificultar que outras pessoas escutem uma conversa, mesmo em áreas abertas, sugere privacidade. Quanto maior a sensação de privacidade, menor a distância estabelecida entre pessoas que interagem em conversação e maior a probabilidade de engajamento em conversas pessoais

Familiaridade: no cenário novo ou desconhecido tende-se a comportar-se com cautela e com racionalidade e seguindo normas de conduta convencional. A movimentação é hesitante e cautelosa até que se estabeleça conexão com espaços familiares. A familiaridade aumenta chances da previsibilidade que possibilita independência de estranhos para desenvolver atividades no ambiente.

Restrição – O ambiente pode restringir o comportamento, dependendo de quanto “pesa” a uma pessoa sua permanência em um lugar, e esta sensação depende do tamanho do lugar e do senso de privacidade possibilitada durante a sua permanência ali.

Distância – o comportamento é influenciado pela percepção de distância entre si e o outro com quem se quer interagir ou evitar interação. Estudos demonstram que entre estranhos sente-se a necessidade de uma maior distância física, e de manter uma maior proteção psicológica com relação a estranhos do que com pessoas mais próximas. A distância necessária no espaço pode ser real (euclidiana); psicológica, através de algo que iniba sensações de ameaça à intimidade, como por exemplo, evitar contato visual e conversação pessoal; ou perceptiva, quando por exemplo, áreas dedicadas ao desenvolvimento de determinadas atividades desfavorecem as interações entre membros de grupos diversos.

Na definição de espaços, e da cidade através destes, evidenciam-se dimensões e experiências da escala humana dos usuários pedestres particularmente significativas nas experiências de transeuntes. Algo da contribuição do passado: espaço da memória, e do presente: condições do hoje, e do processo autopoietico de futuro, enquanto passado e presente em relação. Evidencia-se assim algo da compreensão do constante estado de liminaridade da experiência espacial de *vir a ser*. A imagem de um espaço vinculado à memória da experiência de uma criança que tem seu sorvete roubado ao atravessar uma rua é bem diversa daquela vinculada à lembrança da rua onde encontrou um amigo favorito pela primeira vez.

Estas experiências são necessárias nos processos de percepção e de comunicação constituintes das RIRs, e conferem níveis de conforto possíveis no espaço. Embora estes níveis variem culturalmente e subjetivamente, alguns elementos e critérios condicionantes podem ser

considerados como variáveis referenciais sempre presentes e que adquirem valores específicos, conforme o contexto físico e sócio cultural de cada espaço.

Como em toda comunicação, os padrões de normalidade de cada contexto (construído por objetos do espaço, inclusive seus usuários) são referenciais básicos na comunicação e seus enunciados. Esta unidade básica varia e só adquire sentido completo com o contexto (BAKHTIN apud SPINK, 2010, p. 36) e (NORBERG-SCHULZ, 1971), inclusive o situacional que antecede imediatamente a interação (GIFFORD, 2002). No espaço relacional o enunciado inicia-se com a produção de estímulos, sua comunicação, percepção, significação e resposta comportamental de um usuário ao estímulo recebido, e conclui-se com a finalização do outro usuário, com uma resposta comportamental de reciprocidade positiva, e a construção do bem relacional.

As sensações de odor, temperatura, som e ruídos emitidos em espaços cujas densidades de ocupação diferem, são percebidas de formas diversas e o efeito da densidade e da lotação dos espaços também é considerado no planejamento de ambientes pela psicologia ambiental (GIFFORD, 2002) - (**Quadro 17**). Dependendo das expectativas experimentadas como normais ou das atividades desenvolvidas no espaço, a densidade de ocupação pode ter efeito positivo ou negativo. Enquanto unir-se a uma multidão na rua com amigos pode ser uma forma de aliviar tensão durante o carnaval, atravessar a mesma multidão na rua num dia útil levando o filho para a escola maternal pode resultar num efeito de stress imediato. Além da mensagem comunicada por uma aglomeração densa de usuários de um espaço, a mensagem vai também variar com a natureza da situação contextual e da situação pessoal vivenciada pelo usuário no momento em que usa o espaço e, embora atividades diversas admitam níveis de densidade diversos para manter um mesmo nível de confiança e conforto, estudos diversos concordam que as interpretações dos efeitos negativos vinculados à multidão possuem três chaves de leitura importantes expressas pelos conceitos de anonimato, efeito em cadeia, que pode ser desencadeado na multidão, e imprevisibilidade, implicando perda de capacidade de controle sobre a situação e sobre a territorialidade. Invariavelmente, estes conceitos diminuem o nível de confiança dos usuários ao usar espaços ocupados por multidão (GIFFORD, 2002; HALL, 1990), donde conclui-se ser necessário considerar modos em que os espaços possam favorecer afetos positivos com os quais balancear essas mensagens negativas.

Quadro 17 - Variáveis associadas ao conforto.

variáveis	Contexto de normalidade
Odor, microclima, sons, ruídos, densidade e aglomeração de pessoas, ocupação do espaço, tipo e frequência de ocorrência dos objetos de apoio à permanência e às atividades no espaço	Em relação ao Clima, Contexto local, Atividades, Expectativas Valores simbólicos

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Experiências de conforto psicológico e social, junto ao fisiológico podem estimular a empatia. Empatia é uma iniciativa comportamental de um usuário em reconhecer e relacionar-se com o outro, ou responder de forma positiva, com a não-indiferença e reconhecimento mútuo (LOW, 2015).

Faz-se necessário considerar o valor absoluto e simbólico dos elementos componentes do espaço, a fim de entender sua influência perceptível. Por exemplo, o valor absoluto de um muro alto, pode ser o de um limite ou obstáculo físico e visual em um percurso, e pode comunicar a mensagem que sua presença corpórea ou seu olhar não são bem vindos; a ausência de desejo de interação pode simbolizar um repúdio de sua presença por outro, ou simplesmente o encontro com um limite posto por outro à sua experiência, dependendo da experiência de quem percebe. As respostas comportamentais variam: parar, divergir, alertar, esconder, isolar, direcionar. Se considerarmos que a pessoa acima mencionada é um potencial agressor, sua percepção pode simbolizar que a região é vigiada e desestimular sua agressão. Para outro, que desejasse perseguir seu objetivo, poderia significar a necessidade de procurar uma porta. A membrana criada pelo muro exemplifica um elemento do espaço que estabelece e representa um limite (ou barreira) impermeável à interação, comunicada de forma não verbal.

Também contribui para o conforto psicológico, a cognição ambiental. Cognição ambiental, é leitura, memória e lembrança das informações e das experiências, não somente físicas ou espaciais de um ambiente e é enriquecida pela experiência, como lembrar-se de um assalto, ou do carnaval, ou das vicissitudes causadas pela “seca”. Assim como a percepção, a cognição mental difere entre uma pessoa e outra, mas possui sua porção invariável à espécie humana (GIFFORD, 2002). Um dos processos mentais que compõe a cognição ambiental envolvendo o espaço físico é a cognição espacial, da qual a memória é um componente fundamental, cujas funções ajudam a pessoa a situar-se no ambiente, estimar distâncias e a localizar elementos do espaço, lendo imagens absolutas e semânticas das relações espaciais.

Para decidir-se tornar o próprio espaço pessoal poroso, expondo-se a outros e à possível influência de seus espaços, é preciso a confiança que inspire a coragem de superar o medo que o outro, desconhecido, representa. O espaço pode fornecer elementos que norteiem os usuários e, conseqüentemente, os arquitetos, no pensar e conceber espaços públicos como *“mais favorável à proteção e ao cultivo de sentimentos mixófilos”* (BAUMAN, 2009, p. 50.) *“... abertos, convidativos, acolhedores, que todo tipo de cidadão teria vontade de frequentar assiduamente e compartilhar voluntariamente e de bom grado* (Ibidem, p. 30). Isso foi observado na Vila dei Medici em Florença, Itália. (Figura 66).

Experienciar o espaço com conforto contribui para que a pessoa se fixe plenamente no momento presente, experencie o espaço com mais plenitude, possibilitando melhores condições de abrir-se ao outro e optar por incluí-lo na sua experiência espacial, favorece a empatia, melhores condições de valoração da situação de encontro, de exercitar alteridade de forma humana, e de tomar iniciativa ou corresponder à iniciativa do outro.

Ao caminhar em companhia de uma amiga, no parque urbano Herman Park, em Houston, USA (Figuras 65, 67, 68 e 69) em horário comercial de um dia de semana, em abril de 2016, fui surpreendida pela gentileza de duas jovens desconhecidas que nos cumprimentaram com caloroso “Olá!”, pelo conforto propiciado pelos elementos naturais e construídos do parque,

Figura 66 - Hermman Park. Houston



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

Figura 65 - Villa dei Medici. Firenze.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2014.

Figura 67 - Hermman Park. Houston.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

pela sensação de segurança comunicada pelo nível de manutenção do espaço, pela legibilidade das *affordances*, pela visibilidade possível entre espaços favorecida pelo nível de permeabilidade, e sobretudo pelo comportamento dos demais usuários.

Neste parque, as distâncias e ordenamento do espaço favorecem o exercício da identidade e da territorialidade e a confiança para explorar novos relacionamentos.

Figura 68 - Hermman Park. Houston



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2016.

5 CONCLUSÃO

Lugares de reciprocidade podem acontecer onde dois ou mais usuários do espaço se encontram e decidem interagir em reciprocidade positiva. Desse modo, quase todo espaço da Arquitetura pode ser de reciprocidade. Mas, visto que sob os efeitos nocivos do desenvolvimento, e com o diminuir da qualidade e quantidade de espaços públicos, as cidades têm desfavorecido este tipo de sociabilidade e favorecido o distanciamento e o medo entre seus usuários, residentes ou passageiros. Além disso, a construção de espaços relacionais é incompleta e impossível sem a experiência de seus usuários que o transformam em lugar de reciprocidade.

Os fatores acima mencionados justificaram esta pesquisa. Seu objetivo foi embasar cientificamente a necessidade de considerar a experiência humana relacional sobre o processo criativo, analítico e de intervenções em espaços públicos abertos, oferecendo correlações entre espaço construído e experiência humana das RIRs, no pressuposto que estas experiências de reciprocidade positiva apoiem o desenvolvimento e fortalecimento do capital humano e social em prol do desenvolvimento urbano.

Os Espaços públicos, definiram o recorte do presente estudo que oferece um embasamento objetivo à compreensão do espaço como lugar de reciprocidade. Encontraram-se propriedades e experiências qualitativas as quais ater-se quando envolvidos na produção e manutenção desses espaços.

Com os resultados desta tese, constrói-se uma pergunta dirigida ao leitor: os arquitetos podem abstrair-se da responsabilidade social por cidades éticas e democráticas, e simplesmente esperar que em todo espaço público se estabeleça a reciprocidade sem que haja um esforço para que isto aconteça?

Cada encontro abre uma realidade experiencial de possibilidades, de riscos e de imprevisibilidades, por isso, todo o contexto resultante do espaço da Arquitetura é necessário como apoio no percurso da experiência. Contexto e conteúdo nas dimensões física, temporal, social e experiencial do espaço são importantes para os usuários, porque compõem o ordenamento e a estruturação dos estímulos e seus veículos, afetos, intencionalidades e confiança; orientam processos experienciais vinculados às territorialidade, comunicação e conforto com as quais se constroem, se evidenciam e se percebem as interações de reciprocidade no espaço relacional. No ato de construir a experiência de reciprocidade positiva, os envolvidos tornam-se autores do espaço que se reorganiza e reordena temporal e experiencialmente, renovando esquemas espaciais e espaço, conferindo-lhe novo sentido, novo valor, significado simbólico, imagem, e as memórias que dele se conservam.

Embora não seja visto materialmente diverso do espaço da Arquitetura, como fenômeno pessoa-espaço-pessoa, o espaço relacional é plasmado no fluir da experiência temporal, social, espacial e relacional de vir-a-ser-com-o-outro a partir do espaço da Arquitetura - sua base - e no exercício da alteridade, na reciprocidade positiva. Esta base é imprescindível e instrumental para a cidade e sua *eudaimonia*. Por isso nasceu a necessidade de compreendê-lo: para que, se possa favorecê-lo, porque, de fato, existe.

São muitas as variáveis que atuam no espaço conectando-se de forma sistêmica ao dar forma ao espaço relacional. Por esta razão, sugere-se que a compreensão alcançada seja articulada em modelos sistêmicos – o que seria inviável dentro do cronograma desta tese. A utilização para avaliação, simulação e manipulação dessas variáveis e do comportamento de suas conexões de forma interativa é importante para o papel dos agentes envolvidos no uso, gestão, manutenção e intervenções nesses espaços. É também importante utilizar estas variáveis nas tentativas de compreender os processos e conexões com políticas públicas, padrões de desenho urbano referente às áreas de uso coletivo e compartilhado, e legislação e orientações urbanísticas na escala das quadras, bairros e da gestão e cuidados com a paisagem. Espera-se que estas considerações sobre o espaço relacional seja de apoio instrumental para arquitetos, gestores, cidadãos usuários desses espaços e agentes do mercado imobiliário; qq todos expressem sua voz de forma mais efetiva e dialógica.

5.1 Espaço relacional: Lugar de reciprocidade

Investigou-se correlações entre interações interpessoais de reciprocidade e o espaço da Arquitetura para responder à necessidade de compreender fenômenos, objetos e características que ocorrem simultaneamente, para entender se têm algum relacionamento entre si e encontrar a forma de olhar o objeto da Arquitetura, o espaço, enquanto base de desenvolvimento da experiência relacional na escala urbana. Nos relacionamentos correlacionais, observa-se como as variáveis ocorrem naturalmente, ou seja, como a urbanidade as propicia⁷⁰. Com a pesquisa, partiu-se à procura das variáveis relevantes que expressem as experiências de sociabilidade positiva, como as RIRs, a fim de com estas fornecer para a Arquitetura um corpo referencial de variáveis com o qual trabalhar as especificidades de cada contexto sócio espacial da experiência, na avaliação, concepção ou propostas de intervenção em espaços públicos visando favorecer o espaço relacional. Os objetos do espaço e da experiência foram sempre considerados e são sempre referenciados considerando-se suas dimensões física, social, cultural e temporal.

⁷⁰ (VIALI, 2015)

Plasmado por pessoas, objetos, fenômenos e experiências, o espaço relacional é lugar de interconexão entre necessidades humanas presentes na iminência e durante as RIRs e o espaço da Arquitetura – este entendido como expressão, concretização e orientador de experiências sócio-espaciais^{71,72}. O texto que segue apresenta conjuntos encontrados de variáveis e seus elementos para expressar o objeto desta investigação. O espaço relacional, como lugar de reciprocidade, foi explorado na escala pública do espaço da Arquitetura; é lugar da experiência humana de reciprocidade positiva nas dimensões física, sensorial, social, espacial e temporal sobre as bases estruturantes do espaço da Arquitetura e da experiência. O agir humano nos processos experienciais cotidianos destas duas relações – humana de reciprocidade e espacial na Arquitetura- constrói lugares de reciprocidade, dá forma o espaço relacional.

O espaço e a experiência relacional estão estreitamente associados porque o ser humano necessita perceber, interpretar e entender algum significado do espaço para poder interpretar o significado das experiências nele vivenciadas - sejam suas próprias experiências ou a de outros por ele observados - e saber como nele posicionar-se adequadamente.

Os objetos da experiência (físicos, sociais, culturais e temporais) em relação, ordenados nas formas espaciais de centros, caminhos e domínios (referenciais da experiência humana no e do espaço) colaboram na construção da experiência relacional; definem contextos destas experiências humanas e, através de suas características e estímulos perceptíveis, engatam afetos e novos estímulos, e influenciam as respostas e escolhas comportamentais das pessoas, que interagindo no exercício da territorialidade e reciprocidade, no “vir-a-ser” “por-si” e “com-o-outro” de seus usuários. As características expressivas desses ordenamentos e objetos desencadeiam afetos, percepções e comportamentos; revelam valores e significados com os quais as pessoas e grupos da sociedade formam imagens que definem a identidade do ambiente dessas experiências. Estas se associam às suas escolhas, influenciando-as com seus estímulos e informações através de processos comunicativos e experienciais, sobretudo não verbais, criando níveis de conforto e revelando pistas das possibilidades fenomênicas de suas experiências. A **Figura 69** e o **Quadro 18** expressam alguns destes fatores e variáveis que definem as características do espaço da Arquitetura relevantes para o espaço relacional.

⁷¹ O espaço da Arquitetura entendido como uma das formas de concretização da experiência existencial humana, é o referencial e pressuposto teórico na Arquitetura que direcionou esta investigação. Nesta abordagem do ponto de vista de Norberg-Schulz (1971), a experiência existencial não se refere ao existencialismo filosófico.

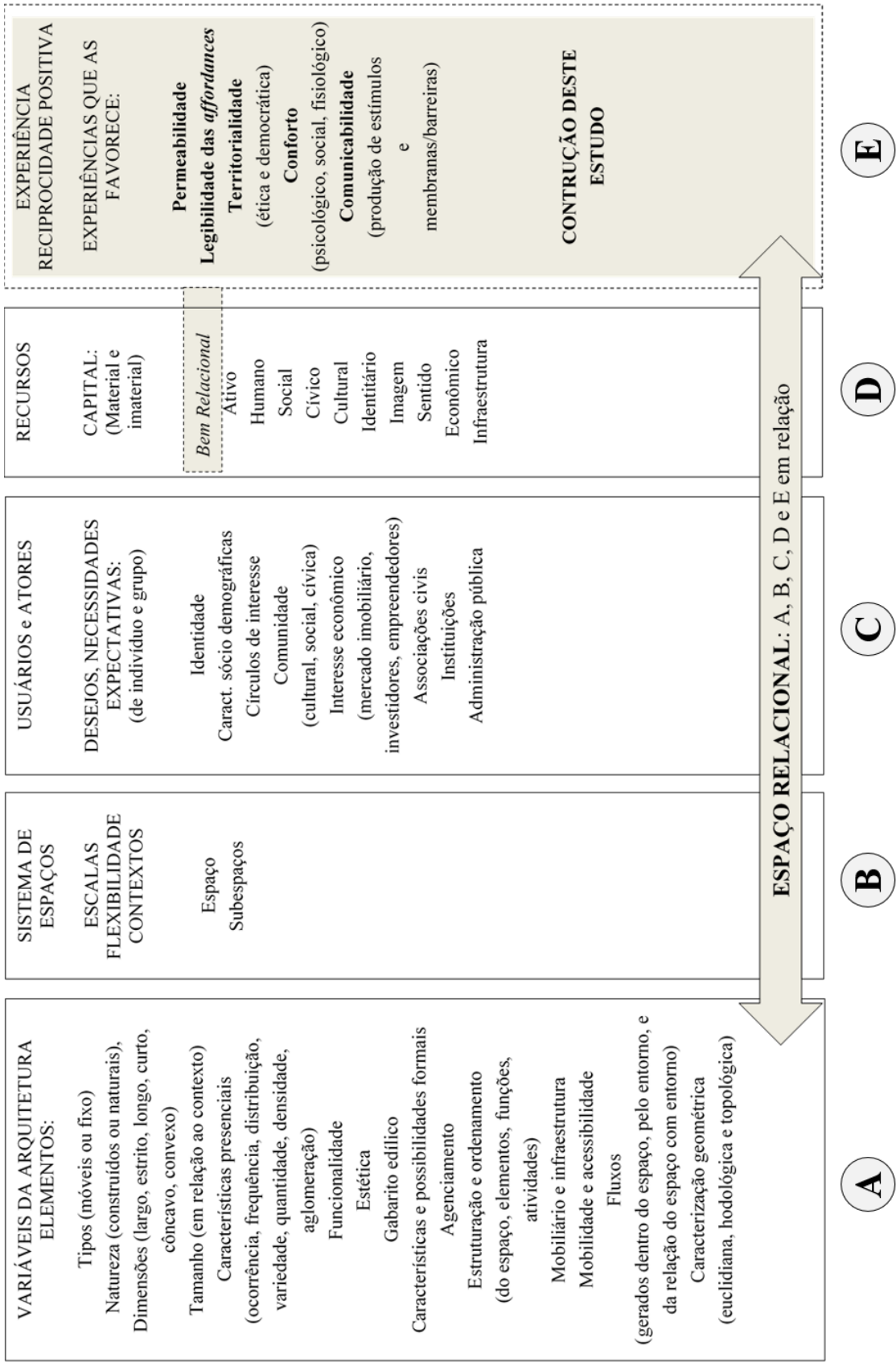
⁷² (GEHL, 2014; GIFFORD, 2009; HOWES, 2013; INGOLD, 2011; KNAPP, HALL e HOGAN, 2014).

Quadro 18 – Itens do espaço da Arquitetura instrumentais para o espaço relacional

Fatores	Variáveis	Perguntas avaliativas
A	Arranjos ou ordenamento	COMO ESTES COMPONENTES DO ESPAÇO FAVORECEM E SALVAGUARDAM A OCORRÊNCIA DAS RIRs?
ESPAÇO FÍSICO	Contexto urbano imediato	
	Funcionalidade e atividades	
B	Processos estimulantes	
PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO	Processos comunicantes	
	Processos contextualizantes	
C	naturais: água, ar, terra, vegetação, temperatura, som, cheiro, fenômenos	
ESPAÇO DE OBJETOS DIMENSÃO FÍSICA:	De apoio à dimensão física, social e cultural: infraestrutura, mobiliário,	
	DIMENSÃO SOCIAL: fenômenos, atividades, eventos, relações, interações	
DIMENSÃO CULTURAL:	Valores e crenças conferidos aos objetos físico e social	
D	limites - Bordas, membranas, barreiras, transições.	QUE MEMÓRIAS, NECESSIDADES, VALORES E DINÂMICAS, POSSIBILIDADES FENOMÊNICAS FAVORECEM?
ESPAÇO DE ELEMENTOS ESTRUTURANTES	setores - ou áreas, subespaços	
	nós – centros, percursos - caminhos, rotas, domínios	
	Atividades e fenômenos e suas características	
E*	Presença	
	Dimensão	
	Tipologia de fluxo/ocupação	
	Densidade	
	Aglomeração	
	Variedade	
	Quantidade	
	Frequência de ocorrência	
F	Ritmo	COMO FAVORECER PRESENÇA DE ESPIRITO NO MOMENTO PRESENTE, TOMADAS DE DECISÃO DE FORMA CLARA, E INTENÇÕES COOPERATIVAS, EMPATIA E A CONFIANÇA FAVORÁVEIS PARA EMERGÊNCIA E ENGAJAMENTO EM RIRs?
	Distâncias	
	Segurança em relação a eventos, coisas e usuários	
	Velocidade e ritmo	
	Escala-distâncias: entre usuários, coisas e fenômenos	
	Cruzamentos de fluxos seguros p pedestres	
	Contato: objeto em relação ao nível da rua	
	Comunicação/conexão/permeabilidade sensorial (ver, ouvir, sentir, perceber cinestesicamente)	
	Topológica, cronêmica, hodológica, simbólica	
	Atmosfera/ ambiente social	
G	Atmosfera/ ambiente psicológico	
	Atmosfera/ambiente físico	
	Usos, atividades e mistura	
	Acessibilidade e modalidade de mobilidade	
	Fluxos – tipos intensidade, direção, condições, frequência, conectividade, qualidade	
ESPAÇO DE CONTEXTOS	Usuários	
	Centralidade	
H	Construção: Usuários, mercado, municipalidade, grupos	
ESPAÇO DE AUTORES E ATORES	Gestão: Idem	

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Figura 69 - Componentes do espaço relacional.



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

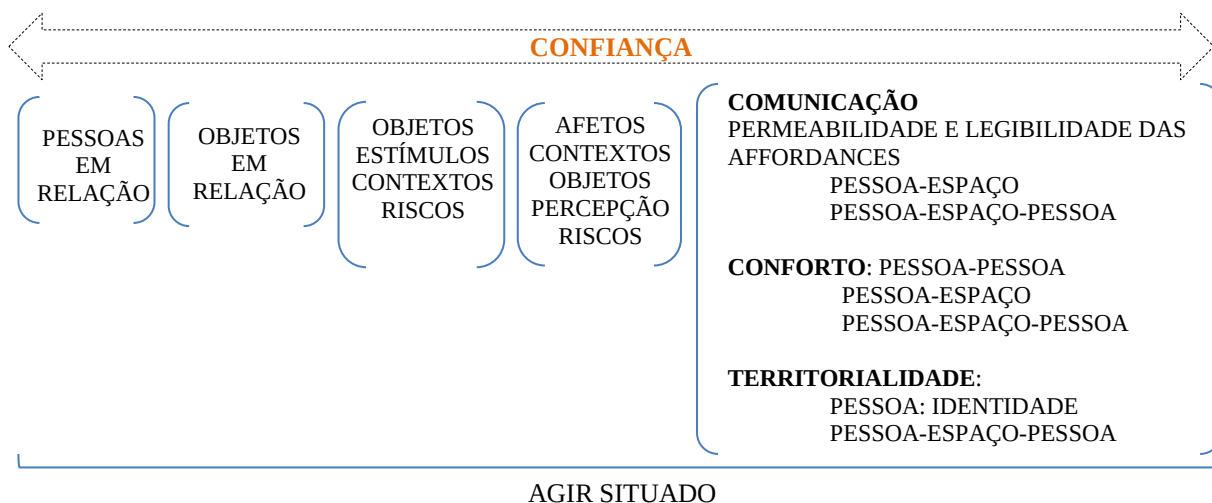
Ao gerar suas experiências na relação com objetos do espaço, os indivíduos e a sociedade conferem significado e valor de lugar ao espaço da Arquitetura; este agora não é só um arranjo de objetos, mas um conjunto de objetos e experiências com informações efetivas e afetivas, Construindo uma imagem própria, as experiências de reciprocidade positiva e objetos em relação subsidiam as imagens (conscientes ou inconscientes) que expressam seus espaços relacionais; sem estas, nesta abordagem, o espaço da Arquitetura perde razão de ser.

Pelas evidências observadas nos momentos de vivência e observação em campo e na análise das correlações conceituais estabelecidas, as seguintes características destacaram-se como associadas às RIRs em espaços públicos: condições espaciais que propiciam o exercício democrático e equânime da territorialidade, a identificação de *affordances* experienciais positivas pelos usuários, permeabilidade social e sensorial, conforto e diálogo com o contexto urbano imediato. Para que isto aconteça, elementos do espaço produtores e veiculadores de estímulos desempenham um papel comunicativo fundamental. Objetos, elementos, processos e experiências comunicativas, de conforto e de territorialidade possuem dimensões sociais, físicas, culturais e temporais (ou cronêmicas) que com suas especificidades formam os contextos da experiência humana, associada às RIRs. Estes contextos definem o ambiente onde as pessoas exercem suas escolhas e trocas de dons; onde compartilham o bem relacional resultante da interação; e na autoria do próprio vir-a-ser por-si e com-o-outro, se renovam num processo autopoiético e dinâmico.

Três grupos de experiências que expressam o espaço relacional associado ao espaço da arquitetura referem-se à experiência de **territorialidade** (ética, equânime e democrática), **comunicação** (generosa e fluida), favorecidas pela legibilidade das *affordances* (quanto mais clara, melhor) e de **conforto** em índices favoráveis à experiência do usuário pedestre no cotidiano urbano. Cada uma destas características está associada a elementos do espaço e da experiência, compreendidos a partir de mais de um campo do saber em diálogo.

A construção do conteúdo conceitual de uma variável foi possível mediante os conteúdos referentes a cada variável colhidos em mais de uma área do saber e em diálogo. Não bastou olhar uma variável por duas áreas de conhecimento justapondo sua conceituação lado a lado sem dialogar; por exemplo: a territorialidade aqui proposta infere a dimensão hodológica e sócio cultural do exercício da própria identidade e distância social experienciada e foi construída com o aporte da arquitetura, psicologia, psicologia ambiental e da sociologia.

Figura 69 - Matriz de variáveis construtoras da confiança



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Na abordagem desenvolvida nesta tese, compreendeu-se que o valor atribuído à cada uma destas três variáveis, qualquer que seja, demanda – necessariamente - condições favoráveis garantidas por ao menos duas das demais categorias, por exemplo: territorialidade está correlacionada com conforto e comunicação. Para que estes valores tenham significado relevante para a ação do arquiteto -na abordagem aqui proposta- precisa-se que estes sejam coletados utilizando-se de uma compreensão que extrapole a da Arquitetura - por exemplo: Psicologia-e-Arquitetura - que considere a experiência das pessoas em interação entre si e com as características do espaço da experiência; e também considere a dimensão dinâmica temporal e cronêmica do espaço. Toda experiência implica este entrelaçamento de experiências. O que a compreensão do espaço relacional, aqui proposto, traz de novo é a forma de compreender e expressar esta experiência relacional pessoa-espaço para torná-la analiticamente mais compreensível e objetiva para ser moldada.

A **Figura 70**, acima, mostra em matrizes as variáveis e seus elementos que consideradas de forma interconectada e sistêmica, foram identificadas por estar relevantemente associadas à relação pessoa-espaço-pessoa definida como espaço relacional. O **Quadro 18** e a **Figura 69** contextualizam estas variáveis no espaço da arquitetura, na escala urbana; este torna possível o espaço relacional em espaços públicos. Assim, juntos, o **Quadro 18**, a **Figura 69** e as matrizes conceituais da **Figura 70**, evidenciam as correlações encontradas entre as características e processos do espaço da arquitetura e as das experiências favoráveis às interações interpessoais do tipo RIRs na construção do espaço relacional. Estes resultados da tese são propostos como instrumentos para auxiliar o ler e pensar o espaço, para a análise e estudos de intervenção e concepção de espaços públicos.

A primeira variável que foi compreendida é a pessoa. Enquanto agentes na “condição de vir-a-ser- para-si” necessária para formação de sua identidade “subjativa” que se forma no “vir-a-ser-com os outros”, as pessoas constroem experiências de reciprocidade a partir da materialidade e imaterialidade da experiência situada e mediada pelo agir situado (como todo agir é sempre situado); estas experiências possuem valor inerente (como toda ação) que extrapola o econômico e é acrescido do valor relacional emergente da relação de reciprocidade; o valor relacional é, sem dúvidas, compartilhadamente gerado e usufruído.

Através deste estudo, compreendeu-se necessidades e potenciais das pessoas na iminência e possibilidade de vir-a-ser-por-si e de vir-a-ser-com-o-outro no espaço. Este fenômeno dinâmico confere novo sentido ao sentido do mundo dado na materialidade e imaterialidade do espaço público. O espaço contextualizado na urbanidade e contextualizante da experiência a medeia através da dinâmica relacional que nele é plasmada. Esta o ressignifica e o recontextualiza através da própria relação de reciprocidade de seus usuários.

Assim, no espaço relacional faz-se necessário que a pessoa entre em contato com o espaço da Arquitetura e compreenda suas pistas fenomênicas. Confiança e autoestima são condicionantes indispensáveis para que as pessoas encarem e superem os riscos e imprevisibilidades inerentes à reciprocidade, e para que se engajem em reciprocidade positiva - no livre exercício da própria identidade - por iniciativa própria ou em resposta à iniciativa de outra(s) pessoa(s).

Para que a iminência do encontro e a superação dos riscos associados ao relacionar-se com estranhos em lugares públicos possa resultar na experiência de reciprocidade positiva, é determinante que as pessoas estejam em estado de espírito que possibilite sua apreensão neutra e clara do espaço; que não ativem antecipadamente seus mecanismos de fuga e de defesa agressiva; que estejam espiritualmente presentes, o mais plenamente possível no momento presente; e que exerçam sua empatia por outro(s) usuário(s). Afetos de ressignificação e afetos positivos: de interesse e curiosidade, alegria ou deleite, e descoberta estão associados a estados de espírito favoráveis às RIRs e aumentam sua probabilidade. E o espaço da arquitetura, onde este agir situa-se, tem um papel indiscutível.

O espaço pode favorecer estes afetos quando propicia - a seus usuários - experiências de conforto fisiológico, psicológico e social, territorialidade e de comunicação clara, afetiva e efetiva. E nos objetos físicos, sociais e culturais do espaço da arquitetura estão as possibilidades de desencadeamento e comunicação dos estímulos que contribuem para o despertar destes afetos nas pessoas.

A comunicação humana com o espaço dá-se - além de outras capacidades e fatores - através das capacidades perceptivas e das existenciais e experienciais das pessoas. Estas capacidades desempenham um papel na dimensão pessoal, subjetiva e coletiva graças aos esquemas espaciais que todo ser humano possui e desenvolve ao longo da vida e inserido na cultura da sociedade à qual pertence. Junto com as capacidades sensoriais cinestésicas e dos cinco sentidos e as capacidades existenciais e experienciais, as pessoas constroem suas experiências relacionais com o espaço e entre si mediadas no espaço. Neste processo experiencial, tecem relações interpessoais de reciprocidade positiva – entre outras – e plasman espaços relacionais, impossíveis sem as características comunicantes e comunicativas da pessoa e do espaço da arquitetura. Esta compreensão do espaço da arquitetura desenvolvida na tese não desconsidera, porém, que muitos outros processos e experiências também estão envolvidos na experiência do espaço habitado.

Além dos riscos que o espaço da arquitetura pode exercer sobre as RIRs, mediante as características qualitativas e experienciais identificadas nesta tese, quais sejam, as de conforto, comunicação e territorialidade; existem outros riscos e fatores que precisam ser considerados ao considerar espaços relacionais, como aqueles associados à infraestrutura e mobiliário de apoio, à estrutura espacial, à forma e desempenho das superfícies e volumes dos objetos físicos construídos ou naturais que servem de apoio à permanência ou desempenho de atividades no espaço, às atividades e dinâmicas do próprio espaço e de seu contexto urbano imediato; e os associados aos inúmeros usuários previstos e não previstos por cada usuário do espaço. Estes e outros fatores foram listados na **Figura 69** e no **Quadro 18**.

Quais destes fatores precisam ser considerados e com qual relevância e prioridade? Pode-se dizer que as especificidades associadas a cada espaço determinam ou direcionam a escolha. Porque a escala e gestão dos espaços em questão geralmente pertencem à esfera pública, e porque interações entre pessoas estranhas em áreas públicas extrapola, por vezes, a dimensão isolada (subjetiva) da escolha por engajar-se ou não em RIRs; a abordagem do espaço relacional também depende da ação ativa e mediadora dos atores envolvidos na gestão do uso da propriedade pública. A experiência de territorialidade no Jardim do Baobá apresentada em 4.2.2, exemplifica a importância que o papel da gestão do espaço e de seus riscos pode exercer na mediação conflitos para o sucesso do espaço relacional.

Espaço relacional, enquanto lugar de reciprocidade, é um fenômeno dinâmico e com fortes componentes fluidos, que inserem o espaço da arquitetura na dimensão espaço-temporal da experiência humana.

Também oferecem riscos à percepção e contato com demais usuários do espaço e seu engajamento de sociabilidade em geral: a poluição, barreiras materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis; sejam estas sonoras, visuais, de acesso, de movimento ou permanência no espaço, dentre outras.

Níveis de conforto fisiológico, psicológico e social estão associados a propriedades e variáveis compositivas, funcionais, comunicativas e de inserção de espaços no entorno urbano (**Quadros 7 e 18**); o grau de diálogo-conexão do um dado espaço com seu entorno influenciam seu funcionamento, o acesso e orientação de seus usuários. Relações topológicas dos objetos do espaço também constroem o conforto psicológico e socioespacial, e estão associadas à experiência espacial hodológica.

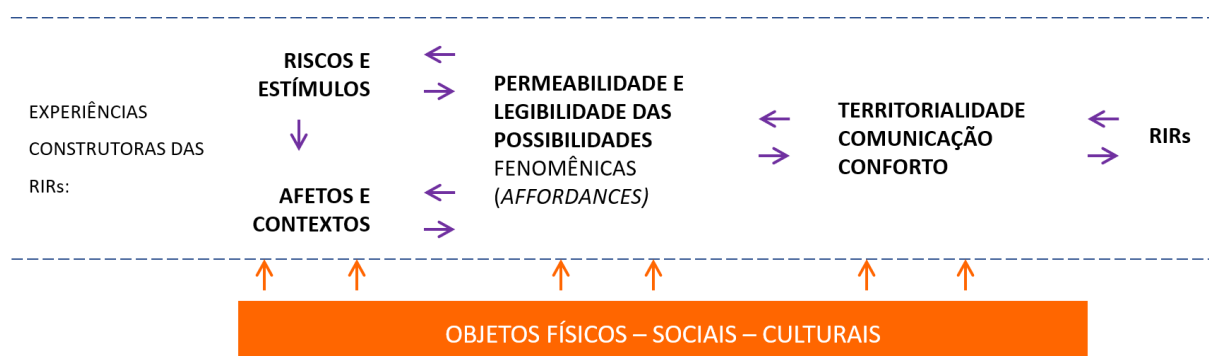
Os níveis de estímulos, com valores mais fortes do que os universalmente considerados normais e apropriados para atividade humana, afetam o estado de espírito das pessoas, passam mensagens negativas que desfavorecem a confiança e podem desencadear mecanismos de defesa. Esta é uma condição que caracteriza os estímulos de riscos para o espaço relacional. Alguns exemplos de estímulos do contexto relevantes para a experiência relacional são: mal cheiro, proximidade do fluxo denso e hostil de veículos com ritmo e velocidades perigosas para pedestres de diversos grupos demográficos; atividades perigosas também estimulam o estado de alerta e fuga nos usuários do espaço, ou a inserção do espaço num contexto urbano de alguma forma incompatível com as expectativas experienciais para espaços públicos de convivência. Note-se que as pessoas são componentes sociais do espaço, são objetos do espaço. Níveis de conforto associados às pessoas e atividades podem desfavorecer a confiança, desfavorecendo o conforto psicológico: são exemplos disso os baixos níveis de segurança, de inclusão e de sustentabilidade do espaço. Estes níveis são relevantes dependendo das características dos grupos de usuários do espaço. Para o espaço relacional, os níveis de permeabilidade dos objetos que envolvem cada espaço e suas áreas de experiências (subespaços) e seus contextos dentro e fora, são fundamentais para a comunicação e percepção de estímulos; na concepção e avaliação de espaços é importante considerar as propriedade de permeabilidade das membranas delimitantes do espaço, dos objetos e elementos que as compõem além das propriedades estéticas, funcionais, formais e euclidianas.

Afetos, intencionalidade, níveis de conforto e estímulos estão muito associados; podem ser engatilhados por pessoas, coisas e situações materiais e imateriais; pessoas prezam muito mais as coisas, comunidades e espaços pelos quais desenvolveram apego; esta experiência positiva favorece afetos, intenções e cuidados positivos em relação ao espaço e à tipologia de usuários e fenômenos a estes associados; favorece ainda a manutenção e cuidados e recorrência

dos processos e experiências que geraram a imagem e identidade do espaço ao qual se está apegado. Os benefícios do valor relacional resultante das RIRs, duram ao longo do tempo e se adicionam aos fatores que nutrem o apego ao lugar de reciprocidade.

As conclusões da tese permitem compreender com maior profundidade o que pôr na balança ao olhar espaços da arquitetura como *loci* de reciprocidade. Consequentemente, abre-se o leque de possibilidades de intervenções que não dependem de recursos somente financeiros. Utilizando o exemplo de conflito de territorialidade no Jardim do Baobá (sessão 4.2.2), pode-se perguntar: que posicionamento de polícia do bem comum resultaria ao considerar a proteção deste salvaguardando também o exercício ético, equânime e democrático da territorialidade por membros dos dois grupos de usuários envolvidos, um dos quais fez uso de substâncias tóxicas no espaço?

Figura 70- Processos relacionados no espaço relacional



Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Os elementos do espaço construído compõem o espaço relacional; o sistema de espaços - na escala interna e externa contextual urbana; os usuários e atores envolvidos no uso, planejamento, gestão e manutenção dos espaços - comunidades, arquitetos, gestores, empreendedores, mercado imobiliário; os recursos necessários para a concretização material e imaterial do espaço; e experiências de reciprocidade positiva. Em cada caso, os atores e componentes do espaço da arquitetura (**Figuras 69 e Quadro 18**), os processos de construção das experiências socioespaciais (**Figura 70**) do espaço relacional, e da experiência interpessoal das RIRs (**Figura 46 e 40**) que plasmam o espaço relacional de reciprocidade se expressam e evidenciam de modos bastante diversos, conforme as especificidades onde cada espaço se contextualiza e com o qual o espaço relacional “dialoga”. Este conjunto de variáveis do espaço relacional pode oferecer um lastro de parâmetros referenciais ao grupo diversificado de atores envolvidos. Com estas chaves de leitura, todos podem “falar” uma mesma linguagem, olhando este conjunto para encontrar uma referência comum de como se posicionar nos esforços

coletivos para salvaguardar, criar e promover lugares inclusivos e sustentáveis de reciprocidade?

Quadro 19 – Correlações entre a dimensão física e social do espaço relacional

FATORES	VARIÁVEIS E CARACTERÍSTICAS	PERMEABILIDADE	CONFORTO	LEGIBILIDADE	ESTÍMULOS POSITIVOS	AFETOS	RISCOS
ESPAÇO FÍSICO	Manutenção						
	Arranjos ou ordenamento						
	Contexto urbano imediato						
	Funcionalidade e atividades						
PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO	Processos estimulantes						
	Processos comunicantes						
	Processos contextualizantes						
ESPAÇO DE OBJETOS DIMENSÃO FÍSICA:	naturais: água, ar, terra, vegetação, microclima, som, cheiro, fenômenos						
	De apoio à dimensão física, social e cultural: infraestrutura, mobiliário,						
DIMENSÃO SOCIAL:	fenômenos, atividades, eventos, possibilidades de relações e interações						
DIMENSÃO CULTURAL:	Valores e crenças conferidos aos objetos físico e social						
ESPAÇO DE ELEMENTOS ESTRUTURANTES	limites - Bordas, membranas, barreiras, transições.						
	setores - ou áreas, subespaços						
	nós – centros, percursos - caminhos, rotas, domínios						
ESPAÇO DE OCORRÊNCIA DO CONTEÚDO EXPERIENCIAL: Fenômenos, elementos ou experiências sócio-físico-temporal-espaciais.	Atividades, fenômenos e suas características						
	Presença						
	Dimensão						
	Tipologia de fluxo/ocupação						
	Densidade						
	Aglomeração						
	Variedade						
	Quantidade						
	Frequência de ocorrência						
	Ritmo						
	Distâncias						
	Territorialidade						
	Segurança de eventos, coisas e usuários						

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

Quadro 20 – Correlações entre a dimensão física e social do espaço relacional (continuação)

FATORES	VARIÁVEIS E CARACTERÍSTICAS	PERMEABILIDADE	CONFORTO	LEGIBILIDADE	ESTÍMULOS POSITIVOS	AFETOS	RISCOS
ESPAÇO DE RELAÇÕES FÍSICO TEMPORAL E SOCIOESPACIAL	Velocidade e ritmo						
	Escala-distâncias: entre usuários, coisas e fenômenos						
	Cruzamentos de fluxos seguros p pedestres						
	Contato: objeto em relação ao nível da rua						
	Comunicação/conexão/permeabilidade sensorial (ver, ouvir, sentir, perceber cinestesicamente)						
	Topológica, cronêmica, hodológica, simbólica						
	Atmosfera/ ambiente social						
	Atmosfera/ ambiente psicológico						
	Atmosfera/ambiente físico						
ESPAÇO DE CONTEXTOS							
	Usos, atividades e misturas						
	Acessibilidade e modalidade de mobilidade						
	Fluxos – tipos intensidade, direção, condições, frequência, conectividade, qualidade						
	Usuários						
ESPAÇO DE AUTORES E ATORES	Centralidade						
	Usuários						
	Municipalidade						
	Gestão						
	Grupos						

Fonte: Vera Chamie de Souza, 2018.

Os objetos do mundo, em suas dimensões física, social e cultural são elementos da experiência humana presentes em todo espaço da arquitetura nas suas variadas escalas e contextos. Vale lembrar que a pessoa, e a pessoa em relação é um objeto social imprescindível para a caracterização de espaço da arquitetura, na abordagem desta pesquisa. Ordenados em arranjos de caminhos, centros e domínios, os objetos simultaneamente resultam e constroem estímulos e contextos para a experiência humana.

A tese propõe que, faz-se necessário que haja algum nível de permeabilidade dentro dos espaços, entre estes e entre seus contextos internos e externos, e que as condições de conforto, comunicação e territorialidade favoreçam a experiência de confiança, para que se tenha um ambiente favorável a experiência socioespacial do tipo das RIRs. Estas variáveis se influenciam reciprocamente e dinamicamente. Com ao menos estas variáveis em relação neste cenário de comunicação possibilitada por algum grau de permeabilidade, pode-se estabelecer uma base para o espaço relacional (**Figura 71**).

O espaço relacional é o lugar de reciprocidade. Suas características resultam de associações entre experiências de reciprocidade e o espaço da Arquitetura. Identificar estas associações traz uma contribuição para o modo de compreender o espaço na Arquitetura; porém não bastam, ao menos nos contextos contemporâneos, para que o espaço relacional venha a existir. A municipalidade precisa incluir os atores envolvidos com a reserva desses espaços, como o mercado imobiliário, e no seu funcionamento e gestão, em particular na gestão de conflitos, visto que estão sempre associados à reciprocidade entre estranhos em espaços públicos, onde é pouca a margem de controle do uso; e cujos parâmetros precisam ser definidos coletivamente.

Figura 71 - O sistema de variáveis que caracteriza o espaço relacional

Fonte: Vera Chamié de Souza, 2018.

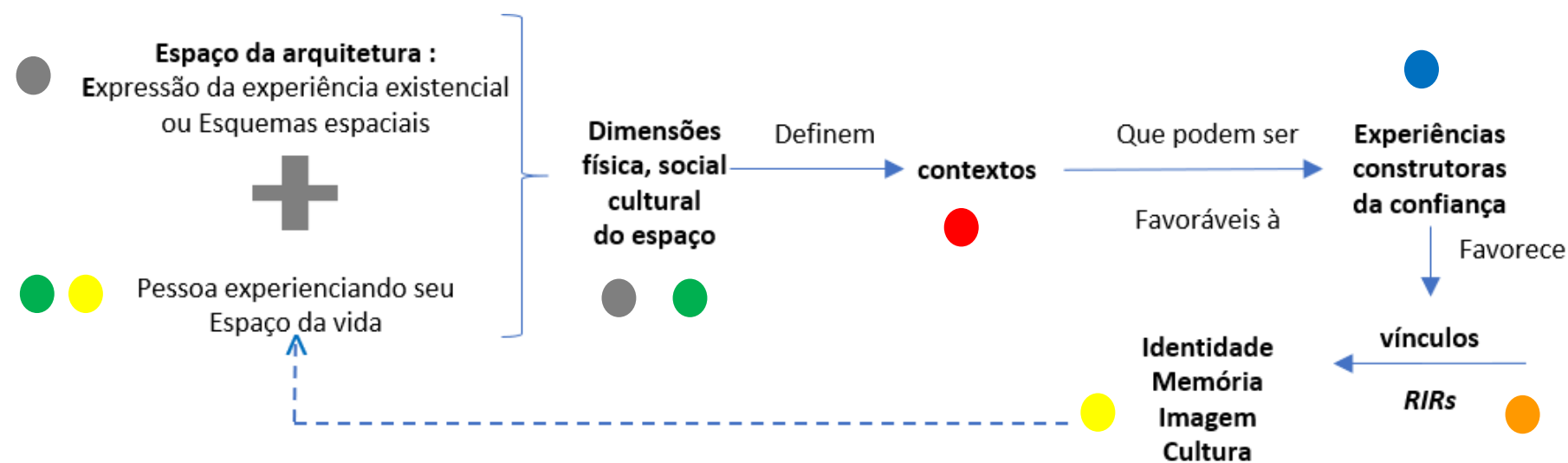
Quando estas dinâmicas experienciais em sinergia favorecem a confiança em si e no outro, e conseguem favorecer o abaixar dos mecanismos de defesa pode-se construir novas memórias, afetos, experiências, enriquecer a identidade e imagem própria, do outro e do lugar da interação; e pode renovar a cultura, quando esta experiência é visível e se repete no cotidiano de pessoas e entre grupos de uma cidade.

Em espaços relacionais, é significativa a natureza dos elos construídos e celebrados presencialmente. O valor relacional compartilhadamente gerado e usufruído pelos usuários é duradouro, identitário, desenvolve apeço e apego ao espaço, diferentemente dos elos decorrentes do significado mercantil comercialmente produzido. O valor e benefícios resultantes do espaço relacional extrapolam na escala social, unindo-se aos valores e benefícios

previamente e socialmente construídos e aferidos pela vida no território da cidade. Em espaços relacionais são efêmeras as experiências de ocupantes, mas duradouros os seus efeitos.

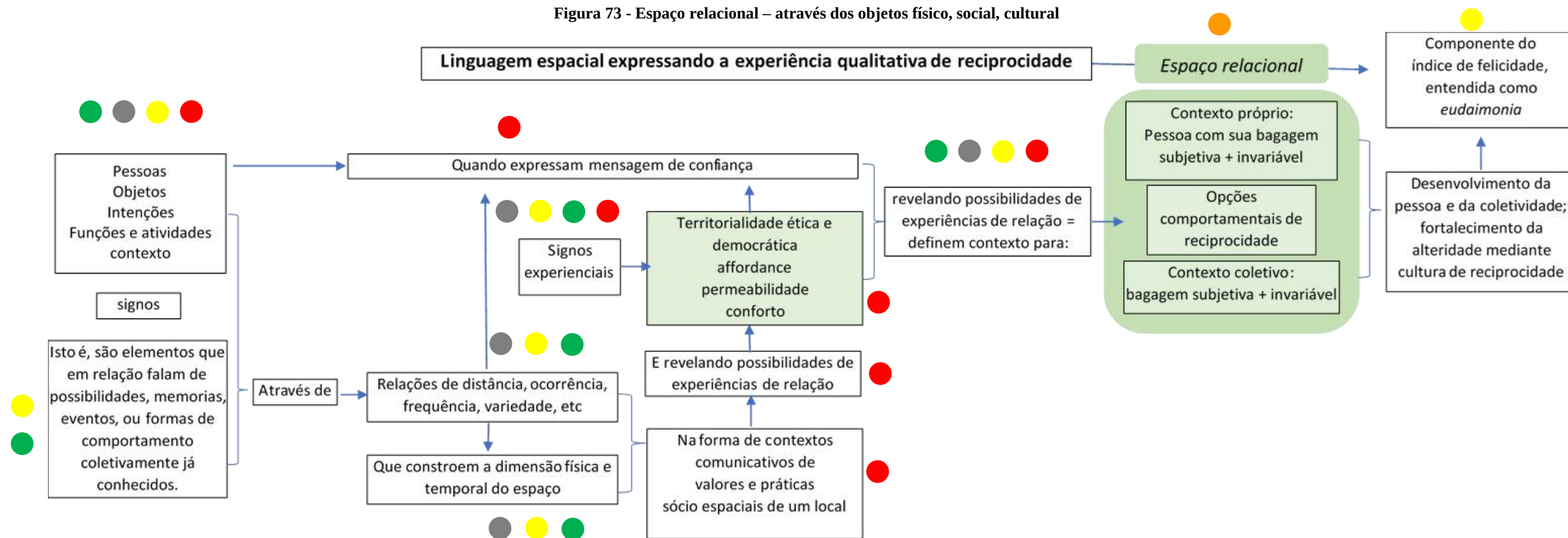
Interações de reciprocidade em espaços públicos precisam ser salvaguardadas por intervenções simultaneamente políticas, educacionais, de segurança e gestão pública, que garantam um nível mínimo de segurança. A confiança própria e interpessoal é um elo forte entre o espaço da Arquitetura e condições de ocorrência das *RIRs*; e medidas de segurança se fazem necessárias em apoio, pelo menos para superação da condição de vulnerabilidade na qual se coloca quem escolhe expor-se a interagir com o outro a quem desconhece, para nutrir e salvaguardar uma sadia necessidade de reconhecimento e o implícito e necessário desejo de “encontrar e ser encontrado” por outros, diversos de si próprio. As Figuras 42 e 43 ilustram o ciclo completo de experiências e processos, assim como foi possível apreender o espaço relacional até o momento.

Figura 72-Sistema de experiências socioespaciais favoráveis à reciprocidade



Fonte: A autora. 2018

Figura 73 - Espaço relacional – através dos objetos físico, social, cultural



fonte 2A autora. 2018

5.2 Benefícios de haver compreendido o espaço relacional

A caracterização do espaço relacional articulada nesta tese apresenta vários conceitos, todos já conhecidos por arquitetos, já utilizados em projetos e abordados na literatura. Porém traz novidade no modo de compreendê-lo contextualizando-o numa dinâmica que contribui para o índice de felicidade pessoal e coletivo.

A construção interdisciplinar e dialógica da argumentação construída a respeito do objeto de estudo tornou possível este tipo de investigação. Ao extrapolar a dimensão unidisciplinar de abordagem do objeto de estudo, encontrou-se na psicologia, sociologia, antropologia e na economia, elementos que se tornaram importantes para a construção de uma argumentação sobre o objeto na teoria da arquitetura. Isso foi possível graças a contribuição das outras áreas do conhecimento consultadas, que com suas chaves de leitura - do objeto de estudo compartilhado - utilizam-se do conjunto de conceitos que lhes são próprios, e explicam dimensões fenomênicas e experienciais, que a abordagem conceitual nas lentes da arquitetura de forma isolada conseguiria apreender e explicar de forma mais limitada.

Esta compreensão alargada foi possível porque alguns dos conceitos presentes nas chaves de leitura destas disciplinas também são utilizados para descrever e explicar a realidade nas chaves de leitura da teoria da arquitetura; e também porque a investigação utilizou-se de um único objeto onde focar as lentes das áreas do conhecimento consultadas, qual seja, a pessoa em relação de reciprocidade positiva.

Com um único foco, respeitando-se as distinções e complementando-se o olhar sobre o objeto investigado, que é complexo, aumentou-se a abrangência das lentes conceituais que possibilitaram, à pesquisadora, extrapolar as fronteiras do território teórico da arquitetura e explorar ‘seu’ objeto em outras áreas do conhecimento. O olhar aumentado revelou à pesquisadora características de dimensões da experiência humana que de fato ocorrem e são simultaneamente experienciadas pelo ser humano de forma enredada, na multimodalidade e multidisciplinaridade da vida, do vir-a-ser no mundo. Com a abrangência de alcance do olhar da arquitetura ampliada, compreendeu-se um pouco mais da complexidade dos efeitos do espaço da arquitetura no espaço experienciado, e que as ações e escolhas projetuais na arquitetura exercem sobre o objeto de estudo. Este foi compreendido com profundidade aumentada mediante novas informações obtidas no diálogo interdisciplinar. Uma vez ‘enriquecida’ a compreensão, aumenta-se a responsabilidade de ação.

Uma novidade que essa compreensão traz para a arquitetura reside na compreensão do espaço como fenômeno relacional a partir -e em função- do desenvolvimento humano de cada

pessoa em relação de reciprocidade gratuita, não instrumental com o outro. Como sujeito em relação positiva com o mundo, seu vir-a-ser no mundo é abordado através de sua comunicação experiencial com outras pessoas que extrapolam o círculo familiar dos afetos, superando os riscos típicos deste exercício de alteridade.

Assim, inclui-se na argumentação de espaço dois conceitos que, na abordagem ocidental contemporânea são predominantemente abordados como antagônicos, mas que nesta construção teórica são abordados como complementares e indispensáveis para o desenvolvimento urbano, e para o processo de pensar o espaço da arquitetura: felicidade e riscos, possíveis mediante a confiança, entre outros fatores. Desenvolveu-se, então a abordagem focando características das experiências do tipo das RIRs e características da experiência de ‘confiança’, e encontrou-se conjuntos de características qualitativas espaciais, experienciais através das quais o espaço da arquitetura tem impactado positiva ou negativamente as experiências definidas por estes três conceitos: *felicidade, riscos e confiança*.

Incorporar características experienciais do espaço relacional ao conjunto de características corriqueiramente atribuídas ao espaço da arquitetura, é uma contribuição da pesquisa que resulta da abordagem fenomenológica e sensorial do espaço, e da compreensão deste como lugar da experiência: incompleto se a parte concreta, funcional, estética e contextual estiver dissociada da pessoa, usuária do espaço, no ato de habitá-lo no seu vir-a-ser por si e com-o-outro. As características dos objetos e espaços físicos ‘manipulados’ e organizados em sistemas de relações que definem a composição, estrutura e forma do espaço da arquitetura se esvazia de significado quando dissociada das características da experiência da pessoa: para quem, com quem e através de quem o espaço existe.

Esta compreensão é um dos produtos da tese, e para compreender e poder argumentar que todas estas dimensões são intrinsecamente enredadas na experiência socioespacial, o espaço da arquitetura foi compreendido a partir de um olhar avesso ao corriqueiro: a partir e em função da pessoa em relação a outras, na construção dinâmica do seu vir-a-ser-com outras pessoas, e de forma positiva. E nesse sentido - ao invés de produto final “acabado” e estático – o espaço foi compreendido como meio e produto que é finalizado mediante a ação conjunta e voluntária de usuários em relação positiva de reciprocidade. O olhar sobre este lugar de reciprocidade cuja finalização escapa as mãos do arquiteto, não os isenta de agir como arquitetos, urbanistas e responsáveis em prol do bem comum, pois suas escolhas analíticas, projetuais e de partidos influenciam esta dimensão fluida e real dos espaços públicos da cidade.

A argumentação construída sobre o espaço relacional oferece uma argumentação e conjunto de critérios instrumentais a mais, para ajudar arquitetos e demais envolvidos na

construção e gestão de espaços públicos urbanos. É necessário compreender as possíveis consequências das escolhas que definem espaços públicos nas dinâmicas socioespaciais e, consequentemente, no bem-estar, e índice de desenvolvimento e felicidade das pessoas.

Normalmente inclui-se entre as metas de projeto: alcançar um ótimo desempenho e inserção de espaços públicos em seu contexto a partir de critérios do mercado imobiliário, da mobilidade urbana, ou funcionais, ergonômicos, paisagísticos e estéticos. O caminho de investigação construído, possibilitou compreender os componentes e o modo de organização e estruturação do espaço em função de uma meta normalmente reservada à esfera subjetiva fora do processo projetual: o “ser” de seus usuários no mundo. Isto implica o reconhecimento de uma responsabilidade ética profissional dos envolvidos na produção e salvaguarda da cidade, mediante intervenções em espaços públicos. Convida-se a pensar a dimensão física, funcional, simbólica, estética e de gestão do espaço-produto a ser “entregue”, em função deste compromisso ético com o bem-estar e “felicidade” da cidade.

Outra contribuição oferecida com o produto desta tese, foi identificar - na teoria e na observação em campo – que a experiência de comunicação conecta objetos físicos e sociais do espaço. Esta pode ser experienciada por seus usuários em benefício das RIRs, e pareceu ser instrumental para a concepção de espaços públicos urbanos. A permeabilidade dos materiais e do espaço mostrou-se estar intimamente associada à experiência da comunicação na construção da confiança. Estas características experienciais manifestam-se conforme às especificidades culturais e temporais do espaço; por isso faz-se necessário o uso destas chaves de leitura para melhor compreender seu papel na construção do espaço relacional. Mas o estudo de chave de leitura cultural extrapolou o recorte desta tese.

O **Quadro 19** e a **Figura 72** resultou da tentativa de expressar as correlações encontradas entre estas dimensões do espaço (física e social- utilizando-se dos conceitos referentes a elementos utilizados por arquitetos na ‘manipulação’ do espaço. Aprofundou-se a compreensão do papel que a dimensão física do espaço desempenha na experiência comunicativa em espaços públicos; este papel é relevante porque a experiência comunicativa socioespacial é uma constituinte e propiciadora das experiências de reciprocidade positiva do tipo das RIRs, e da imagem e valor relacional conferido a espaços relacionais por meio das experiências de reciprocidade. Assim, este produto da tese sugere a necessidade de considerar o papel comunicativo do espaço com mais importância ao definir as escolhas projetuais e de intervenção em espaços públicos favoráveis à experiência do tipo das RIRs.

A experiência comunicativa, é indispensável para a de territorialidade e de conforto, e todas são constituintes, umas das outras.

Identificou-se que propriedades hodológicas e topológicas do espaço podem contribuir para estas três experiências/características. Estas propriedades estão presentes na construção de estímulos e na experiência afetiva no espaço relacional. Por isso sugere-se que se considere os efeitos que estas propriedades exercem (na construção das experiências dos usuários) durante as análises e concepção de projetos de espaços da arquitetura. Propriedades topológicas e hodológicas estão presentes de forma associada - não só aos objetos, mas também - à funcionalidade, estética, conforto fisiológico, social e psicológico, ordenamento, estruturação e composição do espaço e no arranjo e tipologia dos elementos que compõem o conjunto de seus objetos físicos e sociais. Por isso é possível e importante considerá-las. Os **Quadros 11-14, 18 e 19 e Figura 72**, apontam as correlações encontradas; sugere-se que sejam instrumentais para a análise e estudos de intervenção e concepção de espaços públicos, visando a experiência relacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método dialógico possibilitou construir um corpo conceitual estruturado nas noções mais relevantes para o aprofundamento da compreensão do fenômeno das *RIRs* e do fenômeno pessoa-espaco-pessoa, segundo os elementos sensíveis que estruturam os espaços da Arquitetura. Constatou-se que existem correlações entre esses dois fenômenos no espaço da Arquitetura, que foram citadas ao longo do desenvolvimento da argumentação desta tese.

Construiu-se, com estas condições, um modo de olhar os espaços da Arquitetura que parece permitir encontrar seu potencial relacional, de *espaço relacional*, já construído ou por construir. Sugere-se que é importante conhecer as causas das correlações relevantes para o favorecimento do fenômeno relacional. Hipotetiza-se que - uma vez consideradas juntamente às especificidades geo-socio-culturais – facilite, desde a fase de projeto, alguns modos de propiciar experiências de reciprocidade positiva em espaços da Arquitetura. Porém, visto que em muitos centros urbanos contemporâneos, a maioria da terra urbana já está parcelada e ocupada, sugere-se que seja de fundamental importância compreender como intervir para melhorar a capacidade relacional dos espaços públicos existentes, e espera-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer alguma contribuição neste sentido.

Sugere-se também que este tipo de informação seja levado em discussão e disponibilizado largamente, a fim de que, enriquecida com mais informações, possibilite-se melhor ponderar e nortear a escolha de elementos e de formas nas quais compor espaços públicos, a fim de favorecer sua capacidade de *ser lugar relacional*.

Com as variáveis e seus elementos identificados nesta tese, pode-se desenvolver posteriores estudos para explorar o tipo de correlação, para compreender o grau de relacionamento e regressão; para compreender o comportamento de uma variável em relação à outra; criar e testar modelos que representem o fenômeno relacional, considerando os contextos existentes, e verificando possibilidades de moldá-los com a ajuda de modelos sistêmicos.

6.1 Lições de metodologia aprendidas para consideração em futuras pesquisas

Analisando os dados coletados e registrados em vídeo, compreendeu-se em nova “amplitude” porque as dimensões do espaço enquanto lugar dinâmico da experiência, são não só sociais, psicológicas e físicas, mas também corpórea e sensorial. Os vídeos revelam, juntamente aos elementos do espaço, as impressões e sensibilidades pessoais (como sensações, emoções e lembranças, por exemplo) e culturais do usuário-pesquisador, documentando dimensões de seus movimentos, simultaneamente aos dos demais usuários do espaço. Isso é

relevante para a pesquisa porque o pesquisador ‘entra’ na experiência compartilhando o espaço, enriquecido com o conhecimento adquirido na pesquisa. Além disso expandem-se as pistas de leitura, conhecimento e significação das dinâmicas, *affordances* e potencial relacional do lugar, gravado em primeira pessoa.

O vídeo revela ainda aspectos de valoração da experiência, conferidos pelo foco de atenção do pesquisador que, inconscientemente ou não, varia segundo as especificidades da própria chave de leitura cultural utilizada. Coletar esta informação etnográfica potencial é agora possível graças à tecnologia, que também possibilita torná-la disponível a qualquer leitor que o acessar através da internet. Ao observar o vídeo para a construção do conhecimento os leitores do vídeo utilizam-se de suas próprias chaves de leitura, adicionando-as à leitura realizada pelo pesquisador, que em primeira pessoa realizou a gravação durante a vivência compartilhada do espaço. O vídeo permite, mais do que a fotografia, uma construção continuada de chaves de leitura do objeto.

Sugere-se a necessidade de aprofundar, o quanto seja possível, como a utilização de vídeo possa auxiliar a construção do conhecimento e a transmissão desse conhecimento construído sobre espaço relacional. É muito importante compreender melhor como utilizar os parâmetros identificados neste estudo, na coleta de novos dados em vídeos durante as caminhadas.

É importante também desenvolver técnicas de leitura das imagens registradas através de parâmetros que avaliem seus elementos caracterizantes, contextualizando-os em particulares e especificidades temporais, geográficas e culturais. Também é importante transmitir, aos atores envolvidos nas intervenções em espaços públicos, as informações coletadas e lições aprendidas, para construção do conhecimento de todos.

Oferece-se assim a arquitetos, etnógrafos e sociólogos uma argumentação sobre a necessidade de aprofundar a compreensão do objeto da presente pesquisa, de encontrar modos eficientes para comunicá-la, e de identificar fragilidades e potenciais contribuições que estes instrumentos possam oferecer a este tipo de estudo e a futuras investigações.

Neste sentido, fundamentando-se em estudos de especialistas neste tema nas áreas das Ciências Sociais, a argumentação de Pink (2015, p. 246-248) vem ao encontro e enriquece a argumentação desta tese sobre a relevância de se considerar o referencial cultural do usuário-observador do espaço na avaliação da experiência espacial e dos seus registros. Argumenta-se que sua especificidade cultural também constrói sua experiência corpórea e social no espaço, implicando inclusive nas escolhas de focos sensoriais (visão, audição, movimento, sinestesia, etc.) específicos, informando as práticas de sociabilidade (contextualizantes e componentes da

experiência espacial), e os pontos de vista e posicionamentos individuais e coletivos no espaço concreto.

Quando a aplicação destas técnicas pelo usuário-pesquisador se dá numa abordagemêmica - que pertence à cultura - da experiência espacial registrada, a experiência do usuário combina-se ao domínio da técnica e pode auxiliar na identificação de características espaciais cujos estímulos despertaram interesse, sensações ou emoções do observador daquela cultura específica. O destaque, observado em vídeo, de algumas características em relação a outras, pode revelar a possível relevância destas na construção da identidade do lugar, como estas se expressam e oferecer uma amostra de como esta influência acontece, na comunicação e interações de reciprocidade no e com o espaço.

O caminho percorrido e gravado pelo pesquisador na companhia de um usuário local pode revelar a ocorrência de características da experiência socioespacial comum entre culturas (PINK, 2015, p. 247-250). Extrapolando o foco do espaço enquanto lugar de reciprocidade, a gravação de vídeos e fotos em primeira pessoa pelo pesquisador, combinada com outros métodos, pode ajudar a encontrar novas abordagens de investigação da ação dos sentidos na construção da experiência, identidade e significados dos lugares (2015, p.247).

Embora utilizados neste estudo de forma complementar, os vídeos de registro da realidade mostraram que a contribuição particular desta forma 'inventiva' de conhecer e fazer conhecer a realidade através da observação pode contribuir muito para a compreensão de arquitetos e planejadores urbanos sobre o fenômeno pessoa-espço-pessoa, e fornecer subsídios para o embasamento das escolhas de intervenção, como as vinculadas ao movimento (qual experiência-em-ato) do usuário no espaço. Ritmo, velocidade, simultaneidades e fluxos dos movimentos são mais corriqueiramente negligenciados pelo pesquisador quando este utiliza técnicas de observação tradicionais, e revelam aspectos intangíveis, tácitos e inconscientes da experiência humana que se captam na espontaneidade do momento.

Pode-se dizer que estes aspectos, fáceis de escapar ao olhar do pesquisador que faz anotações em campo, poderiam também ser inibidos quando os demais usuários do espaço são cientes do motivo de sua presença. As gravações em vídeo e foto constituem uma das contribuições⁷³ que esta tese oferece no modo de ler a experiência espacial, captando a experiência e o olhar em movimento do usuário-pesquisador e a apreensão exotópica da experiência dos demais usuários, para registrá-la e disponibilizá-la ao leitor. Embora de forma ainda limitada, o vídeo consegue evidenciar o conhecimento apreendido teórica e

⁷³ Nesta técnica de registros na perspectiva do pesquisador que se coloca como usuário da experiência observada, diminuem as interrupções de fluidez do momento com perguntas ou anotações.

fenomenologicamente numa perspectiva diversa a outras técnicas, conseguindo apoiar a construção dialógica interdisciplinar de compreensão do espaço da Arquitetura pelo viés da experiência sensorial, de movimento, comunicação, percepções, contexto e dinâmicas relacionais

6.2 Contribuições, lacunas e possibilidades

O fato de que todas as disciplinas consultadas identificaram uma relação entre corporeidade, experiência do espaço, sensações e dinâmicas socioculturais- visto que estão imbuídas reciprocamente umas das outras no espaço compartilhado - demonstra a necessidade de uma abordagem interdisciplinar da experiência do espaço, nas análises e proposições de espaços de vida coletiva na esfera pública dos centros urbanos. Tudo isto sublinha que o conceito *forma* é muito mais abrangente do que a dimensão euclidiana. A análise efetiva de modos de mobilidade e funcionalidade não bastam para compreender como tais propriedades da materialidade espacial influenciam a vida coletiva ao concretizar-se no espaço da Arquitetura. Faz-se necessário mergulhá-las na dimensão sociocultural, e incorporar os princípios relacionais associados aos mecanismos que conferem aos espaços seu caráter de lugar de reciprocidade.

Sugere-se que análises da qualidade de espaços sejam imersas nesta dimensão; que a utilização de metodologias de imersão sensorial corpórea para experienciar espaços na pessoa do pesquisador e usuários co-pesquisadores precisam anteceder e prosseguir simultaneamente à análise de demais fatores e características do espaço.

As conclusões apontam que a escolha de lugares ao longo do tempo recorrentemente vivenciados pelo “prazer de lá estar”, não se devem apenas às suas características euclidianas, ou ao mercado do turismo, mas deve-se também ao caráter duradouro da identidade e memórias compartilhadas destes espaços como lugares de encontros positivos, e de reciprocidade. Sem este caráter construído sensorial e relacionalmente pelos diversos grupos de usuários, inclusive o valor turístico destes espaços seria outro.

As reflexões aqui apresentadas evidenciam a complexidade e a importância da experiência sensorial na ocorrência de relações interpessoais de reciprocidade entre os usuários do espaço; trata-se de uma primeira compreensão sobre a aplicação de um filtro sensorial ao olhar o espaço, que vincula a imagem e identidade do espaço relacional à natureza da experiência humana sócio espacial, que por sua vez se evidencia em diversas expressões

culturais. Isto sugere desenvolver a compreensão de como as variáveis podem se expressar nas especificidades locais de cada espaço.

A chave de leitura cultural, extrapola o recorte desta tese, e precisa ser considerada em conjunto e em sinergia com fatores geográficos, sociais, dialógicos, semióticos e históricos, dentre outros. Estas leituras são fundamentais, porque nenhum espaço é igual, mesmo diante do caráter parcialmente fixo dos componentes da Arquitetura.

As especificidades da experiência relacional no espaço têm valor, caráter e constroem imagens coletivas, para benefício da sociedade, sendo cidade e manifestando-a no espaço. Tudo quanto foi considerado neste trabalho permite considerar esses fatores como construtores da experiência e imagem de lugar. Assim, nesta pesquisa, adotou-se uma postura que é compartilhada por muitos autores, o referencial teórico por eles utilizado estão em sintonia com os que foram adotados na investigação.

Onde as várias formas e práticas de sociabilidade constroem uma imagem relacional do espaço, a própria ausência de fotografias e vídeos de Recife revela uma imagem vinculada aos fatores desta ausência; esse vazio é um importante indicador da força do medo e da falta de segurança, inibidores de sociabilidade e reciprocidade, atitudes positivas entre usuários do espaço. Esta experiência foi vivida na dimensão corpórea emergente também pela pesquisadora que teve sua câmera roubada, uma vez sorrateiramente, e outra agressivamente, durante as pesquisas de campo em Recife.

Durante as gravações em vídeo e foto – na perspectiva do pesquisador que se coloca como usuário da experiência observada - o pesquisador não interrompe a fluidez do momento com perguntas ou anotações. Considera-se isso uma das contribuições que esta tese oferece no modo de ler a experiência espacial: através do vídeo, capta-se a experiência e o olhar em movimento do usuário-pesquisador e a apreensão exotópica da experiência dos demais usuários.

Sugerindo-se o vídeo como forma de registro desta experiência observadora, evidencia-se a importância que se dá à experiência sensorial espacial e ao seu registro que emerge - nesta pesquisa- no teor da informação coletada sobre a experiência sensorial e na necessidade de disponibilizá-la ao leitor. O vídeo consegue evidenciar este conhecimento apreendido teórica e fenomenologicamente numa perspectiva diversa de outras técnicas, conseguindo apoiar a construção dialógica interdisciplinar de compreensão do espaço da Arquitetura ao viés da experiência sensorial, de movimento, comunicação, percepções, contexto e dinâmicas relacionais - embora de forma ainda limitada.

Portanto, com esta tese, oportuniza-se novas possibilidades de discutir, aprofundar e aperfeiçoar o uso de vídeo pelo pesquisador-usuário do espaço, em pesquisas qualitativas semelhantes. Abre-se, também, o convite à discussão de um modo no qual arquitetos(as) e planejadores urbano possam abrir seu espaço e rotina de trabalho para co-experienciar e coparticipar da realidade que se propõe construir em conjunto com os seus com os *conciudadãos*.

Se é possível inferir que estímulos materiais e imateriais propiciam experiências sensoriais e relacionais carregadas de significados socioculturais, estes diferenciam os lugares à medida em que experiência das espacialidades dos lugares lhes confere identidade coletiva própria; esta identidade espacial compartilhada transmuta os espaços em lugares. E simultaneamente, estas práticas socioculturais espaciais concretizam novos espaços da Arquitetura.

Propõe-se que, no ensino da arquitetura, seja proveitoso explorar métodos e instrumentos da fenomenologia e da etnografia sensorial para leitura e análise de espaços, e que isso possa ser incorporado às práticas que antecedem a elaboração de projetos.

Sugere-se também que o conteúdo e técnicas desta e outras pesquisas focadas em compreender a experiência urbana pelo usuário pedestre e em relação, seja levado a comunidades - especialmente às que mais lutam pela melhoria de seu espaço urbano, para que sua ação participativa seja enriquecida ao conhecer modos de fortalecer seus desejos de ser ‘comunidade’; seja levado também a representantes civis dedicados ao desenvolvimento de suas comunidades, à vereadores e técnicos envolvidos na formulação de planos e legislação urbanística.

Pergunta-se, quando a comunidade não participa do processo de construção de seus espaços, de quem são os desejos que se refletem nas expressões materiais e imateriais dos espaços públicos hostis à sociabilidade em centros urbanos contemporâneos? Refletirá mapas mentais acadêmicos, ou de construtoras e investidores detentores de capital exógeno cujos desejos conflitam com hábitos e relações locais?

Se não expressam desejos e intenções alheios que desavisadamente e inadvertidamente destroem e influenciam negativamente a riqueza relacional dos lugares, estes espaços refletem os desejos, anseios e práticas locais? Seria possível que comunidades locais desejem, ao sair de casa, fugir e evitar o outro e à sociabilidade que lhes confere caráter de cidade? E se essa tendência autodestrutiva também for verdadeira, não será chegado o momento de construir espaços onde a sociedade se redescubra como tal no livre e confiante exercício de sua alteridade na diversidade, substituindo as manifestações destrutivas de seu ser comunidade por exercícios de emancipação de polis nas *res publica*?

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ATKINS, P. Qualitative Research—Unity and Diversity. **Forum: Qualitative Social Research**, 6, n. 3, September 2005. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/fqs/>>. Acesso em: 1 junho 2017.
- AWONIYI, S. A. User experience in the threshold matrix of public space. **5th International Conference on Kansei Engineering and emotion research**, Linkoping, Sweden, 11-13 June 2014.
- BAGGIO, A. M. et al. **O Princípio esquecido/1: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas**. São Paulo: Cidade Nova, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BERTHOZ, A. **Le sens du mouvement**. Paris: Odile Jacob, 1997. Tradução de Britto Leite, Maria de Jesus; Miranda, Gilson.
- _____. The Human Brain “Projects” upon the World, Simplifying Principles and Rules for Perception. In: BERTHOZ, A. **Neurobiology of "Umwelt". How Living Beings Perceive the World**. Berlin: Springer - Verlag, 2009. Cap. 3, p. 17-27.
- BERTHOZ, A.; VIAUD-DELMON, I. Multisensory integration in spatial orientation. **Current Opinion in Neurobiology**, v. 9, p. 708-712, December 1999. ISSN 6.
- BLESSI, G. T. et al. Cultural participation, relational goods and individual subjective well-being: Some empirical evidence. **Review of Economics & Finance**, 4, agosto 2014. 33-46. disponibilizado em <http://econpapers.repec.org/article/bapjournal/140303.htm>.
- BOISIER, S. El Desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, 2, Novembro 1999. 39-53.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BRAIT, BETH (ORG.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRUNI, L. The Happiness of sociality. Economics and eudaimonia: A necessary encounter. **Rationality and Society**, New York, 22, 2010.
- _____. **The Wound and the blessing**. Hyde Park, N.Y.: New City Press, 2012.
- BRUNI, L.; GILLI, M. R.; PELLIGRA, V. Reciprocity: Teory and facts. **International Review of Economics**, 2008. 1-11.
- BRUNI, L.; STANCA, L. Watching alone: Relational goods, television and happiness. **Journal of Economic Behavior and Organization**, 65, 2008. 506–528. Disponível em: <<http://dems.unimib.it/repec/pdf/mibwpaper90.pdf>>. Acesso em: 15 Mar 2014.
- CASTELLS, M. A Sociedade em rede. Da informação: Economia, sociedade e cultura. In: CASTELLS, M. **A Sociedade em rede. Da informação: Economia, sociedade e cultura**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 1999. Cap. 6, p. 467-518.

CAVALCANTE, K. **Jardim do Baobá. Pagina do Facebook**. Recife: [s.n.], 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/baobajardim/>>. Acesso em: 2018.

COUNCIL., U. N. E. A. S. **Commission for Social Development. Report on the fifty-third session**. New York: United Nations. 2015. p. 46.

CUBUKCU, E.; NASAR, J. L. Relation of Physical Form to Spatial Knowledge in Largescale Virtual Environments. **Environment and Behavior**, 37, n. 3, May 2005. 397 - 417. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0013916504269748>>.

DAWSEY, J. C. Victor Turner e Antropologia da experiência. **Cadernos de campo**, 2005. 163-176.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. 2a. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2014.

GIESEKING, J. J. et al. **The People, place and space reader**. 1. ed. New York: Routledge, 2014.

GIFFORD, R. **Environmental psychology: Principles and practice**. 3. ed. Canada: Optimal Books, 2002.

_____. **The Role of Nonverbal Communication in Interpersonal Relations**. University of Victoria, Canada. Victoria, p. 40. 2009.

GIFFORD, R.; SCANNELL, L. Place attachment enhances psychological need satisfaction. **Environment and Behavior**, 49, n. 4, 2017. 359-389. Disponível em: <<http://web.uvic.ca/~esplab/sites/default/files/Scannell%20%26%20Gifford%202016.pdf>>. Acesso em: 2017.

_____. The experienced psychological benefits of place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, 51, 4 April 2017. 256-269. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.04.001>>. Acesso em: 2017.

GORDON, RANDALL A; DRUCKMAN, DANIEL; ROZELLE, RICHARD M.; BAXTER, JAMES C. Non-Verbal behaviour as communication. In: HARGIE, O. **The Handbook of Communication Skills**. 3. ed. Sussex: Routledge, 2006. Cap. 3, p. 73-82.

GUI, B; STANCA, L. Happiness and relational goods: well-being and interpersonal relations in the conomic sphere. **International Review of Economics**, v. 57, n. 2, p. 105-118, 18 maio 2010.

GUI, B. **From transactions to encounters: The Joint generation of relational goods and conventional values**. University of Padova. Dipartimento di Scienze economiche. Padova, p. 23. 2003.

HALL, E. T. **The Hidden dimension**. New York: Anchor Books, 1990.

HARGIE, O. **The Handbook of communication skills**. 3. ed. [S.l.]: Routledge.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. D. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HOWES, D. The Social Life of the Senses. **Ars Vivendi Journal**, Montreal, Canada, February 2013. 4-23.

HOWES, D.; PINK, S. Sarah Pink and David Howes. Response to Sarah Pink. **Social Anthropology/Anthropologie Sociale**, 18, n. 3, 2010. 331-340.

INGOLD, T. **The Perception of the environment. Essay on livelihood, dwelling and skill.** New York: Taylor & Francis e-library, 2002.

_____. **Being Alive. Essays on movement, knowledge and description.** London: Routledge, 2011.

INSTITUTE, G. **Mayor's Guide to public life.** [S.l.]: [s.n.], 2017.

IRVINE, M. **Bakhtin: Main Theories. Dialogism, Polyphony, Heteroglossia, Open Interpretation. A Student's Guide.** Communication, Culture & Technology Program (CCT). Georgetown University. Washington D.C.USA. 2004-2012.

KAUFMANN, D.; KRAAY, A. **Governance Indicators: Where are we, where should we be going?** The World Bank: World Bank Institute and the Macroeconomics and Growth Team, Global Governance Group, and Research Development Group. Washington, DC, p. 45. 2008.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A.; HOGAN, T. G. **Nonverbal communication in human interaction.** 8. ed. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=g7hkSR_mLoC&printsec=frontcover&dq=knapp,+hall+and+Hogan+2013,+nonverbal+communication+in+human+interaction&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiqweuCn6jQAhWDiZAKHSEmCcMQ6AEIKTAA#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 2015.

KOOLHAAS, R. **Três textos sobre a cidade.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

KUO, F. E.; SULLIVAN, W. C. Environment and crime in the inner city. Does Vegetation reduce crime? **Environment and behavior**, 33, Maio 2001. 343-367.

LAHLOU, S. Digitization and transmission of human experience. **Social Science Information**, 49, 23 August 2010. 291-327. Disponível em: <http://journals.sagepub.com.ez16.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/0539018410372020>. Acesso em: outubro 2017.

_____. How can we capture the subject's perspective? An evidence-based approach for the social scientist. **Social science information**, Mexico, 50, n. 3-4, 31 August 2011. 607-655. Disponível em: <https://doi-org.ez16.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0539018411411033>. Acesso em: Outubro 2017.

LEITE, F. B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1240/741>. Acesso em: 31 julho 2015.

LEITE, J. O espaço da Arquitetura e do urbanismo: uma componente sensível na compreensão das relações sociais da pós-modernidade. **Comunicação e Sociedade**, 18, 2010. 149-156. Acesso em: 2017.

LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. Á. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na Psicologia comunitária e Psicologia ambiental. **Psico**, 40, n. 4, 1 January 2009. 491-497.

LOW, K. E. Y. The Sensuous city: Sensory methodologies in urban ethnographic research. **Ethnography**, 16, n. 3, 4 September 2015. 295-312. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1466138114552938>. Acesso em: 12 outubro 2017.

LYNCH, K. **The Image of the City.** Cambridge: MIT Press, 1960.

MAGARI, S.; CAVALIERI, P. A. **Il senso di se, incontro con l'altro e lacerazione del limite.** Psicologia e Comunione- International Congress. May22-24, 2008. Castelgandolfo (Rome): [s.n.], 2008. p. 11.

MARCUS, C. C.; FRANCIS, C. **People Places:** Design guidelines for urban open space. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1998.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **A Árvore do conhecimento.** 9. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2011.

MORAES, A. **A dialética da alteridade.** Recife: [s.n.], 2012.

MOUTINHO, M.; MATEUS, D.; PRIMO, J. **Desenho urbano, elementos de análise morfológica.** Lisboa: Edições Lusófonas, 2007.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, space and architecture.** New York: Praeger Publishers, 1971.

_____. **Intenciones en arquitectura.** Barcelona: Gustavo Gill, S. A., 1979.

_____. Meaning in western architecture. In: NORBERG-SCHULZ, C. **Meaning in western architecture.** New York: Rizzoli International Publications, Inc., 1983. p. 221-227.

OECD. **OECD Insights: Human capital. A bigger picture.** [S.l.]. 20-02-2007.

_____. **OECD Guidelines on Measuring Subjective Well-being, OECD Publishing.** [S.l.]. 2013.

_____. **Society at a Glance 2014: OECD Social indicators.** OECD Social indicators. [S.l.]. 2014.

ONU-HABITAT. **Carta de Medellín:** Sobre o porvir humano das urbes do mundo. Sétimo Fórum Urbano Mundial. Medellín: Instituto Social de Vivienda y Hábitat, Alcaldía de Medellín (Isvimed), em convênio com a Corporación para el Pensamiento Complejo (Complexus). 2014.

PAGLIONE, M. L. **Sistemi di dono-reciprocità e modelli di felicità. L'Economia di comunione nella libertà e la sua proposta di realizzazione umana.** Chieti-Pescara: Tese discussa il 25.02.2010, 2009.

PELLIGRA, V. Intentions, trust and frames: A note on sociality and the theory of games. **Review of Social Economy**, 69, Junho 2011. 163-188.

PINK, S. Social Anthropology/ Anthropologie Sociale, 18, n. 3, 2010. 331-340.

_____. **What is sensory ethnography?** Research Methods Festival 2010 Video and Audio. Loughborough: ESRC - NCRM National centre for research methods. 2010a.

_____. Multimodality, multisensoriality and ethnographic knowing: social semiotics and the phenomenology of perception. **Qualitative Research**, Loughborough, UK, 11, n. 3, 2011. 261-276. Disponível em: <<http://www.qrj.sagepub.com>>. Acesso em: 1 June 2017.

_____. **Doing sensory ethnography.** 2. ed. [S.l.]: Sage, 2015.

_____. Going Forward Through the World: Thinking Theoretically About First Person Perspective Digital Ethnography. **Integrative Psychological & Behavioral Science**, New York, 49, n. 2, Junho 2015. 239 -252. Disponível em: <<https://doi-org.ez16.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s12124-014-9292-0>>. Acesso em: 14 Outubro 2017.

PINTO LEIVAS, J. C.; SOUZA DA SILVA, E. Abordagem intuitiva de algumas noções topológicas elementares para um grupo de alunos de mestrado em ensino de matemática. **Revista Electronica de investigaciòn en educaciòn en ciencias**, 10, n. 1, 05 Dezembro 2015. 73-84. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5800565.pdf>>. Acesso em: 2017.

PUTNAM, R. D. Bowling Alone: America's Declining Social Capital. **Journal of Democracy**, v. 6, p. 65-78, January 1995.

_____. Social capital: Measurement and consequences. **Canadian Journal of Policy Research**, v. 2, n. 1, p. 41-51, 2001. Disponível em: <www.oecd.org/edu/innovation-education/1825848.pdf>. Acesso em: Julho 2014.

PUTNAM, R. D.; FELDSTEIN, L. M.; COHEN, D. **Better Together: Restoring the American Community**. New York: Simon & Schuster, 2003.

RAPOPORT, A. **Human Aspects of Urban Form**. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1977.

RECIFE, P. D. C. D. **Parque Capibaribe**. [S.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/parquecapibaribe/photos/>>.

ROBINSON, S.; PALLASMAA, J.; (EDITORS), E. A. **Mind in architecture: neuroscience, embodiment, and the future of design**. Scottsdale: The MIT Press, 2015.

RODRIGUES, S. G. C. **Questões de dialogismo; o discurso científico, o eu e os outros**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

RUFINONI, M. R. **Preservação e restauro urbano**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014.

SÁ CARNEIRO, A. R.; DUARTE, M.; MARQUES, E. A. A conservação da paisagem na perspectiva de um sistema de espaços livres públicos do Recife. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 26, 2009. 127-141.

SCHMIDBAUER, W. **Sensação de Medo. Qualquer um tem. Ninguém quer. O que fazer?** São Paulo: Cidade Nova, 2008.

SENNET, R. Public Lectures from the Faculty of Law. **The Edge: Borders and boundaries**, Cambridge, University of, 10 março 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1VM9wqovghE>>.

_____. Esfera pública. **RichardSennett.com**, p. 11, 22 agosto 2008. Disponível em: <<http://www.richardsennett.com/site/senn/templates/general2.aspx?pageid=16&cc=gb>>. Acesso em: 01 jun. 2015a.

_____. **Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

_____. **Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Tradução de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. The Open City. **Open Lectures Series**, Cambridge, 21 Set 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eEx1apBAS9A>>. Acesso em: 1 dez 2014.

SIMMEL, G. **Simmel on culture**. London: SAGE Publications, 2000.

_____. The Social Boundary, 24, n. 7-8, December 2007. 53-56. Disponível em: <<https://doi-org.ez16.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0263276407084470>>. Acesso em: 2017.

SONESSON, G. Spaces of urbanity. From the village square to the boulevard. In: SARAPIK, V. A. T. K. **Place and location III: The city - topias and reflection**. Talinn: Estonian Academy of Arts, 2003. p. 25-54. Disponibilizado em <http://lup.lub.lu.se/record/540265>.

_____. New Rules for the Spaces of Urbanity. **International Journal for the Semiotics of Law**, 27, n. 1, 5 mar. 2014. 7-26. Primeira publicação online: 05 de março de 2013.

SOUZA, S. J.; PORTO E ALBUQUERQUE, E. D. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura Bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7, n. 2, Jul-Dez 2012. 109-122.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: SciELO Books, 2010.

STANCA, L. With or without you? Measuring the quality of relational life throughout the world. **The Journal of socio-economics**, v. 38 n.5, n. Eletronic Edition, p. 834-843, 2009.

_____. The Geography of economics and happiness: spatial patterns in the effects of economic conditions on well-being. **Social Indicators Research**, 99, n. 1, 9 Jan 2010. 115-133. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s11205-009-9571-1>. Acesso em: 19 Abril 2014.

STANCA, L.; BRUNI, L.; MANTOVANI, M. **The Effect of Motivations on Social Indirect Reciprocity: an Experimental Analysis**. Milano. 2009.

STAVRIDES, S. **Towards the city of thresholds**. [S.l.]: Professional Dreamers. Creative Commons, 2010.

TAVERNIER, J.-L.; PLATEAU, C.; CUNEO, P. Measurement of quality of life and well-being in france: the drivers of subjective well-being. **Review of Income and Wealth**, Paris, 2014.

TERRES, M. D. S.; DOS SANTOS, C. P. Exame da confiança interpessoal baseada no afeto. **REGE Revista de Gestão**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 425-447, jul./set. 2011.

TIBERGHEIN, G. A. Hodológico. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 2, n.3, ano 2, p. 161-176, julho 2012.

TUAN, Y.-F. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNITED NATIONS. **ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL. Commission for Social Development. Report on the fifty-third session**. New York: United Nations. 2015. p. 46.

_____. **A/RES/70/1. Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. [S.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/21252030%20Agenda%20for%20Sustainable%20Development%20web.pdf>. Acesso em: 2015.

_____. **A Guide for Sustainable Urban Development in the 21 Century**. Shangai: [s.n.], 2010.

WARD, L. M. . J. A. The psychological representation of molar physical environments. **Journal of Experimental Psychology: General**, 110, n. 2, June 1981. 212-152. Disponível em: <http://psycnet-apa-org.ez16.periodicos.capes.gov.br/fulltext/1982-04603-001.pdf>. Acesso em: 2017.

WORLD BANK. Worlwide governance indicators, 2014. Disponível em: <http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=Worldwide-Governance-Indicators>. Acesso em: 29 Set 2014.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Risks 2015, 10th Edition**. World Economic Forum. Geneva, p. 69. 2015.